



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Renato Peterle Camargos

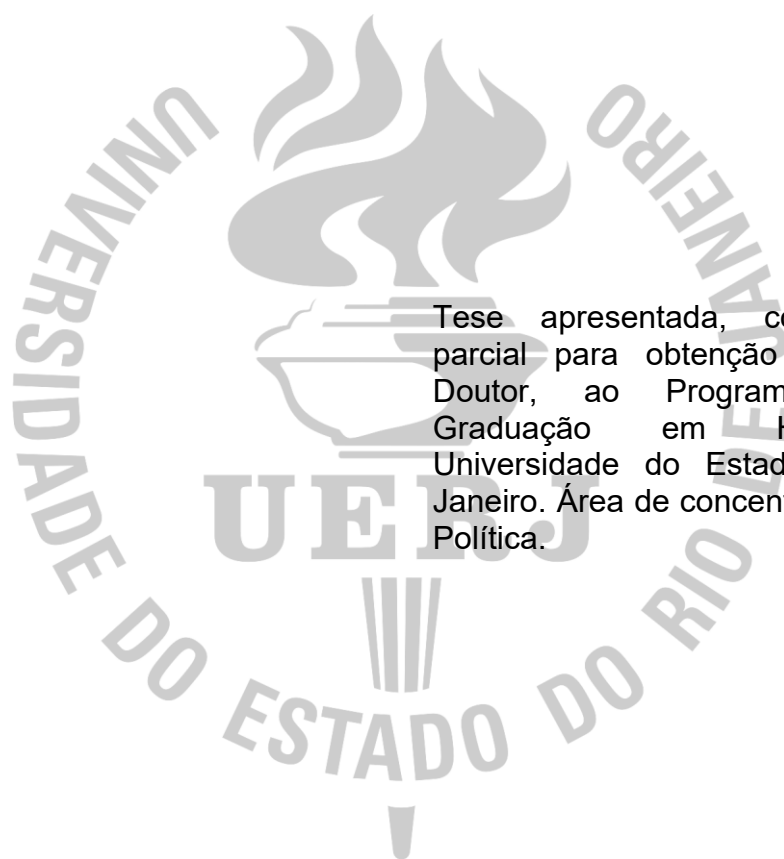
Memória da imigração espanhola na cidade de Alegre - ES

Rio de Janeiro

2025

Renato Peterle Camargos

Memória da imigração espanhola na cidade de Alegre - ES



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Orientadora: Prof. Dr. Érica Sarmiento da Silva

Coorientadora: Prof. Dr. Maria Cristina Dadalto

Rio de Janeiro

2025

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

C172 Camargos, Renato Peterle.
Memória da imigração espanhola na cidade de Alegre - ES / Renato
Peterle Camargos. – 2025.
258 f.

Orientadora: Érica Sarmiento da Silva.
Coorientadora: Maria Cristina Dadalto.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Emigração e imigração - Teses. 2. Memória coletiva - Espírito Santo
(Estado) - Teses. 3. História oral - Espírito Santo (Estado) - Teses. 4.
Alegre (ES) - Teses. I. Silva, Érica Sarmiento da. II. Dadalto, Maria
Cristina. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDU 314.722:981(815.2)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou
parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Renato Peterle Camargos

Memória da imigração espanhola na cidade de Alegre - ES

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2025.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Érica Sarmiento da Silva (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Profa. Dra. Maria Cristina Dadalto (Coorientadora)
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Maria Teresa Toríbio Brittes Lemos
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. André Azevedo
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Adilson Silva Santos
Instituto Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Ruy Gonzalo Farias
Universidad Nacional de San Martín

Rio de Janeiro
2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os descendentes de espanhóis entrevistados desta pesquisa, aos seus antepassados e a todos que colaboraram para que ela acontecesse. Também dedico esta obra a Carlos Magno Rodrigues Bravo, cuja incansável dedicação à história e à memória da imigração espanhola em Alegre deixou marcas profundas no tempo e no coração de todos que valorizam suas raízes. Seu compromisso em preservar e divulgar essa trajetória fez dele não apenas um pesquisador, mas um verdadeiro guardião da identidade e da cultura de tantas famílias. Que seu legado continue a inspirar gerações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Deolinda Peterle, pelo incondicional apoio em casa e nas diversas necessidades que o estudo solitário em frente ao computador exigiu para realização deste trabalho. Muito obrigado por tudo. Também agradeço à minha irmã, Kátia Peterle, pelo apoio e incentivo.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em História da UERJ, que me proporcionou este excelente curso com total gratuidade, com corpo de professores extremamente qualificados, com os quais tive oportunidade de muito aprender no campo do conhecimento histórico. Cito aqueles com quem tive aulas, em específico: Érica Sarmiento da Silva, Rachel Willians, Fabiano Villaça e Alex Varela.

Não podia deixar de agradecer à minha orientadora, professora Érica Sarmiento da Silva, por ter me inserido no fértil campo de estudos sobre a imigração no Brasil e no Laboratório de Estudos de Imigração da UERJ (LABIMI). Ressalto a importância de sua orientação desde o início do mestrado. Sua paciência, profissionalismo, carinho e atenção me guiaram para chegar até aqui. Muito obrigado. Agradeço, também, à minha coorientadora, professora Maria Cristina Dadalto, pelas indicações, por ter aceitado o convite de fazer parte desse projeto, por ter me inserido no Laboratório de Estudos e Movimentos Migratórios (LEMM) da UFES, e pelas contribuições à respeito da imigração no Espírito Santo que fazem parte deste trabalho.

Aos professores da banca de qualificação e de defesa, Adilson Silva Santos, Maria Teresa Toríbio Brittes Lemos, André Azevedo, Ruy Farias e, suplentes, Rafael Pinheiro de Araújo e Juniele Rabelo de Almeida, pelas horas dedicadas em ler meu trabalho, pelas correções e sugestões. Agradeço a Cilmar Franceschetto, diretor do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo por me ouvir e por ter me indicado os descendentes de espanhóis da cidade de Alegre.

Jamais me esquecerei da professora Érica Cristhyane Moraes da Silva, do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano da UFES (LEIR), por ter me ensinado como fazer um projeto de pesquisa, sendo que eu era apenas um desconhecido para ela e sendo que ela não tinha obrigação nenhuma de me ensinar. Na época, em 2017, eu não sabia absolutamente nada sobre o procedimento, não sabia nem “para onde estava ventando”, essa que é a verdade, e

a professora Érica Cristhyane, com paciência, me ensinou a elaborar um projeto e se eu passei no processo seletivo de mestrado, que possibilitou que eu chegasse ao doutorado, foi graças a ela. Muito obrigado. Nunca esquecerei. Foi muito significativo pra mim. Também agradeço, de forma extensiva, aos professores Gilvan Ventura da Silva e Belchior Monteiro Lima Neto, integrantes do LEIR.

Agradeço às minhas amigas Liliana Grecco Pereira e Sabrina Stein pelas dicas, correções do trabalho, ajuda na elaboração do projeto desde o mestrado, pelas conversas, desabafos e por estarem juntas comigo em meio à vida acadêmica. Muito obrigado.

Agradeço a todos os entrevistados que aceitaram falar e contar sobre as histórias de suas famílias. Por terem respondido minhas mensagens pelos aplicativos facebook/messenger/whatsapp mesmo quando não nos conhecíamos e por terem me recebido em suas lojas, no IHGA e em suas residências. Muito obrigado a todos. Esse trabalho não seria possível sem a colaboração de vocês.

Agradeço aos amigos que me ajudaram com a elaboração do projeto de pesquisa, Leandro da Silva Lunz, Adilson Silva Santos, Luan Tófano Elias e Nicolas Theodoridis. Graças a vocês tive uma boa base pra fundamentar o meu projeto. Muito obrigado. Agradeço também à professora Marieta Pinheiro de Carvalho por ter me ajudado com o projeto, principalmente na parte da metodologia, pela reunião e pelo diálogo que tanto me ensinou sobre as fontes do meu trabalho. Agradeço ao meu amigo Joilson Silva, por ter buscado livros que eu precisava em Alegre. Agradeço ao meu amigo Gabriel Baliano, por me passar os contatos dos descendentes de espanhóis em Alegre. Também agradeço ao meu amigo Lucas Louzada Pereira, do IFES de Venda Nova do Imigrante, pelo contato com os descendentes de Alegre. Muito obrigado.

"Não há nada de divino, nem sobrenatural.
É dar um passo à frente, confiar.
Fazer diferente, enfrentar a escuridão.
Não vai ser fácil... Não vai ser fácil.
Mas nunca foi."

Música "Um Homem Só" – Banda Dead Fish

RESUMO

CAMARGOS, R. P. *Memória da imigração espanhola na cidade de Alegre - ES*. 2025. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

A pesquisa busca evidenciar a imigração espanhola ocorrida na cidade de Alegre, interior do Espírito Santo. Para a realização da operação aqui proposta, entrelaçam-se depoimentos orais dos descendentes de espanhóis com documentos escritos como cartas, textos escritos pelos próprios descendentes de imigrantes espanhóis, atas de reuniões e jornais, por exemplo, amparados pelo referencial teórico da memória, com autores como David Lowenthal, Pierre Nora e Maurice Halbwachs, e pela metodologia da história oral, norteadas por autores como Marieta de Moraes Ferreira, Paul Thompson e Rosália Duarte, objetivando ter, como síntese, a elucidação da imigração espanhola na cidade de Alegre. Na medida em que aborda a inserção do imigrante espanhol e seu descendente no espaço interiorano do estado, a pesquisa traz contribuições significativas para a análise e compreensão do fluxo migratório no Espírito Santo, como a exposição de memórias ainda não reveladas e melhor compreensão da dinâmica migratória espanhola para Alegre. Dessa forma o trabalho se inscreve devidamente na linha temática “Política e Sociedade” do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-Chave: imigração espanhola; memória; Alegre; história oral; Espírito Santo.

ABSTRACT

CAMARGOS, Renato Peterle. *Memory of Spanish Immigration in the City of Alegre - ES*. 2025. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

The research aims to highlight the Spanish immigration that occurred in the city of Alegre, located in the interior of Espírito Santo. To achieve the proposed objectives, oral testimonies from descendants of Spaniards are intertwined with written documents such as letters, texts authored by the descendants of Spanish immigrants, meeting minutes, and newspapers, supported by theoretical references on memory from authors like David Lowenthal, Pierre Nora, and Maurice Halbwachs. The methodology of oral history, guided by scholars such as Marieta de Moraes Ferreira, Paul Thompson, and Rosália Duarte, aims to elucidate Spanish immigration in the city of Alegre. As it addresses the integration of Spanish immigrants and their descendants in the rural areas of the state, the research makes significant contributions to the analysis and understanding of migratory flows in Espírito Santo, revealing previously untold memories and providing a better understanding of the Spanish migratory dynamics to Alegre. Thus, the work is appropriately aligned with the thematic line of “Politics and Society” within the Graduate Program in History at the University of the State of Rio de Janeiro.

Keywords: spanish immigration; memory; Alegre; oral history; Espírito Santo.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Regiões da Espanha.....	146
Mapa 2: Divisão político-administrativa do Espírito Santo atualmente com foco na cidade de Alegre, recorte geográfico desta pesquisa.....	169
Mapa 3: Sul do Espírito Santo nos Oitocentos.....	185
Mapa 4: Divisão político-administrativa de Alegre.....	194

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Nomes dos entrevistados e data das entrevistas.....	26
Tabela 2: Números da imigração espanhola para o Brasil com números espanhóis.....	96
Tabela 3: Números da imigração espanhola para o Brasil com números brasileiros.....	97
Tabela 4: Emigração espanhola por regiões.....	144
Tabela 5: Imigração no Espírito Santo por nacionalidades.....	170
Tabela 6: Espanhóis no Espírito Santo em 1872.....	172
Tabela 7: Estabelecimentos rurais no Espírito Santo em 1920 por grupo de estrangeiros.....	179
Tabela 8: Destino dos espanhóis ao chegarem no Espírito Santo.....	188

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Crucifixo usado nas orações por Maria Encarnación em sua viagem para o Brasil.....	49
Imagem 2: Certidão de batismo com lemas franquistas de 1938.....	127
Imagem 3: Desfile das colônias de imigrantes de Alegre promovido pelo Club de Imigração Espanhola de Alegre-ES (provavelmente) na década de 1990..	164
Imagem 4: Declaração de passageiro de Francisco Sanches.....	177
Imagem 5: Praça 6 de Janeiro – Centro de Alegre.....	191
Imagem 6: Família Espinosa Monte.....	199
Imagem 7: Manoel Rodrigues Fernandes e Helena Afaro Martins.....	202
Imagem 8: Marco da imigração espanhola em Alegre.....	205
Imagem 9: Loja de vinhos e afins de Leonardo Portela Carvalho.....	210
Imagem 10: Bilhete de passagem de Lombardino Portela Lomba.....	211

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIME - Comitê Intergovernamental Provisório para os Movimentos Migratórios da Europa

CSN – Companhia Siderúrgica Nacional

IEE - Instituto Espanhol de Emigração

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	A Grande Migração espanhola e seu contexto histórico	33
1.1	A Espanha na Grande Emigração (1880-1930): os motivos expulsos	33
1.2	Ações do estado espanhol e a emigração espanhola no período da Grande Migração	56
1.3	Aspectos gerais da imigração espanhola para o Brasil (1880-1930)	86
2	A SEGUNDA ONDA MIGRATÓRIA (1930-1975)	113
2.1	A imigração espanhola no Brasil durante o período de Vargas 1930-1945	113
2.2	A emigração espanhola sob o franquismo	123
2.3	Galícia, região de emigração por excelência	143
2.4	Associativismo espanhol na América	153
3	IMIGRAÇÃO EUROPEIA NO ESPÍRITO SANTO	166
3.1	A ocupação do Espírito Santo por estrangeiros nas colônias de imigração e nas fazendas	166
3.2	Imigração espanhola e memória em Alegre	189
	CONCLUSÃO	228
	REFERÊNCIAS	231
	ANEXO A – Roteiro base geral para as entrevistas	250
	ANEXO B – História da emigração da família Portela Lomba para o Brasil	251
	ANEXO C – Lista dos colaboradores para a construção do marco da imigração espanhola em Alegre	255
	ANEXO D – QR CODE para visualização de D. Zélia, mãe de Oseias Sanches Matos, cantando a música “solamente una vez”	257
	ANEXO E – Link para visualização de algumas fotos e arquivos pessoais disponibilizados pelos entrevistados	258

INTRODUÇÃO

O interesse pessoal pelo estudo da emigração espanhola na cidade de Alegre surgiu pelo contato com minha orientadora no curso de mestrado, a professora Erica Sarmiento, que concentra suas pesquisas na área dos estudos migratórios nos séculos XIX e XX, principalmente imigração espanhola no Brasil e na Argentina. Com a aproximação, a indagação sobre estudos migratórios de espanhóis no Espírito Santo surgiu e logo percebi a falta de abordagem sobre o tema, culminando nessa tese de doutorado.

Para explicar o recorte geográfico desta pesquisa, algumas observações são necessárias. O Censo de 1920 demonstra que os espanhóis se estabeleceram em vários municípios no sul do Espírito Santo. Em 1920, na cidade de São João de Muqui, havia 113 espanhóis, em Cachoeiro de Itapemirim, 139 espanhóis, em São Pedro do Itabapoana, 349, e, em Alegre, havia 135 espanhóis¹. Ou seja, Alegre não foi o município que mais recebeu espanhóis nesse momento, porém, foi nessa cidade que aspectos da imigração espanhola se tornaram mais perceptíveis do que em outras cidades. Por exemplo, a cidade possui um marco da imigração espanhola em uma praça (como se verá mais adiante), Alegre também é um local onde existiu o Club de Imigração Espanhola, importante associação dos imigrantes e seus descendentes que abrigou documentos escritos e fotos de eventos que foram realizados, evidenciando a imigração espanhola na cidade.

Ressalta-se que, embora a presença de imigrantes espanhóis no Espírito Santo tenha ocorrido em diversas partes do sul do estado, tendo a imigração espanhola se dirigido para várias localidades, foi a cidade de Alegre que propiciou a realização da pesquisa, pois foi nesse município que encontrei descendentes de espanhóis (e até uma espanhola) que se mostraram dispostos a dialogar e expor suas memórias ainda na época de elaboração do projeto de pesquisa, pessoas essas que também emprestaram seus documentos, fotos e outros arquivos pessoais. Essas pessoas eram próximas de outros descendentes e me indicaram, por sua vez, outros descendentes para realização de entrevistas. Descendentes de

¹ MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Recenseamento De 1920**. 4º Censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias. Realizado em 1 de setembro de 1920. Volume IV – População. Rio de Janeiro. Typ da Estatística. 1926. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000360/recenseamento1920pop1/recenseamento1920pop1.pdf>. p. 624-631.

outras cidades, como Cachoeiro de Itapemirim, também foram procurados, mas não se mostraram interessados em contar suas histórias. De acordo com José D'Assunção Barros², o pesquisador precisa levar em conta o critério da viabilidade para realização do trabalho e, por Alegre propiciar esses fatores que possibilitaram a pesquisa, é que se tornou o recorte geográfico desse trabalho.

A imigração espanhola para o Espírito Santo ocorreu principalmente nos séculos XIX e XX, mas, como esta tese foca na memória dos entrevistados, os relatos abarcaram todo o período migratório. Os entrevistados narraram desde as dificuldades vividas na Espanha até as viagens de navio e a instalação dos imigrantes em Alegre. Além disso, em alguns momentos, as memórias se estenderam até períodos anteriores à Grande Imigração, incluindo até mesmo recordações das invasões árabes na Península Ibérica. Por essa razão, estabelecer um recorte temporal específico poderia limitar a fluidez das memórias compartilhadas. Assim, foi mais vantajoso deixar o recorte temporal em aberto, embora com ênfase no período da Grande Migração, que se destaca nos relatos.

De acordo com Núñez Seixas, no período anterior a 1992, a historiografia que tratava dos movimentos migratórios espanhóis dentro de um contexto internacional era marcada por certo positivismo, com ausência de interdisciplinariedade. Entretanto, ao longo da década de 1990, surgem autores com trabalhos significativos para o estudo das migrações espanholas, como Nicolás Sánchez Albornoz, Blanca Sánchez Alonso, César Yáñez, Alexandre Vázquez, Antonio Macías, Elda González, entre outros³.

De acordo com o autor, o ano de 1992 marca a comemoração do Quinto Centenário da Descoberta de América, e, com as comemorações, vieram também monografias, catálogos e colóquios que resultaram na publicação do livro *Historia General de la Emigración Española a Iberoamérica* em dois volumes. Esses livros abordam vários aspectos e regiões importantes para a emigração espanhola, com a temática da migração atingindo maior visibilidade dentro dos temas que

² BARROS, José D' Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 8ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 47.

³ SEIXAS, Xosé Manoel Núñez. A historiografia das migrações ultramarinas espanholas: uma visão global. **Maracanan**, 6, 2010, pp. 11-45. p. 13.

investigavam a história da Espanha, dando passos significativos para a locução com outras disciplinas de estudo⁴.

A partir de meados da década de 1990 e da década de 2000, os estudos sobre a migração espanhola foram sendo aprimorados por historiadores que abordam os resultados da migração espanhola, como por exemplo, no Chile, com Carmen Norambuena, na Argentina, com José C. Moya, Ruy Farias e Alejandro Fernández, no México, com Clara Lida, M. Cerutti e Tomás Pérez Vejo, e, no Brasil, com Marília Klaumann Cánovas e Érica Sarmiento da Silva, preenchendo certos vazios e ampliando então temas resultantes das migrações espanholas como o associativismo espanhol de diversas regiões da Espanha na América, como o galego, basco-navarro, entre outros⁵.

A ampliação dos estudos migratórios resultou também em um maior diálogo da História com outras áreas do conhecimento. Um exemplo desse diálogo são os estudos realizados por Dolores Martín Rodríguez Corner, que relacionou História com a gastronomia dos imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo. Segundo Jorge Durand e Carmem Lussi, o diálogo com outras disciplinas é indispensável aos estudos migratórios⁶.

Para o caso do Brasil, alguns autores advertem que a bibliografia dedicada ao estudo da imigração espanhola também está longe de ser suficiente. Elda González Martínez reflete que a emigração espanhola no Brasil é um fenômeno não muito estudado até hoje, mas não por ser irrelevante⁷, em suas palavras:

Ainda que a marca deixada pelos imigrantes espanhóis no Brasil não seja tão evidente como a que deixaram outros grupos migratórios, pode-se dizer que de maneira efetiva sua atuação econômica e sociocultural permeou o conjunto da sociedade brasileira. Portanto, contribuiu em grande medida para a construção social do Brasil moderno⁸.

⁴ SEIXAS, Xosé Manoel Núñez. A historiografía das migrações ultramarinas espanholas: uma visão global. **Maracanan...** p. 14.

⁵ SEIXAS, Xosé Manoel Núñez. A historiografía das migrações ultramarinas espanholas: uma visão global. **Maracanan...** p. 19.

⁶ DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2015. p. 22.

⁷ MARTINEZ, Elda Evangelista González. "O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis". Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 2000. p. 270.

⁸ MARTINEZ, Elda Evangelista González. "O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis". Apud: FAUSTO, Boris. (Org.) **Fazer a América...** p. 271.

Apesar de ser parte importante na constituição da sociedade brasileira, os imigrantes espanhóis não gozam do mesmo prestígio em estudos acadêmicos que outros grupos como os italianos ou alemães que vieram para o Brasil. Elaine Veiga Porta, pesquisadora da imigração espanhola em Santos, litoral do estado de São Paulo, escreve que existe intensa “produção bibliográfica sobre grupos de imigrantes italianos, portugueses e japoneses que aqui chegaram; entretanto, no que se refere aos espanhóis, essa produção é pequena”⁹.

São poucos os estados brasileiros que dispõem de estudos acadêmicos como dissertações de mestrado ou teses de doutorado sobre a imigração espanhola no Brasil, como, por exemplo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Pará, Bahia e São Paulo¹⁰, sendo que o Espírito Santo ainda não foi contemplado por esse tipo de pesquisa. Essa ausência de estudos de caráter científico sobre a imigração espanhola no estado se tornou um fator determinante para realização desta pesquisa. Mesmo no caso de São Paulo, onde os espanhóis também ocupam o terceiro lugar em número de imigrantes, conforme sinaliza Dolores Martín Rodríguez Corner, esse contingente não recebe a visibilidade de expressões culturais nem uma quantidade significativa de estudos acadêmicos que merecem¹¹.

Silvia Helena Alegre aponta razões para essa certa “invisibilidade” do imigrante espanhol na história e na bibliografia brasileira. Uma das explicações, segundo a autora, foi que os espanhóis optaram por trabalhos que eram realizados isolados, como coletores de ferro e sucata. Essas atividades proporcionavam ao imigrante espanhol ser um “micro-empresário”; por outro lado, essas ocupações “os teriam afastado da classe proletária com protagonismo e visibilidade na época”¹². Outro fator apontado pela autora foi o fato de os imigrantes serem mais assimiláveis

⁹ PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880-1920**. Tese de doutorado, 2008. USP. p. 10.

¹⁰ Ver nas referências bibliográficas as teses: PROCHNOW (2009), SARMIENTO DA SILVA (2006), BACELAR (1992), CÁNOVAS (2001; 2007), BRAGA (1995).

¹¹ CORNER, Dolores Martín Rodríguez,. La gastronomía gallega y andaluza en la ciudad de São Paulo. Apud: SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy. **Novos olhares sobre a imigração ibérica em América Latina (séculos XIX e XX)**. Volume II. Organizado por Érica Sarmiento e Ruy Farías. Niterói, RJ: Universo, 2011. p. 57.

¹² ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café. Cafeicultores paulistas no negócio de atração e transporte de imigrantes (1886-1918)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2014. p. 24.

à cultura e religião local aqui no Brasil, quando comparados a outros imigrantes como, por exemplo, alemães, italianos e sírios e libaneses.

Um autor capixaba que corrobora com Silvia Helena Alegre em relação à assimilação que os espanhóis teriam sofrido com a sociedade brasileira e, portanto, provocando também certa “invisibilidade” para o grupo, é Carlos Magno Rodrigues Bravo¹³. Para o autor, que é conhecedor da história do município de Alegre, foco da pesquisa, o colono

espanhol e seus descendentes, pela sua facilidade de entrosamento com a sociedade brasileira, rapidamente é absorvido pela população “nativa”, o que muitas vezes dificulta o estudo da história da sua colonização em nosso estado¹⁴.

Marília Dalva Klaumann Cánovas, pesquisadora da imigração espanhola em São Paulo, também ratifica as colocações acima ao dizer que, em comparação com outras correntes migratórias, como as dos italianos, alemães, japoneses e sírio-libaneses, pouco se produziu a respeito da imigração espanhola no país. Em suas palavras, há poucos trabalhos de pesquisa específicos e alguns “artigos enfocando questões mais pontuais, além de alusões esporádicas, dispersas nos trabalhos que versam sobre a questão imigratória em geral ou tratam de grupos específicos”¹⁵.

Na bibliografia sobre a História Geral do Espírito Santo e seus personagens importantes, destaca-se a Coleção Canaã¹⁶, disponível integralmente on-line no site do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. A coleção aborda uma variedade de temas sobre a História do Espírito Santo, incluindo a ocupação inicial pelos portugueses, capitães e donatários, assim como a presença de imigrantes italianos, alemães e até holandeses. Além disso, são incluídos personagens importantes da História do estado, como Jeronimo Monteiro e Carlos Lindemberg. Mesmo que em menor número, a coleção não deixa de dedicar espaço aos negros (1 livro

¹³ Importante conhecedor e divulgador da cultura do imigrante espanhol em Alegre, o senhor Carlos Magno faleceu em outubro de 2002.

¹⁴ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES**. Alegre, ES, 1994. p. 19.

¹⁵ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930**. 2001. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 11 jan. 2021. p. 37.

¹⁶ <https://ape.es.gov.br/colecao-canaa>. Acesso em 27 de maio de 2024.

específico) e aos indígenas (dois livros específicos), abrangendo um total de 27 livros sobre a História do estado¹⁷. No entanto, é notável a exclusão dos imigrantes espanhóis, que não são tema principal de nenhum dos livros disponíveis. Em buscas de historiografia sobre espanhóis no Espírito Santo, visitei o Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, que tem propiciado a elucidação de personagens agentes da construção da História do Espírito Santo por meio da imigração. Em varredura à produção científica do Programa, constatei que existem pesquisas realizadas com vários grupos de imigrantes, como os sírios e libaneses, açorianos, alemães e italianos no estado do Espírito Santo, porém, ainda nenhuma sobre os espanhóis.

Assim, relata-se aqui que pouco ou nada se sabe sobre pesquisas acadêmicas (artigos, dissertações ou teses) que abordem o tema específico da imigração espanhola no estado do Espírito Santo, quiçá abordado com a especificidade aqui proposta. Somente nesse viés, a pesquisa já se mostrou necessária por preencher a lacuna acadêmica a respeito do tema, suscitando análises mais fecundas do assunto.

Tendo refletido sobre o papel que a imigração espanhola ocupa na bibliografia brasileira e capixaba, da justificativa para a pesquisa, dos recortes geográficos e temporais do trabalho, doravante abordaremos a imigração e sua relação com o referencial teórico da memória, que norteará este estudo. Paul Ricoeur, ao definir a concepção de memória, diz que ela se trata de uma reapropriação do passado histórico, onde “uma recordação surge ao espírito sob a forma de uma imagem que, espontaneamente, se dá como signo de qualquer coisa diferente, realmente ausente, mas que consideramos como tendo existido no passado”¹⁸. Ou seja, a memória não significa trazer o passado de volta, mas sim, que a memória é uma representação do passado.

Acompanhando a linha de pensamento de Paul Ricoeur, David Lowenthal também indica que o passado é algo a ser construído, que é relacionando o passado com o presente que as lembranças se tornam importantes, não deixando de elucidar o filtro do indivíduo para o acesso às recordações passadas. Para esse autor, o

¹⁷ Dados consultados em 14 de outubro de 2024.

¹⁸ RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. 2003. 7 p. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia. Acesso em 17 de agosto de 2024.

passado pode ser maleável e suscetível às necessidades do presente, por isso, é necessário trazer as reflexões memoriais à tona, já que “a erosão do tempo afeta tristemente o que resta das lembranças”¹⁹. Segundo o autor,

Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta²⁰.

A reflexão de Lowenthal, além de ratificar a exposição de Ricoeur, enfatiza a natureza construtiva da memória negando que as lembranças sejam meras reproduções objetivas e inalteradas do passado. Lowenthal propõe que a memória funciona como um processo ativo de reconstrução, onde as lembranças são moldadas e reinterpretadas à luz de novas experiências, percepções e contextos. É a partir desse entendimento de memória que o trabalho aqui será realizado, visto que os entrevistados são agentes da memória e reconstroem o passado conforme suas vivências e subjetividades.

Pierre Nora aponta diferenças entre Memória e História. Para o autor, a História busca ser fria, distante dos acontecimentos e metodológica. A História fica sendo a “reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”²¹. Assim, entende-se que a História quer ser ciência e, se não consegue este objetivo, pelo menos, busca se aproximar dele. Mesmo que não se possa ser realizada a objetividade concreta nas pesquisas sociais, o conhecimento objetivo e fidedigno permanece como o ideal da ciência, assim o pesquisador deve buscar o que Pierre Bourdieu chama de objetivação: o esforço controlado de conter a subjetividade. Trata-se de um esforço porque não é possível realizá-lo plenamente, mas é essencial conservar-se esta meta, para não fazer do objeto construído um objeto inventado²².

¹⁹ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História: Trabalhos da Memória**. São Paulo: PUC, n. 17, 1989, p. 74.

²⁰ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História: Trabalhos da Memória...** p. 103.

²¹ NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo (10), dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 14 de outubro de 2024. p. 9.

²² GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 45.

Já a memória não possui outros elementos. A memória é subjetiva, é pessoal e está em permanente evolução. A memória não atua objetiva e diretamente e, em certa medida, não depende de nossa vontade. Ou seja, o passado não será reconstruído fielmente ao que foi, mas sim, de acordo com as vontades, questionamentos e vontades do presente, trata-se de uma resignificação. A tese de Daniele John, que trata da resignificação da história de vida, assim reflete sobre o termo resignificação

Se a própria raiz do termo resignificar implica em dar outro sentido, uma nova significação, isto quer dizer quando falamos em resignificação está implícito que estamos falando de algo que já estava inscrito no campo do simbólico. Ou seja, resignificar não é o mesmo que trazer algo para o campo representacional pela primeira vez, mas refere-se a dar um novo sentido a algo que já estava lá²³.

Desse modo, a memória está relacionada à resignificação que é atribuída aos movimentos históricos e sobrevive graças ao trabalho de reconstrução das lembranças passadas realizadas pelo historiador. Segundo Paul Ricoeur “os historiadores não devem esquecer que são os cidadãos que fazem realmente a história – os historiadores apenas a dizem”²⁴. A memória também se circunscreve como representação do passado no tempo presente. Assim, a memória reúne três traços interligados: a presença, a ausência e a anterioridade. Traços esses que, reunidos, fornecem a imagem-recordação de algo que não está presente, mas esteve, como no caso das vivências dos antepassados dos entrevistados, que já não vivem mais, mas têm seus feitos trazidos à tona por seus ascendentes.

Dessa forma, a memória tem se mostrado um recurso valioso para os estudos migratórios, pois é através dela que as vivências dos imigrantes são revisitadas e informações exclusivas, conhecidas apenas por eles, são reveladas. A memória atua juntamente com diversas fontes para revelar muitos aspectos da história das migrações. Seja junto a caixinhas de lembranças de mulheres italianas, como no trabalho de Syrléa Marques Pereira²⁵, junto aos documentos de associações, aos

²³ JOHN, Daniele. **A resignificação da história de vida: temporalidade e narrativa no percurso da análise**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2006. p. 47

²⁴ RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**.. Acesso em 06 de novembro de 2023.

²⁵ PEREIRA, Syrléa Marques. **Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres**. 2008. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, RJ, 2008.

livros de registro de entrada de imigrantes, entre outros, o referencial teórico da memória se mostra de grande contribuição para os estudos migratórios. Ao trazer as experiências pessoais dos imigrantes para a discussão histórica, a memória contribui para a inserção de personagens que não ocuparam a tribuna da História, mas que a fizeram, como é o caso dos imigrantes e descendentes de espanhóis no Espírito Santo.

Segundo Paul Ricoeur, a memória forja sempre novos relatos e experiências e, por trabalhar com o tempo presente, se relaciona intensamente com as configurações da história oral, que é a principal metodologia aqui utilizada, pois alimenta e nutre o campo histórico com novas reflexões. Tendo exposto reflexões sobre o referencial teórico da memória, norteador da pesquisa, avança-se para a observação da metodologia central utilizada, que é a metodologia da história oral com foco nas entrevistas de caráter qualitativo, explicando os motivos do porquê dessa metodologia ter sido a escolhida para este trabalho.

A preocupação deste trabalho é buscar a reconstituição das experiências vividas pelos imigrantes espanhóis e seus descendentes na cidade de Alegre para ampliar a compreensão do fluxo migratório espanhol no sul do Espírito Santo pois, segundo José de Souza Martins, “o imigrante raríssimas oportunidades teve de ocupar a ‘tribuna da História’”²⁶. A história oral integra a concepção contemporânea de História Política, vindo de um processo prolongado de transformação na prática historiográfica. Com o advento da Nova História, impulsionada pelos historiadores franceses associados à Escola dos Annales nas décadas de 1920 e 1930, a abordagem histórica deixou de se concentrar exclusivamente em fontes oficiais ou na vida de monarcas e líderes políticos. A revolução intelectual promovida pelos Annales redefiniu o campo da história, abrindo novas possibilidades de pesquisa que interagem com diversas áreas do conhecimento e abordam todas as dimensões da experiência humana. Por isso, o suporte teórico para este trabalho de história está alinhado ao que sugere Lucien Febvre: “historiadores, sejam geógrafos. Sejam

²⁶ MARTINS, José de Souza. A imigração e a crise do Brasil Agrário. São Paulo. Pioneira. 1973. p. 42-43. Apud: CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930**. 2001. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. p. 14.

juristas, também, e sociólogos, e psicólogos”²⁷. Assim, ouvir as pessoas e transcrever suas entrevistas são maneiras importantes de ajudar na construção do conhecimento histórico. Essa abordagem reforça a ideia de que a história pode ser compreendida a partir das vivências e memórias individuais, ampliando o entendimento sobre o passado.

Segundo Paul Thompson, o uso da expressão “história oral” é novo, mas a história oral é tão antiga quanto a História²⁸. Ela foi a primeira forma de História. Paul Thompson é um defensor do valor transformador da história oral, destacando sua capacidade de democratizar o campo da historiografia. Ele argumenta que a história oral vai além da documentação dos grandes eventos ou das vidas das figuras de destaque, colocando as experiências e narrativas das pessoas comuns no centro da história. Esse enfoque humaniza a história, permitindo que as vozes de indivíduos frequentemente marginalizados ou esquecidos, como os idosos e os menos privilegiados, sejam ouvidas e valorizadas, como se observa:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações²⁹.

Thompson enfatiza que a história oral não apenas enriquece o entendimento histórico ao incluir essas vozes diversas, mas também fortalece o tecido social. Ela promove um sentido de pertencimento e identidade, ao conectar pessoas com suas comunidades e suas tradições. Além disso, ao estimular o diálogo entre diferentes classes sociais e gerações, a história oral contribui para uma maior compreensão e empatia, reduzindo as barreiras que muitas vezes dividem a sociedade.

O autor também ressalta o papel da história oral em desafiar as narrativas tradicionais e autoritárias da história. Ao questionar os “mitos consagrados” e o “juízo autoritário” da história convencional, a história oral oferece uma perspectiva

²⁷ FEBVRE, L. (1953) *Combats pour l'histoire*. 1953. p.32. Apud: BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 1997, p. 7.

²⁸ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1992. p. 45.

²⁹ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral...** p. 44.

mais pluralista e inclusiva, que reflete a complexidade e a diversidade das experiências humanas. Thompson sugere que, por meio da história oral, a história pode se tornar uma ferramenta de transformação social, não apenas registrando o passado, mas também moldando o presente e o futuro³⁰.

Em suma, Thompson vê a história oral como um meio de criar uma história mais rica e completa, que não apenas documenta os eventos, mas também contribui para a formação de indivíduos e comunidades mais integrados e conscientes. Essa abordagem desafia as hierarquias estabelecidas e propõe uma visão de história que é, ao mesmo tempo, inclusiva e subversiva, capaz de gerar mudanças significativas na maneira como entendemos o passado e, conseqüentemente, o presente³¹.

Sobre a relação da história oral com a construção do conhecimento histórico, esse autor evidenciou que toda fonte histórica que deriva da percepção humana “é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”³². Por percorrer a fundo experiências pessoais, é que as entrevistas de caráter qualitativo são de maior proveito para o trabalho aqui proposto; assim, será possível obter resultados que não seriam alcançados com o método quantitativo. Indo de encontro a Paul Thompson, José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda afirmam que

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas³³.

O parágrafo acima de Meihy e Holanda enfatiza que a história oral é uma disciplina que exige rigor metodológico, sensibilidade ética e um compromisso com a comunidade entrevistada. Esse processo não apenas documenta a história, mas

³⁰ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral...** p. 44.

³¹ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral...** p. 44.

³² THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral...** p. 197.

³³ MEIHY, José Carlos Sebe, HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15.

também a torna acessível e significativa para os próprios participantes, oportunizando a experiência e voz dos entrevistados.

No método científico da pesquisa qualitativa, as respostas não são objetivas. Por isso, foram realizadas entrevistas com um pequeno número de indivíduos, com o intuito não de contabilizar quantidades como resultado, mas sim, focar no caráter subjetivo do conteúdo analisado, destacando particularidades e experiências individuais. Mirian Goldenberg explica a importância da abordagem qualitativa para os estudos históricos:

A quantidade é, então, substituída pela intensidade, pela imersão profunda— através da observação participante por um período longo de tempo, das entrevistas em profundidade, da análise de diferentes fontes que possam ser cruzadas — que atinge níveis de compreensão que não podem ser alcançados através de uma pesquisa quantitativa. O pesquisador qualitativo buscará casos exemplares que possam ser reveladores da cultura em que estão inseridos³⁴.

Desse modo, atento à responsabilidade de documentar e após preenchimento de termos de livre-consentimento, foram realizadas e gravadas as entrevistas com homens e mulheres ligados à imigração espanhola na cidade de Alegre, interior do Espírito Santo. Nas entrevistas, as perguntas foram semi-direcionadas para minimizar a influência externa e evitar guiar ou induzir as respostas dos sujeitos. Segundo Alessandro Portelli, é essencial que o pesquisador aceite o informante e “dê prioridade ao que ela ou ele deseje contar de preferência ao que o pesquisador quer ouvir, reservando algumas questões não respondidas para mais tarde ou para outra entrevista”³⁵. Portelli também destaca que entrevistas rigidamente estruturadas “podem excluir elementos cuja existência ou relevância fossem desconhecidas previamente para o entrevistador e não contempladas nas questões inventariadas”³⁶.

Ainda em relação à metodologia de entrevistas, foi seguida a orientação da autora Rosália Duarte, que menciona que, para a realização de uma boa entrevista de caráter qualitativo, é necessário, entre outros aspectos, ter muito bem definidos

³⁴ GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**... p. 50.

³⁵ PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997. p. 35-36.

³⁶ PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**... p. 35.

os objetivos de pesquisa, revisão bibliográfica, segurança, autoconfiança e “algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação”³⁷.

De acordo com Rosália,

Realizar entrevistas, sobretudo se forem semi-estruturadas, abertas, de histórias de vida, etc. não é tarefa banal; propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante é uma tarefa bem mais complexa do que parece à primeira vista³⁸.

Abaixo é apresentada tabela com o nome dos entrevistados e as datas das entrevistas. No total, foram entrevistadas 12 pessoas, com sete entrevistas realizadas em 2022 e cinco, em 2023.

Tabela 1: Nomes dos entrevistados e data das entrevistas

NOME	ENTREVISTA
Leonardo Portela Carvalho	julho/2022
Odahyses Espinosa Bravo	julho/2022
Luci Helena Albertazzi Bravo	julho/2022
Vera Lucia Alvarez	julho/2022
Angela Maria Espinosa Bravo	julho/2022
Regina Marta Alvarez Santos	julho/2022
Ana Maria Louzada da Silva	julho/2022
Oseias Sanches Matos	julho/2023
Angela Almança Vargas Pegoreti	julho/2023
Maria Aparecida Almança da Rosa	julho/2023
Maria Fernandez Machado	julho/2023
Maria José Sanches Salazar	julho/2023

Fonte: Tabela elaborada pelo autor³⁹.

³⁷ DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisa qualitativas. **Educar em revista...** p. 216.

³⁸ DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisa qualitativas. **Educar em revista...** p. 216.

³⁹ Dados colhidos diretamente com as entrevistas realizadas.

Na dissertação de mestrado que realizei, entrevistei descendentes de imigrantes italianos na cidade em que moro, Venda Nova do Imigrante-ES. Foi meu primeiro trabalho com entrevistas de caráter qualitativo e, como eu já conhecia a maioria dos entrevistados, o desafio foi justamente evitar uma proximidade que pudesse ser prejudicial para o trabalho. Já, para a pesquisa da tese sobre os descendentes de espanhóis em Alegre, entrevistei pessoas que até então não conhecia, sendo o principal desafio estabelecer a proximidade necessária com os sujeitos, o que se mostrou totalmente viável e possível de realizar, dado o interesse dos descendentes em colaborar para a realização da pesquisa.

Para me aproximar dos descendentes de imigrantes espanhóis procurei, primeiro, o senhor Cilmar Franceschetto, diretor do Arquivo Público do Espírito Santo e profundo conhecedor da imigração no Espírito Santo, ao qual já tinha entrevistado no mestrado e o mesmo me indicou os espanhóis da cidade de Alegre. Então, através do aplicativo “messenger”, interligado ao aplicativo facebook, me aproximei, primeiro, das senhoras Luci Helena Albertazzi Bravo e Angela Maria Espinosa Bravo, que foram muito receptivas e me apontaram mais possíveis descendentes a serem entrevistados para a pesquisa.

Esse método de indicar pessoas do grupo que podem participar da pesquisa é chamado de bola de neve. A técnica da bola de neve é uma metodologia de amostragem utilizada em pesquisas qualitativas, incluindo entrevistas históricas. Ela é especialmente útil quando o pesquisador busca acessar grupos ou indivíduos que são difíceis de localizar ou que pertencem a redes sociais específicas. Segundo Juliana Vinuto essa técnica se inicia com a aproximação com alguns documentos ou informantes-chave, (sendo aqui no caso, Luci Helena e Angela). Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas sugiram novos contatos com as “características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador”⁴⁰. Essa autora traz uma reflexão importante sobre a técnica da bola de neve

⁴⁰ VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**. Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em:

Apesar de suas limitações, a amostragem em bola de neve pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade. Além disso, esse tipo específico de amostragem também é útil para estudar questões delicadas, de âmbito privado e, portanto, que requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar informantes para estudo⁴¹.

Dessa forma, ao todo foram entrevistadas doze pessoas, sendo dez mulheres e dois homens. As entrevistas foram marcadas com antecedência, devido à distância de Venda Nova do Imigrante (cidade em que resido), de 105 kms da cidade de Alegre, e aconteceram em grupo, onde me encontrei com cinco e, depois, seis entrevistados no Instituto Histórico e Geográfico de Alegre (IHGA). Novamente, Luci Helena e Angela foram as principais mediadoras para o encontro. As entrevistas duraram cerca de duas horas à duas horas e meia, onde as narradoras se complementavam nas falas⁴². A entrevista de Leonardo Portela foi realizada em sua própria loja de vinhos e a entrevista com a senhora Maria Fernandez Machado, em sua residência.

O elevado número de mulheres entrevistadas não foi resultado de um planejamento prévio, mas de uma circunstância que ocorreu naturalmente. No entanto, esse fato acabou por proporcionar um interessante contraste com as figuras masculinas que permeiam a narrativa histórica apresentada, enriquecendo a análise ao destacar diferentes perspectivas. De acordo com Cristina Donza Cancela,

a presença feminina foi intensa no amplo processo migratório que teve lugar no final do século XIX e início do XX, estimulado pela industrialização e comercialização. No entanto, essa presença costuma ser minimizada ou invisibilizada⁴³.

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 18 ago. 2024. p. 203.

⁴¹ VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Tematicas**... p. 203.

⁴² Destaco que a entrevista com Maria José Sanches foi feita de maneira on-line, visto ser a descendente a única dos entrevistados que não reside mais no Espírito Santo, mas que já morou em Alegre.

⁴³ CANCELA, Cristina Donza. Mulheres não são imigrantes passivas e nem vêm a reboque: feminização da imigração, trabalho e arranjos domésticos de portuguesas em uma capital da Amazônia (Belém, c.1850 - c.1930). **Cadernos Pagu**, (70), e247004. <https://doi.org/10.1590/18094449202400700004>. p. 3.

Durante a consulta às bibliografias, a maioria dos personagens citados são homens, sendo que a mulher aparece em segundo plano. Vale ressaltar que em um determinado momento da história da emigração espanhola, no início do século XX, a mulher só podia emigrar com a permissão do marido. Maria Ines Vendrame menciona a invisibilidade da mulher imigrante ao escrever que “a invisibilidade feminina é uma das características que marca de maneira significativa a historiografia que trata da imigração europeia do oitocentos para a América e da presença estrangeira nas províncias do sul do Brasil”⁴⁴.

De acordo com Erica Sarmiento e Lená Menezes, com o avanço dos estudos feministas e de gênero também se evidencia a construção social das sexualidades e reconhece a mulher como sujeito da história, com voz e participação. No entanto, historicamente, as mulheres foram vistas como coadjuvantes, confirmando a primazia masculina na sociedade⁴⁵. Para as autoras,

as mudanças historiográficas ocorridas nos últimos tempos, tem contribuído o uso de fontes nominativas, como registros de passaporte e de saída e entrada nos portos e, principalmente, a chamada história oral, que têm enriquecido os estudos sobre o tema e preenchido importantes lacunas, principalmente as inscritas no plano cultural e das emoções⁴⁶.

Em consonância com a abordagem proposta por Érica Sarmiento e Lená Menezes, as dez mulheres entrevistadas neste estudo, ao compartilharem suas histórias, medos, frustrações e experiências pessoais, desempenham papel importante para a maior visibilidade do feminino na história da imigração espanhola. Seus relatos enriquecem a narrativa ao trazer perspectivas que muitas vezes foram silenciadas ou marginalizadas, ampliando assim a compreensão desse processo histórico sob uma ótica mais inclusiva.

⁴⁴ VENDRAME, Maíra Ines. Imigração e gênero: reflexões sobre os estudos migratórios femininos. Clio: **Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, vol. 41, 2023a, p. 30-57. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistacio/article/view/253348/43910>. Acesso em: 10 de outubro de 2024. p. 33.

⁴⁵ SARMIENTO, Érica; MENEZES, Lená Medeiros de. “Imigração ibérica: Reflexões Sobre Trabalho E Sobrevivência De Mulheres Portuguesas E Galegas No Rio De Janeiro”. **Locus: Revista De História**. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2020.v26.30020>. Acesso em: 15 de outubro de 2024. p. 361.

⁴⁶ SARMIENTO, Érica; MENEZES, Lená Medeiros de. “Imigração ibérica: Reflexões Sobre Trabalho E Sobrevivência De Mulheres Portuguesas E Galegas No Rio De Janeiro”. **Locus: Revista De História** ... p. 361.

Para o encontro com os descendentes escrevi os pontos principais do roteiro e os mentalizei, de forma a estar preparado para a condução das entrevistas, sendo que, devido ao bom conhecimento histórico e à boa oralidade dos entrevistados, precisei fazer poucas intervenções durante os relatos, procurando apenas ter falas que propiciassem a continuidade do fluxo memorial dos sujeitos⁴⁷.

Após a realização das entrevistas e das gravações, iniciou-se o processo de seleção de relatos pertinentes para a incorporação na redação da tese. Nesse momento, foi necessário o distanciamento do papel de pesquisador-entrevistador e ter o comprometimento com a função de reviver a entrevista, interpretando elementos e separando o que é compatível ou não com o tema abordado. Conforme Rosália Duarte, “entrevistas podem e devem ser editadas”, cabendo ao pesquisador “atribuir sentido àquele mosaico, tendo como referência seus pressupostos teóricos, sua filiação acadêmica, seus objetivos de pesquisa etc”⁴⁸.

As principais fontes para esta pesquisa foram os relatos orais, mas além dos depoimentos dos descendentes de espanhóis também foram consultados jornais da época, como o jornal *O Cachoeirano* e o jornal *A noite*. Nesses jornais, pesquisei sobre episódios que envolveram espanhóis e seus descendentes, sendo acessados através da Biblioteca Nacional, no ítem da Hemeroteca Digital, que permite a pesquisa através de palavras-chave, o que facilitou e agilizou a pesquisa. Também foram analisados outros documentos dos entrevistados, como certidões de nascimento, bilhetes de passagem, fotografias e uma carta. Esses documentos foram acessados com a permissão dos entrevistados.

Partindo da discussão que busca situar o significado e a contribuição dos imigrantes espanhóis e seus descendentes para a construção da sociedade em Alegre, é possível levantar os dois seguintes problemas de pesquisa: que estratégias foram utilizadas para a inserção dos espanhóis na sociedade alegreense e quais os resultados dessas estratégias de inserção? Quais memórias da imigração espanhola têm os descendentes dos imigrantes?

A partir da leitura da bibliografia especializada, das visitas às famílias de descendentes de imigrantes espanhóis e da compreensão de que os descendentes

⁴⁷ O anexo I traz Roteiro base geral para as entrevistas.

⁴⁸ DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisa qualitativas. **Educar em revista...** p. 222-223.

são atores fundamentais na preservação e recriação da história da imigração no Espírito Santo, duas hipóteses foram levantadas. A primeira diz que, por se tratar de imigrantes que foram encaminhados diretamente para as fazendas de café no sul da região do Espírito Santo e, por não disporem de núcleos coloniais que permitissem maior sustentação da rede de contatos como os italianos e alemães, enfrentariam grandes dificuldades no processo de assentamento na sociedade alegreense. A segunda hipótese é a de que, graças às táticas de sobrevivência e de relacionamento social desenvolvido pelos imigrantes e seus descendentes, conseguiram se tornar atores importantes para as configurações sociais da sociedade sul-capixaba.

Para nortear e desenvolver a pesquisa traçamos os seguintes objetivos. O objetivo geral fica sendo evidenciar a imigração espanhola na cidade de Alegre a partir das fontes consultadas. Os objetivos específicos incluem: conhecer o contexto histórico em que esteve inserido o imigrante espanhol até sua chegada ao Espírito Santo, suas causas e consequências, desde a época da grande migração, das regiões da Espanha até o Espírito Santo; entender e revelar a importância da imigração espanhola para o molde das configurações sociais do sul do Espírito Santo e entrevistar os descendentes de imigrantes espanhóis da cidade de Alegre, registrando a memória e a história de suas famílias. Ao realizar tais objetivos, o trabalho insere os espanhóis no rol de pesquisas acadêmicas sobre a imigração no Espírito Santo, que já conta com pesquisas sobre italianos, alemães, holandeses, açorianos e sírios e libaneses, ao mesmo tempo que dá visibilidade aos imigrantes espanhóis e seus descendentes, ainda não agraciados pela pesquisa de pós graduação no Espírito Santo.

Trabalhos acadêmicos sobre imigração, sejam dissertações de mestrado ou teses de doutorado, tendem a estruturar sua abordagem em torno de três eixos principais que permeiam os capítulos das pesquisas: primeiro o contexto histórico internacional e nacional sobre a imigração, delineando fatores condicionantes para a emigração nos locais de origem e posterior recepção no Brasil, depois descrevem a situação específica de seu estado ou cidades no quesito da imigração, dialogando sobre o contexto histórico brasileiro da referida época e, por último, apresentam os resultados de sua pesquisa, de suas entrevistas, de seus acessos a documentos, etc. No presente estudo, não se pretende afastar-se dessa linha de escrita. Portanto,

para cada momento, far-se-á uso de determinada bibliografia inerente ao tema, embora muitos dos autores trabalhados dialoguem entre si em relação aos assuntos perpassados.

Assim sendo, a escrita se divide em três capítulos. No primeiro capítulo aparecem os motivos que inserem a Espanha na Grande Migração, as ações que envolveram o estado espanhol seguido das condições enfrentadas pelos migrantes quando de sua chegada aqui no Brasil no período de 1880 até 1930. O segundo capítulo trata do período posterior ao da Grande Migração dando enfoque à imigração sob o franquismo, na Espanha, e sob Getúlio Vargas, aqui no Brasil. O capítulo também aborda as especificidades migratórias da região da Galícia além de trazer reflexões sobre o associativismo espanhol na América. Esses dois capítulos iniciais são compostos por bibliografia especializada no assunto, mas já são permeados por relatos orais, seja de entrevistados desta pesquisa ou de outras pesquisas sobre espanhóis e seus descendentes. O capítulo três se dirige para a imigração no solo espírito-santense, sendo enfatizados os relatos orais e documentos dos entrevistados desta pesquisa.

1 A GRANDE MIGRAÇÃO ESPANHOLA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

O objetivo primordial da primeira parte deste capítulo é expor os fatores condicionantes para a emigração espanhola no período da Grande Emigração (1880-1930) observando as condições econômicas, fatores políticos e também a posição do Estado espanhol frente ao movimento. Para essa parte são utilizados autores renomados como Blanca Sánchez Alonso, Ruy Farias, Maria Xosé Vázquez Lojo, dentre outros. Na segunda parte deste capítulo apresenta-se o contexto internacional e a posição do Brasil frente ao movimento. Érica Sarmiento, Marília Klaumann Cánovas, Elda Evangelista González Martínez e Vitor D. Zamorano Blanco são alguns dos autores que se destacam nessa parte da escrita.

O texto se desenvolve de maneira lógica e sequencial, começando com uma análise que mescla fatores externos globais e internos à Espanha do século XIX e início do século XX. Inicialmente, aborda-se o cenário econômico, político e social da Espanha durante o período da Grande Migração, seguido pela investigação dos motivos que impulsionaram os espanhóis a emigrarem. Em seguida, o texto procede à análise do fluxo migratório para o Brasil, destacando as políticas de imigração brasileiras e as condições enfrentadas pelos imigrantes. A narrativa se estrutura de forma a proporcionar uma compreensão abrangente dos processos migratórios, interligando as causas na Espanha e os resultados do movimento no Brasil. Nesse capítulo já se entrelaçam com a bibliografia alguns relatos de entrevistados visto que suas memórias atingiram o período em análise.

1.1 A Espanha na Grande Emigração (1880-1930): os motivos expulsos

Os principais motivos abordados para a emigração espanhola apontados na bibliografia especializada aqui consultada são a crise que atingiu os campos espanhóis seguida das pragas que atingiram as plantações, o contexto político e militar da época, as melhoras nas condições de viagem, o papel das agências e agentes de emigração e as redes migratórias. Esses fatores serão expostos a seguir, iniciando-se pelo contexto que envolveu a crise no meio rural.

Assim como em outros países europeus, a Espanha também tinha grande porcentagem de sua população vivendo no campo ainda em finais do século XIX, quando cerca de dois terços de sua população vivia direta ou indiretamente do cultivo da terra⁴⁹. Soma-se a essa condição que o país também experimentou altas taxas de natalidade e crescimento populacional motivado pelos avanços científicos da época, com melhores remédios que propiciavam controle de doenças e diminuição da mortalidade. Junto a isso, adiciona-se uma profunda crise econômica e agrária que não veio acompanhada de um crescimento das cidades e da indústria espanhola capaz de absover a mão de obra que sobrava no campo. Segundo Alicia Gil Lazaro e Maria José Fernández Vicente, essa baixa produtividade agrária e a falta de dinamismo das cidades são algumas das explicações tradicionais para a saída de espanhóis, tanto em direção ao norte da África como em direção à América⁵⁰.

Com a chegada das máquinas decorrentes da Revolução Industrial, ocorreu a decadência das tradicionais manufaturas desempenhadas pelos camponeses espanhóis. Como forma de enfrentar essa situação, os camponeses tentaram estender a área cultivada, implementando cultivos mais produtivos ou, até mesmo, diminuíram o período de repouso de um pedaço de terra. Mesmo com essas tentativas, a crise no campo acabou sendo motivo direto da emigração das regiões espanholas da Galícia e da Catalunha, por exemplo. A partir da segunda metade do século XIX, a emigração para regiões dentro da Espanha buscando trabalho era inevitável. Porém, devido ao lento crescimento urbano da Espanha nesse momento, essas migrações internas tiveram um ritmo muito lento e tardio⁵¹, pois a nascente indústria espanhola não era capaz de absorver tal contingente de mão de obra. Vale reforçar que, nesse momento, segundo Maria da Orden, “más del 60 por ciento de la población española trabajava em el campo, uma situación que seguia manteniéndose a principios del siglo XX”⁵².

⁴⁹ PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhois em Santos, 1880-1920...** p. 59.

⁵⁰ GIL LAZARO, A.; VICENTE, María José Fernández. Los discursos sobre la emigración española en perspectiva comparada. Principios del siglo XX - principios del siglo XXI. **Documentos de trabajo** (IELAT, Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos), 73, 1-38. 2015. p. 6.

⁵¹ ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930**. Alianza Editorial, 1995. p. 29.

⁵² Mais de 60 por cento da população espanhola trabalhava no campo, uma situação que seguia se mantendo a princípios do século XX. Tradução nossa. DA ORDEN, Maria Liliana. **Inmigración**

Como comparação, essa mesma relação entre mão de obra excedente e falta de dinamismo industrial no século XIX também se deu na Itália, causando migrações internas nesse país, a exemplo da Espanha. No caso espanhol, “a emigração para o exterior surge, portanto, como a última solução para uma população rural que não pode mais aumentar sua renda por outros meios”⁵³. De acordo com Blanca Sánchez Alonso,

En líneas generales, la emigración masiva española empezó timidamente alrededor de 1860. Creció hasta mediados de 1870 mientras que se produjo un descenso hasta 1887. En la década siguiente y hasta finales del siglo, la emigración aumentó considerablemente hasta alcanzar casi 40 por cien del incremento natural de la población en ese período⁵⁴.

Nesse momento, na Espanha, o regime de propriedade, baseado no “minifúndio ou latifúndio dependendo das regiões, atrasou a modernização da agricultura e foi um fator de expulsão da população, ao gerar desemprego agrícola”⁵⁵. Assim, a baixa produtividade agrária e a falta de dinamismo econômico das cidades acabaram sendo motivos imediatos para a emigração dos espanhóis. Acrescenta-se que a crise econômica gerou fome e miséria e a descrença entre os camponeses espanhóis de que a situação político-econômica poderia mudar, favorecendo a emigração. Dessa forma,

En concreto, la crisis agraria de finales del siglo XIX se ha señalado como una de las grandes espoletas del éxodo rural. El atraso agrario y el deterioro de las condiciones de vida campesina, junto con la falta de alternativas del sector urbano e industrial impulsaron sin duda la emigración exterior en un momento histórico favorable por las posibilidades que ofrecían los países receptores⁵⁶.

española, familia y movilidad social en la Argentina moderna. Una mirada desde Mar del Plata (1890-1930). Buenos Aires: Biblos, 2007. p. 27.

⁵³ ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 27.

⁵⁴ Em linhas gerais, a emigração em massa espanhola começou tímida por volta de 1860. Cresceu até meados de 1870, diminuiu até 1887. Na década seguinte e até o final do século, a emigração aumentou consideravelmente até atingir quase 40% de aumento natural da população naquele período. Tradução nossa. ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930.** p. 18.

⁵⁵ ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 22.

⁵⁶ especificamente, a crise agrária do final do século XIX foi identificada como um dos grandes desencadeadores do êxodo rural. O atraso agrário e a deterioração das condições de vida dos camponeses, aliados à falta de alternativas no setor urbano e industrial, sem dúvida promoveram a emigração estrangeira em um momento histórico favorável devido às possibilidades oferecidas pelos países receptores. Tradução nossa. ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930.** p. 253-254.

A Espanha iniciou suas tentativas de industrialização no mesmo tempo que a Inglaterra, porém, na década de 1840 havia poucas indústrias e elas se concentravam na Catalunha no ramo da produção têxtil. Algumas décadas depois, a região do País Basco⁵⁷ também emergiu com a indústria metalúrgica e a estaleira. Acontece que essas novas fontes de trabalho que surgiram na Espanha de meados do século XIX causaram mais deslocamentos internos de camponeses e artesãos do que geraram empregos. Isso porque as fábricas recém-surgidas suplantaram muitas produções artesanais de outras regiões do reino espanhol, como exemplo, a mecanização da lã da Catalunha, que representou “um golpe fatal para milhares de teares de toda a Espanha”⁵⁸.

Sobre o trabalho de seu pai na Espanha, a entrevistada Regina Marta Alvarez Santos relata o seguinte

Naquela época, assim, os terrenos (na Espanha) já eram pequenos e a água era pouca. E o papai contava que tinha o horário de aguar as plantas. Então, por exemplo, se o horário da vovó aguar a planta era de meia noite à uma da manhã, ela tinha que levantar e ir lá pra abrir a água pra água ir pro terreno dela pra poder irrigar as plantas dela, porque se ela não fosse aquela hora, perdia, só daqui a vinte e quatro horas. E era assim, tipo um rodízio, tanto podia ser de uma às duas da tarde, podia ser de dez da noite as onze. Naquele horário, a pessoa ia e o papai ia com ela. O papai tava com seis anos naquela época, Então o papai passou, assim, a ter o papel de um marido, sabe? Que o papai que fazia essa companhia pra vovó pra fazer isso aí. Então, eu acho assim, que, de repente, ele pode ter vindo pensando que aqui teria terras maiores e com mais facilidade. A casa de onde eles saíram (da Espanha), era tipo uma chácara, não era uma casa ruim, entendeu? Era uma casa bem interessante⁵⁹.

⁵⁷ Segundo Luis Felipe Pondé, embora o nome possa aparentar, o País Basco não é uma nação independente, mas sim uma comunidade autônoma que pertence à Espanha. Ver: PONDÉ, Luis Felipe. PAÍS BASCO Identidade, Nacionalismo e Comunidade Europeia. **Latitudes**. 2024. Disponível em: https://www.latitudes.com.br/wp-content/uploads/2024/04/PAIS-BASCO_com-Luiz-Felipe-Ponde_-ABR-2024.pdf. Acesso em: 18 ago. 2024.

E, também, “além de ocupar parte do território espanhol, em sua porção norte, os bascos também habitam parte do sul da França, onde a convivência é mais pacífica, em razão do fato de apenas 10% daquilo que seria propriamente o país dos bascos se localizar em território francês. Os bascos passaram a ser parte do território da Espanha a partir do século XV, tendo sua divisão com a França solucionada no século XVII. Apesar disso, os bascos conquistaram, ao longo do tempo, uma relativa autonomia, diferentemente, até então, das demais etnias localizadas no território espanhol”. Ver: PENA, Rodolfo Alves. **Movimentos separatistas na Espanha – Bascos e Catalães**. Disponível em: <<https://cprepmauss.com.br/site/wp-content/uploads/2020/10/Movimentos-Separatistas-na-Espanha-%E2%80%93-Bascos-e-Catal%C3%AAs-2020.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

⁵⁸ FARÍAS, R. **La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960**. Santiago de Compostela. Tesis Doctoral. Universidad Santiago de Compostela, 720 p. 2010. p. 48.

⁵⁹ Depoimento de Regina Marta Alvarez Santos, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

A fala de Regina mostra uma rotina difícil de sua família, ao mesmo tempo, mostra uma motivação comum entre muitos emigrantes: a busca por um lugar com terras maiores e uma vida menos dura. A família provavelmente pensava que no Brasil haveria mais recursos e facilidades, bem diferente das dificuldades que passavam na Espanha. O fato de terem saído de uma "chácara" indica que, mesmo não sendo extremamente pobres, as dificuldades econômicas e a falta de água ainda os levaram a procurar uma vida melhor em outro país. Esse relato de Regina é acompanhado pela citação de Carlos Magno, ao escrever sobre a história de Gaspar Bravo Rodrigues⁶⁰ na aldeia de Guajár Fondón, província de Granada,

Gaspar, sendo lavrador, no cultivo de suas terras era ajudado por seu filho João, que contava com dez anos de idade. A irrigação de seus terrenos, por determinação da comissão local de uso de águas, só poderia ser feita de meia-noite até uma hora da manhã, e a do seu vizinho de uma às duas horas, e assim por diante. Como Gaspar tinha muitas dores de cabeça, e quando em crise não podia se submeter à friagem das gélidas noites de sua terra, essa irrigação era feita por seu filho João que, além da sua, fazia a irrigação para o vizinho, que era aleijado⁶¹.

A emigração espanhola é um movimento que se fez mais saliente no início do século XX e, segundo Blanca Alonso, ocorreu principalmente nos anos anteriores da Primeira Guerra Mundial⁶². A razão dessa concentração temporal do movimento no início do século, segundo Zamorano Blanco, visto pela perspectiva de longa duração, é que “a Espanha viveu entre 1880 e 1930, de certa forma tardia e às vezes peculiar, o mesmo que havia ocorrido no ocidente europeu mais desenvolvido algumas décadas antes”⁶³.

Durante as últimas décadas do século XIX, as taxas de emigração espanholas são baixas, se comparadas a outros países europeus, isso porque,

⁶⁰ Segundo o site do Arquivo Público do Espírito Santo, Gaspar Bravo Rodrigues teria chegado no Espírito Santo em 1892, já, de acordo com Carlos Magno Rodrigues Bravo e algumas entrevistadas, teria chegado em 1891. Ver: BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES...** p. 40.

⁶¹ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES...** p. 40.

⁶² ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 7.

⁶³ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**. Tese (Doutorado em História). Facultad de Geografía e Historia Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea Programa de doctorado “Fundamentos de la Investigación Histórica”. Universidad De Salamanca. Salamanca. 2010. p. 42.

segundo Alonso, houve, por parte do governo espanhol, “uma política protecionista consideravelmente reforçada pela depreciação da peseta⁶⁴, este último fator ausente em outros países europeus como a Itália”⁶⁵. Assim, apesar da crise agrária pelas quais passavam as regiões espanholas, a proteção governamental reteve a população no campo, sendo que a crise viria a ser sentida na primeira década do século XX quando a proteção se amenizou devido à valorização da peseta, tornando-se um período de forte emigração⁶⁶.

Um exemplo que retrata a dificuldade enfrentada por camponeses espanhóis de finais do século XIX e início do século XX e que acompanha os fatores apresentados neste capítulo aparece nos documentos familiares consultados para esse trabalho. É o documento privado escrito por Dircinha Portela Carvalho, residente no município de Alegre-ES, que relata sobre a vida de seus antepassados na Espanha.

Viviam da agricultura, principalmente do cultivo da batata e da uva. Possuíam uma pequena adega e fabricavam vinho. Queixavam-se muito da desvalorização da agricultura e do baixo custo dos produtos que colhiam. Todos estudaram os primeiros anos escolares e praticaram religiosamente o catolicismo⁶⁷.

O relato de Dircinha Portela Carvalho insere seus antepassados no contexto aqui apresentado visto a dificuldade que passavam na Galícia. Além da crise no campo, outro fator espanhol que influenciou na emigração foi que, em pleno século XIX, a Espanha era um país que ainda detinha características do Antigo Regime. De acordo com Silvia Helena Alegre, no século XIX, cerca de 68% das terras espanholas encontravam-se nas mãos da alta nobreza e do clero que, juntos, não somavam mais de 5,3% da população, caracterizando a má distribuição das terras e, conseqüentemente, a má distribuição da riqueza no país⁶⁸.

⁶⁴ Moeda espanhola até a chegada do euro.

⁶⁵ ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 7.

⁶⁶ ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 7-8.

⁶⁷ Texto memorial da senhora Dircinha Portela Carvalho, descendente de espanhóis e residente no município de Alegre que, gentilmente, cedeu seu arquivo pessoal para esta pesquisa através de seu filho, Leonardo Portela Carvalho, entrevistado deste trabalho. Nesta menção, Dircinha se refere à família de seu antepassado Bernardino Portela Lomba, nascido em 1903 em Pontevedra na região da Galícia.

⁶⁸ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 163-164.

Essas características, remanescentes ainda dos antigos tempos de relações feudais, proporcionavam aos nobres detentores de terras o controle das burocracias locais exercendo poder sobre os habitantes. No início do século, em 1803, a população espanhola era de 10.268.000 habitantes e, destes, somente 6.650.000 formavam a população ativa e, cerca de 85% desta, se dedicava ao trabalho agrícola⁶⁹.

Outro fator condicionante para a emigração não só na Espanha, mas em vários lugares da Europa da segunda metade do século XIX, foram os flagelos que atacaram as vinhas. Diversos lugares além da Espanha, como a região do Trente e a França, também foram afetados. Chamada de “filoxera”⁷⁰, essa praga atacava tanto a folha da planta como suas raízes. E a Espanha não foi poupada dessa peste que atingiu, principalmente, o pequeno proprietário espanhol das regiões de Almeria, Granada e Málaga, sendo um fator determinante para a emigração constatada na Andaluzia⁷¹, por exemplo. Nesse momento, destaca-se que qualquer tipo de crise da agricultura, como epidemias nas plantações, chuvas de granizo ou até mesmo as secas, se tornavam fatores para ocasionar a expulsão dos menos favorecidos⁷². Reforçando os dizeres acima, Zamorano Blanco reflete que:

La transición económica y demográfica que se desarrollaba lentamente en España desde mediados del siglo XIX vino a agravarse en las últimas décadas del siglo con la llegada a España de la filoxera, que aniquiló las

⁶⁹ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 164.

⁷⁰ Segundo o site do AgroBayer, “a filoxera (*Daktulosphaira vitifoliae*) é um pulgão sugador que pode causar danos severos na cultura da videira. Isso ocorre em função do comportamento e do ciclo de vida desse inseto. A filoxera foi identificada pela primeira vez em 1856, no nordeste dos Estados Unidos. O problema começou em meados do século XIX, quando os agricultores americanos começaram a cultivar videiras no Novo Mundo. A vinha cultivada foi a vinha européia (*Vitis vinifera*), única espécie de uva utilizada para a produção de vinhos finos. Portanto, essa era a espécie mais cultivada nos vinhedos. Porém, inexplicavelmente, todas as tentativas de plantio dessa espécie na América falharam. Provavelmente, isso ocorreu em função da filoxera e do oídio, outra praga agressiva que também ataca as vinhas. De alguma forma, essas plantas contaminadas foram levadas à Europa. O primeiro surto da praga foi identificado em 1863 na cidade de Pujaut, na França, e em Hammersmith, na Inglaterra.

Desde então, a praga se espalhou rapidamente. Em quinze anos, 40% dos vinhedos europeus foram comprometidos. Até o fim do século XIX, o pulgão já havia sido detectado em quase todos os continentes, criando uma pandemia que durou quase 40 anos. Os efeitos dessas infestações podem ser observados até hoje. Ainda existem vinhedos abandonados por conta da presença desse pulgão em vários países europeus”. Ver: **Filoxera: conheça a praga do vinho**. Disponível em: <https://www.agro.bayer.com.br/conteudos/filoxera>. Acesso em: 18 ago. 2024.

⁷¹ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 169-170.

⁷² MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 244.

viñas francesas y españolas. La vid, tan extendida por la península por su adaptabilidad, facilidad de cultivo y buena salida comercial, transmitió su agonía a los cultivadores con rapidez. Para muchas familias, la pérdida de esa saneada fuente de ingresos fue la gota que colmó el vaso de la angustia económica, que forzó la decisión de migrar⁷³.

Além das pragas, o contexto político-militar de finais do século também pode ser considerado outro fator causal das migrações. De acordo com Marília Klaumann Cánovas, os anos finais do século XIX foram especialmente tumultuados⁷⁴. Afinal, em poucos meses, a Espanha perdia o que lhe restava das suas possessões coloniais: Filipinas, Porto Rico e Cuba, ocupada pelos Estados Unidos entre 1906 e 1909, e com os quais ainda enfrentava uma guerra. Essas perdas territoriais e a consequente crise financeira que o país enfrentou também representaram não só danos materiais, mas também a perda de prestígio perante os outros países europeus da época.

Durante o século XIX, a Espanha ficou marcada por conflitos bélicos e turbulências políticas. Como se não bastasse a invasão francesa de Napoleão Bonaparte e as guerras de independência da América espanhola do início do século, a Espanha também se envolveu em conflitos com Cuba, Filipinas e Marrocos, sendo que, nesses últimos confrontos, houve a obrigatoriedade dos jovens espanhóis entre 17 e 25 anos se alistarem no serviço militar e, consequentemente, participarem das batalhas⁷⁵.

Nesse momento, até mesmo militares da reserva foram convocados para guerrear em Cuba, como publicado pelo jornal capixaba *O Cachoeirano* de 7 de abril de 1895: “o governo hespanhol chamou ás armas 20.000 homens da reserva para substituírem os da activa que seguem para Cuba, onde consta terem os revoltosos

⁷³ A transição econômica e demográfica que estava se desenvolvendo lentamente na Espanha desde a metade do século XIX agravou-se nas últimas duas décadas do século com a chegada à Espanha da filoxera, que destruiu vinhedos franceses e espanhóis. A videira, tão difundida em toda a península por sua adaptabilidade, facilidade de cultivo e bom escoamento comercial, transmitiu sua agonía aos produtores rapidamente. Para muitas famílias, a perda dessa fonte saudável de renda foi a gota d'água para a angústia econômica, que obrigou a decisão de migrar. Tradução nossa. ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**. p. 44.

⁷⁴ CÁNOVAS, Marília Klaumann. “O imigrante espanhol, peregrino de paisagens imaginárias, e o movimento massivo para o Brasil”. Apud: **Revista Interdisciplinaria sobre imaginarios sociales**. p. 154.

⁷⁵ PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880-1920...** p. 70.

obtido notavel triumpho”⁷⁶. Quatro meses passados dessa notícia, o mesmo jornal expõe que a situação em Cuba exigia mais militares espanhóis: “o governo hespanhol resolveu enviar ao marechal Martínez Campos, em setembro próximo, mais 30.000 homens de reforço, para suffocar a revolta da ilha de Cuba”⁷⁷, totalizando o efetivo de 180.000 militares espanhóis presentes em Cuba no ano de 1895, conforme o periódico. Segundo Elaine Veiga Porta, nesse momento de insanas convocações militares, deixar o país passou a ser a única maneira das famílias pobres evitarem que seus jovens fossem convocados para as guerras⁷⁸.

Assim, o medo das convocações militares realizadas pelo Estado espanhol no final do século XIX, por causa da perda das colônias americanas em 1898, foi um fator que forjou a saída de muitos espanhóis. Segundo Alonso, esse medo era sentido principalmente pelos jovens espanhóis que, para evitar o serviço militar de três anos, recorriam à emigração clandestina. A fuga dos jovens trazia consequências negativas para as famílias, pois elas perdiam importantes braços para ajudar no sustento, ficando, assim, desprovidas de importante mão-de-obra para os trabalhos⁷⁹. As convocações militares restringiam a vida de muitos camponeses espanhóis ainda mesmo na década de 1920, como se vê no caso do senhor Bernardino Portela Lomba:

Em 1º. de agosto de 1924 ingressou no exército espanhol cumprindo o tempo de serviço na 1ª fase do Serviço Ativo, durante quatro anos. Não fez manobras, nem instruções militares, mas ficava subordinado ao Comando Militar e tinha que passar Revista Anual. Não podia mudar-se de residência, viajar, emigrar, nem contrair matrimônio⁸⁰.

Lojo e Vázquez, seguindo os argumentos de Alonso, afirmam que o serviço militar foi um dos fatores importantes para expulsar os moços galegos e andaluzes, pois suas famílias não tinham a quantia necessária para pagar a dispensa do serviço

⁷⁶ *O Cachoeirano*. Cachoeiro de Itapemirim. p. 1. 7 de abril de 1895. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217719&Pesq=espanhol&pagfis=2968>. Acesso em: 27 de março de 2021.

⁷⁷ NOTÍCIAS diversas. *O Cachoeirano*. Cachoeiro de Itapemirim. p. 1. 4 de agosto de 1895. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217719&Pesq=espanhol&pagfis=3036>. Acesso em: 27 mar. 2021.

⁷⁸ PORTA, Eliane Veiga. *Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880-1920...* p. 45.

⁷⁹ ALONSO, Mª Ángeles Sullé. *La Emigración Española en América: historias y lecciones para el futuro*. Fundación Directa. 2009. p. 22.

⁸⁰ Texto memorial da senhora Dircinha Portela Carvalho.

militar⁸¹. Nesse momento, seguir o caminho da emigração clandestina tornava-se menos custoso que pagar as cotas suficientes para a isenção de serviço militar⁸².

Para fins comparativos com a evasão do serviço militar espanhol também no final do século XIX, menciona-se o que aconteceu na região do Trento (região que estava sob domínio austríaco durante o século XIX, mas que era de língua e cultura italiana)⁸³. Nesse momento, os camponeses trentinos eram os mais visados pelas autoridades, não só por serem a parte mais numerosa da população, mas também porque as pessoas que possuíam melhores condições econômicas podiam fazer-se substituir pelos menos favorecidos, como muitos camponeses, no caso, pagando certa quantia de dinheiro que os liberava do recrutamento. Assim, muitos homens em idade de serviço militar emigravam, fugindo das autoridades militares austríacas, que estavam muito atentas ao processo de recrutamento para fortalecer o exército perante as guerras que a coroa Austro-Húngara se envolvia⁸⁴.

Além da questão militar como fator causal, Juan Andrés Blanco e Arsenio Dacosta, pesquisadores da emigração espanhola, trazem a reflexão de que existe uma cultura migratória que facilita a tomada de decisão para emigrar, sendo que a propensão a mudar para outros lugares estaria conectada em ocasiões com a maior alfabetização⁸⁵. O autor Fuentes Hernández Perez também menciona que até as décadas finais do século XX, a Espanha caracterizou-se por ser um país com forte

⁸¹ LOJO, Maria Xosé Vázquez; VÁSQUEZ, Raúl Soutelo. **Emprendedores reños en tempos duros. A integración dos galegos en Venezuela e no Brasil durante o século XX**. Espanha. Editores: Ourense, Deputación Provincial de Ourense, 2015. p. 58.

⁸² ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 47.

⁸³ O Império austríaco, no século XIX, era um gigantesco emaranhado de povos com enormes diferenças culturais, geográficas e linguísticas. Nesse estado, muitos trentinos, apesar de serem de cultura italiana, consideravam-se austríacos e não italianos (CORRÊA, 2014, p. 28). Em vista disso, o Império Austro-Húngaro foi o terceiro país que mais enviou emigrantes para o novo mundo, só perdendo numericamente para a Itália e para as Ilhas Britânicas, pois 1,3 milhões de emigrantes deixaram o país entre 1906 e 1910 (CORRÊA, 2014, p. 30).

⁸⁴ GROSSELLI, Renzo M. **Colônias imperiais na terra do café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras**. Espírito Santo, 1874-1900 /Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008 – (Coleção Canaã, v.6), p. 60.

⁸⁵ BLANCO RODRIGUEZ, Juan Andrés; DACOSTA, Arsenio. “Emigración y asociacionismo español en América”. Apud: **Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Fernando de Sousa, ed. Pp. 498–533. Oporto: CEPESE. 2014. p. 503.

tradição emigratória, tendo milhões de espanhóis se deslocado internamente ou externamente à Europa⁸⁶.

Assim como Blanco e Dacosta, a autora Blanca Alonso também argumenta que um fator determinante para o ato de deixar o país é a alfabetização. Primeiro, porque indivíduos que são alfabetizados conseguem ter melhor acesso às informações que chegam dos outros países e, segundo, porque a alfabetização potencializa a decisão de emigrar, pois pessoas alfabetizadas têm maior chance de conseguirem empregos com melhores salários nos países receptores⁸⁷. Para elucidar essa questão, exemplifico o caso de Maria Fernández Machado, nascida em 1936 e vinda para o Brasil no ano de 1950, hoje residente no município de Alegre-ES, relata que

aqui (no Brasil), (não estudei) nón. Lá (na Espanha) eu estava estudando. Lá eu estava! A minha professora pediu a mãe e queria me pegar pra ficar com ela, minha professora. Minha mãe disse 'nón, minha filha nón dou pra ninguém nón'. Não deixou eu nón, de jeito nenhum⁸⁸.

Outro fator estimulante para a emigração foi a melhora nas condições de viagem. Para Eric Hobsbawm, o avanço da industrialização e movimentos populacionais andam juntos, pois o desenvolvimento econômico moderno propicia facilidade nos deslocamentos, “tornando-os tecnicamente baratos e mais simples através de comunicações novas e melhores, assim como evidentemente permite ao mundo manter uma população bem maior”⁸⁹. De acordo com Jair Ramos, até a década de 1860, as viagens eram feitas em veleiros que transportavam cerca de cem ou duzentas pessoas, numa viagem que gastava de seis semanas a dois meses de duração entre Portugal e Brasil, por exemplo⁹⁰. Porém, na segunda metade do século XIX, as redes ferroviárias se desenvolveram e o uso de navios à vapor se generalizou na Europa, permitindo viagens de mais longas distâncias de modo mais rápido, mais seguro e menos custoso.

⁸⁶ PÉREZ, Fuentes Hernández, Pilar; Pérez Pérez, José Antonio; Sallé Alonso, M^a Ángeles. **Memorias de la emigración española a América**. Fundación Directa – Ministerio de Trabajo e Inmigración, Madrid. 2009. p. 7.

⁸⁷ ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 271.

⁸⁸ Depoimento de Maria Fernandez Machado, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁸⁹ HOBBSBAWM, Eric. **A era do capital**. Trad. Luciano Costa Neto. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 203.

⁹⁰ RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2006. p. 55.

Ruy Farias, em consonância com Eric Hobsbawm e Jair Ramos, reforça a ideia das melhorias nas condições de viagem decorrentes da Revolução dos Transportes, iniciada na década de 1870. Segundo ele, essa revolução introduziu a navegação a vapor, com embarcações que substituíram a vela pela propulsão a vapor e trocaram os cascos de madeira por ferro, posteriormente, por aço. Essas inovações reduziram o tempo de travessia no Atlântico de três meses para cerca de um mês e, em alguns casos, para apenas oito ou dez dias. Tal avanço proporcionou não apenas maior segurança, mas também um alívio psicológico aos passageiros, uma vez que o tempo de viagem foi significativamente encurtado⁹¹.

Os navios à vapor tinham seus custos encarecidos caso ficassem parados nos portos por muito tempo, por isso, as companhias de navegação que faziam os trajetos para a América se empenhavam em manter sempre os navios em movimento, viajando. Dessa forma e, com o avançar do movimento migratório, muitas companhias passaram a fazer o trajeto para a América de forma regular com datas marcadas, o que as levavam à fim de obter determinado número de emigrantes para embarcar no navio para evitar que as viagens fossem feitas com poucas pessoas. Assim, essas companhias se envolviam na obtenção de passageiros, principalmente através das propagandas⁹² e, como as empresas necessitavam de um bom fluxo de passageiros, se fazia uma ativa propaganda a fim de evitar as más notícias que chegavam sobre as condições da emigração⁹³.

Com a maior procura pela emigração, ocorre o aumento das agências de emigração. Essas agências se tornam responsáveis por vender passagens, orientar os emigrantes e realizar os trajetos da Espanha para a América. Para realizar essas atividades que incluíam a propaganda em regiões interioranas da Espanha, as agências contavam com os agentes locais de recrutamento, que também figuraram em diversos países europeus que estavam se tornando exportadores de mão de obra. No caso espanhol, esses agentes eram chamados de *ganchos*⁹⁴. De acordo com Marília Klaumann Cánovas,

⁹¹ FARÍAS, R. **La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960...** p. 49.

⁹² RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco..** p. 55-56.

⁹³ BLANCO RODRIGUEZ, Juan Andrés; DACOSTA, Arsenio. **Emigración y asociacionismo español en América...** p. 501.

⁹⁴ Na bibliografia aqui consultada para escrita dessa tese, os agentes espanhóis recrutadores de emigrantes recebem vários nomes, entre eles: ganghos, ganchos ou engauchadores. Aqui, está se utilizando somente o nome ganchos.

esses agentes eram pessoas contratadas pelas companhias de navegação ou pelo governo dos países receptores para tentar persuadir possíveis emigrantes, facilitando a obtenção de documentos ou até mesmo a sua falsificação. Por vezes, os *ganchos* encareciam os preços das passagens e ofereciam empréstimos a juros elevados, sendo que muitos possuíam pensões próximas aos portos de embarque⁹⁵.

Nesse cenário, os *ganchos* eram pessoas que atuavam nas vilas e nas cidades recrutando pessoas para emigrar. Eles eram responsáveis por vender passagens, ler cartas e respondê-las, além de venderem um imaginário das Américas. De acordo com Elda González Martínez, que analisou o caso das emigrações realizadas no porto inglês de Gibraltar⁹⁶, esse era um período de explorações e amoralidades, cometidas, muitas vezes, até mesmo por policiais disfarçados⁹⁷. Atuavam também como *ganchos*, não só os agentes, mas também secretários de ajuntamentos locais, farmacêuticos ou indivíduos que possuíam boas relações e boas conversas. Marília Cánovas ainda conta que recebiam das companhias cerca de 5 a 10 libras por cada candidato a emigração que convenciam e mandavam para o porto⁹⁸.

Os agentes de recrutamento para a emigração, muitas vezes, exageravam as possibilidades de emprego e ocultavam difíceis situações de trabalho no país de destino. Faziam isso porque, de acordo com Alonso, eles “recebiam uma quantidade por emigrante conseguido”⁹⁹. Os agentes se ocupavam dos trâmites da documentação necessária para o embarque, ocasiões de trabalho, obtenção da passagem e, às vezes, atuavam falsificando documentos também. Os agentes de recrutamento, frequentemente também, favoreciam a emigração clandestina,

⁹⁵ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana 1890-1922**. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo: 2007. p. 84.

⁹⁶ Gibraltar é um território que fica ao sul da Espanha, mas que é uma posse inglesa.

⁹⁷ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 243.

⁹⁸ CÁNOVAS, Marília Klaumann. *El Diario Español* y las asociaciones españolas en São Paulo, en las primeras décadas del siglo XX. Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.). **El asociacionismo en la emigración española a América**. Zamora: UNED Zamora/Junta de Castilla y León, 2008. p. 394.

⁹⁹ ALONSO, M^a Ángeles Sullé. **La Emigración Española en América...** p. 24.

ajudando no embarque em portos estrangeiros como, Gibraltar, Lisboa, Marselha¹⁰⁰, onde era mais fácil escapar das legislações espanholas que cercearam a emigração.

Essas atitudes exploradoras dos *ganchos* fizeram com que o governo brasileiro instalasse, em 1896, em Málaga, uma cidade portuária da Andaluzia do sul da Espanha, de onde saíam muitos espanhóis para o Brasil, um Escritório Oficial de Inspeção, onde os comissários que realizavam as triagens “cuidavam para que não fossem (ainda mais) ludibriados pelos agentes contratadores ou *ganchos*”¹⁰¹. Também conhecidos como “mediadores” ou “fiadores”, esses comissários também podiam atuar a serviço das políticas migratórias dos países receptores latino-americanos. De acordo com Maria Ángeles Alonso, seu trabalho também incluía relatar “condições de vida e de trabalho, embora nem sempre com veracidade”¹⁰². Por vezes, com o mesmo objetivo, os comissários publicavam guias publicitários sobre o seu país, mas, devido ao baixo nível de alfabetização da população rural, as informações eram comunicadas principalmente de forma verbal.

À exemplo do que o Brasil fez em 1896, o governo argentino também abriu escritórios em Madrid e Barcelona, por exemplo, com a finalidade de evitar os abusos por parte dos *ganchos*, informar e atrair imigrantes para o país sulamericano, sendo que até “construyeron un Hotel de Inmigrantes en Buenos Aires donde el recién llegado tenía derecho a manutención y alojamiento por unos días, además de facilitar el transporte y la colocación de quienes lo necesitasen”¹⁰³.

Apesar desse aspecto de “explorador” ou de “proveitador” que os agentes de emigração recebem por parte da literatura aqui consultada para escrita, nem sempre se deve imputar aos agentes essas imagens de alguém disposto a prejudicar o emigrante. De acordo com Érica Sarmiento, a figura do agente de emigração, não necessariamente, tinha de estar associada a um explorador ou alguém que só “visava o lucro passando por cima da dignidade dos patrícios, podia ser uma pessoa

¹⁰⁰ ALONSO, M^a Ángeles Sullé. **La Emigración Española en América...** p. 24.

¹⁰¹ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana 1890-1922**, Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo: 2007. p. 84.

¹⁰² ALONSO, M^a Ángeles Sullé. **La Emigración Española en América...** p. 24.

¹⁰³ Até construíram um hotel para imigrantes em Buenos Aires onde o recém-chegado tinha direito a alimentação e alojamento por alguns dias, além de facilitar o transporte e a colocação de quem precisa. Tradução nossa. ALONSO, M^a Ángeles Sullé. **La Emigración Española en América...** p. 26.

que realizava um serviço, à custa de alguma garantia econômica, já que vivia disso”¹⁰⁴.

Além de todo o custo material para o deslocamento até os portos de embarque, os migrantes também tinham um desgaste psicológico muito grande, pois muitos, pela primeira vez, tinham que estar em contato direto com pessoas que nunca haviam visto antes, além de ter que enfrentar as incertezas que os cercavam no momento sobre as condições do destino final e se conseguiriam chegar até ele. Dependendo do momento que se tomava a decisão de emigrar, a legislação podia ser sufocante demais, fazendo com que muitos espanhóis tivessem que optar pela emigração clandestina, o que gerava mais sentimentos de ansiedade e insegurança.

A tensão experimentada por muitos imigrantes é retratada no romance "Gallego", escrito em 1983 pelo autor cubano Miguel Barnet. Neste livro, a história do personagem Manuel Ruiz é utilizada para descrever o percurso de sua residência até a estação ferroviária, de onde ele e sua família partiriam rumo ao porto de embarque, a fim de emigrar em navios a vapor:

La estación estaba a varias leguas de mi casa y era un cobertizo pestilente, la verdad. Parecía un colmenar de lo atiborrado que estaba de gente. Madres y padres despidiendo a los hijos mozos, novias llorando, hermanas de Magdalenas, en fin, un verdadero ir y venir. [...] Recuerdo que pasé mucho en aquel tumulto, entre los pies llagados, el hambre y la espera. Estaba un poco amoscado. Me había quedado solo ya. La aldea estaba lejos. Por primera vez salía yo al río de la multitud. [...] Allí conocí a muchos de mi edad, y hasta más jóvenes, que iban a lo mismo¹⁰⁵.

Esse relato do personagem Manuel Ruiz descreve como as mudanças são bem agudas nas trajetórias dos migrantes e atuam em todos os sentidos. Zamorano Blanco comenta sobre as mudanças e o migrante que,

desde ante de zarpar del puerto hasta que desembarca en América, vive en una situación tensa, en contacto con otros como él, y se ve sometido a numerosas presiones. Al terminar, el emigrante se habrá convertido en

¹⁰⁴ SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Xeografía e Historia, USC, Santiago de Compostela, Espanha, 2006. p. 200.

¹⁰⁵ A estação ficava a várias léguas da minha casa e era um galpão fedorento, na verdade. Parecia um apiário de como estava lotado de pessoas. Mães e pais se despedindo de crianças pequenas, namoradas chorando, irmãs Magdalenas, enfim, um verdadeiro vai e vem. [...] Lembro que passei muito naquele tumulto, entre pés doloridos, a fome e a espera. Eu estava um pouco receoso. Eu estava sozinho agora. A aldeia ficava longe. Pela primeira vez, eu saía ao rio da multidão. [...] Ali conheci muitos da minha idade, e até mais jovens, que iam ao mesmo. Tradução nossa. BARNET, Miguel: "Gallego". La Habana, Letras Cubanas, 1983, pp. 29-31. Apud: ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 68.

inmigrante; será mirado de otra forma completamente distinta por las instituciones y por la sociedad del nuevo país, pero también habrá quedado “marcado” para los compatriotas que se quedan¹⁰⁶.

As diversas dificuldades enfrentadas por muitos espanhóis no momento de emigrar já aparecem nos relatos dos entrevistados desta pesquisa. Ao rememorar a viagem de sua bisavó para o Brasil, a senhora Odahyses Espinosa Bravo Barbosa, residente no município de Alegre-ES, relata as dificuldades e as incertezas que permeavam não só a viagem, mas também a chegada ao novo destino, como se vê no relato

(Passaram) Muita dificuldade! Muita dificuldade! Chegaram com a roupa do corpo. Meu avô, coitado, no navio, roubaram as roupas dele. Chegaram com a roupa do corpo... meus avós, geralmente, iam pra Nova Granada, em São Paulo, porque eles vinham de Granada... no meio do mar aconteceu um problema no navio, que o navio quebrou, então não tinha mais como sair e ficou aquela fila de criança. Então a minha bisavó, a dona Maria Encarnación, ela tinha uma fé tremenda, a fé da Ester, rainha Ester, da Bíblia. Então, nos três primeiros dias, eles não comeram nada, só tomaram água e deram comida pras crianças. O comandante do navio falou assim “nós não sabemos quando vamos sair daqui, nem se vamos sair, só Deus”. Então ela (dona Maria Encarnación), falou assim “só Deus? Então nós vamos sair”. Então começaram a fazer o jejum da rainha Ester, quando foi no final de três dias, apareceu um navio lá no alto, era um navio inglês. Só que o nosso navio ia pra (Nova) Granada, em São Paulo, aí o comandante do nosso navio falou assim pro comandante do outro navio “olha, mas acontece que nós estamos numa situação muito difícil, o navio não sai, a gente não sabe o que vai acontecer” e o comandante do outro navio falou “mas acontece que eu posso até levar, mas os mantimentos que nós temos só dá até o Espírito Santo, até o porto de Maratáizes (à época, o porto de Itapemirim)”. Então eles vieram pra ali (Espírito Santo)¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Desde antes de deixar o porto até o desembarque na América, ele vive uma situação tensa, em contato com outras pessoas como ele, e se vê sujeito a muitas pressões. Ao terminar, o emigrante terá se tornado um imigrante; será visto de forma completamente diferente pelas instituições e pela sociedade do novo país, mas também haverá “marcado” para os compatriotas que ficam. Tradução nossa. ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 64.

¹⁰⁷ Depoimento de Odahyses Espinosa Bravo Barbosa, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

Imagem 1: crucifixo usado nas orações por Maria Encarnación em sua viagem para o Brasil



Esta é uma foto tirada de uma outra foto do crucifixo utilizado pela senhora Maria Encarnación durante as orações que realizou na viagem para o Brasil. A imagem é arquivo pessoal de Luci Helena Albertazzi Bravo.

O relato acima de Odahyses traz observações como as poucas roupas disponíveis de seu avô, o problema no navio, a falta de comida à bordo e a fé de Maria Encarnación, elementos que não aparecem na bibliografia especializada sobre a Grande Migração, mas que foram revelados e se inserem no contexto do fluxo migratório espanhol para as Américas. Sobre o episódio, Luci Helena Albertazzi Bravo, outra entrevistada da pesquisa, também expõe sua memória

quando eles vieram da Espanha pra cá, em alto mar, o navio sofreu uma pane e teve problemas, ficaram à deriva, até que apareceu um navio de bandeira inglesa, que trouxe eles até o Espírito Santo. E ela (Maria Encarnación), dentro do navio, que estava à deriva, ela juntou todo mundo e botou todo mundo de joelho pra poder rezar, pra tirar eles daquela situação. E aí eu sei que no outro dia, de manhã, com aquela névoa toda, eles rezaram a noite inteira com aquela névoa toda aí apareceu esse navio pra resgatar eles porque tava em perigo mesmo. Esse crucifixo estava junto com o Rosário. O

Rosário acabou, mas ficou o crucifixo. Eles consideravam um milagre porque até o comandante do navio falou que era só Deus que tirava eles daquela situação¹⁰⁸.

Acompanhando os relatos acima sobre a viagem, Oseias Sanches Matos também expõe sua narrativa:

Eu só sei que naquela época quando estavam lá (na Espanha), um grupo veio de lá em busca de uma vida melhor. Essa é a realidade! Então, veio, quando chegou em Vitória, o que que aconteceu? O navio que veio até deu um problema, o pessoal ia pro Rio de Janeiro então (devido ao problema,) teve um pessoal que ficou ali (Benevente, sul do ES). Então foi um grupo nosso pra Linhares e outro veio pro lado do Alegre. Então nessa leva que veio nosso tio pra cá. Eu lembro desse pedaço aí. Veio um pedaço da nossa família pra cá, não veio todo mundo.¹⁰⁹

Os relatos dos três entrevistados, Odahyses, Luci Helena e Oseias, se inserem nas configurações da bibliografia sobre a Grande Migração aqui consultada pois expõem que seus antecedentes vieram em busca de uma vida melhor, o que era o principal desejo dos imigrantes. No meio de seus relatos aparece a descrição de um “problema” no navio, no qual se destaca a figura de Maria Encarnación nas falas de Odahyses e Luci Helena. Estes relatos memoriais semelhantes acontecem porque os indivíduos estão inseridos nas configurações de memória coletiva sobre os acontecimentos.

Conceito central para a investigação aqui proposta, a memória, a priori, parece ser um fenômeno individual e íntimo, porém, Maurice Halbwachs já escrevia nos anos 1920/30 que a memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, submetido a transformações e mudanças, em que o indivíduo faz parte das configurações coletivas de memória, tendo sua memória pessoal entrelaçada com a memória coletiva, como no caso de Odahyses, Luci Helena e Oseias. Dessa forma, a memória coletiva adquire papel essencial na constituição da identidade do indivíduo na medida em que se entrelaça com as experiências de pessoas ou personagens, os quais compartilham um passado comum¹¹⁰.

Corroborando com Halbwachs, para Michael Pollak, as narrativas possuem um núcleo duro, algo que não muda, que

¹⁰⁸ Depoimento de Luci Helena Albertazzi Bravo, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

¹⁰⁹ Depoimento de Oseias Sanches Matos, em entrevista concedida ao autor em 03 de julho de 2023.

¹¹⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

Em todas as entrevistas sucessivas - no caso de histórias de vida de longa duração - em que a mesma pessoa volta várias vezes a um número restrito de acontecimentos (seja por sua própria iniciativa, seja provocada pelo entrevistador), esse fenômeno pode ser constatado até na entonação. A despeito de variações importantes, encontra-se um núcleo resistente, um fio condutor, uma espécie de leit-motiva em cada história de vida. Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais. Por definição reconstrução *a posteriori*, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica¹¹¹.

Outro fator determinante para a emigração que fica saliente na bibliografia consultada para escrita dessa tese é o fator das redes migratórias. Nesse caso, a autora Blanca Sánchez Alonso sinaliza que, para se emigrar, não basta que o país apresente fatores de expulsão, é necessário que haja conhecimento não só das “alternativas de destino possíveis, mas também das diferentes oportunidades que no campo profissional, econômico ou social fazem a emigração aparecer como uma alternativa razoável e desejável”¹¹².

Zamorano Blanco explica que, para compreensão dos fluxos migratórios, não devemos entender a emigração como um ato individual, mas sim, como um desenvolvimento coletivo que se retroalimenta. Para o autor, “nenhum fluxo migratório regular é concebível sem as redes migratórias, entendidas como redes que mobilizam informações, recursos econômicos e apoio moral”¹¹³. Esse tipo de rede nas diversas mobilidades humanas tem sua relevância ressaltada também por Jorge Durand e Carmem Lussi:

A importância das redes em contexto migratório já foi muito explorada como uma categoria que ajudou e ajuda a explicar o fenômeno e as modalidades com as quais seus atores recriam soluções, desfrutam possibilidades e (re)inventam percursos de sociabilidade, mobilidade e reelaboração identitária¹¹⁴.

¹¹¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989. p. 13.

¹¹² ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 267.

¹¹³ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)...** p. 49.

¹¹⁴ DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia e teorias no estudo das migrações...** p. 51.

O fenômeno migratório baseado em redes é um processo complexo, no qual muitas pessoas optam por emigrar para outro país ou cidade devido aos contatos e conexões previamente estabelecidos nesses locais. Essa dinâmica das redes migratórias é amplamente estudada e descrita por diversos autores, como Oswaldo Truzzi, que enfatizam a importância dos laços pessoais na tomada de decisão migratória. Truzzi ressalta que os emigrantes tendem a confiar mais nas informações transmitidas por parentes e amigos que já residem no destino do que nas afirmações de agentes de emigração, cujo principal interesse é o lucro. Nesse sentido, os contatos pessoais se tornam mais confiáveis, pois são baseados em relações interpessoais sólidas, como afirma o autor¹¹⁵.

Alguns dos componentes das redes migratórias eram as cartas escritas por quem já emigrou relatando informações sobre o país de destino. Quem imigrava de volta, após passar um período no país de destino, também trazia informações. Assim, os parentes, amigos e vizinhos ficavam sabendo das melhores condições para conseguir emprego, hospedagem e até o pagamento da passagem, por meio de vínculos formados, em geral, entre os próprios imigrantes. De acordo com Maria Ángeles Sullé Alonso

Los lazos de parentesco, amistad y vecindad entre los que se fueron y los que se quedaron generaron abundante información, rebajaron los costes de la migración, elevaron sus beneficios y mitigaron los riesgos. Estas redes constituyeron un capital social imprescindible a la hora de acceder a mercados de trabajo fuera de España¹¹⁶.

As redes migratórias influenciavam até mesmo aquelas pessoas que não tinham necessidade de emigrar, pois possuíam uma boa condição na Espanha. É o caso dos pais de Maria Fernández Machado. Sobre sua vinda para o Brasil e de seus pais, relata que

Me lembro i tudo... a vinda da xente, veio pra esse Brasil, sabe, é uma coisa que era do meu pai, né. Um tio meu foi lá (na Espanha) e induziu o papai pra vir pra cá e ele veio. E ele veio primeiro, depois de sete meses, aí meu pai

¹¹⁵ TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. Apud: **Tempo Social: revista de sociologia da USP**. São Paulo: 2008. V: 20, n:1, p. 199 – 218. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12567/14344>. p. 206. Acesso em: 11 e maio de 2024.

¹¹⁶ Os laços de parentesco, amizade e vizinhança entre quem saiu e quem ficou geraram abundantes informações, baixaram os custos da migração, aumentaram seus benefícios e mitigaram os riscos. Essas redes constituem um capital social essencial para o acesso aos mercados de trabalho fora da Espanha. Tradução nossa. ALONSO, M^a Ángeles Sullé. **La Emigración Española en América: historias y lecciones para el futuro...** p. 23.

enviou uma carta de chamada pra minha mãe vir pra cá. Aí o meu pai veio com três filho, dois meninos e uma menina e fiquei eu e mais outra menina lá, fiquei sete meses na Espanha. Aí biemos pra cá. Mas a xente passou por muitas coisas, por muitas provações¹¹⁷.

E continua

mas foi uma loucura, falar a verdade, meu pai vir pro Brasil. Foi! Porque minha mãe nón tinha necessidade, o papai também nón tinha nón, porque nós tinha terra lá. Aí un dia minha irmã falou assin “puxa vida, mãe, a xente vai viaxar em navio mai o dinheiro que a senhora gastou vai ficar tudo fundo do mar?”... papai que quis vir, que a mamãe nón queria nón. Nós tinha condição de morar lá muito bem... aí o meu tio fez a cabeça do papai. A mamãe nón queria vir, mas o papai veio e acompanharu ele depois de sete meses....

Observando as lembranças de Maria Fernandez, percebe-se como as redes migratórias foram decisivas na decisão de sua família emigrar para o Brasil. Com o relato, percebe-se que a memória é muito mais do que um mero arquivo do passado, ela é a tecelã dos fios do tempo, entrelaçando lembranças e experiências para criar um tecido único e em constante evolução. Para David Lowenthal, em vez de apenas reter o que já foi, a memória transforma o passado em uma ferramenta dinâmica para enriquecer o presente. Não são apenas recordações estáticas, são reconstruções vivas, moldadas por nossas ações e percepções atuais, num processo contínuo de reinterpretar e redefinir o mundo ao nosso redor. Assim, a memória não é apenas um arquivo, mas um laboratório onde o passado e o presente se encontram para criar o futuro¹¹⁸.

A decisão de emigrar fomentava muitos questionamentos entre os emigrantes. Por exemplo: como um camponês da região da Galícia poderia saber que ganharia mais trabalhando na Argentina do que ficando na Espanha? Os custos da viagem e o custo psíquico de deixar a família e entes queridos seriam recompensados na América? Nesse momento de decidir ou não pela emigração pesavam tanto as esperanças quanto as perspectivas de sucesso ou fracasso. É

¹¹⁷ Depoimento de Maria Fernandez Machado, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

¹¹⁸ LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado...** p. 103.

quando a rede de informações exerce um papel importante na emigração¹¹⁹. Mediante o retorno de emigrantes pioneiros e da chegada de cartas, as pessoas tomam ciência do que se passa no possível destino. Esses contatos e trocas de informações entre amigos e parentes que conhecem os locais de destino são as chamadas redes migratórias, que, de acordo com Blanca Sánchez Alonso, podem ser definidas como:

o mecanismo pelo qual os futuros emigrantes tomam conhecimento das oportunidades, recebem eventualmente meios de transporte e obtêm os seus primeiros locais de residência e emprego através de relações sociais primárias com os emigrantes anteriores¹²⁰.

Tendo apresentado fatores gerais importantes para a emigração espanhola durante o final do século XIX e início do século XX, como a crise nos campos e as pragas, o contexto político e militar da época, as melhoras nas condições de viagem, o papel das agências e agentes de emigração e as redes migratórias, avançamos, com alguns números e destinos acerca do fluxo migratório espanhol.

Os países da América receberam diferentes quantidades de espanhóis durante os séculos XIX e XX. Segundo Maria Ángeles Alonso, Argentina e Cuba foram os países preferidos entre os anos de 1882 e 1930, enquanto Brasil, Uruguai, México e Chile foram destinos secundários nesse período¹²¹. Juan Andrés Blanco Rodríguez¹²² afirma que os emigrantes espanhóis tiveram como principais destinos no continente americano no período de 1880 até 1930 a Argentina, com 48% do fluxo migratório, Cuba e Porto Rico, com 34%, e o Brasil, com 8%. Elda González, por sua vez, diz que a Argentina recebeu 82% do total de espanhóis nesse período, sendo que, de 3.297.312 de espanhóis embarcados para a América, cerca de 1.594.622 foram para a Argentina e 1.118.968, para Cuba¹²³.

Um dos fatores que justifica esse maior direcionamento para Argentina e Cuba são as afinidades culturais derivadas da vinculação colonial. Enquanto os

¹¹⁹ ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 36.

¹²⁰ ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 37.

¹²¹ ALONSO, M^a Ángeles Sullé. **La Emigración Española en América...** p. 26.

¹²² BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.). **El asociacionismo en la emigración española a América**. Zamora: UNED Zamora/Junta de Castilla y León, 2008. p. 31.

¹²³ MARTINEZ, Elda Evangelista González. O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 239.

emigrantes italianos foram para todos os continentes devido às condições do mercado mundial de trabalho¹²⁴, os espanhóis, assim como os portugueses, podiam emigrar para suas antigas colônias, onde encontraram a facilidade de lidar com a mesma língua e proximidade cultural. De acordo com Yáñez Gallardo, os imigrantes espanhóis foram o contraponto branco e livre à imigração forçada de escravizados negros trazidos para Cuba. Segundo esse autor, no século XIX, a ilha cubana recebeu a principal corrente espanhola emigratória para a América¹²⁵.

Blanca Alonso concorda com os autores acima citados, ao colocar que “Argentina, Cuba e Brasil na América Latina, junto com uma emigração sazonal para a Argélia e, a partir de 1914, a França, monopolizaram mais de 90% do fluxo de emigração espanhola entre 1880 e 1930”¹²⁶ e, ainda segundo a autora, os contatos estabelecidos desde a época colonial foram fatores determinantes para essas preferências.

O caso do Brasil, que será melhor apresentado no próximo capítulo, é diferente porque sua política de passagens subsidiadas, essencialmente ligada aos ciclos do café, “determinou a chegada de imigrantes espanhóis e, em todo caso, o Brasil sempre ocupou o terceiro lugar nas preferências americanas dos emigrantes espanhóis”¹²⁷, depois de Cuba e Argentina. Elaine Veiga Porta ressalta que o sistema de imigração subsidiada pelo “governo brasileiro e o regime de trabalho assalariado atraíram o europeu que, fugindo da pobreza, vislumbrava a possibilidade de trabalho e a oportunidade de ascender socialmente”¹²⁸.

Tendo apresentado os principais motivos para a emigração espanhola para a América, principais números e destinos, a seguir, veremos como o governo espanhol via a emigração e que medidas foram tomadas frente aos contínuos e massivos fluxos.

¹²⁴ BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. São Paulo, SP: Contexto, 2005. p. 81.

¹²⁵ YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española à América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas**. Fundación Archivo de Indianos, 1994. p. 40.

¹²⁶ ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 309.

¹²⁷ ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930...** p. 231.

¹²⁸ PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhois em Santos, 1880-1920...** p. 45.

1.2 - Ações do Estado espanhol e a emigração espanhola no período da Grande Migração.

Buscando compreender como o governo espanhol se comportou em relação à emigração, neste subcapítulo iremos abordar a relação entre a saída de espanhóis de sua terra natal e o Estado espanhol. Diante de tal movimento, como se comportou o governo espanhol? Quais medidas foram tomadas? Para este tópico, o recorte temporal se centra desde o século XIX, quando o fluxo migratório se desenvolve, até o ano de 1930, pois o período posterior será abordado posteriormente.

Em primeiro lugar, é importante destacar que o perfil do emigrante espanhol variou ao longo do tempo, ainda que, de forma geral, em sua maioria, consistiu de homens jovens, solteiros e oriundos do mundo rural da Espanha. Além do mais, existe “la diversidad de las condiciones regionales que provocan y permiten la emigración dificulta la creación de un perfil unívoco del emigrante”¹²⁹, ocasionando a formação de várias imagens sobre o emigrante, que influenciaram a tomada de decisões por parte do governo espanhol, como veremos abaixo.

Para Alicia Gil Lázaro e María José Vicente, até o último terço do século XIX, a Coroa espanhola, muito influenciada pelos aspectos políticos do absolutismo, interpretava negativamente o fenômeno migratório, visto que, para seu entendimento, a riqueza de uma nação se encontrava na abundância de sua população, de sua terra e de suas colônias, sendo que, até a década de 1880, além de algumas medidas que limitavam apenas a evitar os abusos cometidos contra os emigrantes, não se levou ao debate político “nenhuma lei sobre a emigração em seu conjunto”¹³⁰.

Segundo as autoras, já em 1834, por meio da Real Ordem do mesmo ano, o governo estabelecia alguns requisitos a quem desejasse embarcar. Nesse momento, as primeiras restrições estavam impostas àqueles que possuíam alguma dívida junto a alguma autoridade espanhola e aos que fugiam do serviço militar, sendo que essa

¹²⁹ “a diversidade de condições regionais que provocam e permitem a emigração dificultam a criação de um perfil único do emigrante”. Tradução nossa. ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 61.

¹³⁰ GIL LAZARO, A.; VICENTE, María José Fernández. **Los discursos sobre la emigración española en perspectiva comparada**... p. 11.

última, “com efeito, consistirá na principal preocupação do legislador espanhol e o único fator restritivo, até as primeiras décadas do século XX”¹³¹. Essa determinação acaba sendo o principal motivo das emigrações clandestinas, realizado principalmente por jovens em idade militar. Esse tipo de emigração clandestina obrigou o governo espanhol a proibir a emissão de passaportes para jovens com idade entre 17 e 25 anos, na Real Ordem de 1838¹³². Yáñez Gallardo afirma que a emigração clandestina acontecia em portos espanhóis, onde jovens embarcavam com uma identidade falsa, utilizando o nome de outras pessoas para escaparem das convocações militares¹³³.

Com a independência das antigas colônias espanholas e a chegada de novas repúblicas na América Latina nas primeiras décadas do século XIX, se estabelece a Real Ordem de 16 de setembro de 1853 que, entre suas determinações, estabelecia restrições para quem tivesse como destino os países da América do Sul e o México. Com essas restrições, segundo Cánovas, procurava-se, aqui, dificultar a emigração “às novas repúblicas, enquanto se incentivava o fluxo para as colônias do Caribe, sobretudo para Cuba, que necessitava de mão-de-obra, após a suspensão do tráfico de escravos a partir de 1817”¹³⁴. Além de facilitar a emigração para o Caribe, as travas que a Coroa espanhola impunha para quem desejasse ir para os países recém-independentes do Cone-Sul americano também favoreceram a emigração para a Argélia, zona recente ocupada pelos franceses, devido à sua proximidade com a Espanha e pelo aumento da demanda de mão de obra europeia que a Argélia necessitava¹³⁵.

A imigração espanhola para a Argélia durante esse período está ligada à conquista francesa da região, que se iniciou em 1830. Essa dinâmica está inserida na ótica do imperialismo do século XIX, onde a Argélia se tornou um território estratégico para a França, assim, a Argélia foi tratada “como colônia de povoamento

¹³¹ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista...** p. 44.

¹³² PORTA, Elaine Veiga. **Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880-1920...** p. 60.

¹³³ YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española à América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas...** p. 130.

¹³⁴ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista...** p. 44.

¹³⁵ VILAR, Juan B. Bel Adell, C.; GÓMEZ FAYRÉN, J.; EGEA BRUNO, P. M^a. **Las emigraciones murcianas contemporáneas.** Murcia: Universidad de Murcia. 1999. p. 20.

pelos franceses. A França incentivou a emigração de camponeses pobres para a localidade que ficaram conhecidos como *pieds-noirs*, pés negros em francês¹³⁶. O governo francês promoveu a imigração de colonos europeus para aproveitar as terras férteis da costa argelina, com o objetivo de levar a “civilização” a uma população considerada “selvagem”.

Essa Real Ordem de 1853 revela preocupação da então realza espanhola não só com o emigrante em si, mas em manter certo controle sobre quase todas as atividades que envolviam a emigração. Além de manter as restrições sobre os homens em idade de prestar o serviço militar, ela infere também na exigência de passaporte que, para ser concedido, estabelecia a declaração de livre decisão para emigrar. Estabelecem-se, também, autorizações para os “menores de idade e para as mulheres casadas e depósito pecuniário para aqueles em idade militar, isto é, daqueles que tivessem entre 18 e 23 anos se exigia o depósito de uma fiança de 6.000 reales”¹³⁷, moeda anterior à chegada da peseta.

Além das imposições aos emigrantes, essa Real Ordem também estabelecia, pela primeira vez, certos controles sobre contratantes e as transportadoras, que dependiam, agora, de uma autorização real para viajarem, além de terem que declarar qual tipo de alimentação seria servido ao emigrante na viagem e, também, informarem a limitação do número de passageiros conforme as características da embarcação, entre outras ¹³⁸.

Um movimento tão grande como o migratório do século XIX despertou muitos debates, tanto nas sociedades exportadoras de mão de obra, como nos países receptores (como se verá mais adiante) sobre os migrantes. Opiniões favoráveis e contrárias ao deslocamento se formaram e perpassaram esferas sociais e políticas. No caso da Espanha, ocuparam-se dos debates os intelectuais e políticos, sendo que as perguntas que esses setores buscavam responder não estavam interessadas

¹³⁶ SAMPAIO, Thiago Henrique. Argélia e a questão colonial: interpretações sobre o colonialismo. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica** - CLIO (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, n. 37, p. 132-154, Jan-Jun, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2019.37.1.02>. Acesso em: 29 de setembro de 2024. p.133.

¹³⁷ CÁNOVAS, Marilia Dalva Klaumann. A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista... p. 44. Apud: MIÑAMBRES, Moises Llorden. “Posicionamientos del Estado y de la opinión pública ante la emigración española ultramarina a lo largo, del siglo XIX”. Apud: Rev. **Estudios Migratorios latinoamericanos**. Buenos Aires: 7, nº 21, CEMLA, 1992, p. 279.

¹³⁸ CÁNOVAS, Marilia Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista...** p. 44.

se a emigração era positiva ou negativa para o emigrante, mas sim, se a emigração favorecia a Espanha, e como o movimento emigratório poderia ser proveitoso para o país. Apresenta-se, primeiro, os argumentos contrários à emigração espanhola.

Os que argumentavam contrariamente à emigração, em sua maioria, eram políticos e católicos conservadores, além de grandes proprietários de terras europeus que viam a emigração de forma pessimista. Segundo Fernando Devoto, essas pessoas que criticavam a emigração eram nacionalistas que afirmavam que ela representava uma perda de energia, que trazia a perda da fé, a debilitação dos costumes e da moral tradicional¹³⁹.

Por toda a Europa, os debates entre favoráveis e pessimistas em relação à emigração não ficaram só no campo das ideias, mas os argumentos se materializaram em diversas ações. No caso italiano, com a saída excessiva de mão de obra, os grandes proprietários de terras temiam ficar sem uma quantidade suficiente de trabalhadores para o pagamento de baixos salários, por isso, espalhavam e divulgavam supostas cartas vindas da América com relatos desesperados das viagens no mar com o objetivo de desestimular a emigração¹⁴⁰. Exemplo semelhante aconteceu nos Estados germânicos: em 1828, prefeitos e administradores distribuíam memorandos passando uma imagem sarcástica e pessimista do Brasil, que era um dos destinos mais visados pelos emigrantes, informando que encontrariam no Brasil habitantes com pulgas, pântanos com abutres e que os nativos viviam por toda parte ainda como selvagens e canibais¹⁴¹.

A esfera política espanhola de meios do século XIX seguia muito marcada pelos ideais e populacionistas herdados do Antigo Regime. Nessa linha de pensamento, a riqueza de uma nação dependia da população presente e da exploração das colônias¹⁴², onde prevalecia a submissão dos interesses do indivíduo aos interesses nacionais. É importante destacar que esse período era um momento

¹³⁹ DEVOTO, Fernando. **Historia de la Inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Sudamericana. 2003. p. 52.

¹⁴⁰ FRANZINA, Emilio. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

¹⁴¹ MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. **O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Área de Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira. 2003. p. 13.

¹⁴² VICENTE, María José Fernández. **"De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis: el "problema migratorio" en España (1881-1907)"**. Almudena Delgado Larios. *Conflictos y cicatrices: fronteras y migraciones en el mundo hispánico*, Dykinson, p. 247-271, 2014. p. 252.

de construção das nacionalidades na Europa. Havia a necessidade de formar cidadãos que se identificassem com a nação. Por isso, surgiu a ideia de que a coletividade nacional tinha mais importância do que os direitos ou interesses individuais. Um autor que analisa essa situação é Eric Hobsbawm, em seu livro “Nações e Nacionalismos desde 1870”. O autor perpassa por vários exemplos em diversos países sobre a questão da construção de nacionalidades e, no caso espanhol, menciona o Dicionário da Real Academia Espanhola que, a partir de 1884, cita que a língua falada é a “língua oficial e literária de um país e, à diferença de dialetos e línguas de outras nações, é a língua geralmente falada”.

Segundo o autor, a partir de 1884, a coesão entre o indivíduo e o Estado espanhol é mais amarrada, como se vê

Antes de 1884, a palavra *nación* significava simplesmente “o agregado de habitantes de uma província, de uma país ou de um reino” e também “um estrangeiro”. Mas agora era dada como “um Estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum” e também “o território constituído por esse Estado e seus habitantes, considerados como um todo” – e, portanto, o elemento de um Estado comum e supremo é central a tais definições, pelo menos no mundo ibérico. A *nación* é o “conjunto de los habitantes de um país regido por um mismo gobierno”¹⁴³.

Benedict Anderson também acompanha a linha de raciocínio de Hobsbawm. Esse autor argumenta que as nações são “comunidades imaginadas”, ou seja, construções sociais formadas pela ideia de pertencimento a uma comunidade ampla, apesar de seus membros não se conhecerem pessoalmente. O termo “imaginadas” refere-se ao fato de que, mesmo sem contato direto, os cidadãos se veem como parte de um todo coeso, devido a fatores como a disseminação da imprensa, a literatura e a linguagem da época. Para Anderson,

a nação é imaginada como limitada porque mesmo a maior delas tem limites definidos, além dos quais há outras nações... É imaginada como soberana porque o conceito nasceu numa época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do divinamente ordenado e hierárquico reino dinástico. Finalmente, é imaginada como uma comunidade, porque, independentemente da desigualdade e exploração que prevalece em cada uma delas, a nação é sempre concebida como um compadrio, horizontal e profundo pelo qual milhões de pessoas estão dispostas não apenas a matar, mas também a morrer¹⁴⁴.

¹⁴³ HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990. p. 27.

¹⁴⁴ ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Apud: BESERRA, Bernadete. A propósito de Nacionalismos e Guerras Santas, notas sobre Imagined Communities, de Benedict Anderson. **Educação em Debate**. Fortaleza. 2001. p. 81-83. p. 81.

Dessa forma, a saída de pessoas para outros lugares do mundo foi vista de forma negativa e a emigração foi considerada por alguns setores da elite política como uma “dolorosa hemorragia”, em que o emigrante é visto como um ser desprovido de racionalidade e sem pensamento algum, movido pelo espírito aventureiro¹⁴⁵.

Como já exposto anteriormente, a emigração também foi impulsionada pelas ações dos chamados *ganchos*, que, em muitas ocasiões, atuavam como agentes de governos latino-americanos ou de companhias de navegação. Esses indivíduos desempenhavam importante papel ao incentivar camponeses a deixarem suas terras em busca de melhores oportunidades. Contudo, essa prática de “empurrar” os camponeses para a emigração não passou despercebida, gerando críticas na esfera política e na mídia. A utilização de *ganchos* para facilitar a emigração levantava questões éticas sobre a exploração dos mais vulneráveis e sobre a responsabilidade dos governos e empresas envolvidas, o que culminou em debates intensos acerca das implicações sociais e econômicas do fenômeno migratório espanhol¹⁴⁶.

O deputado Cristóbal Botella, também influente jornalista, escreveu um livro, editado em 1888 e chamado de *El problema de la Emigración*. Seguindo o raciocínio espanhol que subordinava o indivíduo à nação, conforme exposto por Eric Hobsbawm e Benedict Anderson anteriormente, neste livro, o autor reforçou o caráter negativo da emigração, argumentando e trazendo indicações que tentam fazer com que o conceito de nação fique acima do indivíduo¹⁴⁷, uma prerrogativa que sobressai nos ideais absolutistas, como argumentado por Silvia Elena Alegre:

Las naciones tienen derecho a la vida, y que nadie, ni un hombre ni pocos, ni muchos, pueden privarla de la existencia. Los súbditos de una nación, (...) tienen derechos y prerrogativas; pero tienen también (...) deberes ineludibles para con su patria (...) Cometieron también un verdadero crimen los hombres que abandonen su patria poniendo en grave peligro la agricultura, la industria, el comercio, la prosperidad, en una palabra, el porvenir de la tierra que les vio nacer¹⁴⁸.

Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14582/1/2001_art_bbeserra.pdf. Acesso em: 09 de outubro de 2024.

¹⁴⁵ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 252.

¹⁴⁶ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 256.

¹⁴⁷ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 252.

¹⁴⁸ As nações têm direito à vida, e que ninguém, nem um homem, nem alguns, nem muitos podem privá-lo de existência. Os súditos de uma nação (...) têm direitos e prerrogativas; mas eles também têm (...) deveres inevitáveis para com seus pátria (...) Os homens que abandonam a sua pátria

Essa visão negativa da emigração na Espanha aparecia, por exemplo, no discurso do então deputado Cristóbal Botella, que, em seus trabalhos sobre emigração, dizia que “este fenômeno devia ser considerado como uma enfermidade gravíssima, que deve ser combatida sem trégua nem descanso”¹⁴⁹. O debate público também se alastrava e se baseava nos principais periódicos nacionais, que influenciavam a maneira de pensar da sociedade espanhola. Assim, um senador falava naqueles anos:

si los senadores leen El Liberal o El Imparcial encontrarán los pavorosos relatos que hacen de familias de españoles que emigran a Ultramar, no llevados del desco de hacer fortuna, como en otros tiempos, sino empujados por la miseria¹⁵⁰.

Outro fator que contribuía para a visão negativa da emigração era parte da imprensa, que denunciava situações que permeavam a trajetória dos emigrantes espanhóis. Um exemplo influente era o jornal *El Imparcial* que, motivado em mostrar a face mais trágica da emigração, denunciava, cotidianamente, os abusos e enganos dos quais eram vítimas muitos emigrantes.

Um exemplo de situação que contribuía para a imagem negativa da emigração espanhola foi a que se deu com o navio Heliópolis. Em março de 1907, diversos jornais espanhóis relataram a odisseia desse navio, que transportara cerca de quatro mil emigrantes da Andaluzia com destino às ilhas do Havaí. Foram denunciadas as más condições de alojamento, sendo que quatro passageiros chegaram a morrer asfixiados e também se noticiavam péssimos serviços alimentares à bordo, onde se chegou a dizer que se servia café feito com água salgada¹⁵¹.

também cometerão um verdadeiro crime pátria, colocando a agricultura, indústria, comércio, prosperidade, em uma palavra, o futuro da terra onde nasceram. Tradução nossa. Apud: ALEGRE, Silvia Elena. O tráfico de andaluzes para o café. p. 159. Apud: Botella, Cristóbal. El problema de la Emigración. Madrid: Tipografía de los Huérfanos, 1888. p. 143-144.

¹⁴⁹ CRISTÓBAL, Botella. El problema de la emigración. Madrid, Tipografía de los Huérfanos, 1888. Apud: VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 252.

¹⁵⁰ Se os senadores lessem El Liberal ou El Imparcial encontrariam os pavorosos que fazem de famílias de espanhóis que emigraram a ultramar, não levados pelo desejo de fazer fortuna, como em outros tempos, mas sim empurrados pela miséria. Tradução nossa. Intervención del Sr. Cuesta y Santiago. Diario de Sesiones de las Cortes (DSC) – Senado nº 68, sesión del 20 de marzo del 1889, p. 1172. Apud: VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 254.

¹⁵¹ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 262.

Numerosos jornais se utilizaram do exemplo do Heliópolis e de outras situações para apresentarem à sociedade as horríveis situações em que ocorria a emigração. De acordo com María José Fernández Vicente, os jornais denunciavam “racionamento, escassez de alimentos e de pessoal à bordo, más condições higiênicas, etc”¹⁵², durante as viagens. Toda essa exposição de situações durante as viagens fez com que a opinião pública se escandalizasse e exigisse medidas que solucionassem esse “problema da emigração”.

Essas e outras notícias foram amplamente divulgadas pela imprensa espanhola, com destaque para o jornal *El Imparcial* e outros periódicos que promoveram uma campanha significativa. Como resultado, a emigração tornou-se um tema central nos debates públicos e recebeu uma atenção mais aprofundada e sistemática. O “problema migratório” transcendeu o domínio da imprensa e foi integrado à esfera política, refletindo sua crescente relevância e complexidade no contexto nacional¹⁵³.

Assim, para melhor conhecimento e compreensão do movimento migratório, a Real Ordem de 1881 criou uma comissão especial que tinha dois objetivos: averiguar as proporções, causas, consequências e características da emigração em várias regiões da Espanha e apresentar meios de tentar conter ou cercear a emigração. Após observar o fenômeno nas diversas regiões espanholas antes do final do mesmo ano de 1881, essa comissão concluiu que a emigração era um grande mal para a Espanha, com origem na miséria, na pobreza, na ignorância da população e no espírito aventureiro de algumas províncias¹⁵⁴.

De acordo com essa comissão especial, mencionada por Maria José Vicente, as maiores regiões migratórias eram a Galícia e as Astúrias¹⁵⁵. Nessas regiões, a emigração era tão forte que não eram necessárias as agências de emigração para que ela ocorresse. Na verdade,

no se conocen agencias de emigración, basta para promover la emigración los comisionados marítimos y los frecuentes anuncios de salida y entrada de buques (...) casi todos son labriegos a los que la necesidad empuja fuera de la Patria y muchos obedecen a indicaciones de españoles establecidos en

¹⁵² VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 262.

¹⁵³ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 251.

¹⁵⁴ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 253.

¹⁵⁵ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 256.

América, y se expatrían, como la mayor parte de los vizcaínos, llamados por amigos y parentes¹⁵⁶.

A apreciação pessimista do fenômeno migratório ia crescendo conforme aumentava o número de emigrantes. No final do século XIX e início do século XX, a Espanha vivia a crise “finisecular”, causada pela perda das colônias ultramarinas. Nesse momento de grandes saídas de espanhóis para outros lugares do mundo, muitos escritores, políticos e legisladores reforçavam o caráter negativo do movimento, avaliando que a emigração de espanhóis “não poderia trazer nenhum benefício ao país”¹⁵⁷. Agora se discorre sobre os pensamentos favoráveis ao movimento migratório.

Em vários países da Europa, também houve esse debate sobre o fluxo migratório, aparecendo, também os pensamentos favoráveis ao movimento. No caso da Itália, por exemplo, os favoráveis à emigração e os que viam a emigração de forma positiva eram grupos formados principalmente por economistas liberais que entendiam que a emigração era uma vantagem para o comércio da nação. Segundo Fernando Devoto, para aqueles favoráveis ao movimento migratório espanhol, o principal argumento era que a emigração podia ser “um instrumento muito útil para a penetração cultural e ainda, eventualmente, para outro tipo de atividades expansivas imperiais mais agressivas”¹⁵⁸, visto que o século XIX também era o século do imperialismo europeu, onde as potências europeias buscavam zonas de influência no mundo, especialmente na África e na Ásia.

Apesar dos resquícios absolutistas que pairavam na Espanha do século XIX, começam a avançar dentro do território espanhol os pensamentos liberais vindos do norte da Europa, onde também estão incluídas as ideias de liberdade para o deslocamento do homem. De acordo com essa linha de pensamento liberal, que

¹⁵⁶ não se conhecem agências de emigração, basta para promover a emigração os comissionados marítimos e os frequentes anúncios de saída e entrada de navios (...) quase todos são camponeses aos quais a necessidade empurra para fora da pátria e muitos obedecem a indicações de espanhóis estabelecidos na América, e se expatriam, como a maior parte dos biscaínos, chamados por amigos e parentes. Tradução nossa. Vizcaínos são habitantes nascidos na província de Biscaia, ao norte da Espanha. COMISIÓN ESPECIAL PARA ESTUDIAR LOS MEDIOS DE CONTENER EN LO POSIBLE LA EMIGRACIÓN POR MEDIO DEL DESARROLLO DEL TRABAJO. Memoria presentada por la Comisión al Sr. Ministro de Fomento, Madrid. Imprensa – El Correo, 1882. Apud: VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 256.

¹⁵⁷ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 158.

¹⁵⁸ DEVOTO, Fernando. **Historia de la Inmigración en la Argentina...** p. 51.

contrariava a ala conservadora, a emigração era uma forma de luta contra a fome, contra a miséria e contra a pobreza.

A inquietude sobre o fenômeno migratório espanhol e, sobretudo os debates entre a linha de pensamento tradicional e a corrente liberal, gerou muitos escritos sobre a emigração do período. Um dos escritores mais notáveis se chamava Lucas Mallada. Para esse escritor, a emigração era resultado da crise agrícola e da pobreza. Para ele, o movimento não era só inevitável, como também haveria de crescer, pois em suas palavras, as emigrações eram “as válvulas de segurança pelas quais o excesso de vapor deve sair da caldeira”¹⁵⁹.

Apesar da visão liberal a respeito do fluxo migratório, predominaram as visões negativas. Os protecionistas acusavam a emigração de ser responsável por provocar a ruína de algumas regiões espanholas invadidas por produtos estrangeiros. Para esses pensadores, o desenvolvimento de uma indústria local evitaria a saída em massa¹⁶⁰. Esses políticos conservadores também declaravam que as necessidades da nação são mais importantes que o indivíduo, argumentando para que se proclamem limites sobre os direitos individuais de emigração. Na visão dos políticos conservadores, emigrar é um ato de antipatriotismo¹⁶¹. Esse sentimento de patriotismo aparece na entrevista de Vera Lucia Alvarez, ao contar sobre algumas características de seu pai

O papai amava a terra dele. Ele nunca se naturalizou brasileiro. Ele falou comigo ‘quem se naturaliza não é digno da sua pátria, de jeito nenhum’. Ele era bravo, bravo. Ele brigava, xingava... daí a pouco, (agia) como se nada tivesse acontecido. Era bravo... com o gênio forte. Eu sempre contei assim, por exemplo, eu sei que isso daí vai pros anais da história, então essa história não vai ficar só com a gente, vai passar pra você também¹⁶².

A opinião pública, graças ao trabalho da imprensa, que expunha os supostos horrores das saídas de espanhóis do território, passou a rechaçar a emigração, fazendo prevalecer a imagem negativa sobre o movimento. Assim, o Estado espanhol precisou tomar mais medidas para cercear a emigração do que já haviam sido tomadas antes. Nesse momento, as primeiras medidas do Estado espanhol

¹⁵⁹ GIL LAZARO, A.; VICENTE, María José Fernández. **Los discursos sobre la emigración española en perspectiva comparada...** p. 12.

¹⁶⁰ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 258.

¹⁶¹ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 258-259.

¹⁶² Depoimento de Vera Lucia Alvarez, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

foram as de direcionar o fluxo em direção às colônias espanholas de ultramar, principalmente a Cuba, que acabava de ter a escravidão abolida¹⁶³.

De acordo com Alicia Gil Lazaro e Maria José Vicente, a opinião pública julgava os emigrantes como “pobres gentes, cuja ignorância e inocência os tornavam vítimas perfeitas de abusos e enganados durante a jornada migratória”¹⁶⁴. Nesses tempos, um escrito do deputado Piernas Hurtado refletia essa visão que se tinha dos emigrantes espanhóis.

En virtud de la “ignorancia” e “inocencia” de algunos, o bien del “espíritu aventurero” o la “fiebre de la emigración” que afectaba a otros, los candidatos a la emigración eran considerados como seres “irracionales”, “inconsistentes”, y por lo tanto presa fácil de estos “agentes sin escrúpulos”¹⁶⁵.

Apesar dessa visão que julgava os emigrantes como pessoas desprovidas de inteligência, onde muitos setores da sociedade espanhola os acusavam de serem muito pobres e sem qualquer tipo de racionalidade, Gil Lázaro e Vicente Fernández apontam que existem estudos que contestam essas características e que, muitas vezes, não coincidiam com a realidade. Segundo as autoras, o processo de emigrar nem sempre era acessível a pessoas muito pobres, pois tanto a travessia quanto o processo de assentamento no local de destino eram ações que exigiam alguma quantia significativa de dinheiro.

Outro autor que também versa sobre o tema é Zamorano Blanco, quando afirma que “não emigram os mais pobres, mas sim os que podem”¹⁶⁶. Elaine Veiga Porta também vem a reforçar o aspecto de que nem todos possuíam condições econômicas para emigrar:

Apenas os pequenos proprietários espanhóis poderiam emigrar, pois à custa da viagem equivalia ao salário de um jornaleiro por um ano e meio,

¹⁶³ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 254.

¹⁶⁴ GIL LAZARO, A.; VICENTE, María José Fernández. **Los discursos sobre la emigración española en perspectiva comparada...** p. 22.

¹⁶⁵ Em virtude da “ignorância” e da “inocência” de alguns, ou do “espírito aventureiro” ou da “febre da emigração” que afetava outras pessoas, os candidatos a emigração eram considerados como seres “irracionais”, “inconsistentes” e, portanto, presas fáceis destes “agentes sem escrúpulos”. Tradução nossa. Citado em Nadal, Jordi, *La población española, siglos XVI-XX*, Barcelona, Ariel, 1966, p. 174. Apud: GIL LAZARO, A.; VICENTE, María José Fernández. **Los discursos sobre la emigración española en perspectiva comparada...** p. 22.

¹⁶⁶ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 48.

que era de 600 a 800 pesetas por ano. Assim, somente aqueles que tivessem bens ou propriedades para vender teriam condições de embarque. Parece claro que os mais necessitados de uma oportunidade de sobrevivência não teriam como economizar para empreenderem viagem¹⁶⁷.

Na citação acima de Elaine Veiga Porta aparece a palavra “jornaleiro”. De acordo com uma de nossas entrevistadas, Luci Helena Albertazzi Bravo, residente no município de Alegre, o significado da profissão “jornaleiro”, no contexto da emigração espanhola, está relacionado ao indivíduo que trabalhava por jornada de trabalho. Segundo ela,

nas funções, quando ia ver a profissão das pessoas, geralmente era ‘jornaleiro’. ‘Jornalero’ é que trabalhava por jornada de trabalho... era um ou dois dentro da comunidade que era farmacêutico... o resto, tudo, era trabalhador (jornalero)¹⁶⁸.

A emigração espanhola não se fez somente de jornaleiros ou camponeses, mas, segundo Yáñez Gallardo, houve certa diversidade. Quando esse autor analisa as estatísticas publicadas pelo *Instituto Geográfico y Estadístico Español*, havia agricultores, industriais e artesãos, profissionais liberais, funcionários civis do Estado, militares, rentistas, serventes e outras profissões sem classificação¹⁶⁹.

De acordo com Maria José Vicente, os poucos debates parlamentares sobre a emigração começaram a indagar a necessidade de uma lei que englobasse a totalidade da emigração perante às ações estatais¹⁷⁰. Só em 1907, depois de muitos debates, é que foram aprovadas as leis de emigração e colonização. O principal objetivo dessas leis era enraizar na nação “familias que carecen de medios de trabajo y capital para subsidiar sus necesidades, reducir la emigración, poblar el campo y cultivar tierras baldías o mal explotadas”¹⁷¹.

¹⁶⁷ PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhois em Santos, 1880-1920...** p. 45.

¹⁶⁸ Depoimento de Luci Helena Albertazzi Bravo, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

¹⁶⁹ YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española à América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas...** p. 183.

¹⁷⁰ VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 260.

¹⁷¹ as famílias desprovidas de meio de trabalho e capital para subsidiar as suas necessidades, diminuir a emigração, povoar o campo e cultivar as terras incultas ou deficientemente exploradas. Tradução nossa. VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis...** p. 261.

Para realizar essas ações, a lei projetava repartir entre os camponeses pobres as terras e prédios públicos inalienáveis. Para Zamorano Blanco, a lei de 1907 representava o primeiro código completo sobre a questão da emigração e sua elaboração partiu do princípio da compreensão da emigração como movimento, como um mal inevitável, no qual o Estado espanhol se retira, limitando-se a controlar os abusos “por parte dos *ganchos* e das companhias de navegação e elaborar estatísticas ao respeito, através do Conselho Superior de Emigração e as Juntas de Emigração portuárias”¹⁷².

Apesar de essa lei representar um triunfo do livre trânsito de pessoas para os países, a Espanha deixa seus “filhos” partirem, não com lágrimas nos olhos, mas com o olhar de reprovação¹⁷³. Sobre o período, Zamorano Blanco comenta que o “resto da legislação sobre emigração produzida até 1924 são modificações ou anotações da Lei de 1907, e até 1934 não veremos uma mudança no tom geral da legislação”¹⁷⁴.

De acordo com Erica Sarmiento, durante o contexto da emigração espanhola, a mulher teve sua mobilidade mais limitada do que a dos homens. A lei de 1907 obrigava não só os menores de 23 anos a terem permissão dos pais ou tutores para viajarem, como também obrigava as mulheres casadas a terem a permissão do marido para realizarem o trajeto se não fossem acompanhadas. Essa Lei de 1907, apesar de reconhecer a liberdade de todo espanhol emigrar, foi, para a mulher, restritiva e protecionista. Com a chegada da lei de 1924, a mulher também não teve diferente sorte: 25 anos passou a ser a idade das mulheres solteiras que não podiam embarcar sozinhas¹⁷⁵.

Rocio Botana diz que a razão para esses cerceamentos em relação à emigração de espanholas se deve ao tráfico de mulheres que acontecia no Ultramar. Segundo a autora, os “perigos que as mulheres podem sofrer estão na base destes regulamentos limitantes e protecionistas e, sobretudo, àqueles que se referem ao

¹⁷² ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 57.

¹⁷³ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 57.

¹⁷⁴ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 58.

¹⁷⁵ SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**... p. 219.

tráfico de mulheres nos países de acolhimento”¹⁷⁶. Como exemplo, Botana menciona parte da Revista *Hércules*, um órgão de imprensa dos naturais de Santiago de Compostela, editada em Buenos Aires, do dia de 15 de dezembro de 1923:

Ponemos en aviso a nuestros compatriotas que deseen emigrar a este país y no tengan parientes a quienes dirigirse a su llegada, que corren peligro y procuren al desembarcar, no caer en lazos que tienden una dudosa moralidad, según se desprende de unos volantes que circulan a la llegada de los vapores de Europa, en los que se desprende cazar exclusivamente a jóvenes emigrantes españolas de relativa corta edad que por primera vez llegan al país y antes de ocuparse en ninguna parte, ofreciéndoles (como sebo...), cuidarlas como madre, para luego colocarlas no sabemos donde¹⁷⁷.

Outro autor que aborda a lei de 1907 é Juan Vilar. Para ele, a formação dessa lei se deve muito à tradição Oitocentista da Espanha, ao mesmo tempo em que buscou definir o conceito de emigrante e reconheceu a liberdade de todo espanhol emigrar. Segundo a lei, emigrantes são “os espanhóis que se proponham a abandonar o território pátrio, com passagem retribuída ou gratuita de terceira classe ou de outra que o Conselho Superior de Emigração declare equivalente”¹⁷⁸. Para Juan Vilar, essa definição acaba sendo insuficiente, pois aborda somente a forma de sair do país e não trata dos verdadeiros motivos para se deixar o país. Zamorano Blanco afirma que o emigrante era um indivíduo que se deslocava, voluntariamente, para outros países, por razões econômicas e, com a lei de 1907, teve sua saída do território espanhol facilitada, claro, sob a supervisão das autoridades espanholas¹⁷⁹.

Vale destacar a observação de Yáñez Gallardo, que afirma que a concepção de emigrante pode variar de um país para outro, com uma pessoa sendo

¹⁷⁶ BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América: micro-história da emigração galega para o ultramar na segunda metade do século XX. O caso da região de Compostela**. Tese de doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela, 2014. p. 128.

¹⁷⁷ Aconselhamos nossos compatriotas que desejam emigrar para este país e não têm parentes a quem recorrer na chegada, que correm perigo e procurem, ao desembarcar, não cair em laços que tendem à moralidade duvidosa, como pode ser visto em alguns panfletos que circulam na chegada dos vapores da Europa, os quais saem para caçar exclusivamente jovens emigrantes espanholas de idade relativamente jovem que pela primeira vez chegam ao país e antes de ir a qualquer lugar, oferecendo-lhes (como isca) cuidar delas como uma mãe e depois colocá-las não sabemos onde. Tradução nossa. *Hércules*. 15 de Diciembre de 1923, año VI, nº 103. Apud: BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América: micro-história da emigração galega para o ultramar na segunda metade do século XX. O caso da região de Compostela...** p. 128.

¹⁷⁸ VILAR, Juan B. Bel Adell, C.; GÓMEZ FAYRÉN, J.; EGEA BRUNO, P. M^a. **Las emigraciones murcianas contemporáneas...** p. 18.

¹⁷⁹ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 57.

considerada emigrante em um lugar, mas não recebendo a mesma classificação em outro. De acordo com o autor, “o conceito de emigrante aplicado nas contas estatísticas não é regular no tempo, estando sujeito às modificações administrativas e legislativas de cada período”¹⁸⁰.

Em 1924, segundo Juan Vilar, surgiu o Real Decreto que, entre outros, definia os emigrantes levando em conta a motivação para o deslocamento: “os espanhóis ou suas famílias que por causa de trabalho abandonem o território nacional para se estabelecer fora dele, definitiva ou temporalmente”¹⁸¹. A lei afirmava que para ser considerado emigrante, também se deveria viajar com passagem de terceira classe ou classe equiparada a esta. Dessa forma, fica expresso, entre linhas, o reconhecimento do adjetivo “pobre”, concepção que vigorou até 1957, quando se adiciona ao conceito legal de emigrante espanhol aquele que abandona o país para reagrupar sua família.

Paralelamente às emigrações espanholas para a América, também ocorriam as emigrações para o norte da África, principalmente com destino à Argélia e Marrocos, que possuíam um caráter temporal, ou seja, as pessoas que emigravam para essas áreas, geralmente depois de algum tempo, voltavam para a Espanha. Durante o século XIX muitos andaluzes emigraram como colonos ou trabalhadores para o norte da África e, como carregavam seus colchões enrolados nas costas em forma de espiral, ganharam o apelido de “caracóis”. Essa emigração era mais acessível a muitos espanhóis, pois o custo de se atravessar o pedaço do Mediterrâneo a partir de Gibraltar para a África não era tão oneroso. Os emigrantes poderiam voltar todo ano ao término das colheitas de azeitonas, tomates, cereais e outros produtos de cultivo na Argélia¹⁸².

Dessa forma, essas pessoas se tornavam importantes geradores de remessas de dinheiro para o reino espanhol, além de serem consideradas uma ponta de lança para a política ambiciosa colonial espanhola nestes territórios. Assim, esse tipo de emigração era vista de forma positiva pelas autoridades espanholas e precisava ser preservada. De acordo com Zamorano Blanco, “as remessas

¹⁸⁰ YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española à América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas...** 1994. p. 11.

¹⁸¹ VILAR, Juan B. Bel Adell, C.; GÓMEZ FAYRÉN, J.; EGEA BRUNO, P. M^a. **Las emigraciones murcianas contemporáneas...** p. 18.

¹⁸² MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 244.

econômicas foram um dos elementos-chave nesta relação intensa entre a Espanha e seus emigrantes”¹⁸³.

Concorrente a essa emigração temporária para o norte africano, acontecia a emigração definitiva para a América pelo porto de Gibraltar. Era uma emigração que ocorria, muitas vezes, de forma irregular. Isso porque Gibraltar era uma região de domínio político inglês, onde era mais fácil escapar da legislação espanhola que envolvia a emigração. Porém, circulavam notícias e relatos de irregularidades e de incidentes que havia na emigração realizada a partir do porto de Gibraltar e que a inspeção espanhola da emigração emitia sobre o fluxo emigratório espanhol. Assim, o *Consejo Superior de Emigración* buscou deter o fluxo de emigrantes que deixava o país por esse porto, apesar de não poder exercer tutela diretamente sobre a região, que era inglesa.

A emigração clandestina espanhola também ocorria de outro porto: o porto francês da cidade de Bordeaux. De acordo com Érica Sarmiento, no período de 1865 a 1920 foram registradas cerca de 6.695 saídas desse porto para o Brasil¹⁸⁴ em um total aproximado de 114.000 espanhóis¹⁸⁵ que saíram ao todo. O autor Yáñez Gallardo chama a atenção para mostrar a emigração espanhola que era feita de forma clandestina. Como exemplo, no ano de 1895, saíram da Espanha 10.183 espanhóis e chegaram ao Brasil 17.641. Outro exemplo foi o ano de 1908, onde saíram 4.827 espanhóis, sendo que o Brasil recebeu 14.862 imigrantes espanhóis¹⁸⁶. Em síntese,

desde 1882 a 1930, 233.432 españoles se habían embarcado en los puertos de España con dirección a Brasil; en el mismo período, los puertos brasileños recibieron 577.729 españoles, o sea, dos veces y media más que las salidas de España¹⁸⁷.

¹⁸³ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 58.

¹⁸⁴ SARMIENTO DA SILVA, Erica. Nos caminhos da imigração: sociedade de origem, estratégias de sobrevivência e identidade dos galegos (século XIX a 1930). Apud: CARNEIRO, M. L. T. e HIRANO, S. (org.). **Histórias Migrantes. Um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas**. São Paulo. Humanitas. FAPESP. 2014. p. 143.

¹⁸⁵ YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española à América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas**... p. 127.

¹⁸⁶ YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española à América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas**... p. 86.

¹⁸⁷ de 1882 até 1930, 233.432 espanhóis haviam embarcado nos portos da Espanha com direção ao Brasil; no mesmo período os portos brasileiros receberam 577.729 espanhóis, ou seja, duas vezes e meia a mais que as saídas da Espanha. Tradução nossa. YANEZ GALLARDO, Cesar. **La**

De acordo com Elda González Martínez, o *Consejo Superior de Emigración* proibiu a imigração subsidiada para o Brasil em 1910 e, em 1912, proibiu também as atividades dos *ganchos* e, em 1914, criou um departamento de inspeção de emigração em Gibraltar. Em 1924, veio a lei de emigração que “estabeleceu pena de prisão para aqueles que estivessem envolvidos com agências de emigração, com recrutamento, propaganda, expedição de passagens, vistos ou reservas de viagem”¹⁸⁸. Menciona-se que, apesar do decreto proibindo a emigração subvencionada para o Brasil, entraram em São Paulo no ano de 1910, cerca de 13.336 espanhóis e, no ano seguinte, 17.862¹⁸⁹. Silvia Elena Alegre discorre sobre a questão da emigração de Gibraltar,

A imigração realizada por meio de passagens gratuitas foi altamente dependente da atividade de recrutamento, que era proibida pela legislação espanhola. Quando, em 1910, a emigração subsidiada para o Brasil foi proibida pelo governo espanhol, o embarque dos trabalhadores continuou a ser realizado a partir do porto inglês de Gibraltar, fora de sua jurisdição¹⁹⁰.

Nas primeiras décadas do século XX, os espanhóis já conheciam bem como era a situação no Brasil: um destino com má reputação e com muitas ilegalidades. O decreto de 1910, que considerava que as condições nas fazendas paulistas eram injustas e abusivas, proibiu a emigração espanhola subvencionada (passagens pagas) para o Brasil, mesmo que fosse oferecida pelo estado de São Paulo. Essa proibição da imigração subvencionada foi a única limitação imposta pelo Estado espanhol nesse período.

Segundo Zamorano Blanco, esse decreto de 1910 durou apenas dois anos, quando foi modificado por outro de 5 de janeiro de 1912, um regulamento mais permissivo e “que apenas restringiu a saída de espanhóis para trabalhar na linha ferroviária Madeira-Mamoré¹⁹¹, tristemente famosa naquela época pelas condições

emigración española à América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas... p. 84-85.

¹⁸⁸ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 246.

¹⁸⁹ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 253.

¹⁹⁰ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 1.

¹⁹¹ A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) é uma ferrovia que fica localizada no atual estado de Rondônia, e sua construção tem a ver com o ciclo da borracha no norte brasileiro. A obra foi interrompida e continuada várias vezes, mas em 1907 a construção foi retomada definitivamente. A

insalubres na área onde foi construída e devido à morte de muitos espanhóis durante a sua construção”¹⁹².

A questão enfrentada pelas autoridades espanholas envolvidas na legislação referente ao movimento migratório era: como favorecer um fluxo migratório (para o norte da África, temporal, considerado benéfico) e cercear outro (para a América, definitivo, considerado uma ameaça) de forma legal? A resposta foi elaborada com base na compreensão do conceito de emigrante. O artigo 2º da lei de 1907 considerava emigrante o passageiro de terceira classe com destino à América, Ásia ou Oceania. Portanto, as pessoas que saíam da Espanha para a região norte da África não podiam ser consideradas emigrantes pela legislação espanhola da época, ficando assim, fora de sua tutela legislativa.

Apesar dos debates com posições diferentes, que viam a emigração ora como fator positivo, ora como negativo, na Espanha, sobressaiu a visão pessimista durante os discursos, debates e durante a construção da legislação que abarcava, ou que tentava integrar a emigração. Nas palavras de Silvia Elena Alegre, é “interessante perceber que, na construção discursiva espanhola sobre o assunto, mesmo que de variados pontos de vista e com diferentes argumentos, a avaliação foi sempre negativa e pessimista”¹⁹³.

As agências que queriam escapar da vigilância do Estado espanhol tiveram como alternativa realizar os embarques por portos não espanhóis. Como comentado anteriormente, o porto que mais se destacou nessa atividade foi o porto de Gibraltar. Os agentes que ficavam em Gibraltar percorriam o território espanhol em busca de embarques ilegais para diversos destinos. As ações das companhias que estavam em Gibraltar começavam, primeiro, com anúncios positivos sobre a emigração, mostrando as condições dos navios acompanhados, além de passar a mensagem de que a emigração por Gibraltar não era ilegal. A localidade servia para as regiões

ferrovia foi inaugurada em 1912 com 366 quilômetros que ligavam Porto Velho a Guajará-Mirim, na divisa com a Bolívia. Sua construção solicitou cerca de 20 mil trabalhadores de diversas nacionalidades, inclusive espanhóis, e cerca de 1.600 operários morreram em sua construção, principalmente devido a várias doenças, como a malária. Assim, a ferrovia ficou conhecida como a “Ferrovia da Morte”. Ver: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/especial-publicitario/confea/noticia/2019/10/21/a-estrada-de-ferro-madeira-mamore-aproximou-o-pais-da-regiao-norte.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2021.

¹⁹² ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 58.

¹⁹³ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café**... p. 160.

do sul da Espanha, assim como Lisboa e Leixões (este último, localizado na parte norte de Portugal) atuavam para as regiões centrais da Espanha¹⁹⁴.

Em seguida, ocorria a ação dos *ganchos* de recrutar uma leva de possíveis emigrantes já simpatizados com esses anúncios positivos sobre a emigração, principalmente camponeses pobres da região da Andaluzia.

Gibraltar era o porto preferido pelas companhias de transporte, já que não sofria a tutela das autoridades espanholas e pelos clandestinos que não podiam embarcar legalmente pela Espanha. Conforme a exigência, ali se criava famílias fictícias e falsificavam-se profissões. Os recrutados na Andaluzia amontoavam-se à espera dos navios, onde embarcavam na terceira classe¹⁹⁵.

Duas das companhias que realizavam essas atividades eram a Antunes dos Santos & Cia, com sede em Lisboa e a Francisco Cepeda¹⁹⁶, com sede, provavelmente, em Barcelona. Essas agências mandavam seus agentes para diversas regiões da Espanha, inclusive para a Andaluzia, sendo que eles eram responsáveis por procurar e embarcar emigrantes do porto inglês de Gibraltar para o Brasil. O Brasil manteve contato direto com Gibraltar, pois em muitos momentos, as passagens pagas pelo Estado de São Paulo dependiam das ações dessas agências e dos seus agentes, já que fora proibida a emigração subsidiada pelo governo da Espanha em 1910.

Uma das condições para se ter acesso às passagens financiadas era a de que o chefe da família demonstrasse, na prática, saber utilizar ferramentas agrícolas. Segundo Silvia Elena Alegre, caso o candidato a emigração não tivesse as habilidades sugeridas, sua família corria o risco de não conseguir embarcar¹⁹⁷. Geralmente, ao chegar em Gibraltar, o emigrante recebia a notícia de que o navio que o levaria atrasaria alguns dias, fazendo com que tivessem que recorrer, não raramente, a caridades públicas para se manter próximo ao porto de embarque.

¹⁹⁴ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 202.

¹⁹⁵ PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880-1920...** p. 64.

¹⁹⁶ A autora Elda Gonzalez Martinez traz a reflexão do Instituto Español de Emigración, dizendo que essas companhias, a Antunes dos Santos e a Francisco Cepeda “procediam com boa fé e operavam na legalidade, de acordo com a ‘amoralidade do negócio’”. Apud: MARTINEZ, Elda Evangelista González. O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 245.

¹⁹⁷ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 222.

Outro fator que foi influente para a tomada de decisões não só do governo espanhol, mas de vários países europeus sobre a condução do movimento migratório, foi a situação a que estiveram submetidos os emigrantes nos países de destino. De acordo com Renzo Grosselli, não só espanhóis, mas os colonos europeus que chegavam ao Brasil estavam certos de que “seriam acolhidos em estruturas funcionais, alojados rapidamente em casas provisórias e de que poderiam trabalhar suas terras imediatamente. Recebiam na Europa informações erradas”¹⁹⁸.

Porém, quando se chegava ao Brasil, as más condições de trabalho a que os imigrantes de diversas nacionalidades foram impostos, desencadearam medidas restritivas à emigração. Um exemplo dos motivos para essas restrições foram as situações a que foram expostos os imigrantes prussianos em São Paulo, chegando mesmo a haver, nos cantões suíços de língua alemã, correr notícias de que se praticava “escravidão branca” no Brasil¹⁹⁹. Essas informações levaram o governo da Prússia a promulgar, em 1859, o rescrito de Heydt²⁰⁰, que estava

proibindo a propaganda em favor da imigração para o Brasil, devido aos maus tratos sofridos pelos colonos alemães na província de São Paulo. Este rescrito teve efeito desfavorável sobre os possíveis emigrantes na Prússia, e de 1871 em diante, em toda a Alemanha. O decreto só foi revogado em 1896²⁰¹.

Boris Fausto também reforça as motivações para o decreto Heydt,

Graças sobretudo ao fluxo para o Sul, os alemães figuraram em segundo lugar na imigração de estrangeiros para o Brasil entre 1846 e 1875. Entretanto, desde 1860 o fluxo começou a diminuir. Isso se deveu a uma série de razões, entre elas as más condições de tratamento dos colonos, especialmente dos suíços e alemães engajados na experiência de parceria

¹⁹⁸ GROSSELLI, Renzo M. **Colônias imperiais na terra do café...** p. 229.

¹⁹⁹ SACHETTA, Ramos Mendes José. DESÍGNIO DA LEI DE TERRAS: imigração, escravismo e propriedade fundiária no Brasil Império. **Caderno CRH**. 2009, 173-184. ISSN: 0103-4979. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347632194011>. Acesso em 16 de setembro de 2024. p. 176.

²⁰⁰ De acordo com Helmar Rölke, “em ofício com data de 03 de novembro de 1859, assinado pelo ministro von der Heydt, dirigido a todos os governos provinciais, à Central de Polícia em Berlim e a todos os consulados e representações prussianas, editou o que veio a chamar-se Rescrito de von der Heydt. Em curtos traços, o Rescrito proibiu a emigração sempre quando fossem propostos empréstimos aos colonos para travessia e aquisição de terras”. RÖLKE, Helmar. **Raízes da Imigração alemã: História e cultura alemã no Espírito Santo**. Vitória: Ed. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. p. 356. p. 107.

²⁰¹ LEVY, Maria Stella Ferreira. “O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972)”. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, 2009. p. 51.

do senador Vergueiro, em São Paulo. Em 1871, o Império alemão unificado suspendeu o apoio à imigração para o Brasil²⁰².

Outro país que foi influenciado pelas condições dos emigrantes nas terras de destino foi a Itália. As condições a que foram submetidos muitos imigrantes italianos no Espírito Santo, especialmente nas regiões de Alfredo Chaves (sul do estado) e núcleo colonial Moniz Freire (norte do estado), obrigaram o governo italiano a publicar o Decreto de 20 de julho de 1895, que proibia a emigração subvencionada de seus súditos para o estado do Espírito Santo²⁰³. Ao comentar sobre essa proibição da imigração italiana para o Espírito Santo, a autora Gilda Rocha afirma o seguinte:

o golpe fatal para a estagnação da imigração é o decreto do governo italiano que, em 20 de julho de 1895, proíbe a emigração de seus súditos para o estado do Espírito Santo. Este decreto é fruto das péssimas condições que são impostas aos imigrantes italianos²⁰⁴.

Ainda observando a emigração italiana, menciona-se também o decreto Prinetti²⁰⁵, do ano de 1902, que proibia a emigração gratuita para o Brasil, devido às más condições que passavam em São Paulo²⁰⁶ e também pela “natureza precária

²⁰² FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 138.

²⁰³ ROCHA, Gilda. **Imigração estrangeira no Espírito Santo**, 1847-1896. Vitória: [s.n.], 1984, p. 131.

²⁰⁴ RÖLKE, Helmar. **Raízes da Imigração alemã: História e cultura alemã no Espírito Santo**. Vitória: Ed. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. p. 356.

²⁰⁵ “O chamado Decreto Prinetti que, em verdade, nunca foi um decreto, mas, sim, tratou-se de uma portaria expedida pelo Comissariado Italiano da Emigração, assinada em 26 de março de 1902 pelo então comissário-geral Luigi Rodio, sendo Giulio Prinetti Ministro de Exterior. Assim, o Decreto Prinetti definia a suspensão da licença especial conferida a quatro companhias de navegação e a um pequeno “vetor” para realizar transporte transatlântico gratuito de emigrantes italianos para o Brasil, além de coibir as operações de recrutamento por parte dos agentes contratados por estas companhias e proibir a emigração subsidiada para o Brasil. Entretanto, cabe ressaltar que este decreto de forma alguma proibia a emigração espontânea de italianos, apenas limitava-se a extinguir a emigração subvencionada e colocava o Brasil, especialmente São Paulo e Rio Grande do Sul, no mesmo plano de outros países para onde direcionavam-se grandes fluxos emigratórios, como Estados Unidos e Argentina”. Ver: CENNI, Franco. Italianos no Brasil: “andiamo in Mérica”. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 235. Apud: BALBINOT, G. Detratores e defensores da imigração italiana para o Brasil: o decreto prinetti de 1902 e a exposição mundial de 1906. **Saeculum**, [S. l.], v. 38, n. 38, p. 205–227, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2018v38n38.32739. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/32739>. Acesso em: 19 de agosto de 2024.

²⁰⁶ LEVY, Maria Stella Ferreira. “O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972)”... p. 54.

dos vapores que singravam o Atlântico transportando imigrantes na 3ª classe”²⁰⁷. No início do século XX, com a crise do café, diminuiu significativamente a emigração italiana para o Brasil a partir de 1904. Sobre a promulgação do decreto Prinetti, o autor Boris Fausto comenta que,

Daí para a frente, quem quisesse emigrar para o Brasil poderia continuar a fazê-lo livremente, mas sem obter passagens e outras pequenas facilidades. A medida resultou de crescentes queixas dos italianos residentes no Brasil a seus cônsules sobre a precariedade de sua condição de vida, agravada pela crise do café²⁰⁸.

Vale ressaltar que as ações do governo espanhol não foram tomadas somente com base nos problemas internos do país. Assim como nos exemplos dos outros países acima mencionados, acontecimentos com os imigrantes espanhóis em outras partes do mundo foram cruciais para que o Estado espanhol passasse a emitir leis e decretos que buscassem proteger os imigrantes. Em 1905, a imigração espanhola superou a imigração italiana para o Brasil, num mesmo momento em que também repercutiam na Espanha, negativamente, as ações de administradores e da polícia que exploravam e subjugavam os espanhóis aqui no Brasil.

Ressalta-se que, na primeira década do século XX, a imprensa espanhola publicava duros ataques à situação no Brasil, como divulgou então o jornal *El País*, chamando as fazendas brasileiras de cárceres. Essa situação levou até mesmo o cônsul brasileiro em Barcelona, à época, a concordar com as críticas. Elda Evangelista González Martínez traz o relato da autoridade brasileira:

é preciso que se diga que, em grande parte, essa atitude dos jornais, se bem que exagerassem os fatos, devemos-la às irregularidades e abusos por parte dos encarregados ou agentes dos contratantes da nossa imigração subvencionada²⁰⁹.

Como contraponto, ressaltar-se que o Brasil, apesar de ser um dos maiores países receptores de mão de obra estrangeira europeia no século XIX, por vezes, também chegou a dificultar a entrada de estrangeiros devido às condições

²⁰⁷ GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack**. Nº. 17 Guarulhos. p. 307-361. Sept./Dec. 2017. p. 347. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320171710>. Acesso em: 19 de março de 2021.

²⁰⁸ FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil...** p. 159.

²⁰⁹ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 245.

sanitárias²¹⁰. Desde o período da colônia, já havia certa preocupação com a chegada de doenças vindas do exterior. Em 1843, existiu o Decreto 268, que tratava das inspeções de saúde nos portos brasileiros, que estabelecia quarentenas e inspeções em navios suspeitos de trazerem doenças contagiosas²¹¹.

Porém, é no final do século XIX que medidas restritivas sanitárias para entradas de navios em portos brasileiros começaram a funcionar de forma mais organizada, principalmente devido à pandemia de cólera que atingia a Europa e já havia atingido Buenos Aires em 1884. Foi a partir do Decreto n.º 1.558²¹², de 7 de outubro de 1893, que fiscalizava mais rigorosamente os navios que chegavam, principalmente no porto do Rio de Janeiro, então capital e um dos portos mais importantes da América do Sul, com inspeções externas e internas aos navios, interrogando os comandantes chegando mesmo a haver desinfecção em câmaras de enxofre. Nessas vistorias, os mais visados eram sempre os membros da terceira classe dos navios, ou seja, os imigrantes²¹³. Houve também os casos mais extremos, chamados de “torna-viagem”, onde navios em condições extremas, com muitos mortos e muitos doentes à bordo, eram mandados de volta aos portos de origem.

²¹⁰ MAIO, Marcos Chor; HOCHMAN, Gilberto; REBELO, Fernanda. “O princípio do fim: o ‘torna-viagem’, a imigração e a saúde pública no Porto do Rio de Janeiro em tempos de cólera”. **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, vol. 24, n.º 47, p. 69-87, jan.-jun. 2011. p. 79. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/Y9qCFQDCxSVHCDQqCQJLwdz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2021.

²¹¹ Esse Decreto dizia, em seu Art. 27, que, “nas visitas ordenadas no art. 15 far-se-hão aos Capitães ou Mestres de embarcações, as seguintes perguntas: o porto d'onde vem; quantos dias de viagem; o nome da embarcação, e o do Capitão se fez, alguma escala; se communicou no mar com alguma embarcação, fazendo, ou recebendo visitas, baldeando, ou recebendo fazendas, papeis, mantimentos, animais, pessoas, ou outra qualquer cousa; com quantas pessoas partio, quantas como tripulação, quantas como passageiros se lhe morreu alguém na viagem, e de que molestia. Além de todos estes interrogatorios far-se-hão todos os mais exames, que se julgarem necesarios para se conhecer se a embarcação está no caso de ser admittida a livre pratica”. **BRASIL**. Decreto Lei n.º 268, de 29 de janeiro de 1843. Contém o Regulamento das Inspeções de Saude dos portos. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/norma/386772/publicacao/15634793>. Acesso em: 19 de agosto de 2024.

²¹² Este Decreto dizia, em seu Art. 9º, que “a visita sanitaria tem por fim: verificar o estado de saude a bordo, ordenar as medidas convenientes para conservar ou restabelecer as boas condições hygienicas dos navios, impôr as quarentenas precisas e fiscalisar o cumprimento das providencias adoptadas”. **BRASIL**. Decreto Lei n.º. 1558, de 7 de outubro de 1893. Regula o serviço sanitario dos portos da Republica. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1558-7-outubro-1893-502834-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19 de agosto de 2024.

²¹³ MAIO, Marcos Chor; HOCHMAN, Gilberto; REBELO, Fernanda. “O princípio do fim: o ‘torna-viagem’, a imigração e a saúde pública no Porto do Rio de Janeiro em tempos de cólera”. **Est. Hist.**... p. 80-81.

Nesses momentos, a partir de 16 de agosto de 1893 e até boa parte do ano de 1894, o governo brasileiro chegou mesmo a suspender a imigração vinda de portos considerados “infeccionados”, como, por exemplo, portos franceses, italianos e espanhóis. O fato foi noticiado pelo jornal *O Cachoeirano*, no dia 14 de Janeiro de 1894, no artigo intitulado “Immigração”: “Apesar de ter melhorado o estado sanitário de alguns paizes da Europa, o governo continua a proibir, até ulterior deliberação, a entrada no Brazil de imigrantes vindos da Hespanha, Allemanha, Russia e Italia”²¹⁴. No ano de 1893 o retorno imediato para a Europa atingiu quase seis mil pessoas que vieram transportadas em vapores italianos. Com o aumento intenso da cólera na Europa no ano de 1893, o governo brasileiro mesmo chegou a suspender a imigração em alguns momentos, sendo que a situação só voltou a se normalizar no começo de 1894²¹⁵.

A autora Silvia Helena Alegre, ao escrever sobre a trajetória de imigrantes da Andaluzia desde seus embarques na Espanha até a chegada e assentamento em São Paulo, dedica duas páginas de sua dissertação de mestrado para observar acidentes e mortes que aconteciam com os imigrantes espanhóis. Ela relata mortes nas viagens devido à varíola e acidentes em geral no trabalho como, por exemplo, do espanhol Domingos Gomes Carrasco, de 28 anos. Este homem, ao trabalhar na fazenda São Pedro, no município de Amparo, no estado de São Paulo, ao remover uma pedra, aconteceu de esta cair sobre sua mão esquerda, tendo perdido o dedo polegar, parte do indicador, além de uma atrofia na mão atingida que a tornou inútil para o trabalho. Como se não bastasse a má sorte deste imigrante, sua esposa também contraiu uma doença infecciosa que atingiu sua vista e teve que passar por uma operação para remoção do olho direito²¹⁶.

Outro caso sofrido por imigrantes que fica exposto é o de Pedro Molina Blesa, de 41 anos, que veio para o Brasil com esposa e filhos de treze, onze e de seis anos

²¹⁴ IMMIGRAÇÃO. *O Cachoeirano*. Cachoeiro de Itapemirim, p. 2. 14 de janeiro de 1894. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217719&Pesq=%22hospedaria%22&pagfis=2744>. Acesso em: 25 de julho de 2021.

²¹⁵ MAIO, Marcos Chor; HOCHMAN, Gilberto; REBELO, Fernanda. “O princípio do fim: o ‘torna-viagem’, a imigração e a saúde pública no Porto do Rio de Janeiro em tempos de cólera”. *Est. Hist...* p. 71-72.

²¹⁶ Arquivo do Estado de São Paulo. Secretaria da Agricultura. Requerimentos diversos. CO7219. Pedido de repatriamento de Domingos Gomez Carrasco com mulher e um filho. 3 de setembro de 1906. Apud: ALEGRE, Silvia Elena. *O tráfico de andaluzes para o café...* p. 30.

de idade. No dia 7 de julho de 1906, estava Pedro trabalhando com seu filho de onze anos no cafezal e, por volta das 16 horas desse dia, apareceu o fiscal da fazenda chamado de Theodoro Leiba, que tinha acabado de discutir com um imigrante italiano momentos antes. Conforme expressa Silvia Helena, Theodoro “ordenou a Pedro que apanhasse uns grãos de café que estavam no chão, e este desagradado com o tom da ordem, se negou. Theodoro sacou então uma arma de fogo e deu um tiro em Pedro que morreu na hora”²¹⁷. Outro exemplo de atrocidade que foi praticada contra imigrantes espanhóis aqui no Brasil na época é trazido à tona por Elda Martínez:

Os súditos espanhóis Juan Picón e Eduardo Picón, colonos na fazenda Floresta, do Dr. Arthur Nicolau Vergueiro, em Itapira, foram expulsos por este em 30 de maio último, juntamente com suas famílias, compostas de mulher e vários filhos menores de idade, e ao expulsá-los não só não os quis indenizar pelo descumprimento do contrato, como queimou todas suas roupas. Os colonos foram para Itapira e ali viveram da caridade pública²¹⁸.

Segundo a autora, esses acontecimentos eram motivos de pedidos de repatriação por parte das esposas, pois a lei previa essa possibilidade em alguns casos, porém, devido à falta de documentação, nem sempre esses pedidos eram concedidos. Acontecia também de, por vezes, as agências não entregarem as certidões de óbito de imigrantes que morriam nas viagens ou então as certidões do falecimento do chefe da família antes de completar um ano de trabalho nas fazendas, o que impossibilitava a repatriação. Corroborando com Elda Martínez, o autor Blanco Rodríguez menciona que, entre os anos de 1890 e 1932, cerca de 38.000 imigrantes espanhóis foram repatriados, representando cerca de 10% de todos os imigrantes espanhóis que entraram no estado de São Paulo no mesmo período²¹⁹.

Emigrantes repatriados também acabavam se tornando vozes das injustiças que eram cometidas com os espanhóis aqui no Brasil. O jornal *O Alpha*, da cidade

²¹⁷ Arquivo do Estado de São Paulo. Secretaria da Agricultura. Requerimentos diversos. CO7219. Pedido de repatriamento de Maria González Lara e três filhos. 3 de setembro de 1906. Apud: ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 29.

²¹⁸ AESP, Secretaria de Agricultura, Requerimentos diversos, Cx. 7319, 1910. Apud: MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 255.

²¹⁹ BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 369.

de Rio Claro, interior paulista, trazia um exemplo do cenário a que eram submetidos os imigrantes no estado no ano de 1911:

Espanhóis chegados a Sevilha, repatriados do Brasil, narram que a vida nesse país especialmente no interior é angustiosa, pelos maus tratos que recebiam dos patrões, pelos castigos corporais que sofrem e pelos serviços rudíssimos a que estão submetidos. Muitos colonos, segundo narrativas dos jornais, padecem de fome e são obrigados a aceitar a situação, pois que se protestam desaparecem²²⁰.

Um periódico de Madrid também denunciava:

Las haciendas para la cultura del café son en el Brasil, salvo rarísimas excepciones verdaderas penitenciarias donde los colonos son encerrados y tratados como presidiarios, sometidos a una disciplina insuportable, a un tratamiento brutal inaudito. (...) La más leve falta, la más inocente manifestación de descontento, la más legítima insubordinación del colono, es severamente castigada²²¹.

Esses problemas chegaram ao conhecimento do governo espanhol que, em 1908, regulamentou a Lei de Emigração, que buscava frear os abusos praticados contra os imigrantes. De acordo com Cánovas, os artigos 33 e 34 da referida lei, por exemplo, “proíbiam o recrutamento dos emigrantes pelas agências de emigração, bem como a propaganda que estimulasse a saída de pessoas para outros países”²²². No entanto, os abusos contra os imigrantes espanhóis continuavam acontecendo e, diante de tal situação, o governo espanhol decidiu enviar o senhor Angel Gamboa Navarro, um emissário especial do Conselho Superior de Emigração, a quem coube realizar o estudo das condições que os colonos²²³ espanhóis viviam nas fazendas²²⁴.

²²⁰ Jornal O Alpha de Rio Claro, 1911. Apud: CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista...** p. 145-146.

²²¹ As fazendas para a cultura do café são, no Brasil, com raríssimas exceções, verdadeiras penitenciárias onde os colonos são trancados e tratados como condenados, submetidos a disciplina insuportável, a tratamento brutal inaudito. (...) A menor ofensa, a mais inocente manifestação de descontentamento, a mais legítima insubordinação do colono, é severamente punida. Tradução nossa. El País. Madrid. 25/09/1908, p. 3. Apud: ALEGRE, Sílvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 180.

²²² CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista...** p. 141.

²²³ O termo “colono” adquiriu, em São Paulo, dois significados: para os fazendeiros, colono significava aquele que trabalharia em suas terras, além de possuir o significado tradicional do pequeno proprietário de terras em núcleos coloniais. Ver: GONÇALVES, Paulo Cesar. *Escravos e imigrantes*

Navarro descrevia as condições em que espanhóis foram encontrados nas fazendas de São Paulo, onde viviam, juntos, em casas de um só cômodo e onde, por vezes, tinham que dormir no chão, até conseguirem folhas de milho que eram usadas como colchão. Elda González Martínez afirma que cerca de 98% dos imigrantes espanhóis residentes em núcleos coloniais aqui no Brasil voltariam para a Espanha, se o pudessem fazer²²⁵.

Nem só relatos frustrantes aparecem na bibliografia consultada para essa escrita. Episódios de sucesso de espanhóis também são trazidos à tona por Elda Martínez. Casos de ascensão econômica são mencionados pela autora, como o exemplo de Francisco Fernández Mota que chegou ao Brasil em 1892, vindo da Andaluzia:

Sendo sua primeira ocupação a de colono em fazenda e, com o dinheiro que conseguiu juntar, comprou um terreno e se tornou independente. Foi comerciante também em Bica de Pedra. Em 1912, comprou em Pederneiras uma fazenda com quarenta e nove mil pés de café, empregando no cultivo sete famílias de colonos²²⁶.

A ascensão social e econômica também era percebida em outros setores da sociedade em São Paulo. Muitos espanhóis também passaram a ser donos de estabelecimentos dedicados à venda de hortaliças e frutas, além de, no ano de 1920, enquanto os italianos eram donos de 11.825 granjas, os espanhóis, em menor número, eram donos de 3.530²²⁷. Alguns espanhóis e espanholas foram donos de hotéis, pousadas, pensões, cassinos e de cafés-concerto, como o Moulin Rouge, do empresário espanhol Paschoal Segreto, que contava com participação de muitas estrangeiras, inclusive, espanholas, que exerciam a profissão de “artistas”. Sendo que a prostituição também era uma alternativa a muitas migrantes, estando

são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista. Apud: **Almanack...** p. 340.

²²⁴ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista...** p. 142.

²²⁵ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 254.

²²⁶ Elda G. Martínez, “Andalucia y América...”, op. Cit., pp. 21-22. Apud: MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 258.

²²⁷ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 257-258.

realizada não só por brasileiras, mas também italianas, alemãs, russas, francesas e espanholas²²⁸.

Exemplos de ascensão econômica também aparecem nas entrevistas para este trabalho. A senhora Angela Almança Vargas Pegoretti, residente no município de Alegre e descendente de imigrantes espanhóis, também relatou a prosperidade econômica alcançada por seu bisavô

O meu bisavô, quando ele veio, começou a trabalhar, construiu uma casinha, que foi daquela madeira de palmito. Depois ele começou a desmatar as matas lá em Anutiba, começou a construir a casa, aí plantou café. Tudo que ele colhia, ele investia em comprar casinhas²²⁹.

Sobre seus avós e sua relação com o desenvolvimento da cidade de Alegre, o depoimento de Oseias acompanha a linha de pensamento de Angela Almança Vargas Pegoretti exposto acima

a gente era menino ainda quando eles morreram. Morreram ali na Guararema, ali era bairro dos espanhóis. Tem um morro lá em cima, se chama morro dos espanhóis. Por que os nossos familiares, quando eles chegaram aqui, eles tinham caixa, aí a Guararema ali era praticamente deles, compraram muita casa, muita coisa, muita casa, imóvel e lá em cima então, nem se fala. Aí por isso que ficou morro dos espanhóis²³⁰.

Outro exemplo de elevação econômica de um imigrante espanhol aparece na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, cidade do interior do sul do Espírito Santo que faz divisa com o município de Alegre. O jornal *O Cachoeirano*, na edição de 23 de março de 1890, traz a notícia de um espanhol prestes a abrir uma fábrica de chapéus:

A nossa cidade vai ter uma fábrica de chapéus. O cidadão hespanhol Alexandre Roberto já fez aquisição de uma casa do lado norte e está tratando de provê-la do material necessario para um estabelecimento dessa ordem. É mais um progresso para nosso torrão²³¹.

²²⁸ CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana 1890-1922**, Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo: 2007. p. 176-180.

²²⁹ Depoimento de Angela Almança Vargas Pegoretti, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

²³⁰ Depoimento de Oseias Sanches Matos, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2022.

²³¹ FABRICA de chapeos. **O Cachoeirano**. Cachoeiro de Itapemirim, p. 3. 23 mar. 1890. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217719&Pesq=espanhol&pagfis=2069>. Acesso em: 27 mar. 2021.

Mais uma ilustração de espanhol que obteve ascensão econômica no Brasil é o de Pedro Molina, um dos fundadores da Real Sociedade Española de Beneficencia de Bahia. Em 1882, Molina estabeleceu uma sociedade de compra e venda de gêneros nacionais e estrangeiros. No ano inicial, seu capital era de 4 contos de réis sendo que, quatro anos depois, aumentou para 16 contos de réis²³².

Vale ressaltar, também, o caso de Francisco Sánchez López. Acompanhado de sua esposa, Anna Reinoso Cañe, assim como muitos outros imigrantes espanhóis que se destinaram para a região de Alegre, no interior do Espírito Santo, o imigrante também foi, primeiramente, colono nas lavouras de café de um dos ricos fazendeiros da região no ano de 1889. De acordo com Carlos Magno Bravo, passados alguns anos e, devido ao seu trabalho, sua economia e sua perspicácia para o comércio, evoluiu economicamente adquirindo uma padaria e transformando-se em um grande comerciante da região no início do século XX²³³.

Vera Lucia Álvarez, entrevistada da pesquisa, também faz parte do grupo de descendentes de imigrantes e seus descendentes espanhóis que prosperou economicamente aqui no Brasil. Ao comentar sobre sua visita feita no ano de 1996 à comunidade espanhola de onde seus antecedentes vieram, menciona a estabilidade econômica que conquistou em Alegre

Nós temos primos lá (na Espanha). Quando nós fomos lá, eles ficaram deslumbrados. Jamais poderiam imaginar que alguém do Brasil fosse lá visitá-los. Ficaram encantados. E o terreno lá tem pezim de pêssego, tem pé de maçã, sabe? E tem uma prima nossa lá que toma conta (do terreno). Aí ela virou pra mim e falou assim "olha, olha só, isso daqui é de vocês. Eu só to plantando pra conservar". Eu falei assim, "olha, vou te falar sinceramente, se eu pudesse, se eu respondesse pela família inteira, eu daria uma ordem, uma autorização passando pro nome de vocês isso daí, porque, lá no Brasil, nós já temos o suficiente, não precisa mais disso aqui"²³⁴.

No relato de Vera Lúcia, seus primos na Espanha ficaram deslumbrados com a visita de parentes do Brasil, algo que jamais imaginaram. Os primos espanhóis mantêm o terreno, mas Vera Lúcia expressa certa ideia de "desapego" em relação à terra, dizendo que no Brasil eles já têm o suficiente. Isso pode ser interpretado como

²³² MARTÍNEZ, Elda González. Tres inmigrantes, cuatro centros, un periódico... Las asociaciones españolas en Brasil. Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 369.

²³³ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias. Alegre - ES**, 1998. p. 176-177.

²³⁴ Depoimento de Vera Lucia Alvarez, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

uma ruptura com a ideia de retorno tradicional, sugerindo que os descendentes de imigrantes, já bem estabelecidos em suas novas terras, não sentem a necessidade de retornar ao lar ancestral, rompendo o ciclo migratório descrito por Sayad. Para esse autor, o imigrante deixa de se considerar imigrante na medida em que abandona a ideia de retorno

O imigrante só deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado e, conseqüentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal. E a extinção desta denominação apaga, a um só tempo, a questão do retorno inscrito na condição do imigrante²³⁵.

O relato acima de Vera Lucia oferece uma perspectiva sobre a ascensão social de sua família, sendo que outros imigrantes espanhóis, que também chegaram no final do século XIX para o trabalho nas fazendas de café da região de Alegre como colonos, e, graças ao seu trabalho e suas economias, conseguiram comprar terras. Alguns, como o senhor Manoel Rodríguez Fernandez, prosperaram de tal forma, que chegaram mesmo a ter o *status* de homem rico em Alegre e região²³⁶. Ainda sobre a questão do retorno, tão entranhada entre os imigrantes, Marília Klaumann diz que “a emigração era também vista como a saída para o enriquecimento e o prestígio, fomentando a imaginação dos pretendentes, que assim reproduziam o eventual retorno ao *pueblo* de origem”²³⁷.

Essa ascensão econômica de vários imigrantes espanhóis foi relatada no livro de Carlos Magno Rodrigues Bravo, intitulado *Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920*, que conta a história de importantes personalidades responsáveis pela formação da cidade de Alegre. Sobre esses episódios de sucesso, Luci Helena Bravo relatou o seguinte:

Já eu, tenho um avô, por parte dos Rodrigues, que ele tinha uma situação melhor, tanto que, quando ele chegou no Brasil, ele comprou terras. Ele tinha uma sabedoria. Um tanto de espanhóis iam ter conversas com ele pra saber o que ele poderia orientar em relação ao trabalho e outras coisas, né, porque ele tinha uma cultura, pelo jeito de escrita dele. E tudo que ele produziu, depois que ele morreu, os filhos dele venderam tudo. Ficaram numa situação bem difícil. Já, por parte da família dos Bravo, todo mundo trabalhava. Eles progrediram, entendeu? Tanto em educação porque teve a avó do Magno, Maria Encarnación. Ela era espanhola também, mas dizem

²³⁵ SAYAD, A. **As características genéricas ou as constantes do fenômeno migratório...** p. 11.

²³⁶ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES...** p. 37.

²³⁷ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930...** p. 42.

que ela era uma pessoa muito culta e, apesar de não saber ler e escrever, era culta e incentivava as pessoas a crescer²³⁸.

O relato acima de Luci Helena se encaixa nos exemplos de sucessos que imigrantes e seus descendentes obtiveram ao chegarem no Brasil. O avô da família por parte dos Rodrigues, ao chegar no Brasil, comprou terras e se tornou uma referência para outros imigrantes, demonstrando sabedoria e habilidade na gestão de recursos, mas, contudo, após sua morte, seus filhos não conseguiram manter o legado, vendendo tudo e enfrentando dificuldades. Por outro lado, a família dos Bravo prosperou, com Maria Encarnación Bravo incentivando o progresso e a educação, apesar de não saber ler e escrever.

Esse subponto explorou as visões negativas e positivas sobre a migração espanhola, onde ficou evidente que a perspectiva negativa predominou nos debates, o que forçou políticas de cerceamento adotadas por estados europeus e americanos em relação ao fluxo migratório. A análise deste ponto incluiu exemplos de sucessos e reveses acontecidos com imigrantes espanhóis e seus descendentes no Brasil. O próximo ponto abordará cenários gerais da imigração espanhola no Brasil durante o período da Grande Migração.

1.3 - Aspectos gerais da imigração espanhola para o Brasil (1880-1930)

De acordo com Boris Fausto, cerca de 3,8 milhões de estrangeiros entraram no Brasil entre 1887 e 1930²³⁹ e “considerando-se o período 1887-1930, os italianos formaram o grupo mais numeroso, com 35,5% do total, vindo a seguir os portugueses (29%) e os espanhóis (14,6%)”²⁴⁰. A presença de espanhóis em solo brasileiro remonta desde os tempos coloniais. Mas é no período de 1880 até 1930, o chamado período da Grande Imigração, que quantidades significativas de espanhóis adentraram o território do Brasil. Nesse período, o Brasil recebeu mais de 500 mil espanhóis, formando o terceiro grupo mais numeroso de imigrantes em solo

²³⁸ Depoimento de Luci Helena Albertazzi Bravo, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

²³⁹ FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil...** p. 155.

²⁴⁰ FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil...** p. 156.

brasileiro, atrás apenas de portugueses e italianos²⁴¹. Numa época em que o país mudava seu modelo de produção senhorial-escravista para burguês-assalariado, a imigração foi decisiva para configurar as relações socioeconômicas e políticas da sociedade brasileira e, por isso, estudar este movimento é tão importante. Nas palavras de Érica Sarmiento, estudiosa da imigração galega no Rio de Janeiro,

a formação do Brasil está unida à imigração. A participação ativa das diversas populações oriundas dos quatro continentes, com seus costumes e culturas distintas contribuíram para a formação e para a construção da sociedade brasileira, a partir de um processo histórico que é a união de muitas histórias, de portugueses, africanos, japoneses, espanhóis, libaneses... sem esquecermos das populações indígenas que já estavam antes da chegada dos colonizadores²⁴².

Durante o século XIX, o Brasil passou por mudanças políticas importantes: deixou de ser colônia e passou a ser Império e, no final do século, se tornou uma República. Essas mudanças políticas, no entanto, não vieram acompanhadas de mudanças econômicas e sociais significativas: o Brasil continuou um país agroexportador tendo seu trabalho ancorado na exploração dos escravizados e, só depois, nos imigrantes²⁴³.

De acordo com Alonso, os países latino-americanos entenderam que a chegada dos imigrantes permitia-lhes consolidar seu sistema econômico e atingir a “base demográfica necessária para povoar e modernizar seus países. Por esta razão, durante o século XIX, a maioria dos países latino-americanos aprovou leis e medidas para promover a imigração”²⁴⁴. Dessa forma, os governos latino-americanos fomentaram a imigração europeia instalando oficinas de migração, trabalhando em propagandas e divulgando as vantagens que se encontraria do outro lado do Atlântico, assim como se viu no capítulo anterior de forma mais minuciosa.

No caso do Brasil, indígenas e negros libertos não foram levados em conta para a ocupação do território brasileiro, quando não considerados um entrave para o desenvolvimento de um modelo de agricultura moderna e o consequente

²⁴¹ SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**... p. 52.

²⁴² SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**... p. 27.

²⁴³ ALEGRE, Sílvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café**... p. 33-34.

²⁴⁴ ALONSO, M^a Ángeles Sullé. **La Emigración Española en América**... p. 12.

desenvolvimento econômico do país²⁴⁵. Ao passo que começavam a chegar imigrantes europeus, que eram considerados os responsáveis pelo desenvolvimento do país, a mão de obra nacional era cada vez mais estigmatizada em termos raciais.

Informa-se que, mesmo durante a época do império brasileiro, não houve somente trabalhadores escravizados. Havia muitos negros livres, caboclos e ex-escravos também. Essas pessoas estavam disponíveis para o trabalho. Porém, no entendimento da elite imperial brasileira, era o europeu branco que seria o responsável pelo desenvolvimento e ocupação do território brasileiro.

Assim, o governo brasileiro demonstrou certo apreço pelo imigrante branco europeu, sendo este, considerado aquele que promoveria o desenvolvimento do país. Ao imigrante foram reservados os trabalhos ora nas fazendas, ora nas colônias de imigração (territórios criados pelo governo imperial ou por iniciativas particulares onde os imigrantes deveriam trabalhar e produzir), o que permitiu que as suas famílias tivessem condições de sobreviver e, quando muito, juntar alguma quantia. Quanto aos ex-escravizados, caboclos e trabalhadores nacionais não houve nenhuma espécie de tratamento após a Abolição. Esses grupos não fizeram parte de nenhum projeto de inclusão social. De acordo com Boris Fausto

Apesar das variações de acordo com as diferentes regiões do país, a abolição da escravidão não eliminou o problema do negro. A opção pelo trabalhador imigrante nas áreas regionais mais dinâmicas da economia e as escassas oportunidades abertas ao ex-escravo em outras áreas resultaram em uma profunda desigualdade social da população negra. Fruto em parte do preconceito, essa desigualdade acabou por reforçar o próprio preconceito contra o negro. Sobre tudo nas regiões de forte imigração, ele foi considerado um ser inferior, útil quando subserviente ou perigoso por natureza, ao ser visto como vadio e propenso ao crime²⁴⁶.

Um exemplo de racismo se deu na própria freguesia de Alegre, cidade que envolve a presente pesquisa. No ano de 1867, nasceu o senhor Raymundo Altino de Souza, filho de negra escravizada, vindo a se tornar um homem livre no ano de 1887. Passou uma juventude com bons estudos, chegando mesmo a ser professor

²⁴⁵ SEYFERTH, Giralda. "Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização". Apud: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, 252 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/djnty/pdf/maio-9788575415177.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021. p. 56.

²⁴⁶ FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil...** p. 124-125.

público e particular no município de Alegre no final do século XIX e início do século XX. Certa vez, o professor Raymundo foi convidado para um almoço na residência do senhor Felício Alcure, comerciante e proprietário na região de Alegre. Neste almoço também estava presente um grupo de pintores franceses responsáveis por ornamentar a residência do senhor Felício. Segundo Carlos Magno Bravo, os franceses, ao verem o negro à mesa, teceram comentários ofensivos e, “ouvindo tal ofensa, Raymundo, em um impecável francês, deu-lhes a resposta necessária, deixando aturridos e desconcertados os artistas”²⁴⁷.

Os descendentes de africanos não foram considerados aptos para a produção agrícola num sistema de livre iniciativa. É como se, depois de libertos, não fossem mais úteis para a sociedade que buscava se desenvolver aos moldes europeus. Segundo Giralda Seyferth, “é como se os descendentes de africanos estivessem simplesmente destinados ao desaparecimento no contexto de uma civilização não escravista” e assim, esse tipo de “raça inferior” não foi incluído em qualquer projeto particular ou oficial de trabalho, pois a “agricultura moderna” era coisa para civilizados brancos”²⁴⁸. De acordo com a autora,

Apesar da condenação explícita do escravismo, não há qualquer preocupação com o destino da população escrava, nem mesmo com os demais trabalhadores nacionais, e o significado mais imediato de “trabalho livre” é a desqualificação dos negros e mestiços para o trabalho independente. Eram, pois, considerados incapazes de agir por iniciativa própria - pressupondo, portanto, que fracassariam como pequenos proprietários²⁴⁹.

A princípio, os objetivos do governo imperial brasileiro com a imigração eram o de povoar e consolidar o território nacional, por isso, foram criadas as colônias de imigração, que fariam o Brasil prosperar e adentrar no circuito do capitalismo moderno, o que era um desejo da época. Intera-se que, de acordo com Jair Ramos,

²⁴⁷ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias...** p. 150-151.

²⁴⁸ SEYFERTH, Giralda. “Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização”. Apud: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade...** p. 47.

²⁴⁹ SEYFERTH, Giralda. “Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização”. Apud: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade...** p. 46.

quando as ações de recepção e de assentamento de imigrantes são realizadas pelo governo, este não só contribui para povoamento do território, como também, busca atuar sobre os imigrantes, construindo uma relação de autoridade²⁵⁰. Quando o Estado financia as viagens e as terras, quando institui as colônias de imigração no Nordeste, no Espírito Santo ou na região do sul do país, firma seu poder sobre os imigrantes, sendo que, essas “ações feitas em nome do Estado, ainda que demandadas a partir de interesses privados, constroem o próprio Estado”²⁵¹. Dessa forma, junto com a expansão do povoamento sobre seu solo, o Estado brasileiro também busca aumentar sua área de atuação, se fazendo presente no avançar do crescimento e do povoamento do Brasil.

Insere-se que a ideia de se trazer estrangeiros para povoarem o solo brasileiro não começa no século XIX, mas já no final do século XVIII, bem antes da chegada da família real. De acordo com Paulo Cesar Gonçalves, no ano de 1747, foram elaboradas provisões régias para a emigração de 4 mil casais açorianos para o Brasil para povoar onde fosse preciso e providenciando alguns privilégios como ajuda de custo, rações, terras, sementes e animais de tração, além de algumas ferramentas²⁵².

Com a chegada da família real e mesmo antes da independência, o governo português já tentava estabelecer um modelo de colonização baseada no trabalho familiar livre. Uma dessas tentativas foi a colônia de Nova Friburgo, na Província do Rio de Janeiro, onde, em 1819, cerca de dois mil emigrantes suíços receberam parcelas de terra e promessas de prosperidade por parte da política portuguesa e dos agenciadores, num momento em que a política de imigração tinha os objetivos de “povoar o território e de desenvolver uma agricultura para abastecimento, além da intenção de trazer emigrantes especializados em artes e ofícios para a construção das cidades”²⁵³.

De acordo com Jair Ramos, esse tipo de colonização também visava a formar uma sociedade “à parte” da sociedade escravista, com pessoas livres, brancas e

²⁵⁰ RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco...** p. 30.

²⁵¹ RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco...** p. 22.

²⁵² GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack...** p. 331-332.

²⁵³ SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)...** p. 28.

pequenos proprietários. Isso porque Dom Pedro II, ao favorecer a colonização por europeus, buscava modernizar o Brasil, mas sem afetar a sua base, o que quer dizer, sem entrar em conflito com os grandes fazendeiros das plantações de café e dos governos provinciais. Para Jair Ramos, os imigrantes deveriam vir com suas famílias, pois significava, além de outras razões, mais motivos para o permanecimento do imigrante na fazenda.

A escolha das famílias como objeto da política de atração de imigrantes era bastante compreensível. Afinal, a escolha do indivíduo como alvo da política de colonização seria uma aberração econômica e política. Econômica porque indivíduos não seriam capazes de suportar a carga de exploração necessária ao sucesso do empreendimento colonizador senão como escravos. Era fundamental o papel da auto-exploração familiar. Aberração política porque sobre o indivíduo se exercia menos a autoridade que a violência. Junto aos imigrantes, era a família a garantia de que o imigrante vinha com o objetivo de se radicar definitivamente²⁵⁴.

A elite imperial brasileira também entendia que novos rumos deviam ser dados ao Brasil. De acordo com Adilson Silva Santos, a escravidão africana aparecia no discurso imigrantista “como algo imoral, retrógrado, bárbaro, que não se enquadrava nos novos moldes econômicos vigentes e que transmitia uma imagem negativa do país na Europa”, por isso, a busca pelo embranquecimento²⁵⁵.

Nesse momento, é importante destacar que o governo brasileiro incentivava a imigração não apenas para ocupar vastas áreas desabitadas e em resposta à pressão internacional pelo fim da escravidão, mas também devido à preocupação em “branquear” a população brasileira após a independência. Essa questão foi muito importante durante o contexto da imigração no Brasil no século XIX e início do século XX. De acordo com Gustavo Campos,

Muitos ideólogos do século XIX e início do século XX não se preocupavam apenas com o embranquecimento da população, como se poderia supor: um número considerável deles buscava, mesmo que por meio de teses racistas e eugenistas, constituir uma raça “superior” brasileira²⁵⁶.

²⁵⁴ RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco...** p. 62.

²⁵⁵ SANTOS, Adilson Silva. **Sírios e Libaneses no sul do Espírito Santo (1890-1930)**. Tese (Doutorado em História). Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2019, p. 62.

²⁵⁶ CAMPOS, Gustavo Barreto. **Dois séculos de imigração no Brasil: a construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015**. Tese (Doutorado). Escola de Comunicação – ECO, UFRJ. Rio de Janeiro, 2015. p. 38.

A teoria do branqueamento, amplamente difundida na época, defendia que a miscigenação com europeus poderia, ao longo das gerações, “embranquecer” a população brasileira, promovendo o que era visto como um avanço civilizacional e cultural. Isso levou a uma política de imigração seletiva em que grupos de imigrantes europeus eram incentivados a migrar para o Brasil com benefícios e incentivos, enquanto a entrada de outros grupos raciais era desestimulada ou restrita. Essa seletividade chegou mesmo a figurar na legalidade da época, como se vê no Decreto 528 de 1890,

Art. 1º E' inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas²⁵⁷.

Essa exclusão reflete as ideias prevalentes de "branqueamento" da população brasileira, que buscavam substituir a mão de obra escravizada por trabalhadores europeus, considerados mais desejáveis no projeto de formação nacional. O decreto é um exemplo de como políticas de imigração foram usadas como ferramentas para moldar a composição étnica e racial do Brasil, incentivando a imigração europeia enquanto restringia a entrada de asiáticos e africanos, em consonância com as ideologias racistas que permeavam o pensamento político da época. Essas teorias raciais fundamentaram políticas públicas na construção do Estado na passagem para o século XX²⁵⁸.

Também houve tentativas de colonização com alemães no Nordeste que falharam, não só devido ao clima quente tropical da região, mas também pelas grandes propriedades escravocratas do período que ainda eram um entrave para qualquer experimento de colonização do solo que aparecesse por perto. Assim, essa primeira fase de estabelecimento de colônias para os imigrantes europeus foi

²⁵⁷ **BRASIL.** Decreto Lei n. 528, de 28 de junho de 1890. Dispõe sobre o serviço da introdução e localização de imigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

²⁵⁸ MAIA, Kenia Soares. ZAMORA, Maria Helena Navas. O Brasil e a Lógica Racial: Do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. ISSN 0103-5665 =265, **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 30, n.2, p. 265 –286, 2018. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v30n2/05.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2024. p. 267.

interrompida, voltando a ser executada no sul do país a partir de 1846, após a Revolução Farroupilha. Principalmente, devido ao fracasso das colônias no nordeste e também pelo Sul ser uma região de conflitos com a Argentina e o Uruguai, o governo imperial buscava, assim, povoar cada vez mais esses territórios²⁵⁹.

Ainda com Jair Ramos, uma das faces perversas dessa política de colonização-povoamento promovido pelo governo imperial era a marginalização do trabalhador nacional, com base em perspectivas racistas, que recaíam na maioria das vezes, sobre os ex-escravizados²⁶⁰. Havia o pressuposto de que o imigrante branco traria a “civilização para o mundo do trabalho”²⁶¹, isso porque a imigração no Brasil não estava relacionada somente a povoar o interior do país, mas também em obter um novo tipo de trabalhador mais adequado às relações de trabalho capitalistas. Dessa forma, a imigração também passa a ser vista como promotora da civilização e da regeneração racial²⁶².

A saga para se inserir cada vez mais o europeu em solo brasileiro e de fazer dele um colono percorreu o século XIX e também chegou a adentrar boa parte do século XX. A política de povoamento também atingiu os debates entre autoridades brasileiras. Como exemplo, em 1906, o recém-eleito presidente do Brasil, Afonso Penna, chegou mesmo a dizer em sua mensagem presidencial do mesmo ano que:

O povoamento do nosso território por imigrantes de origem europeia constitui um dos mais seguros elementos para acelerar o progresso e a grandeza de nossa pátria. Os sacrifícios que fizemos para este fim serão largamente compensados e retribuídos, como bem o prova o estado florescente de muitas das colônias fundadas há longos anos e que hoje constituem núcleos agrícolas e industriais de primeira ordem. É preciso, entretanto, cuidar de fixar o imigrante ao solo, facilitando-lhe a aquisição da propriedade, em vez de auxiliar simplesmente a introdução de trabalhadores que, constituindo um pequeno pecúlio, tornem às respectivas pátrias, privando-as do seu concurso e deslocando capitais preciosos a país novo como o nosso. É objeto que depende da ação conjunta da União e dos estados e ao qual prestarei a atenção merecida²⁶³.

²⁵⁹ SEYFERTH, Giralda. “Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização”. Apud: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade**... p. 44.

²⁶⁰ RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco**... p. 65.

²⁶¹ RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco**... p. 65.

²⁶² LÁZARO, Alicia Gil; SARMIENTO, Erica; VICENTE, Maria Jose Fernandez. **Migrações atlânticas no mundo contemporâneo (séculos XIX-XXI)**... p. 111.

²⁶³ AC, 1906, vol. VIII, p. 636. Apud: RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco**... p. 79.

Ao final da década de 1840, paralelamente à linha de pensamento da elite imperial de utilizar os imigrantes para o povoamento e desenvolvimento do país, começou a surgir uma nova linha de pensamento por parte dos grandes fazendeiros produtores de café em relação à utilização dos imigrantes no Brasil. Os grandes fazendeiros de café no Brasil, principalmente em São Paulo, começaram a esboçar um projeto que era concorrente com a visão da elite imperial no que dizia respeito à chegada e às atividades que os estrangeiros deveriam desempenhar no Brasil, embora não diferente em relação ao propósito de embranquecer o país.

Os anseios dos fazendeiros não tinham relação alguma com as colônias de imigração. Na verdade, suas preocupações estavam ligadas à necessidade de mão de obra para o trabalho nas fazendas devido ao declínio da escravidão, principalmente com o fim do tráfico negreiro em 1850, num momento em que se dava um aumento da procura internacional pelo café. Enquanto possuíam mão de obra escravizada suficiente para o trabalho nas fazendas, os fazendeiros assistiam com certa indiferença o desenvolvimento das colônias de imigração, sendo que, no caso do Espírito Santo, algumas colônias chegaram até mesmo a serem elogiadas por eles em alguns momentos.

As necessidades dos fazendeiros não estavam tão alinhadas com o projeto colonizador que a elite imperial propagava de desenvolver o país em colônias de imigrantes. A necessidade à época era a de suprir a mão de obra escravizada que estava em baixa. Os motivos para essa preocupação eram claros: o café era uma planta duradoura, mas que necessitava receber cuidados, caso isso não acontecesse, não haveria produção e os fazendeiros perderiam todo o investimento que fizeram. De acordo com Silvia Elena Alegre, “o cafezal representava a riqueza das fazendas uma vez que o escravo foi perdendo essa função à medida que a Abolição aparecia como uma possibilidade efetiva”²⁶⁴. Sobre a relação entre a imigração espanhola para o Brasil, o café e a transição do trabalho escravo para o assalariado, Odahyses Espinosa Bravo Barbosa conta que a história de seus antepassados esteve incontida nesse contexto, ao mencionar que

A família do vovô, dos nossos avós paternos, eles vieram substituir mão de obra escrava porque acabou a escravidão. Os fazendeiros todos quebrando. Então (os emigrantes) estavam em situação difícil (lá na Espanha). Depois de um tempo, eles vieram para o Brasil, porque falaram pra eles “olha, vocês vão

²⁶⁴ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 48.

lá vão pegar ouro, vocês pegam com o rodo". Era o café. Então eles vieram, achando que iria pegar dinheiro à rodo. Mas sofreram muito²⁶⁵.

A fala de Odahyses sobre seus ascendentes, além de estar contida na conjuntura do contexto migratório de finais do século XIX, onde aos emigrantes europeus eram apresentadas promessas de sucesso na América, também se encontra em meio à questão laborial do Brasil da época, que visava substituir o trabalho de escravizados nas fazendas de café pelo trabalho de imigrantes vindos da Europa.

Jair Ramos diz que, com a crescente expectativa de que o tráfico de escravizados chegaria ao seu fim e, com o aumento da procura internacional pelo café, grandes fazendeiros que influenciavam a política brasileira esboçavam novos objetivos para a imigração ao invés de destinar os imigrantes para colônias de imigração: os fazendeiros passaram a argumentar pela utilização de imigrantes para a substituição do trabalho que era realizado pelos escravizados nas fazendas²⁶⁶.

Com a abolição da escravidão, muitos fazendeiros viram na imigração uma solução para suprir a falta de trabalhadores nas lavouras. Desse modo, a imigração tem estreita relação com o trabalho, conforme observa Sayad:

Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonismo), mesmo nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento²⁶⁷.

Nesse momento, diferentes interesses de setores dominantes no Brasil foram contrapostos em discussões de projetos relacionados à nação em construção, implicando decisões sobre qual seria o imigrante mais apropriado para engrandecer o país. Se para uns, principalmente ligados ao poder central, tratava-se de atrair

²⁶⁵ Depoimento de Odahyses Espinosa Bravo Barbosa, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

²⁶⁶ RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco...** p. 68.

²⁶⁷ SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade, 1998. p. 54 e 55.

camponeses para o trabalho na agricultura que, transformados em pequenos proprietários, dariam forma ao “povo” brasileiro, para os fazendeiros do café tratava-se de não desviar a atenção do seu principal interesse, distorcido pela sua ótica de classe em interesse da nação: o abastecimento de braços para a lavoura²⁶⁸.

Um exemplo que retrata esse desejo de mudança lenta foi o projeto de Lei do então deputado Joaquim Nabuco, feito em 1880. Nesse projeto, previa-se decretar o fim da escravidão dez anos depois, em 1890. O projeto de Lei ainda trazia, em suas bases, a indenização a ser paga pelo estado aos fazendeiros pela perda da mão de obra, os escravizados, no caso. Assim, se percebe a clara preocupação de Joaquim Nabuco com os desejos dos senhores fazendeiros²⁶⁹. Sem apoio, o projeto de Joaquim Nabuco não se concretizou.

É, na década de 1880, que a emigração espanhola para o Brasil começa a se tornar mais intensa, se destacando como principais contribuidoras para esse fluxo, as regiões da Andaluzia e da Galícia. Destaca-se que a grande maioria de emigrantes espanhóis que fizeram seu traslado para o Brasil, o fizeram de portos estrangeiros, o que indica um alto grau de emigração clandestina, como já comentado anteriormente.

As tabelas abaixo mostram o número de imigrantes espanhóis entrados no Brasil no período de 1882 até 1930. Observe as diferenças numéricas. Primeiro, tabela com números oferecidos por estatísticas espanholas.

Tabela 2: Números da imigração espanhola para o Brasil com números espanhóis

Emigrantes espanhóis saídos de portos espanhóis com destino ao Brasil	
Período	Indivíduos
1882-1884	3.914
1885-1889	11.410
1890-1894	34.513
1895-1899	36.674

²⁶⁸ ALEGRE, Sílvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 9.

²⁶⁹ ROCHA, Fábio Dantas. **Saindo das sombras: classe e raça na São Paulo pós-abolição (1887-1930)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018. p. 33.

1900-1904	14.510
1905-1909	59.551
1910-1914	44.745
1915-1919	7.264
1920-1924	10.864
1925-1929	15.294
Total	238.739

Fonte: MARTÍNEZ, Elda Evangelista González. *O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis*. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) *Fazer a América*. São Paulo: EdUSP, 2000. p. 240.

Agora, observe a mesma tabela, mas com números fornecidos por estatísticas de portos brasileiros.

Tabela 3: Números da imigração espanhola para o Brasil com números brasileiros

Imigrantes espanhóis no Brasil (estatísticas brasileiras)	
Período	Indivíduos
1882-1884	7.331
1885-1889	18.738
1890-1894	89.609
1895-1899	74.684
1900-1904	23.146
1905-1909	90.086
1910-1914	143.485
1915-1919	38.166
1920-1924	44.906
1925-1929	37.025
Total	567.176

Fonte: MARTÍNEZ, Elda Evangelista González. *O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis*. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América**. São Paulo: EdUSP, 2000. p. 241.

Repare como as duas tabelas têm o mesmo recorte temporal e abordam o mesmo grupo, no caso, dos imigrantes espanhóis, mas tem números totalmente diferentes. Essa diferença, ao que tudo indica, se deve à imigração clandestina. De acordo com Zamorano Blanco, com o predomínio e influência dos grandes fazendeiros de São Paulo e do Rio de Janeiro, a região sudeste começa a ser o principal ator nas configurações do período de transição e assentamento da República. Já em 1887, São Paulo começa a organizar sua própria política imigratória. Em 1892, o governo federal já não subvencionava imigrantes nem fundava colônias pelo interior do Brasil devido à pressão dos barões do café, assim, o governo central cedeu a localização dos imigrantes aos Estados em 1893, limitando-se a dar hospedagem para os imigrantes na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. Isso queria dizer que, agora, cada Estado brasileiro era responsável por gerir sua imigração e, como São Paulo ocupava lugar de prestígio na política nacional, a maioria dos imigrantes do período foi em direção às fazendas paulistas de café para atender as necessidades dos fazendeiros que já não possuíam a mão de obra escravizada²⁷⁰.

De início, os fazendeiros tentaram, eles mesmos, implementar uma política de imigração com recursos próprios, como o acontecido com o senador e grande fazendeiro do café Vergueiro²⁷¹. Foram criadas empresas que tratavam de importar imigrantes como a Vergueiro & Cia e a Souza Queiroz. Nesse momento, não se requeria trabalhadores especializados ou qualificados, bastando somente a força dos braços para o trabalho. Porém, já em 1856, apareciam as dificuldades do projeto. Nas palavras de Jair Ramos, “uma das razões dessas dificuldades devia-se à própria mentalidade escravista dos fazendeiros, que os levava a tratar os imigrantes da mesma forma que eram tratados os escravizados”²⁷², o que gerava contradições e revoltas, fazendo com que o sistema de parceria perdesse seu valor entre os fazendeiros e colonos, além de repercutir muito mal na Europa.

²⁷⁰ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 91.

²⁷¹ Paulo Cesar Gonçalves traz a reflexão de historiadores a respeito do personagem Vergueiro, dizendo que ele pode também ter realizado a atividade de traficante de escravos, antes de se dedicar a trazer braços europeus para o Brasil. Ver: GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack**... p. 338.

²⁷² RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco**... p. 69.

Um dos meios de se estabelecer a passagem paga ao imigrante foi incluí-la aos itens do sistema de parceria. No sistema de parceria, os fazendeiros davam adiantamentos ao imigrante, que deveriam ser saldados posteriormente, como a viagem marítima, transporte até o local de trabalho e primeiros mantimentos para os imigrantes chegados no Brasil. Muitas vezes, porém, o sistema de parceria se mostrou frustrante para os imigrantes, pois as dívidas se acumulavam e seu pagamento levava anos às vezes, o que dificultava a almejada aquisição de terras, que era um dos principais desejos de muitos imigrantes²⁷³.

Quando lidavam com os escravizados, os fazendeiros recorriam a algumas estratégias para manter a ordem na fazenda: faziam de tudo para maximizar a visibilidade dos cativos nos terrenos e, principalmente, faziam um jogo de promessas e ameaças para ter o controle sobre os escravizados, chegando a oferecer recompensas que iam desde alforrias e possibilidade de ganhos dentro das fazendas, como também havia ameaças que chegavam ao chicote. Emília Viotti da Costa também é mencionada por Paulo Gonçalves ao reforçar as colocações acima a respeito da relação entre escravizados e senhores no Brasil. Segundo ela, o grupo dominante, no caso, os fazendeiros, recorria à violência física para alcançar seus objetivos como, por exemplo, “manter o ritmo de trabalho, impedir indisciplinas ou reprimir revoltas, atemorizar os escravos mantendo-os humildes e submissos, evitar ou punir fugas”²⁷⁴. Nas fazendas, a punição aos negros escravizados era uma questão doméstica, intervindo o Estado apenas em casos de insurreições ou assassinatos.

Mencionou-se essas características da escravidão nas fazendas pois, quando os imigrantes chegaram nas propriedades, tiveram de lidar com esses costumes dos fazendeiros que, muitas vezes, não tinham se libertado das relações de trabalho escravistas. Nas palavras de José Murilo de Carvalho: “Em suas mãos, a justiça, (...) tornava-se simples instrumento de poder pessoal. O poder do governo terminava na porteira das grandes fazendas”²⁷⁵. A fazenda era um mundo fechado onde prevaleciam as vontades do fazendeiro e as leis, muitas vezes, não entravam, sendo

²⁷³ GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack...** p. 325-328.

²⁷⁴ COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998, p. 336-337. Apud: GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack...** p. 319.

²⁷⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 21. Apud: ALEGRE, Sílvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 27.

que imigrantes chegaram até mesmo a receber violência física com o uso do chicote algumas vezes²⁷⁶.

Igualmente aos escravizados, que articularam formas de resistências frente aos abusos praticados pelos senhores, os imigrantes também desenvolveram formas variadas de resistência, como por exemplo, “reagiram a essa tentativa de controle pessoal abandonando a propriedade ou não renovando o contrato de trabalho - possibilidade inexistente para os cativos”²⁷⁷. Ampliando a visão dessas colocações de Paulo Gonçalves acima, Achille Mbembe insere que essa mescla não se restringiu somente ao Brasil e nem se limita a segunda metade do século XIX. Desde antes o mundo que separava os brancos dos negros não era tão estanque assim. Nas palavras do filósofo, no continente americano, havia muitos homens negros que eram livres e possuíam escravizados e até mesmo brancos assalariados que culminavam, muitas vezes, em uniões mistas apesar de toda a segregação racial que imperava nas leis de todo o continente²⁷⁸.

Paulo Cesar Gonçalves aborda as dificuldades enfrentadas pelos fazendeiros brasileiros ao adaptarem-se ao trabalho livre dos imigrantes europeus, em contraste com o sistema escravista anterior. Inicialmente acostumados a lidar com escravos ou agregados, os fazendeiros agora se viam obrigados a formalizar as relações de trabalho por meio de contratos legais, um processo mediado por regras formais e não mais por apadrinhamento ou propriedade²⁷⁹.

Apesar da transição, os proprietários tentavam impor condições que mantivessem a lógica de exploração vigente no período escravista, buscando garantir a produtividade e os lucros. Sem a possibilidade de utilizar o poder privado para forçar essa dinâmica, apelaram à intervenção do Estado, resultando na nova lei de locação e serviços de 15 de março de 1879²⁸⁰. Esta legislação detalhava as

²⁷⁶ TRENTI, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989. p. 48-49.

²⁷⁷ GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack...** p. 354.

²⁷⁸ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa. 1. Ed. Antígona. Tradução de Marta Lança. 2014. p. 43.

²⁷⁹ GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack...** p. 329.

²⁸⁰ **BRASIL**. Decreto Lei nº. 2827, de 15 de março de 1879. Dispondo o modo como deve ser feito o contrato de locação de serviços. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824->

obrigações de locatários e locadores na agricultura, especialmente no regime de parceria, e incluía penas severas para a quebra de contrato, visando garantir a estabilidade dos trabalhadores e a continuidade da produção agrícola²⁸¹. O artigo de Paulo Cesar Gonçalves expõe os objetivos da nova lei:

Em 15 de março de 1879 foi decretada a nova lei de locação e serviços. Entendida à época como “a salvação da lavoura”, era menos genérica do que as leis anteriores, tratando minuciosamente das obrigações de locatários e locadores exclusivamente na agricultura. Dedicando um capítulo específico à parceria agrícola, seu objetivo era garantir a estabilidade dos trabalhadores nas fazendas e os baixos salários, através do estabelecimento de obrigações e penalidades – inclusive a prisão por abandono do serviço – para o cumprimento de longos contratos e, ainda, com precauções contra movimentos grevistas já bastante difundidos nas fazendas paulistas. Esse decreto indicava os obstáculos encontrados pelos projetos de transformação das relações de trabalho: o trabalho livre estava vinculado à necessidade de coerção para legitimar os padrões de dominação que caracterizavam a relação entre senhor e escravo, expondo, assim, os limites estreitos do atributo livre ao trabalho incorporado à economia cafeeira²⁸².

Ao analisar 56 “contratos de locação de serviços” de ex-escravizados em Florianópolis, no período entre 1849 e 1887, o pesquisador Henrique Lima descobriu que “características definidoras do trabalho livre, como a compensação financeira pelo trabalho, não eram incomuns na relação escravista”²⁸³, do mesmo modo que atitudes como “cruzar os braços” para fazer barganha com os senhores, por muitas vezes também foram utilizadas pelos escravizados. Já nas relações de trabalho livre existiam formas de trabalho forçado, incluindo até a servidão por dívidas. Já nas décadas iniciais do século XIX, também se relata que imigrantes portugueses miseráveis vieram famintos para o Brasil e chegaram a disputar os trabalhos mais simples de baixa remuneração, acirrando concorrência com outros imigrantes e até mesmo com escravizados²⁸⁴.

1899/decreto-2827-15-marco-1879-547285-publicacaooriginal-62001-pl.html. Acesso em: 19 de agosto de 2024.

²⁸¹ GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack...** p. 329.

²⁸² GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack...** p. 329-330.

²⁸³ LIMA, Henrique Espada. Sob o domínio da precariedade: escravidão e os significados da liberdade de trabalho no século XIX, Topoi, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 2005. p. 303. Apud: GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack...** p. 314.

²⁸⁴ GONÇALVES, Paulo Cesar. “Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista”. Apud: **Almanack...** p. 315.

Durante o desenrolar do século XIX, a realidade que o imigrante encontrou aqui no Brasil era bem diferente das inúmeras promessas de enriquecimento e de posse de terras que foram feitas pelos agentes recrutadores de emigrantes na Europa, como se percebe no relato de diversos descendentes de imigrantes italianos na cidade de Venda Nova do Imigrante, interior do Espírito Santo:

Minha *nona*²⁸⁵ ficô muito triste quando ela chegô no Brasil que viu que num tinha casa, non tinha nada, non tinha plantaçón. Era tudo pura mata. Em Raguaia²⁸⁶ eles trabaiaava, trabaiaava e a tera non produzia nada! Dava umas espiguinha de milho ton ruim, ton ruim, cuitado, que eles non sabia como fazê²⁸⁷.

Ao chegar no Brasil, o imigrante se deparava com todo tipo de dificuldade para adquirir um pedaço de terra, principalmente devido à Lei de Terras de 1850²⁸⁸, que estabelecia que a aquisição de terras por estrangeiros só poderia ser feita mediante compra e, na situação em que se encontravam muitos imigrantes, com poucos recursos, tornava-se quase impossível competir com as famílias tradicionais do Brasil no que se refere à compra de terras²⁸⁹.

De acordo com Érica Sarmiento, a Lei de Terras confirmou o interesse das elites fundiárias em manter o domínio sobre a posse da terra, mantendo o predomínio do latifúndio: assim, “para a oligarquia latifundiária o emigrante devia ser só uma força de trabalho, ainda que livre, e não um proprietário de terras”²⁹⁰. Outro

²⁸⁵ Palavra italiana para “avó”.

²⁸⁶ A informante refere-se a São Pedro de Araguaia, Alfredo Chaves (antigas terras da colônia Castello), na Província do Espírito Santo.

²⁸⁷ Depoimento de Luisa Caliman Brioschi. Apud: LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, Cilmar Cesconetto; COUTINHO, Gleici Avancini; **Lembranças camponesas. A tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante**. Vitória: [s.n.], 1992. p. 251.

²⁸⁸ **BRASIL**. Lei nº. 601 de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por título de sesmaria sem preenchimento das condições legais. bem como por simples título de posse mansa e pacífica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias de nacionais e de estrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonização estrangeira na forma que se declara. Art. 1º Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L0601-1850.htm#:~:text=L0601%2D1850&text=LEI%20No%20601%2C%20DE,sem%20preenchimento%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20legais. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

²⁸⁹ RODRIGUES, Fernando da Silva; SARMIENTO, Érica. Estudos sobre colonização e imigração no norte do Brasil (1840-1930). Apud: LÁZARO, Alicia Gil; SARMIENTO, Erica; VICENTE, Maria Jose Fernandez. **Migrações atlânticas no mundo contemporâneo (séculos XIX-XXI)**. p. 116.

²⁹⁰ SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**... p. 29.

autor que corrobora com Erica Sarmiento é Blanco Rodríguez, ao dizer que muitos imigrantes que chegavam à América, geralmente sem o apoio de familiares ou conterrâneos, tiveram suas esperanças de melhora nas condições de vida frustradas rapidamente²⁹¹.

As aspirações dos emigrantes espanhóis de conseguir enriquecer e de adquirir terras no Brasil ficam exemplificadas nas falas do senhor Ildefonso Blázquez Sánchez, em entrevista realizada pela pesquisadora da imigração espanhola em São Paulo, Marília Dalva Klaumann Cánovas, na atual cidade interiorana de Novais e publicada no ano de 2001 em sua dissertação de mestrado:

[...] Ganhar dinheiro! [Viemos] naquela fé que Brasil era só juntar dinheiro, né? Mas todo mundo veio enganado, chegavam aí, chegavam nas fazendas que não tinha nem estrangeiro, era aquela brasileirada... né?! uma comida tudo diferente, arroz, feijão, mandioca, essa coisara que lá não tem; lá tem também, mas não diário que nem aqui. E serviço tudo diferente [...] carpir café com uma enxada que ... lá de onde nós era, era carpir a terra com enxada, não tem nada de enxada. Apanhar café, [nós] não sabe apanhar, não sabe abanar [...]; e a pessoa sofre, né?! [...] Eu vou dizer pr'a senhora, nós saímos da Espanha porque o povo tinha aquela agonia de ganhar [...]; todo mundo que vinha de lá pensava isso [...] tinha conhecido aqui que mandava carta pr'a lá dizendo que aqui era muito bom e coisa e tal. (Fragmento de depoimento do Sr. Ildefonso Blasque Sanchez. Vila Novais, 1980)²⁹².

De acordo com Fernando Devoto, pesavam também na escolha do destino dos emigrantes espanhóis não só fatores materiais, mas também lugares com a mesma língua, mesma religião e mesmo tipo de sociedade²⁹³. María Teresa Celada expõe que existe uma percepção comum entre os brasileiros em relação à língua espanhola, destacando que, frequentemente, o espanhol é visto como uma língua "familiar". Segundo a autora, essa familiaridade é atribuída não apenas à proximidade linguística com o português, mas também ao fato de ambas as línguas derivarem do latim²⁹⁴. Apesar dessa certa proximidade entre a língua portuguesa e a

²⁹¹ BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 27.

²⁹² CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista...** p. 55.

²⁹³ DEVOTO, Fernando. **Historia de la Inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Sudamericana. 2003. p. 62.

²⁹⁴ CELADA, M. T. **O espanhol para o brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira**. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade Estadual de Campinas, SP, 2002. p. 186.

espanhola mencionada, isso não isentou os imigrantes espanhóis de dificuldades nas conversas com os brasileiros, como aparece no caso do avô de Maria Aparecida Almança da Rosa, como mencionado a seguir:

O João pediu que ele (Antonio Almansa Ramirez) fosse no vizinho buscar um abano, aquela peneira fechadinha pra abanar o café. Chegou lá, falou com o vizinho que o cunhado precisava de um abano emprestado. O vizinho falou “pois não?”. Ele voltou pra casa e entendeu que “não”. Ele não gostou... (aqui no Brasil) quando fala ‘pois não?’ quer dizer ‘sim’. Juntou a mala e foi embora²⁹⁵.

O exemplo do avô de Maria Aparecida Almança da Rosa demonstra um caso específico em que a compreensão equivocada de uma expressão idiomática resultou em um mal-entendido. No episódio, Antonio Almansa Ramirez, um imigrante espanhol, interpretou a expressão “pois não?” usada por um brasileiro, como uma negativa, quando, na verdade, no contexto brasileiro, a expressão indica consentimento ou disponibilidade para ajudar. Esse mal-entendido gerou uma reação emocional forte, levando-o a decisão de voltar para a Espanha. O caso exemplifica as dificuldades práticas de comunicação que surgiram no período de assentamento dos imigrantes.

Para imigrantes espanhóis que chegaram ao Brasil, o aprendizado e compreensão da língua portuguesa, por vezes, sublinhou um desafio. Ao se depararem com o português, eles estavam fora do conforto de sua língua materna, o que afetava diretamente sua capacidade de se comunicar de forma eficaz e de se integrar na nova sociedade. Essa dificuldade de se comunicar com os brasileiros também aparece no relato de Maria Fernandez Machado, ao falar sobre a tristeza de sua mãe ao vir para o Brasil

Ah... a mamãe ficou muito chateada, moramos lá em Guaçuí, a mamãe não compreendia o brasileiro e ela chamou muitas vezes a papai pra voltar pra Espanha e pra Portugal, porque o papai é de português, né, a mamãe é espanhola, né. Então, assim, ele não aceitou (voltar) não, não quis (voltar) não, gostou daqui do Brasil. A xente ficou, a xente passou por muitas coisas...²⁹⁶.

²⁹⁵ Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

²⁹⁶ Depoimento de Maria Fernandez Machado, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

A fala de Maria fernandez Machado e de Maria Aparecida Almança da Rosa refletem a dificuldade que suas famílias tiveram devido à diferença de língua no período de assentamento de seus antepassados em Alegre. A mãe de Maria não conseguia compreender a língua portuguesa, referido como "o brasileiro", o que gerava frustração e o desejo de retornar para a terra natal. A resistência do pai em voltar, devido ao fato de ter gostado do Brasil, destaca o conflito interno que sua família enfrentou: a vontade de permanecer no novo país em busca de melhores oportunidades versus o desafio de se adaptar a uma cultura e língua diferentes.

Já no caso do entrevistado Oseias Sanches Matos, a língua espanhola não foi observada com aspecto de desconforto, pelo contrário, a língua espanhola se mostrou como um fator que propiciava a união da família, principalmente em datas festivas, como se observa no relato

se minha mãe estivesse aqui você ia ver como que ela destrinchava em espanhol. Quando era aniversário da gente, todo mundo sabia: tinha que ir lá que ela cantava o parabéns em espanhol. Toda vez! Se você não fosse lá (no aniversário), estivesse viajando, ela ligava e cantava o parabéns pelo telefone. Ela pronunciava bem mesmo, que ela aprendeu bem com a descendência. Quem morava fora, ela ligava e cantava. Todo aniversário da gente, a gente lembra disso. Ela cantava muita música em espanhol²⁹⁷ além do parabéns²⁹⁸.

Ao promoverem a política imigrantista, tanto por parte do estado de São Paulo, tanto por parte dos fazendeiros, havia a preferência pelas famílias de imigrantes, de preferência, sem posses, pois a garantia de que se fixariam na terra era maior, principalmente porque quem vinha com a família, teria menos motivação, menos vontade e menos possibilidades de voltar.

De acordo com Zamorano Blanco, o perfil familiar da imigração traz vantagens para o país receptor, pois a família é um agente econômico muito mais potente do que um indivíduo e mais útil para a fazenda, pois o fazendeiro pagava um

²⁹⁷ <https://www.youtube.com/shorts/vlg0w24mRuY> . Neste link se encontra um vídeo de dona Zélia, mãe de Oseias, cantando a música "Solamente una vez". O vídeo também pode ser acessado pelo QR CODE disponível no anexo IV.

²⁹⁸ Depoimento de Oseias Sanches Matos, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2022.

único salário para a família toda, sendo que os filhos pequenos também trabalhavam, além de consumirem na venda pertencente ao dono da fazenda²⁹⁹.

O fluxo migratório para o Brasil do século XIX está diretamente relacionado com a expansão do capitalismo no âmbito internacional. A partir de 1850, com a proibição do tráfico de escravizados africanos para o Brasil através da Lei Eusébio de Queirós³⁰⁰, as migrações europeias se tornaram mais intensas. Enquanto o imigrante italiano veio, principalmente, para suprir a mão de obra escravizada que declinava a partir da metade do século XIX e, com mais força, a partir de 1888, a imigração espanhola ocorreu, em grande parte, para ocupar, na expansão do café, o lugar até então preenchido pela imigração italiana³⁰¹.

De acordo com José de Souza Martins, a partir de 1905, a imigração espanhola para São Paulo passou a ser, durante certo tempo, a mais numerosa³⁰². A cidade de São Paulo recebeu 75% dos espanhóis que vieram para o Brasil durante os anos de 1880 até 1930³⁰³, sendo que 100.000 espanhóis já tinham se direcionado para o estado de São Paulo até 1899.

Até 1880, a emigração espanhola para o Brasil tinha números insignificantes. De acordo com Elda González Martínez, de 1840 até 1879, entraram no Brasil apenas 4.764 imigrantes espanhóis, ao passo que, entre 1880 e 1889, entraram 29.166 imigrantes³⁰⁴. Essa escolha do Brasil como destino e aumento da imigração espanhola na década de 1880 se deve ao fato de que, foi nessa década, que começaram as intensas propagandas brasileiras na Europa sobre as vantagens de

²⁹⁹ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 92-93.

³⁰⁰ **BRASIL**. Decreto nº 708, de 14 de Outubro de 1850. Regula a execução da Lei que estabelece medidas para a repressão do trafico de Africanos neste Imperio. Art. 1º As Autoridades, e os navios de guerra brasileiros devem apprehender as embarcações brasileiras encontradas em qualquer parte, e as estrangeiras nos portos, enseadas, ancoradouros, ou mares territoriaes do Brasil: 1º, quando tiverem a seu bordo escravos, cuja importação he prohibida pela Lei de 7 de Novembro de 1831: 2º, quando se reconhecer que os desembarcárão no territorio do Imperio: 3º, quando se verificar a existencia de signaes marcados no Titulo 3º deste Regulamento. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-708-14-outubro-1850-560104-publicacaooriginal-82681-pe.html>. Acesso em: 24 de agosto de 2024.

³⁰¹ MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. São Paulo. Hucitec, 1986. p. 118.

³⁰² MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**... p. 117.

³⁰³ BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América**... p. 372.

³⁰⁴ MARTINEZ, Elda Evangelista González. "O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis". Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América**... p. 240.

se vir para o Brasil, incluindo a possibilidade de se obter a passagem paga, o que era substancialmente muito atraente para a época. Segundo Elaine Veiga Porta, o cultivo do café foi a principal causa para a imigração espanhola em São Paulo, mas não se deve esquecer da crise econômica que a Argentina sofreu em 1890, o que contribuiu para o aumento de imigrantes espanhóis no Brasil³⁰⁵.

Os imigrantes espanhóis foram direcionados, principalmente, para as zonas rurais aqui no Brasil. De acordo com Silvia Elena Alegre, o censo de 1920 mostrou que, a cada dez espanhóis, oito viviam nas fazendas cafeeiras³⁰⁶. Como já demonstrado no capítulo I, os destinos preferenciais dos espanhóis foram Cuba e Argentina, assim, a vinda deles para o Brasil dependeu, primeiramente, da subvenção da passagem pelo governo brasileiro. Essa captação de trabalhadores espanhóis para o Brasil se deu, principalmente, através dos agentes e recrutadores enviados até o interior das províncias espanholas para divulgar e atrair imigrantes para o suposto *Eldorado* brasileiro. O oferecimento de passagens pagas atraía pessoas de todas as regiões, inclusive da capital Madrid, que até então não contribuía com grandes números para o fluxo migratório.

As famílias recrutadas em diversas regiões da Europa tinham algumas características em comum. Possuíam uma escassa formação e tinham quase nulas possibilidades de emigrar livremente com recursos próprios, o que as tornavam muito dependentes dos agentes e dos futuros empregadores. Outra característica importante é que as famílias estavam em um ótimo momento de ciclo reprodutivo, no sentido de que os pais eram ainda novos e os filhos, ainda moços, ou seja, possuíam muitos membros capazes de trabalhar, o que era a preferência não só de fazendeiros paulistas do café, mas também de donos de plantações de açúcar e de tabaco em Cuba e nas estâncias argentinas³⁰⁷. Sobre a saída de seus ascendentes da Andaluzia para o Brasil, a senhora Maria Aparecida Almança da Rosa, residente do município de Alegre, conta que a história de sua família

³⁰⁵ PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880-1920...** p. 12.

³⁰⁶ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 10.

³⁰⁷ LOJO, Maria Xosé Vázquez; VÁSQUEZ, Raúl Soutelo. **Emprendedores reloxos en tempos duros. A integración dos galegos en Venezuela e no Brasil durante o século XX...** p. 30-31.

Começa com João Espinosa Monte e Angela Almansa³⁰⁸ Ramirez. Começa a história dos Almansa com eles... vieram para o Brasil com destino a São Paulo porque era o centro maior, onde tinha mais gente e a saída da Espanha foi movida pelo momento político e social que a Espanha vivia. Eles eram pobres. Moravam na região que hoje se chama Los Guájares. Eles moravam nessa região próxima a Granada, mas era uma região de Andaluzia na época. Então, muito pobres, juntou os filhos e veio embora pro Brasil³⁰⁹.

De acordo com Silvia Elena Alegre, enquanto a crise econômica espanhola de finais do século XIX foi decisiva para a ação de emigrar dos camponeses da Andaluzia, foi a ação dos fazendeiros brasileiros que precisavam de mão de obra, ao pagarem a passagem dos camponeses andaluzes, que fez com que esses escolhessem o Brasil como destino³¹⁰. Esse pagamento das passagens também visava fazer frente à concorrência aos Estados Unidos e a Argentina, que tinham a economia em melhor situação no momento que possibilitava o pagamento de maiores salários.

Além dos fatores externos aos indivíduos, a emigração também obedece a critérios que partem do emigrante para a tomada de decisão de emigrar. No caso do avô de Luci Helena Albertazzi Bravo, um dos critérios que mais pesou para a decisão de emigrar foi uma dor de cabeça, na qual os médicos orientaram que o paciente procurasse um local mais quente para viver.

Foram trabalhar primeiro pras fazendas de café, tanto os (da família) Bravo, eles vieram. Já saíram da Espanha porque o Gaspar tinha uma dor de cabeça muito grande e os médicos mandaram ele pra um lugar mais quente, porque essa dor de cabeça era proveniente do frio da região que ele morava. E como a propaganda do Brasil, que era de muito dinheiro, ele veio embora (pro Brasil)³¹¹.

³⁰⁸ Segundo a senhora Maria Aparecida Almança da Rosa, “a origem do nome Almança veio de uma tribo lá do Oriente que invadiu a Península ibérica, eles se estabeleceram na região de Andaluzia e ali criaram fortes. Ainda existe o forte de Almança. Os invasores eram os almohads, ... aí como eles não conseguiam falar almohads, foi se degenerando e ficou Almança”. Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2022.

³⁰⁹ Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2022.

³¹⁰ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 176.

³¹¹ Depoimento de Luci Helena Albertazzi Bravo, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

Com a entrevista de Luci Helena percebe-se que um dos motivos para a emigração de seu avô foi uma dor de cabeça, uma necessidade particular. Em oposição e, também, como comparação, a família de Maria Fernández Machado veio para o Brasil devido à intensa onda migratória espanhola, como se percebe no relato, onde a entrevistada chama a intensidade do movimento migratório de “loucura”, como se vê:

Vivia bem, lá (na Espanha) tinha casas, tinhamos terra, mas a loucura de achar que vai mudar pra um lugar melhor... mas a xente não se deu muito bem, mas a xente ficou (aqui no Brasil). O papai nón queria voltar pra lá (Espanha), a mamãe queria voltar³¹².

Esse desejo de retorno da mãe de Maria Fernandez Machado condiz com a realidade de muitos emigrantes. O retorno era uma realidade plausível e concreta, muitas vezes. De acordo com Fernando Devoto, no período entre 1899 e 1912, por exemplo, o retorno à Espanha atingiu cerca de 65% dos imigrantes espanhóis que vieram para o Brasil, sendo que esse retorno engloba números de imigrantes que vieram para o Brasil mais de uma vez, ou seja, que foram mas voltaram para trabalhar de novo³¹³. De acordo com Miriam Barros,

Infere-se que, inicialmente, muitos dos imigrantes que chegaram à América tinham o sonho de prosperar financeiramente e depois retornar à sua terra natal para obter o reconhecimento social em seu país. Por isso, a imigração também pode ser uma construção circular, se o estrangeiro desejar regressar ao seu país. Mas a imigração também pode ser considerada linear, porque muito imigrantes optaram pela permanência no país de recepção³¹⁴.

Como a vinda de imigrantes espontâneos (aqueles que vinham por conta própria) era pequena e, assim, não daria conta de atender as necessidades dos fazendeiros, não só o governo do estado de São Paulo providenciou ações de fomento à imigração, mas vários estados brasileiros também aderiram à prática. Assim, as grandes capitais também foram importantes destinos dos imigrantes

³¹² Depoimento de Maria Fernandez Machado, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

³¹³ DEVOTO, Fernando. **Historia de la Inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Sudamericana. 2003. p. 73.

³¹⁴ SILVA, Miriam Barros Dias da. **A presença dos espanhóis no Rio de Janeiro: uma breve contribuição a partir do associativismo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Salgado de Oliveira. Niterói. 2016. p. 36.

espanhóis aqui no Brasil. Em Belém, no ano de 1931 existiam 1500 espanhóis, dos quais, 90% eram galegos. O governo do Pará, em 1894, também ofereceu financiamento da passagem de embarque até Belém, tratamento médico ao colono por alguns anos e também concessões de 25 hectares de terras escolhidas pelo imigrante, além de ferramentas. O objetivo na época era o de se formar núcleos coloniais.

Em 1912, o inspetor espanhol chamado Leopoldo D'Ouzouville visitou o estado do Pará e constatou que a situação dos imigrantes em muitas colônias era de miséria, sendo que havia muitos menores abandonados e até mesmo mulheres que tiveram que se prostituir para conseguir sobreviver. Ele também constatou que quase todos os espanhóis abandonaram as terras por não acharem compradores e se mudaram para outras grandes capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires ou até mesmo retornando para a Espanha, ao mesmo tempo em que relata a situação de compatriotas que trabalhavam na construção da ferrovia Madeira-Mamoré, onde se destacavam os sapateiros e afiadores de ferramentas, enquanto as mulheres cuidavam do serviço doméstico, lavando e passando as roupas³¹⁵.

Apesar dos meios disponibilizados, a experiência de colonização não foi muito frutífera, pois os imigrantes, em sua maioria, eram sapateiros, ferreiros, pedreiros e preferiram migrar para a cidade de Belém, não permanecendo nas colônias³¹⁶. Segundo Elda Gonzalez Martinez, a imigração em Belém, apesar de tudo, continuou até o ano de 1960. A seguir será apresentada a quantidade de imigrantes espanhóis em outras regiões brasileiras no ano de 1931.

Recife possuía 476 espanhóis, dos quais 70% eram galegos e os restantes se dividiam em descendências de outras regiões espanholas, se destacando catalães, andaluzes e castelhanos. No ano de 1931 a cidade de Olinda possuía 17 espanhóis somente. Na Bahia, havia 3.500 espanhóis sendo que a capital Salvador concentrava cerca de 96% desses imigrantes. Nesse grupo, 98% eram originários da região da Galícia. Elda Martinez reflete que a grande maioria dos galegos que

³¹⁵ Leopoldo D' Ouzouville & Cruz Alvarez, Un viaje al Brasil. Información acerca de la situación de los emigrados españoles em los estados de Pará y Amazonas y zona de trabajo del ferrocarril Madeira-Mamoré, Madrid, Consejo Superior de Emigración, 1916, p. 81. Apud: MARTINEZ, Elda Evangelista González. "O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis". Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 247.

³¹⁶ LÁZARO, Alicia Gil; SARMIENTO, Erica; VICENTE, Maria Jose Fernandez. **Migrações atlânticas no mundo contemporâneo (séculos XIX-XXI)**. p. 116.

vieram para o Brasil começou lavando pratos ou como ajudantes de cozinha e, com sorte, ascenderam a donos de hotel, como foi o caso de muitos galegos no Rio de Janeiro e São Paulo³¹⁷.

Em relação aos espanhóis em diferentes lugares do Brasil, em Mato Grosso os espanhóis se concentravam em Campo Grande, com 150 pessoas e, em Corumbá, com o total de 110 espanhóis. Em Goiás havia cerca de 100 imigrantes espanhóis. No Amazonas, quase todos os 1000 espanhóis do estado residiam na cidade de Manaus. No Paraná, Curitiba concentrava quinhentos espanhóis e outros se espalhavam por cidades vizinhas, enquanto Santa Catarina tinha cerca de 350 imigrantes espanhóis³¹⁸.

No Sul, a diferença era o estado do Rio Grande do Sul que, como possuía vários núcleos coloniais, abrigava cerca de dez mil espanhóis, sendo a maioria galegos. Segundo o censo de 1920, mencionado por Regina Weber, os espanhóis ocupavam apenas o oitavo lugar entre os grupos de imigrantes residentes no estado atrás de italianos, alemães, poloneses, russos, portugueses e até mesmo de estrangeiros de países vizinhos como os uruguaio e os argentinos, enquanto que, no Paraná, se constatarem apenas 1.817 imigrantes de origem espanhola³¹⁹.

A diferença numérica fica resplandecente quando se observam as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo. A primeira, comportava 40 mil e a cidade de São Paulo, para se ter uma ideia, recebeu, no período da Grande Migração (1880-1929), cerca de 379.492 imigrantes espanhóis³²⁰, sendo que 60% desses imigrantes eram da Andaluzia e 20% da Galícia. Ou seja, a imigração espanhola para o sul do país não foi tão vigorosa como foi para os estados do Rio de Janeiro e para São Paulo.

Ao analisar os processos migratórios de vários países, é normal que os autores creditem como motivos para a saída de pessoas as razões “expulsoras” (fome, miséria, falta de trabalho, falta de terra para produzir) e os motivos “atraentes” (mercado de trabalho, terra disponível para trabalhar, possibilidade de enriquecer,

³¹⁷ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 248.

³¹⁸ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 249-250.

³¹⁹ WEBER, Regina, “Espanhóis no Sul do Brasil: diversidade e identidade”. **História: Questões & Debates**. Curitiba, nº 56, jan./jun. 2012, p. 137-157. p. 139.

³²⁰ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 2000.

melhores salários). Para o caso da emigração espanhola para São Paulo, Elda Gonzalez menciona que os fatores “expulsores” não foram relevantes, sendo que o fator que mais contribuiu para o deslocamento maciço de espanhóis para São Paulo foi a subvenção da passagem. Em suas palavras:

Esta foi uma característica decisiva da emigração espanhola (para São Paulo): só iriam para as fazendas aqueles que não tinham dinheiro para comprar uma passagem que lhes permitisse emigrar para a Argentina, o Uruguai ou Cuba. Portanto, pode-se inferir que emigraram para São Paulo os mais carentes, aqueles que não podiam assumir os custos da viagem para a família³²¹.

Os recrutadores brasileiros na Espanha tinham de ser perspicazes em influenciar espanhóis, diziam que existiam fartas possibilidades para melhorar de “vida e rapidamente, antes que mudassem de ideia, conduzi-los a um porto onde uma companhia de navegação, também contratada pelos paulistas, os traria para o porto de Santos”³²². Percorrendo a região da Andaluzia, no sul da Espanha, os agentes enviados pelos fazendeiros paulistas conseguiram encontrar o tipo de imigrante ideal que queriam: “pobre e, portanto, sem outra opção a não ser aceitar o trabalho nas fazendas, e transferido em grupo familiar, condição necessária para obtenção da passagem gratuita”³²³.

Tendo apresentado o contexto da sociedade brasileira durante o período da Grande Imigração, onde o tema do fim da escravidão circundou o imigrante espanhol que chegava ao território brasileiro, agora prossegue o Capítulo II: A segunda onda migratória (1930-1975).

³²¹ MARTINEZ, Elda Evangelista González. O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 251.

³²² ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 12.

³²³ ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café...** p. 24.

2 A SEGUNDA ONDA MIGRATÓRIA (1930-1975)

Este segundo capítulo aprofunda-se na análise das dinâmicas da emigração espanhola durante os períodos do governo Vargas no Brasil e do regime franquista na Espanha. Analisa-se como as políticas e contextos específicos desses regimes influenciaram o fluxo migratório e observa-se a experiência dos emigrantes espanhóis. Para essa parte são interlaçadas entrevistas realizadas por Érica Sarmiento com emigrantes espanhóis residentes no Rio de Janeiro como forma de encorpar e enriquecer o desenvolvimento do texto.

Sob o governo Vargas, são examinadas as políticas de imigração brasileiras, a recepção e integração dos espanhóis na sociedade brasileira, bem como as condições econômicas e sociais que moldaram essa migração. Em seguida o regime franquista é analisado em termos de suas políticas em relação à emigração, considerando as restrições, incentivos e o impacto das condições políticas e econômicas na Espanha sobre os emigrantes. Nesse capítulo, busca-se proporcionar uma compreensão das configurações políticas e sociais que moldaram a experiência da emigração espanhola nesses dois contextos.

O capítulo também especifica, através de bibliografia especializada e depoimentos, as razões do movimento migratório da Galícia, levando em conta que muitos dos entrevistados têm seus antecedentes vindos desta região espanhola e, ciente de que em Alegre se desenvolveu um Club de Imigração Espanhola, o capítulo também traz reflexões sobre associativismo espanhol e seu contexto na América.

2.1 - A Imigração no Brasil durante o período de Getúlio Vargas – 1930 – 1945.

A partir de 1930, a emigração espanhola para o Brasil diminuiu consideravelmente. De 1930 até 1939, entraram apenas 13.746 espanhóis e, na década de 1940, apenas 5.003³²⁴. A relação entre esse período turbulento das décadas de 1930 e 1940, e a emigração espanhola é refletida por Elda Gonzalez:

³²⁴ MARTINEZ, Elda Evangelista González. "O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis". Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 241.

Este período em que praticamente não existe imigração coincide, por um lado, com o *Krach* econômico de 1930, que arrasta consigo uma política migratória restritiva, e por outro com os anos da Guerra Civil espanhola e o pós-guerra, quando foram impostas duríssimas condições na Espanha que impediram, nos primeiros momentos, a livre saída de cidadãos³²⁵.

Em 1930, Vargas assume o poder e seu governo começa a adotar políticas centralizadoras, que limitavam e até restringiam as ações dos estados. A partir desse ano, ocorrem mudanças nos diversos setores da sociedade marcadas pela ação centralizadora e intervencionista, principalmente após 1937, com a instalação do chamado “Estado Novo”, onde Vargas é uma figura autoritária. Ressalta-se que, aqui neste trabalho, cabe a análise da relação entre o imigrante e as ações do período de governo de Vargas que, buscando atuar sobre todos os setores da sociedade através de aparatos estatais, definia as pessoas como úteis ou não ao projeto nacionalista centralizador. No meio dessas políticas estava o imigrante que, de acordo com David Barreto Coutinho, seria classificado “como desejável, quando atendia as demandas do Estado, ou indesejável, quando não correspondia a esse perfil estabelecido”³²⁶.

Nesse momento, o governo relacionava a presença de imigrantes aos diversos problemas encontrados no país, onde o estrangeiro chegou a ser mal-visto até mesmo pela legislação, o que fica explícito nas considerações que trouxe o decreto nº 19.482, de 12 de dezembro de 1930, que considerava que

uma das causas do desemprego se encontra na entrada desordenada de estrangeiros, que nem sempre trazem o concurso útil de quaisquer capacidades, mas frequentemente contribuem para aumento da desordem econômica e da insegurança social³²⁷.

³²⁵ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 241.

³²⁶ COUTINHO, David Barreto. **Políticas imigratórias e as instituições burocráticas no governo Vargas 1930-1945**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015, p. 42.

³²⁷ **BRASIL**. Decreto n.º 19.482, de 12 de dezembro de 1930. Limita a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, dispõe sobre a localização e amparo de trabalhadores nacionais, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>. Acesso em: 16 abr. 2021.

Fábio Koifmann, pesquisador da imigração no século XX, comenta sobre o viés das políticas migratórias no Brasil até a chegada do governo Vargas

As políticas imigratórias de cunho liberal adotadas entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, que até então atendiam às preocupações dos dirigentes em encher os espaços vazios do nosso território e “branquear” a população, passaram a se tornar mais restritivas e, a partir de 1934, cada vez mais seletivas. O discurso racista frequentemente atribuía muitos dos problemas do país – miséria, doenças, analfabetismo, entre outros – ao que se considerava ser a “má formação étnica” da maioria dos brasileiros³²⁸.

A partir de 1930, com as ações centralizadoras, tem-se a valorização do trabalhador nacional e a nacionalização, assim, é o imigrante que passará a ter que ser assimilado à sociedade brasileira. Um exemplo de medida que visava proteger o trabalhador nacional frente aos estrangeiros foi esse mesmo decreto de 1930, que também estabelecia que todas as empresas, associações ou companhias que exploravam alguma concessão com os governos federal, estaduais ou municipais, ficavam obrigadas a demonstrar, perante o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que 2/3 de seus empregados eram trabalhadores brasileiros natos³²⁹.

Se, durante a Primeira República, foram os estados que dominaram as ações de controle imigrantistas, a partir de 1930 a imigração passará a ser controlada, cerceada e vigiada pelas ações centralizadoras do governo de Getúlio Vargas. Segundo Mayra Coan Lago, na década de 1930 alguns intelectuais passam a “direcionar a sua atuação para o âmbito do Estado, que será considerado como o cerne da nacionalidade brasileira. Este corporificava a ideia de ordem, organização e unidade necessárias para a representação superior da ideia de nação”³³⁰. O governo varguista buscou enfraquecer as identidades regionais e locais em favor de uma

³²⁸ KOIFMAN, F. **O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados: história e construção de memória**. Acervo, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 71–88, 2017. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/839>. Acesso em: 6 de outubro de 2024. p. 73.

³²⁹ **BRASIL**. Decreto n.º 19.482, de 12 de dezembro de 1930. Limita a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, dispõe sobre a localização e amparo de trabalhadores nacionais, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>. Acesso em: 16 abr. 2021.

³³⁰ LAGO, M. C. . Construções e (des) construções do Ser nacional: a identidade brasileira revisitada. In: VI Congresso Internacional de História, democracia e autoritarismo no mundo contemporâneo , 2013 , Maringá. **VI Congresso Internacional de História, democracia e autoritarismo no mundo contemporâneo**. 2013. Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/396_trabalho.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2024. p. 7.

identidade nacional única. Seu próprio discurso no 1º de Maio de 1938 enfatizava a questão nacional, como se vê

Um país não é apenas uma aglomeração de indivíduos em território, mas é, principalmente, uma unidade de raça, uma unidade de língua, uma unidade de pensamento. Para se atingir esse ideal supremo, é necessário, por conseguinte, que todos caminhem juntos em uma prodigiosa ascensão... para a prosperidade e para a grandeza do Brasil³³¹.

A visão de Vargas expressa nesse discurso tem implicações diretas para as políticas de imigração que seu governo implementou. Durante esse período, houve um esforço para moldar a imigração de maneira que contribuísse para a formação da unidade nacional de forma que houve uma reavaliação das políticas de imigração. Nos primeiros anos do governo, o Brasil ainda buscava atrair imigrantes, mas com uma ênfase renovada na qualidade e na assimilação cultural desses.

Isso refletia uma preocupação com a identidade nacional e a necessidade de garantir que os imigrantes se integrassem à sociedade brasileira. Já mesmo no ano de 1930, o Decreto n.º 19.482, de 12 de dezembro de 1930, estabelecia, em seu artigo 1º, que “fica, pelo prazo de um ano, a contar de 1 de janeiro de 1931, limitada a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe”³³², salvo escassas exceções. Posteriormente, segundo o artigo 128 do Anteprojeto da Constituição de 1934, “a lei federal poderia proibir, limitar ou favorecer a emigração e imigração, de acordo com os interesses nacionais”³³³.

Nesse período, o imigrante estava entre uma linha tênue que pendia para ser alguém que era responsável pelo futuro do país, sendo peça importante para o

³³¹ CAPELATO, Maria Helena. Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 32. Apud: LAGO, M. C. . Construções e (des) construções do Ser nacional: a identidade brasileira revisitada. In: **VI Congresso Internacional de História, democracia e autoritarismo no mundo contemporâneo** , 2013. Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/396_trabalho.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2024. p. 8.

³³² **BRASIL**. Decreto n.º 19.482, de 12 de dezembro de 1930. Limita a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, dispõe sobre a localização e amparo de trabalhadores nacionais, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>. Acesso em: 16 abr. 2021.

³³³ DEBASTIANI, Jesiane. DEBASTIANI, Jesiane. **A Política imigratória do governo Vargas (1940-1945): teses, práticas e debates na Revista de Imigração e Colonização**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2018. p. 14.

projeto nacionalista de Vargas e compactuando para a criação de uma identidade nacional, ao mesmo tempo em que poderia encontrar uma série de restrições legais, estando à beira de receber o adjetivo de alienígena indesejável na visão do projeto centralizador. Para Amanda Pereira dos Santos, “o imigrante ideal, considerado indispensável ao progresso do Brasil, continuava sendo, assim como na década de 1930, o agricultor, o técnico e o operário qualificado”³³⁴.

Para consolidar as ações centralizadoras e intervencionistas do presidente, surgiram vários Conselhos técnicos, dentre eles, o Conselho de Imigração e Colonização³³⁵. Seu objetivo era centralizar todas as questões relativas à imigração no país, como, por exemplo,

Entre suas muitas funções estavam estudar os problemas imigratórios no país, fixar cotas, fiscalizar a distribuição dos imigrantes em territórios nacional, proibir quando necessária à imigração para o Brasil, promover medidas que facilitassem a assimilação do estrangeiro³³⁶.

Assim, ao centralizar as questões de imigração e promover a assimilação, o Conselho buscava garantir que a imigração contribuísse para a coesão social. Vargas também procurou desencadear um sentimento de identidade nacional, um sentimento que respeitasse as tradições e características brasileiras como a raça e os costumes e, claro, essas políticas também atingiram o setor da imigração. Assim, de acordo com Jesiani Debastiani, passou-se a se vigiar cada vez mais as colônias nacionais com o início da Segunda Guerra Mundial, “principalmente os alemães e japoneses de maneira que, podemos considerar estas duas nacionalidades como o principal alvo da campanha nacionalista”³³⁷.

Reforçando as observações de Jesiani, Érica Sarmiento diz que o imigrante só era interessante quando assimilado, compactuando com a formação de uma

³³⁴ DOS SANTOS, Amanda Pereira. **Selecionar, controlar e distribuir: o Instituto Nacional de Imigração e Colonização e a política imigratória brasileira (1951-1955)**. Relatório apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. Assis. 2019. p. 16.

³³⁵ Segundo Jesiani Debastiani, “o auge da centralização política e a ação intervencionista do Estado em relação à questão imigratória se configurou com a promulgação do Decreto-Lei n.406 de 04 de Maio de 1938, que dispunha sobre a entrada de estrangeiros em território nacional, os selecionando, mantendo o sistema de cotas, como também criava o Conselho de Imigração e Colonização”. DEBASTIANI, Jesiane. **A Política imigratória do governo Vargas (1940-1945)**... p. 17.

³³⁶ DEBASTIANI, Jesiane. **A Política imigratória do governo Vargas (1940-1945)**... p. 17.

³³⁷ DEBASTIANI, Jesiane. **A Política imigratória do governo Vargas (1940-1945)**... p. 18.

identidade nacional “tomando parte na construção do futuro trabalhador brasileiro, e não como elemento de desagregação e desordem”³³⁸. De acordo com Sergio Luiz Marlow, o governo de Getúlio Vargas “implantou a chamada Campanha de Nacionalização, objetivando “abrasileirar” todos os grupos de imigrantes e seus descendentes em solo brasileiro”³³⁹.

Nesse sentido, um exemplo de intervenção estatal para a nacional centralização sobre a sociedade foi que, a partir dos anos 1930, *La Sociedad Española de Socorros Mutuos*, criada em 1898 em São Paulo e que abrigava indivíduos de diversas nacionalidades, precisou se adequar à legislação vigente, tendo que trocar seu nome para a língua portuguesa, ficando então chamada pelo nome de Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos, Instrução e Recreio, além de ter que traduzir os seus estatutos e redações em geral para o português e, em 1944, sua junta de diretores renunciava, passando a ser composta por indivíduos de nacionalidade brasileira³⁴⁰.

No Brasil, as associações de espanhóis puderam funcionar normalmente até 1930. Foi a partir desse ano que o projeto nacionalista e centralizador de Getúlio Vargas começou a ver com maus olhos as associações de estrangeiros, considerando-as inconvenientes. Em 1938, uma lei foi criada proibindo qualquer associação de caráter político, impedindo até a criação de escolas e jornais. Só eram permitidas associações com finalidades culturais, de beneficência ou de assistência³⁴¹.

Outro exemplo de intervenção estatal que atingiu até mesmo os meios esportivos no Brasil foi o caso da equipe Hespanha Foot Ball Club da cidade de Santos. Fundada em 15 de novembro de 1914 por jornaleiros espanhóis, ou “tribuneiros”, como eram conhecidos, que recebeu esse nome devido à participação de um negro e ex-escravizado que sugeriu o nome da equipe, tendo as cores que

³³⁸ SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**... p. 39.

³³⁹ MARLOW, Sérgio Luiz. Confessionalidade a toda prova: O Sínodo Evangélico Luterano do Brasil e a questão do Germanismo e do Nacional-Socialismo Alemão durante o Governo de Getúlio Vargas no Brasil. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. p. 120.

³⁴⁰ MARTÍNEZ, Elda González. Tres inmigrantes, cuatro centros, un periódico... Las asociaciones españolas en Brasil. Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América**... p. 373.

³⁴¹ MARTÍNEZ, Elda González. Tres inmigrantes, cuatro centros, un periódico... Las asociaciones españolas en Brasil. Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América**... p. 370.

representam a equipe o amarelo e o vermelho. O Hespânia Foot Ball Club disputou muitos campeonatos no estado de São Paulo, chegando mesmo a conquistar o vice-campeonato paulista de 1927 e tendo participações como protagonista em muitos outros campeonatos³⁴².

A equipe também foi uma das fundadoras da Federação Paulista de Futebol em 1941, também chegando a revelar jogadores importantes para clubes grandes do futebol brasileiro como Santos, Vasco, Corinthians e até mesmo para a seleção brasileira de futebol. Com a Segunda Guerra Mundial e as imposições do Governo Vargas, a equipe passou a se chamar Jabaquara Atlético Clube (a partir da década de 1940), em homenagem ao bairro de origem da equipe³⁴³. O Palestra Itália, um clube de São Paulo, foi forçado a adotar o nome de Sociedade Esportiva Palmeiras em 1942³⁴⁴, refletindo a necessidade de se desvincular de suas raízes italianas e reforçar a identidade nacional. Da mesma forma, o Palestra Itália de Belo Horizonte teve que se rebatizar como Cruzeiro Esporte Clube³⁴⁵. Essa mudança não foi apenas simbólica; ela refletia o clima político da época, onde a unificação e a homogeneização da identidade nacional eram prioridades do governo Vargas.

Antes da Segunda Guerra Mundial, italianos e alemães eram considerados desejados, pois se mostravam dentro do espectro aceitável de desenvolvimento do Brasil que se queria pelas elites e não se mostravam como uma ameaça dentro do país. Porém, depois que o Brasil declarou guerra aos países do Eixo (Itália, Alemanha e Japão), passaram a ser considerados inimigos da pátria.

Retornando ao período anterior ao governo de Vargas, quando já se esboçava certa delimitação à imigração estrangeira no Brasil, como aparece, por exemplo, no jornal *A Noite*, de 13 de junho de 1919, com circulação no Rio de Janeiro, que traz as palavras do então ministro da Agricultura Antonio Pádua Sales à

³⁴² HISTÓRIA do Clube. Jabaquara Atlético Clube. Disponível em: https://jabaquaraac.com.br/?page_id=2. Acesso em: 26 de agosto de 2024.

³⁴³ HISTÓRIA do Clube. Jabaquara Atlético Clube. Disponível em: https://jabaquaraac.com.br/?page_id=2. Acesso em: 26 de agosto de 2024.

³⁴⁴ GUIMARÃES. Micael Lazaro Zaramella. **O Palestra Itália em disputa: fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945)**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História. São Paulo. 2021. p. 18.

³⁴⁵ GUIMARÃES. Micael Lazaro Zaramella. **O Palestra Itália em disputa: fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945)**... p. 167.

época, se referindo à imigração no período “paíz que não cria embaraços à entrada do elemento estranho é paíz mal policiado”³⁴⁶. Em seguida, o jornal menciona a visão que se tinha de alguns imigrantes e no caso do imigrante italiano, se destacava a sua feição inofensiva; já, para o caso do imigrante alemão, o texto demonstra que se deve ter cuidado com esse tipo de imigrante. De acordo com o jornal,

Ninguém, por exemplo, tem receio da acumulação de italianos: eles são essencialmente assimiláveis. Podem, como é natural, guardar por muito tempo afinidades com a pátria longínqua, mas acabam por se incorporar à nossa nacionalidade. Com os alemães não sucede isso. D’aí a necessidade de dificultar-lhes, si não a entrada, ao menos a acumulação nas mesmas zonas³⁴⁷.

As estratégias utilizadas para cerceamento e condução da imigração não se restringiram apenas ao campo das leis que regulavam a entrada dos imigrantes no país. As estratégias também incluíram o campo cultural e um dos recursos utilizados como difusor da cultura e política imigratória no país foi a *Revista de Imigração e Colonização*, sendo, também, um meio de comunicação do Estado para separar os imigrantes em desejáveis e não desejáveis. De acordo com Jesiane Debastiani,

Os principais objetivos da Revista eram divulgar assuntos relacionados à imigração e colonização no Brasil, através de artigos que apresentavam desde assuntos ligados à questão da Eugenia até a preocupação do governo com a imigração no pós-guerra, assim como a legislação do período, estatísticas, noticiário³⁴⁸.

A Revista de Imigração e Colonização era publicada quatro vezes por ano e a quantidade de páginas variava de 124 a 252 e apresentava dados gráficos, tabelas, resoluções, pareceres e, conforme Jesiane Debastiani, embora seja de fácil leitura, “acredita-se que os assuntos tratados não seriam destinados à população em geral, além do que, de acordo com a Revista, sua tiragem variava de oitocentos a mil

³⁴⁶ A SELEÇÃO imigratória. *A noite*. Rio de Janeiro. 13 de junho de 1919. Disponível em: http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=348970_01&Pesq=imigrantes&pagfis=1512. Acesso em 03 de março de 2021.

³⁴⁷ A SELEÇÃO imigratória. *A noite*. Rio de Janeiro. 13 de junho de 1919. Disponível em: http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=348970_01&Pesq=imigrantes&pagfis=1512. Acesso em 03 de março de 2021.

³⁴⁸ DEBASTIANI, Jesiane. **A Política imigratória do governo Vargas (1940-1945)**... p. 26.

exemplares”³⁴⁹, além de apresentar as principais ideias da política migratória promovida pelo governo de Vargas como a assimilação por parte dos estrangeiros, a nacionalização e a eugenia.

De acordo com Erica Sarmiento, na Revista de Imigração e Colonização também ocorria o que a autora chama de “desumanização” do imigrante. Ao ser tratado como um objeto que podia interessar ou não ao país, o imigrante recebia os adjetivos de bom ou mau elemento, desejável ou não desejável e, por entender que os latinos como portugueses, espanhóis e italianos eram mais assimiláveis e mais próximos culturalmente, se dava preferência a estes do que a judeus, alemães ou japoneses³⁵⁰. Em relação a imigração de negros, Jesiani Debastiani menciona que o governo não aceitava esse tipo de imigração, embora na Revista não se mencionasse nada sobre eles³⁵¹.

Parte dos intelectuais brasileiros também assumiu ideias antissemitas, porém essas ideias não chegaram a se materializar como na Alemanha nazista em relação aos judeus, sendo que, aqui no Brasil, observou-se uma visão ambígua em relação a esse grupo – para os intelectuais e para o governo brasileiro, “os judeus ora eram vistos como inassimiláveis, vistos como apátridas, ora eram necessários ao país, pois, sua entrada favoreceria ao desenvolvimento econômico brasileiro”³⁵². Para Erica Sarmiento,

o governo de Getúlio Vargas via as minorias étnicas como algo extremamente perigoso para o Brasil e por isso implantou políticas de assimilação para os emigrantes, principalmente para as colônias alemãs do sul do país. Acreditavam que aqueles emigrantes que preservavam sua cultura através de associações ou de escolas deveriam ser rapidamente assimilados e nacionalizados para que não impusessem aos brasileiros seus hábitos e sua cultura³⁵³.

Enquanto isso, o governo de Francisco Franco se desenvolvia na Espanha ao mesmo tempo em que o governo de Vargas e suas características autoritárias também se consolidavam no Brasil. A bibliografia consultada para esta pesquisa traz

³⁴⁹ DEBASTIANI, Jesiane. **A Política imigratória do governo Vargas (1940-1945)**... p. 27.

³⁵⁰ SILVA, Érica Sarmiento da. “A ‘não democracia’ dos excluídos. Alguns pontos da política imigratória brasileira”. **Logos 27: Mídia e Democracia**... p. 145.

³⁵¹ DEBASTIANI, Jesiane. **A Política imigratória do governo Vargas (1940-1945)**... p. 59.

³⁵² DEBASTIANI, Jesiane. **A Política imigratória do governo Vargas (1940-1945)**... p. 156.

³⁵³ SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**... p. 55.

alguns relatos de pessoas que viveram sob os dois regimes e fazem comparações. A comparação entre os dois regimes autoritários é interessante, pois revela como diferentes experiências de repressão política podem ser percebidas de formas distintas, dependendo do contexto social e das vivências individuais. Veja a comparação feita pelo senhor Francisco López Landeira, da Galícia, entrevistado pela pesquisadora Érica Sarmiento em 2003, tendo emigrado para o Brasil em 1934, ou seja, vivendo tanto a turbulenta década de 1930 na Espanha, e também testemunhando o governo varguista no Brasil. Em suas palavras

Com franqueza falando, a ditadura do Brasil, que era Getúlio Vargas, para mim parecia uma verdadeira democracia. Aqui na Espanha era um pouco diferente. No Brasil era muito melhor. Aqui, naqueles tempos, depois da Guerra Civil, era uma ditadura meio brava. No tempo da ditadura de Getúlio Vargas, para mim, parecia uma maravilha. Nunca me pediram os documentos na rua, trabalhei de noite, trabalhei de dia. Era um respeito maravilhoso. Nunca fui assaltado naqueles tempos, depois mais tarde, já fui³⁵⁴.

O relato de Francisco revela a percepção de uma "normalidade" ou, até mesmo, de satisfação com a Era Vargas, em contraste com situações de repressão mais severa, como a ditadura franquista. Semelhante à pesquisa de Erica Sarmiento, a pesquisa de André Gattaz também traz outro exemplo no qual o entrevistado percebe diferenças entre a ditadura franquista com os mecanismos totalitários de Vargas. Conforme seu relato

Lá na Espanha, o regime dominava de tal forma todo o país, a repressão era tanta! [...] Aqui no Brasil, ainda com toda a repressão, você lia coisas contra os militares. Existiam vários jornais, não sei se você conheceu o jornal Opinião, o Pasquim, ou outros que de certa forma enfrentavam o regime – não enfrentavam frontalmente, porque não podiam, mas faziam oposição ao regime e na Espanha isso não acontecia. [...] Por isso que eu faço uma diferenciação entre a ditadura na Espanha e a ditadura aqui: a ditadura aqui é uma piada! [...] ³⁵⁵

Segundo Elaine Veiga Porta, de 1915 até 1942, constatou-se um declínio da emigração espanhola para o Brasil devido aos fatores econômicos e políticos da Europa, como a Primeira Guerra, a Crise de 1929, a Guerra Civil Espanhola e a

³⁵⁴ Entrevista concedida por Francisco López Landeira. Santa Comba. 2003. Apud: SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**... p. 40.

³⁵⁵ GATTAZ, André Castanheira. **Braços da Resistência. Uma história oral da imigração espanhola**. São Paulo, Xamã Editora, 1996. p. 63.

Segunda Guerra Mundial, “entretanto, em 1945, terminada a Segunda Guerra, a emigração espanhola retornou ao Brasil”³⁵⁶.

No caso da América Latina, o que se esperava com a imigração não era um efeito demográfico, pois as populações latino-americanas já cresciam em bom número, mas sim, “se necessitava de trabalhadores agrícolas e urbanos dotados de uma capacidade profissional superior à dos trabalhadores do campo”³⁵⁷.

No Brasil, após o final do período de Vargas, em 1945, o país experimenta alguns anos de democracia. Depois do período da Segunda Guerra Mundial, países sulamericanos como Brasil, Argentina e Venezuela atravessaram momentos de desenvolvimento, o que fez atrair muitos imigrantes espanhóis. No caso do Brasil, a partir do governo do general Eurico Gaspar Dutra (1946-1950), depois, novamente, com Vargas (1951-1954) e com Juscelino Kubitschek (1956-60), realizava-se o “projeto da burguesia industrial: a elevação da taxa de exploração do proletariado e transferência para a indústria de uma parte substancial do produto da exploração do campesinato”³⁵⁸; onde a necessidade de mão de obra especializada fez com que o governo brasileiro estimulasse a entrada de imigrantes com perfil mais “técnico”, vindos, sobretudo, dos países menos desenvolvidos da Europa, como Itália e Espanha, que tinham alguma tradição industrial.

Enquanto a Espanha apresentou certa melhoria econômica na década de 1960, o rumo do Brasil parecia ser o oposto; o país se encontrava em um momento político marcado pelo auge da repressão sob o comando do General Emílio Garrastazu Médici.

2.2 – A emigração espanhola sob o Franquismo.

De acordo com Juan Vilar, se, por um lado, a emigração é um direito individual do cidadão, cabendo a este decidir sobre seu destino, por outro lado, existe o Estado, que tem o direito de controlar seu território a fim de impedir sua

³⁵⁶ PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880-1920...** p. 13.

³⁵⁷ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**. Tese de doutoramento. Universidad de Castilla-La Mancha. Madrid. 2016. p. 102.

³⁵⁸ GATTAZ, André Castanheira. **Braços da Resistência: uma história oral da imigração espanhola...** p. 73-74.

despovoação ou povoamento incontável³⁵⁹. Apesar de, durante muito tempo na história humana, ter prevalecido a vontade do indivíduo, nos períodos influenciados pelos regimes totalitários europeus do século XX, o controle estatal das ações humanas se acirra sobre a liberdade do indivíduo. Se as razões do Estado não se sobrepunham totalmente ao indivíduo às vezes, por certo, buscaram nortear, calçar e direcionar o direito de emigrar conforme veremos neste subponto.

A Primeira Guerra Mundial também provocou uma baixa do movimento migratório em muitas regiões espanholas e a Galícia foi uma delas. De acordo com Rocio Botana, o conflito trouxe um período em que há uma queda significativa no saldo migratório, devido às dificuldades para o transporte marítimo, o que tornou praticamente impossível (...) a saída de novos emigrantes³⁶⁰.

Yáñez Gallardo também argumenta que a Primeira Guerra colapsou as saídas em direção a América do sul, tendo as fazendas açucareiras de Cuba sustentado o ritmo migratório espanhol enquanto o período de 1936 até 1949, onde a Guerra Civil Espanhola e, depois a Segunda Guerra, detiveram praticamente todo o fluxo migratório transoceânico³⁶¹. Um exemplo de convocação para fins militares foi o do pai de Josefina García Romar, em que ficam evidentes as dificuldades enfrentadas em período bélico:

Nasci na Paróquia de Santa Comba, Província de A Coruña, em cinco de março de 1934. A minha vida lá era meio dura. Eu era a mais velha e ajudei a criar os meus irmãos com minha mãe. Então, eu trabalhava muito. Meu pai foi pra Guerra Civil, eu era pequena, e eu me lembro dos tanques da guerra civil atrás da nossa casa... Foi convocado [o pai]. Foi à guerra obrigado, menos de um ano. Ele foi ferido, voltou pra casa e ficava trabalhando na oficina de ferreiro³⁶².

Após a Guerra Civil Espanhola³⁶³, os espanhóis esperavam um período de melhora nas condições de vida, mas o que ficou na memória sobre o período,

³⁵⁹ VILAR, Juan B. BEL ADELL, C.; GÓMEZ FAYRÉN, J.; EGEA BRUNO, P. M^a. **Las emigraciones murcianas contemporâneas...** p. 11.

³⁶⁰ BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América...** p. 49.

³⁶¹ YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española à América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas...** p. 124.

³⁶² Entrevista concedida por Josefina García Romar, em 1 de abril de 2015, no centro social de Mayores Casa da Espanha, Rio de Janeiro. Apud: SARMIENTO, Erica. **Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2023. p. 64.

³⁶³ A Guerra Civil Espanhola aconteceu entre 1936 e 1939. Foi um conflito armado entre dois grupos: os republicanos e os nacionalistas. De acordo com Eric Hobsbawm, “ela suscitou os principais problemas políticos da época: de um lado, democracia e revolução social, sendo a Espanha o único

conforme Rocio Botana Iglesias, foram a fome, a carestia e a repressão. Assim como em vários outros países influenciados pelos regimes totalitários da época, como o nazismo e o fascismo, na Espanha emergiu a ditadura de Franco, onde se instaurou um férreo “controle policial e ideológico da sociedade e Franco começa a aglutinar todo o poder em sua pessoa: o Chefe de Estado; do governo; do único partido, das Forças Armadas e do Poder Legislativo”³⁶⁴. Em 1939, Franco chegou ao poder na Espanha por meio de um golpe de Estado, logo depois de uma guerra civil sangrenta.

Sobre a definição de totalitarismo, o autor Norberto Bobbio traz a menção de que este regime atua “precisamente na identificação total de cada indivíduo com todo o corpo político organizado e mais ainda com a própria organização desse corpo”³⁶⁵ e, ao comentar sobre as ditaduras modernas, explica dizendo que a Ditadura se dá em contraposição à democracia vigente, alterando os rumos constitucionais estabelecidos. Para o autor, a ditadura moderna não é autorizada por regras constitucionais: se instaura de fato ou, em todo o caso, subverte a ordem política preexistente. A extensão do seu poder não está predeterminada pela Constituição: seu poder não sofre limites jurídicos. E, embora algumas Ditaduras modernas tendam ainda a se auto-apresentar como “temporárias”, sua duração não está antecipadamente fixada: a sua permanência, como a de qualquer outro regime político, depende das vicissitudes da história³⁶⁶.

Para Hannah Arendt, os regimes totalitários são uma forma de governo sem precedentes na história política. Em seu livro as origens do totalitarismo, a autora traz várias reflexões discutindo o conceito. O sistema totalitário, conforme descrito por Hannah Arendt, é “total” em um sentido negativo porque o partido governante elimina qualquer possibilidade de oposição ou liberdade política. Ao consolidar o

país na Europa onde ela estava pronta para explodir; do outro, um campo singularmente rígido de contra-revolução ou reação, inspirado por uma Igreja Católica que rejeitava tudo o que acontecera no mundo desde Martinho Lutero”. Ver: Hobsbawm, Eric J. **A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 158. Como resultado do conflito, o autor ainda menciona que a Guerra terminou em derrota total, com centenas de milhares de mortos e centenas de milhares de refugiados nos países que quiseram recebê-los. Ver: Hobsbawm, Eric J. **A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 162.

³⁶⁴ BOTANA IGLESIAS, Rocio. **Passagem para a América...** p. 161.

³⁶⁵ BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (Editores). **Dicionário de Política**. 5ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993, p. 6.

³⁶⁶ BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (Editores). **Dicionário de Política...** p. 368-369.

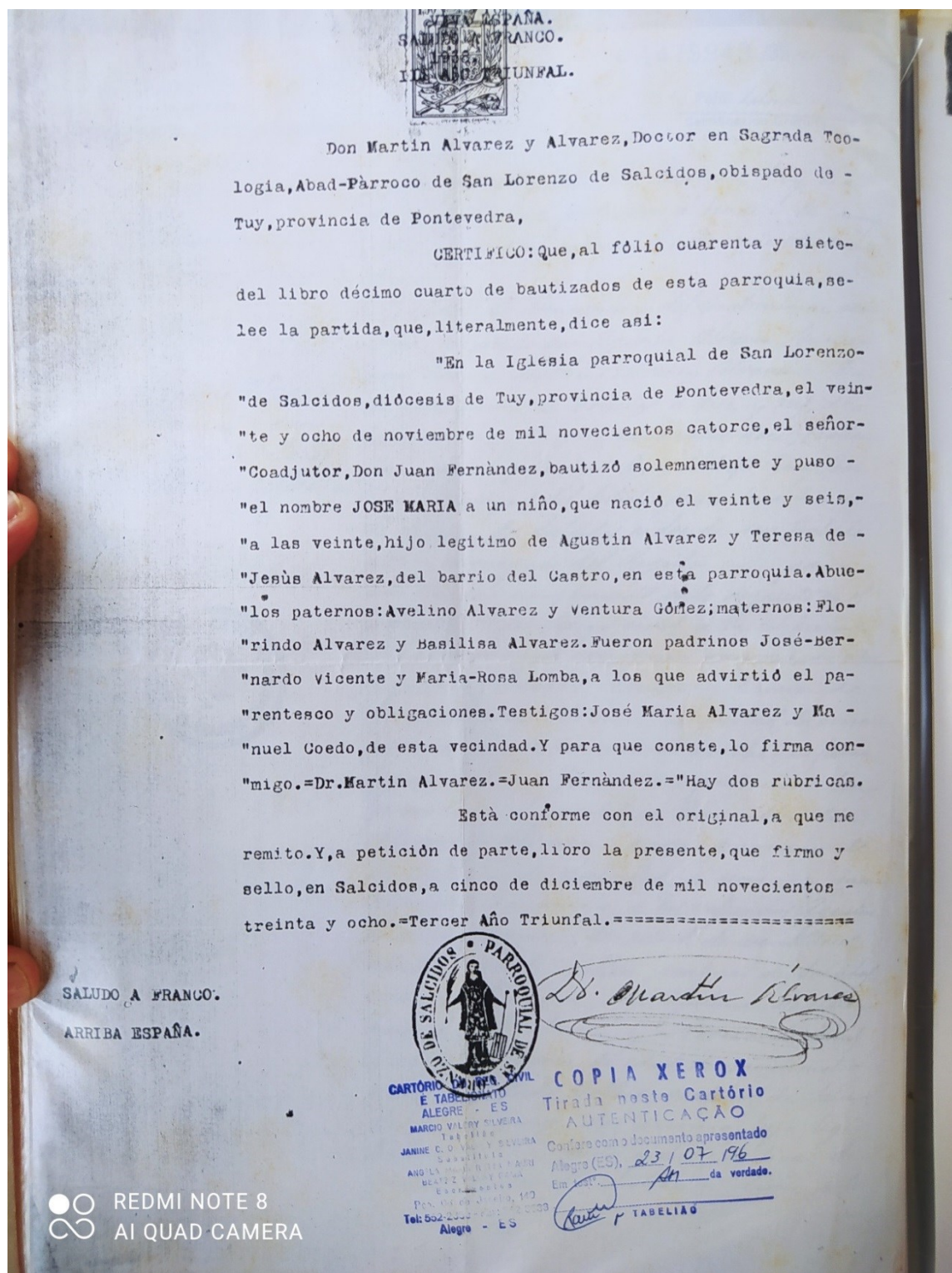
poder, o partido não transforma as estruturas de poder pré-existentes entre o Estado e o governo. O que muda é que todos os cargos políticos passam a ser ocupados por membros do partido. Arendt critica a superficialidade dessas "revoluções", que não reestruturam o sistema, mas apenas substituem os indivíduos nos postos de poder, mantendo a centralização e a ausência de pluralidade política³⁶⁷. No totalitarismo, por outro lado, o controle é absoluto e a autonomia individual é eliminada completamente, com a ideologia governando todos os aspectos da vida pública e privada.

Segundo André Gattaz, a autoridade de Franco não apenas comandava todo o aparato estatal, mas também submetia a sociedade a um controle rígido, mantido por meio de uma repressão prolongada e severa. Toda a estrutura de poder se concentrava em suas mãos, com o regime utilizando a coerção e o medo para assegurar a subordinação social e política³⁶⁸. Os lemas franquistas de obediência ao ditador se espalhavam por toda a Espanha. Um exemplo de lema franquista chegou mesmo a aparecer nos documentos dos entrevistados deste trabalho. Vera Lucia Alvarez apresenta uma certidão de nascimento de seus antepassados, datada de 1938, na localidade de Salcidos, na Província de Pontevedra, período em que o franquismo já dominava o território espanhol. Nesse documento, observa-se a expressão "Saludo a Franco. Arriba España. III Año Triunfal" na parte superior do documento, conforme ilustrado na figura abaixo. Observe:

³⁶⁷ ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo: antissemitismo, instrumento de poder**. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1975. p. 468.

³⁶⁸ GATTAZ, André Castanheira. **Braços da Resistência: uma história oral da imigração espanhola...** p. 66.

Imagem 2: certidão de batismo com lemas franquistas de 1938.



Arquivo pessoal de Vera Lucia Alvarez.

Repare que a expressão "Saludo a Franco Arriba España" também aparece na parte inferior esquerda do documento e o uso do termo "Tercer Año Triunfal", ao final

dos escritos, reflete a propaganda do regime franquista, que comemorava a vitória dos nacionalistas sobre os republicanos como um grande triunfo. De acordo com Érica Sarmiento e Ruy Farias, os anos seguintes à Guerra Civil Espanhola foram de paralisação do movimento migratório espanhol. Segundo os autores, isso se deve a dois motivos: às operações militares que eram realizadas no mar e à política franquista que impunha muitas limitações a todo tipo de entrada ou saída da Espanha³⁶⁹. De acordo com Rocio Botana, no período entre 1924 e 1960, o regime franquista publicou mais de cem decretos e ordens que buscavam controlar e regular a saída de espanhóis ao estrangeiro³⁷⁰.

Se as redes migratórias foram importantes em todo o processo migratório, foram ainda mais nesse período em que houve um enrijecimento das leis espanholas. Rocio Botana menciona que, nesse período, a ajuda para agilizar os trâmites para a emigração e o posterior assentamento no além-mar era muito importante. A autora, que estudou a emigração da comarca de Santiago de Compostela para a América durante o século XX, menciona que não foram poucos os casos em que emigrantes deixaram a América e voltaram para a Espanha devido à crise de 1929, sendo que, anos depois, tiveram que partir novamente devido à instabilidade social que encontraram depois do início do conflito dentro do país³⁷¹.

A visão negativa sobre a emigração espanhola dessa época afetava até mesmo os membros das próprias famílias de imigrantes. Um exemplo disso pode ser visto no romance "Carmina – a garota que derrotou a lepra", do autor Adilson Vilaça. Na história, a personagem Vovó Maruxa, personagem fictícia, apesar de também ser uma imigrante, expressa uma visão crítica sobre a emigração. De origem da Galícia espanhola, Vovó Maruxa, com suas memórias e experiências pessoais, lembra de maneira crítica e melancólica sobre o processo migratório, refletindo os desafios e as dificuldades enfrentadas pelos emigrantes espanhóis.

Vovó Maruxa sempre enfatizava a palavra es-tu-pi-dez. Para ela toda aquela patacoada de conquistar a redenção e a paz num novo horizonte era fábula que não deveria ter sido engolida pelo mais ingênuo dos dementes.

³⁶⁹ VICENTE, María José Fernández. La política migratoria del Franquismo hacia América Latina. Apud: SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy. **Novos olhares sobre a imigração ibérica em América Latina (séculos XIX e XX)**. Volume I. Organizado por Érica Sarmiento e Ruy Farias. Niterói, RJ: Universo, 2011. p. 107-108.

³⁷⁰ BOTANA IGLESIAS, Rocio. **Passagem para a América...** p. 41.

³⁷¹ BOTANA IGLESIAS, Rocio. **Passagem para a América...** p. 174.

Paz? Redenção? Agora eles não passavam de forasteiros desarmados em terra estranha, prontos para serem dizimados³⁷².

Ao longo da história, Vovó Maruxa compartilha suas vivências e decepções, mostrando como a emigração, longe de ser uma solução mágica para todos os problemas, traz consigo um conjunto de adversidades. Ela evidencia a saudade da terra natal, a luta pela adaptação em um novo país e as perdas culturais e sociais que acompanham o deslocamento. Essa visão negativa se contrapõe ao otimismo inicial da família, que deixava a Galícia e buscava melhores condições de vida no Brasil, numa tentativa de reeditar a conquista da América³⁷³.

Além disso, o livro aborda a jornada de Carminda, que enfrenta a lepra. A história de Carminda serve como um contraponto à visão de Vovó Maruxa, mostrando que, apesar das dificuldades, há espaço para a esperança e a vitória sobre adversidades. O romance, portanto, não apenas retrata a experiência da emigração galega para o Brasil, mas também oferece uma reflexão sobre os impactos emocionais e culturais desse processo, destacando as vozes e perspectivas individuais dentro de uma experiência coletiva. Segundo o próprio Adilson Vilaça, a pessoa que inspirou a história de Carminda teria superado a doença em 2016, quando completou 70 anos³⁷⁴.

Em contraponto com a memória da personagem fictícia Vovó Maruxa, aparece, na memória de Maria Fernandez Machado, emigrante espanhola vinda para o Brasil no ano de 1950, ou seja, sob o período franquista, a clara preferência pela sua terra natal, fazendo questão de lembrar de suas brincadeiras, colegas, família e amizades em geral, como se vê:

Brincava. Ih... tinha bastante colegas, brincávamos. Lá brincávamos de corda. A minha irmã quando ia a escola brincava de botão, entón botava ela de castigo porque ela ficava pra trás, um porção de brincadeira que tinha lá. Nós tinha muita amizade. A mamãe tinha muita amizade... (eu gostava) mais de lá, porque lá a xente tinha primo, tinha tio, tinha a família toda lá e nós morava perto de Portugal, ia sempre lá ver meus avós³⁷⁵.

³⁷² VILAÇA, Adilson. **Carminda: a Garota que derrotou a lepra**. 1. ed. São Paulo: CHIADO, 2016. p. 20.

³⁷³ VILAÇA, Adilson. **Carminda: a Garota que derrotou a lepra**... p. 17.

³⁷⁴ VILAÇA, Adilson. **Carminda: a Garota que derrotou a lepra**... p. 670.

³⁷⁵ Depoimento de Maria Fernandez Machado, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

O relato de María del Carmen Bua da Costa, apresentado a seguir, acompanha em parte os depoimentos de Maria Fernandez mencionados ao longo desta tese, pois a mãe de María del Carmen Bua da Costa também não desejava emigrar para o Brasil. Essa situação reflete a falta de consenso familiar em relação à decisão de emigrar, um fenômeno que se repete em diferentes contextos, como no caso de Vovó Maruxa, da mãe de Maria Fernandez e da própria María del Carmen Bua da Costa. Assim como no caso de Maria Fernandez, María del Carmen expressa os sentimentos ao longo da trajetória como migrante e de estabelecimento no Brasil.

Eu cheguei aqui em 1957, maio de 57. E eu não queria vir porque eu gostava muito, eu tinha onze anos, tinha as minhas amigas, tinha minha vida, minha escola, meu país. Mas, onde vai a mãe e o pai, filho tem que ir, né? Então chorei muito, mas eu vim, não me arrependo, porque sou espanhola de coração, mas amo o Brasil também, muito. Chegando aqui, eu me apaixonei pelo Brasil, eu amo o Brasil, porque fui muito bem acolhida aqui e me casei com um brasileiro, então mais ainda eu amei o Brasil [risos]³⁷⁶.

Maria Fernandez Machado revela um pouco das atividades que sua família desenvolvia na Espanha nas décadas de 1930 e 1940.

A mamãe levava leite lá pra La Guardia. Era xente rica que comprava leite da mamãe. Lá tinha uma vaca só, mas dava muito leite, dava 40 litro de leite. Aquelas pessoa mais rica encomendava pra mamãe levar à noite. A xente lembra que nós que tirava leite também. Que eu lembro que nós estava numa festa São Roque aí nós tinha aquela festa, dançando, tudo assim, aí a igreja tinha o relóxi, né. A xente via o relóxi a xente tinha que ir embora pra tirar o leite pra levar pra Guardia e o papai a mamãe ficava na festa e eu mais a minha irmã ia (tirar o leite) e levar na Guardia, que era pertim³⁷⁷.

Na Espanha franquista, havia a desestimulação da emigração, mediante dizeres e falas que a desmereciam, tais como propagar que o movimento era “coisa de fracassados”. As autoridades passavam uma visão negativa do imigrante. A visão predominante era de que a emigração estava esvaziando a Espanha de seus

³⁷⁶ Entrevista concedida por María del Carmen Bua da Costa, em 29 de abril de 2015, no centro social de Mayores Casa da España, Rio de Janeiro. Apud: SARMIENTO, Erica. **Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2023. p. 75.

³⁷⁷ Depoimento de Maria Fernandez Machado, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

potenciais contribuintes e enfraquecendo seus esforços de reconstrução e desenvolvimento. Essa percepção era agravada pelo contexto político autoritário do franquismo, que buscava controlar e manter a população sob sua influência e comando³⁷⁸. De acordo com Erica Sarmiento,

Nessa época, prevalecia a ideia de que a emigração se constituía em um perigo para a sociedade e para os interesses da ditadura, pois, com ela, o país perdia parte da sua riqueza humana, pois o fenômeno migratório era visto como provocador de uma verdadeira sangria e de fuga de pessoas em um momento crucial, no qual se fazia necessária a presença de toda população para colaborar na reconstrução do país devastado pela guerra civil³⁷⁹.

Dessa forma, a ditadura via a emigração não apenas como uma fuga de indivíduos em busca de melhores oportunidades, mas também como um desafio direto à estabilidade e ao progresso que o regime pretendia implementar. Perder trabalhadores e profissionais qualificados significava enfraquecer as bases econômicas e sociais necessárias para o desenvolvimento e a recuperação do país, sendo que uma das preocupações era a despovoação do país.

Como visto no capítulo I, durante finais do século XIX e início do século XX, predominaram as críticas ao movimento migratório por parte da mídia espanhola por existirem resquícios absolutistas que entendiam a emigração como um mal para o país. Essas premissas também foram um forte sustentáculo para o preconceito anti-emigração na Espanha durante o desenrolar do século XX. Porém, assim como havia a linha de pensamento contrária e a linha favorável à emigração espanhola no passado, nem toda classe política espanhola e nem todos os intelectuais viam a emigração de forma negativa³⁸⁰.

Miguel de Unamuno³⁸¹, um dos pensadores mais influentes das três primeiras décadas do século XX, apesar de concordar com certa tutela do Estado espanhol

³⁷⁸ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 113-114.

³⁷⁹ SARMIENTO, Erica. **Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro**... p. 36.

³⁸⁰ CARRERO, Emilio Redondo. *Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)*... p. 118.

³⁸¹ Miguel de Unamuno foi um escritor, filósofo e intelectual espanhol (1864-1936). Nasceu em Bilbao/Espanha. Foi professor universitário desde 1891 e reitor da universidade de Salamanca entre 1900 e 1914 e entre 1931 e 1934 e reitor vitalício de 1934 até 1934. Ver: DIAS, J.M. de Barros. Miguel de Unamuno, a educação e a pedagogia. *Revista do NESEF*, [S.l.], v. 4, n. 4, ago. 2017. ISSN 2317-1332. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/neseef/article/view/54684>. Acesso em: 09 de setembro de 2024. doi:<https://dx.doi.org/10.5380/neseef.v4i4.54684>. p. 75. Segundo Elisângela da Silva

para com o indivíduo, nunca foi contrário à emigração, chegando a dizer que “o movimento migratório deve ser controlado e ordenado pelo Estado, a fim de proteger o migrante e guiá-lo ao seu melhor destino, mas nunca restringi-lo”³⁸². Na visão de Unamuno, “emigrar permite que as famílias que ficam sejam mais numerosas, então a emigração é ainda desejável e o emigrante alguém que se sacrifica pelo bem de seu país”³⁸³.

Segundo Emilio Redondo Carrero, muito do prejuízo emigratório espanhol do período se deve à influência da Igreja Católica que adquiriu um domínio moral extraordinário durante e após a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), influenciando, principalmente, as ideologias e comportamentos no mundo rural e, em relação à emigração, a Igreja demonstrava preocupação, pois, em sua doutrina, a família era a base da vida social e da moral, onde a emigração levava à perda da dignidade humana³⁸⁴. Nas palavras do autor, as relações do governo com a Igreja flutuavam durante o regime de Franco, mas enquanto a emigração era uma questão relevante, a política do regime sempre abordaria o fenômeno de uma perspectiva altamente influenciada pelo pensamento católico”³⁸⁵. Nesse contexto, Maria Fernandez Machado, nascida em 1936, relembra sobre a posição que o catolicismo ocupava em sua região na Espanha.

Católica! Não tinha outra igreja lá não, só mesmo a católica. A xente ia na missa todo domingo. Nós tinha uma tia, era tia e mamãe, ela era solteira, tia

Santos, “Miguel de Unamuno, junto a outros nomes, integra a chamada geração de 98, encarados como os regeneracionistas; trata-se de autores que vivenciaram o estado decadente em que a Espanha se encontrava nesse momento, coroado pela perda de suas últimas Colônias, em 1898 (Cuba, Porto Rico e Filipinas) para o Estados Unidos da América. Os autores buscavam analisar as causas “desse mal”, e propunham soluções para regenerar o país. Esta geração realizou uma crítica profunda sobre a Espanha deste momento, e tentou solidificar teorias otimistas para a reconstrução do futuro do país. O futuro implicava numa modernização das ideias e da sociedade, e esta seria a única maneira de retirar o país de seu isolamento”. Ver: SANTOS. Elisângela da Silva. O ensaio como forma nas obras de Miguel de Unamuno e de José Enrique Rodó. **Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina**. ISBN: 978-85-7205-159-0. Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/SANTOS_SP11-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf. Acesso em: 09 de setembro de 2024. p. 2.

³⁸² CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 117.

³⁸³ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 118.

³⁸⁴ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 119.

³⁸⁵ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 122.

Rosa que chamava ela, e ela seis horas da manhã xá levantava nós pra ir pra missa³⁸⁶.

De acordo com Redondo Carrero, em uma Espanha ruralizada, essa visão da Igreja em relação à emigração foi a visão dominante como uma das características da ditadura de Franco, que tinha o nacional catolicismo como signo ideológico³⁸⁷.

Érica Sarmiento e Ruy Farias concluem que a política migratória de Franco foi estrategicamente orientada para assegurar a sobrevivência do regime. Nesse contexto, a emigração para a América Latina integrou uma combinação de interesses que visava não apenas regular o mercado de trabalho espanhol, mas também garantir uma fonte de remessas financeiras para a Espanha. Além disso, essa emigração estava alinhada com o ideal do mito da hispanidade, que pretendia transformar a América Latina em uma área de influência espanhola³⁸⁸.

No início do franquismo, emanava-se, por meio da legislação e das falas de membros do governo, uma imagem muito pejorativa do emigrante, considerando-o uma pessoa sem instrução, sem recursos e fadado ao fracasso. De acordo com Emilio Redondo Carrero, torna-se frequente encontrar expressões como “pobres imigrantes”³⁸⁹, ou até mesmo frases mais ofensivas que acusam o emigrante diretamente de deixar o país justo no momento de maior necessidade. No caso da Espanha, suas migrações para o exterior foram praticamente inexistentes durante o período da Segunda Guerra Mundial, também, por causa do momento mais duro da repressão franquista.

Essas falas e expressões que produziram tal imagem negativa do emigrante influenciaram as tomadas de medidas por parte de Franco em relação à emigração de espanhóis, justificando a restrição ao movimento imigratório. Redondo Carrero se utiliza das falas de Hannah Arendt para dizer que, no auge dos regimes totalitários, “a soberania em nenhum lugar é mais [...] absoluta do que em questões de

³⁸⁶ Depoimento de Maria Fernandez Machado, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

³⁸⁷ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**.. p. 120.

³⁸⁸ VICENTE, María José Fernández. La política migratoria del Franquismo hacia América Latina. Apud: SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy. **Novos olhares sobre a imigração ibérica em América Latina (séculos XIX e XX)**. Volume I... p. 126.

³⁸⁹ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 108.

emigração, nacionalização, nacionalidade e expulsão”³⁹⁰. Assim, o governo franquista emitiu mais de 100 decretos e ordens que buscavam regulamentar e dirigir o fluxo migratório espanhol ao estrangeiro³⁹¹.

O posicionamento neutro por parte do governo espanhol em relação à Segunda Guerra Mundial³⁹² fez com que a Espanha, assim como Portugal, ficasse de fora das pretensões econômicas do Plano Marshall³⁹³ de reconstrução das nações europeias promovido pelos Estados Unidos, que vigorou a economia e eliminou a fome nos anos seguintes à Guerra³⁹⁴. O isolamento político foi um traço marcante da política de Franco no pós-guerra e, no plano econômico, o cenário da década de 1940 era desolador e, tendo uma agricultura insuficiente, a fome se estendeu para a maioria da população. Esse contexto aparece na fala de Luis Lamas Paz, emigrante nascido na Galícia no ano de 1933, onde

A minha vida na Galícia era o seguinte: a Espanha tinha uma guerra civil, entre a esquerda radical e a direita radical. O nazifascismo venceu a guerra na Espanha pelo apoio de Hitler, Mussolini. Então, terminada a Segunda Guerra Mundial, como a Espanha era um país pró fascista, ficou isolado do mundo todo, não tinha relações diplomáticas, pois estávamos empobrecidos pela guerra civil e depois o mundo nos boicotou porque fomos considerados um país sem nenhum símbolo da paz mundial. Então todo mundo rompeu relações diplomáticas com a Espanha, só a Argentina e Portugal que tinham relações com a Espanha. Nós fomos criados muito difícil, né³⁹⁵?

Isso também se deveu à aposta por uma política autárquica que, junto com o isolamento internacional, se mostrou ineficaz para a recuperação econômica do país no pós-guerra, fazendo com que a Espanha só conseguisse sair dessa situação a

³⁹⁰ Arendt, Hannah. *Los Orígenes del totalitarismo*. Taurus, Madrid, 1998 [1951], p. 233. Apud: CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 30.

³⁹¹ BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América**... p. 41.

³⁹² Em setembro de 1939, começa a Segunda Guerra Mundial, tendo a Espanha se declarado não beligerante (que não participa do conflito), não intervindo, de forma oficial, pelo menos, na guerra. Porém, segundo Rocío Botana, essa neutralidade é duvidosa, pois a Espanha esteve à favor da Itália fascista e da Alemanha nazista, chegando a enviar voluntários espanhóis para a conhecida “Divisão Azul”, que lutou contra a União Soviética, compensando, de certa forma, Hitler, pela ajuda na Guerra Civil Espanhola. Ver: BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América**... p. 161.

³⁹³ Projeto maciço para a recuperação europeia, lançado em 1947 pelos Estados Unidos. Ver: Hobsbawm, Eric J. **A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 237.

³⁹⁴ BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América**... p. 162.

³⁹⁵ Entrevista concedida por Luis Lamas Paz, em 4 de março de 2015, no centro social de Mayores Casa da España, Rio de Janeiro. Apud: SARMIENTO, Erica. **Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro**... p. 109.

partir da década de 1950, ou seja, de 1945 até 1950, o país manteve-se em situação de atraso em relação aos outros países europeus que já contavam com a ajuda internacional do Plano Marshall estadunidense. Foi só na segunda metade da década de 1950 que a aceitação do franquismo a nível internacional foi plena, vindo a Espanha a se integrar a diversos órgãos internacionais de cooperação financeira e ao FMI, em 1958³⁹⁶. Assim, deixava de ser um mal irremediável perante a Europa e passava a ter a imagem de um mal menor com o qual se podia conviver e se ter um diálogo.

Essa abertura econômica de finais dos anos 1950 possibilitou à Espanha, de certo modo, acompanhar, mesmo que tardiamente, o desenvolvimento econômico que os outros países do ocidente europeu já tiveram depois da Segunda Guerra. Nas palavras de Rocio Botana Iglesias,

La liberalización y la apertura exterior que se inician a finales de los años cincuenta, permiten que la economía española se sume, en los años sesenta, a la última fase de la oleada de crecimiento y prosperidad que atravesaba Europa desde su recuperación tras la Segunda Guerra Mundial. Así, se alcanzaron en nuestro país durante esos años (sobre todo en el período 1960-1975), las tasas más altas de crecimiento económico de todo el siglo XX³⁹⁷.

Depois do fim da Segunda Guerra, a Europa foi tomada por um contexto sombrio que estava dominado por milhões de pessoas desabrigadas, com fome, sendo os seres humanos chamados de refugiados e deslocados. O conflito matou cerca de cinquenta milhões de pessoas diretamente, entre civis e militares, ademais, um número praticamente igual de pessoas, que varia entre trinta e sessenta milhões passou a estar desabrigado após o conflito só no continente europeu. No caso da Espanha, essas pessoas passaram a ser vistas pelas autoridades como um problema demográfico, um excedente populacional, e não como um problema humanitário. De acordo com André Gattaz, a partir de 1945,

com a abertura da emigração, criou-se uma importante válvula de escape para evitar problemas trabalhistas que de outro modo teriam sido graves, em consequência de uma grande massa de parados. O movimento reativou-se, sobretudo em direção à América Latina, que oferecia boas

³⁹⁶ BOTANA IGLESIAS, Rocio. **Passagem para a América...** p. 281.

³⁹⁷ A liberalização e abertura externa que se iniciaram no final dos anos 1950, permitiram que a economia espanhola se juntasse, nos anos 1960, à última fase da onda de crescimento e prosperidade que a Europa atravessava desde a sua recuperação após a Segunda Guerra Mundial. Assim, se alcançaram em nosso país, durante esses anos (especialmente no período 1960-1975), as taxas mais altas de crescimento econômico ao longo de todo o século XX. Tradução nossa. BOTANA IGLESIAS, Rocio. **Passagem para a América...** p. 283.

oportunidades a profissionais qualificados, além da facilidade com a língua³⁹⁸.

Para dar uma resposta a essa situação, um dos muitos organismos internacionais criados foi o CIME (Comitê Intergovernamental Provisório para os Movimentos Migratórios da Europa – esse foi seu primeiro nome). De acordo com Redondo Carrero, o Comitê tinha por objetivos reassentar os refugiados que ainda permaneciam no continente europeu, além de tentar resolver o problema da população europeia que queria e precisava emigrar, mas não tinha recursos para tal deslocamento³⁹⁹. Outro autor que corrobora com Redondo Carrero é Rocio Botana. Sobre a fundação do CIME, para a autora:

El CIME fue un organismo internacional creado en 1951 como consecuencia de la Conferencia Internacional sobre Migraciones celebrada en Bruselas en ese año con el fin de prestar asistencia a emigrantes transoceánicos y, especialmente, a los desplazados y refugiados europeos tras la II Guerra Mundial. En 1980 pasaría a denominarse Comité Internacional para las Migraciones (CIM) y desde 1989, Organización Internacional para las Migraciones (OIM)⁴⁰⁰.

A entrada da Espanha no CIME, em 1956, se tratou mais de uma busca por apoio internacional e melhora nas relações internacionais do que uma necessidade interna de resolver problemas relacionados à migração. Os dois objetivos da entrada da Espanha no CIME: incrementar a presença da Espanha com organismos internacionais e fortalecer suas relações com a América Latina, já que a América Latina seria o principal destino da emigração planejada pelo CIME. Os Estados Unidos compunham cerca de 40% do financiamento para as atividades do CIME

³⁹⁸ GATTAZ, André Castanheira. **Braços da Resistência: uma história oral da imigração espanhola...** p. 66.

³⁹⁹ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 459.

⁴⁰⁰ O CIME foi uma organização internacional criada em 1951 como consequência da Conferência Internacional sobre Migração realizada em Bruxelas naquele ano para ajudar os migrantes transoceânicos e, especialmente, para os deslocados e refugiados europeus após a Segunda Guerra Mundial. Em 1980, seria renomeado como Comitê Intergovernamental para as Migrações (CIM) e, desde 1989, a Organização Internacional para Migrações (IOM). BLAS GARCÍA, F. De. (recop) (1965): *Legislación Española de la emigración (1936-1964)*. Madrid. IEE. Apud: BOTANA IGLESIAS, Rocio. **Passagem para a América...** p. 43.

para migrantes saídos da Espanha no ano de 1961, com cerca de 1.022.592 de dólares, seguidos da Espanha, que ajudava com 670.141 dólares⁴⁰¹.

Para a Espanha, o ano de 1946 foi um ano marcante. Os fluxos migratórios transoceânicos se recuperaram após a guerra, nasceu a Organização Internacional para Refugiados e o governo de Franco reabriu suas fronteiras à emigração⁴⁰² tendo em vista que, até 1946, o ditador não autorizou a emigração.⁴⁰³ Isso porque a política migratória de Franco evoluiu e deixou de perceber a emigração como uma ameaça. As razões para tal mudança de percepção também podem ser entendidas pela óptica dos interesses internos e externos do governo franquista em resolver algumas situações, como citado por Rocio Botana:

la necesidad de evacuar a los trabajadores no cualificados desocupados; de obtener divisas através de las remesas de los emigrados; de cancelar deudas contraídas con países que demandan población extranjera y de construir una imagen internacional favorable hacia el franquismo en Occidente⁴⁰⁴.

Assim, a partir de 1946, a política migratória aconteceu com facilidades para obter passaporte e livre circulação de moedas estrangeiras, tanto para saída, como entrada, além de estabelecimento de convênios com países europeus e latinoamericanos, como Argentina, Brasil, Chile e Venezuela nos anos seguintes, por exemplo. Esse período proporcionou aos países latinoamericanos um aumento na exportação agropecuária e também de matérias-primas aos países europeus, como cereais, o que fez subir a demanda por trabalhadores estrangeiros, assim, muitos espanhóis que viveram um período longo de guerras, fizeram com que o fluxo migratório para a América se retornasse. Outro fator que contribuiu para a reativação do fluxo migratório foi que cessaram as atividades militares no mar Mediterrâneo e no Atlântico, o que facilitou a saída de espanhóis. Assim, entre 1946 e 1956, meio

⁴⁰¹ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 223.

⁴⁰² CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 167.

⁴⁰³ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 466.

⁴⁰⁴ A necessidade de evacuar os trabalhadores não qualificados desocupados, de obter moeda estrangeira por meio de remessas de emigrantes; cancelar dívidas contraídas com países que demandavam população estrangeira e de construir uma imagem internacional favorável em direção ao franquismo no ocidente. Tradução nossa. BIERNAT, C. (2007): Buenos o útiles? La política inmigratoria del peronismo. Buenos Aires. Biblos. Apud: BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América**... p. 211.

milhão de espanhóis emigrou para a América, em contraste com apenas 14.000 que foram para outros países da Europa e cerca de 150.000 para o continente africano⁴⁰⁵.

Nesse momento também fazem parte do processo migratório as redes migratórias, onde uma pessoa que deseja emigrar para um novo país, pode recorrer aos contatos existentes para obter conselhos sobre o processo de migração, encontrar oportunidades de emprego, obter moradia temporária e assim por diante. É o que aparece no relato de Otília González Martínez, sobre o período em que o governo de Juscelino Kubitschek, que se estendeu de 1956 até 1961, oferecia oportunidades de trabalho em indústrias, mas, quando os imigrantes chegavam no Rio de Janeiro, encontravam serviços em restaurantes e bares.

Meu pai veio com uma carta de recomendação de um tal de um nome que eu cheguei até a conhecer ele, ele era um sócio, Seu Conrado, o nome dele, era um dos sócios de Souza Cruz de cigarro, que ele era espanhol, ele era solteiro era já um senhor. Eu conheci ele pessoalmente, papai nos apresentou. Ele veio com uma carta já com um trabalho fixo, ele não veio aqui procurando emprego, mas coitado ele teve que alugar um canto pra morar, mas mais difícil foi quando a família toda veio que ele teve que arrumar uma casa apresentável com três quartos e sabe como é, ganha pouco⁴⁰⁶.

Sobre a vinda de seu pai, Otília continua:

O motivo do meu pai embarcar foi porque teve uma época do franquismo que dificultou as coisas, negócio de política que eu não sei explicar porque eu nunca gostei de política. E o meu pai veio, a gente ficou muito triste, porque o nosso pai era tudo, era nosso apoio, era nosso tudo e depois ficou uma família desnorreada, minha mãe chorava muito, não entrava o dinheiro que estávamos acostumados⁴⁰⁷.

Ao considerar o contexto histórico das décadas de 1940, 1950 e 1960 descrito neste subponto, cabe uma reflexão a respeito das condições das viagens: nesse período, os navios já ofereciam condições de viagem melhores do que as disponíveis durante o século XIX apresentadas no capítulo anterior. Essa melhoria nas condições de transporte marítimo fica evidente nos relatos de Maria Fernandez

⁴⁰⁵ VICENTE, María José Fernández. La política migratoria del Franquismo hacia América Latina. Apud: SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy. **Novos olhares sobre a imigração ibérica em América Latina (séculos XIX e XX)**. V. I... p. 112.

⁴⁰⁶ Entrevista concedida por Otília González Martínez, em 3 de julho de 2015, no centro social de Mayores Casa da Espanha, Rio de Janeiro. Apud: SARMIENTO, Érica. **Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro...** p. 45.

⁴⁰⁷ Entrevista concedida por Otília González Martínez, em 3 de julho de 2015, no centro social de Mayores Casa da Espanha, Rio de Janeiro. Apud: SARMIENTO, Érica. **Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro...** p. 50.

e Ana María Pérez Quintela abaixo, que descrevem experiências de viagem mais seguras e confortáveis. Essas descrições refletem melhores condições de viagens do que às enfrentadas pelos primeiros imigrantes no século anterior. Como se observa:

Ali tinha tudo. No navio tinha tudo. A xente não passou sem beber água e nem nada que tinha tudo... o navio era arxentino, veio da Arxentina, veio xente da Arxentina, veio muita xente, veio lotado, né, mas a gente passou muito bem aqueles treze dias lá... A xente ficou espantada porque quando a xente subia lá pra cima do navio aí os comandantes mandaram a bóia⁴⁰⁸. A xente ficou com medo! Não sei porque fizeram aquilo. E o navio também ficou perdido una noite. E quando amanheceu, a minha irmã falou assim 'mãe, o sol nasce dali, como é que tá de lá?' Aí a tripulação do navio ficou assim, meio com medo, aí os tripulantes falou que não ér nada não, que perdeu a direção. Aí, no outro dia, tava tudo certo⁴⁰⁹.

O relato de Maria Fernández Machado acima caminha junto com a exposição de Ana María Pérez Quintela, que chegou no Brasil no ano de 1963, sobre a situação das viagens nos navios,

Fizemos uma viagem de navio muito boa, muito interessante, muita farra, muita brincadeira. A gente participava das brincadeiras e eu não me lembro de ninguém ter passado mal. Porque as pessoas passavam mal. Enjoo, essas coisas... não lembro de nada disso! Lembro das festas que eram feitas, me lembro de uma grande festa que é quando atravessa a Linha do Equador, naquela época era uma novidade! Estamos atravessando a Linha do Equador! Então foi assim, foi muito divertido, foi muito bom⁴¹⁰!

De acordo com Redondo Carrero, chegou até mesmo a se formar uma visão positiva naquele momento histórico, na medida em que a Espanha recebia remessas de dinheiro dos que emigraram. Essa abertura também se fez devido à influência dos principais governos europeus que, assim como o CIME, passaram a considerar a migração parte do crescimento econômico dos países⁴¹¹.

Estando, mesmo após a Segunda Guerra Mundial, onde nazismo e fascismo já saíram do poder, sob um regime autoritário que buscava exercer influência sobre todos os setores da sociedade, a Espanha franquista, em 1946, apesar de realizar

⁴⁰⁸ Se referindo aos coletes salva-vidas.

⁴⁰⁹ Depoimento de Maria Fernandez Machado, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁴¹⁰ Entrevista concedida por Ana María Pérez Quintela, em 4 de fevereiro de 2015, no centro social de Mayores Casa da Espanha, Rio de Janeiro. Apud: SARMIENTO, Erica. **Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro...** p. 99.

⁴¹¹ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 252.

“aberturas” para a emigração, não deixou de estabelecer normas e regimentos que visavam a cercear e direcionar o fluxo, estabelecendo diretrizes sobre as companhias de navegação, que deviam contar com autorização da Direção Geral do Trabalho para atuarem.

Na Espanha, o caráter contraditório da migração, onde ora se entendia o movimento como um benefício para o país, ora se via a emigração negativamente, fica evidente na fala do diretor do Instituto Espanhol de Emigração (IEE), Carlos María Rodríguez de Valcárcel que, quando perguntado sobre o movimento, responde que: “não há nenhuma razão para esconder o fato de que a emigração, quando bem ordenada e dirigida, pode produzir imensos benefícios econômicos para a comunidade nacional de cujo seio o emigrante sai”⁴¹². Essa frase do diretor reflete bem que a má imagem que se tinha do emigrante serviu para justificar o intervencionismo estatal perante o fluxo migratório da época. Como regra estabelecida, os navios também passaram a ter que indicar, ao final de cada mês, os itinerários previstos para o mês seguinte, além de terem que apresentar as documentações de inspeções dos portos para poderem viajar, entre outras regras⁴¹³.

Ressalta-se que, como o regime franquista dificultou a saída de migrantes, muitos tiveram de recorrer à emigração ilegal. A maioria desses emigrantes era de jovens que não conseguiam juntar toda a documentação ou não tinham dinheiro suficiente para pagar a documentação necessária. Segundo Rocio Botana, a emigração clandestina aconteceu desde portos da Galícia, ao norte, até o Sul, nos portos Andaluze⁴¹⁴.

A emigração clandestina aconteceu enquanto houve um terreno propício para sua prática. Com a depressão econômica que atingiu o mundo a partir de 1930, os países receptores de migrantes deixaram de lado suas políticas receptoras de imigração e, em certa medida, até mesmo dificultaram a chegada de imigrantes. Houve também o desaparecimento de agentes recrutadores de emigrantes enviados pelos governos dos países americanos aos países europeus, o que também

⁴¹² Desde nuestra atalaya: entrevista a Carlos M^a Rodríguez de Valcárcel, separata al boletín Ultramar, nº 4, 1960; AMREC, Embajada de Madrid II, AH 0095/6. Apud: CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 252.

⁴¹³ BOTANA IGLESIAS, Rocio. **Passagem para a América**... p. 228.

⁴¹⁴ BOTANA IGLESIAS, Rocio. **Passagem para a América**... p. 178-179.

colaborou para o desaparecimento do fluxo de imigrantes clandestinos⁴¹⁵, sendo que a emigração clandestina não era regra, como fica evidente na fala do senhor “Raso”, dono da agência de viagens Raso⁴¹⁶, onde apresenta sua versão dos fatos sobre emigração clandestina

Graças a Deus não tive nenhum problema, mas a polícia envolveu-se muito nisso, porque, claro, teve muitos que... fizeram errado, mas nenhum desses casos aconteceu comigo. Eu, as pessoas que eu enviei, foi legalmente, todos eles, com licenças militares da data, sem antecedentes criminais, nunca haviam sido repatriados. Aí, os que estavam no Brasil, já velhos, começaram a querer levar os filhos pra lá. Com a Guerra europeia, eles ainda estavam em trânsito. A Guerra acabou aqui, os pais de lá começaram a querer levar os filhos e os primeiros filhos partiram nos anos 48, 49 e 50, datas em que mais pessoas começaram a partir para o Brasil. Não sei o número exato⁴¹⁷.

Sobre as aspirações dos emigrantes galegos do período, Rocio Botana menciona que muitos não queriam investir em um país onde prevalecia a ditadura⁴¹⁸. Assim, se no começo das emigrações de finais do século XIX e início do XX, o objetivo era o de ganhar dinheiro e voltar para a Espanha; no período depois dos anos 1939, o objetivo passa a ser levar a família para a América. Assim como todos os migrantes, que têm aspirações de melhora, como nos casos dos italianos que vieram para o Brasil no século XIX e almejavam conseguir obter seu próprio pedaço de terra para poder plantar e dele tirarem seu sustento, o objetivo dos galegos nesse momento é o de comprarem uma casa própria, visto que, em grande parte, passaram anos abarrotados com parentes e vizinhos em pequenos quartos. Esse desejo fica expresso no relato do senhor Juan J. Rey Alonso, que emigrou ainda criança, com seus pais para Buenos Aires no ano de 1949: “mi padre, ya, pues, accedió a una casa (...), y compramos una casita, que eso yo creo que era el, que era el paradigma, el objetivo de cualquier emigrante”⁴¹⁹.

⁴¹⁵ YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española a América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativa...** p. 131.

⁴¹⁶ A agência de viagens Raso começou a funcionar no ano de 1938 e foi intermediária entre os que queriam deixar a Espanha e escolhiam o Brasil como destino. Ver: SARMIENTO, Erica. *Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro...* p. 44.

⁴¹⁷ Entrevista concedida pelo senhor “Raso” no mês de junho de 2002, na cidade de Santa Comba (A Corunha). Apud: SARMIENTO, Erica. **Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro...** p. 45-46.

⁴¹⁸ BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América...** p. 203.

⁴¹⁹ “Meu pai, já bem, insistiu em uma casa, (...) e compramos uma casa pequena, que isso, eu creio que era o paradigma, o objetivo de qualquer emigrante” (tradução do autor). Juan J. Rey Alonso: Nacido en Santiago de Compostela, el 24/06/1941. Emigra a Buenos Aires en 1949, retornando en 1962. [Gloria Santos García/Fondo HISTORGA. Nº1277. Santiago de Compostela, 24/04/2003]. Apud: BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América...** p. 203.

No período entre a crise de 1929, a guerra civil espanhola (1936-1939) e a Segunda Guerra Mundial, a emigração galega sofreu uma pausa, retornando após o término da Segunda Guerra, quando Franco reestabelece, em 1946, a lei migratória de 1924 e, em 1948, que o único requisito para obter um passaporte era um contrato de trabalho visto por um consulado espanhol. Para Ruy Farias, essa facilitação para a saída dos emigrantes também foi um reflexo interno da incapacidade da economia espanhola de absorver a mão de obra que se excedia nas zonas rurais⁴²⁰.

Após a Segunda Guerra, a Galícia volta a ser uma grande exportadora de mão de obra espanhola, sendo que, no período entre 1946 e 1960, emigraram cerca de 290.400 galegos, que representavam 46% de toda a emigração espanhola do período⁴²¹.

De acordo com Redondo Carrero, as relações internacionais da Espanha sempre tiveram uma forte ligação com a emigração para o exterior⁴²². O regime de Franco não teve uma posição ativa no exterior devido à inibição externa de atuar sobre a ditadura espanhola, embora anos depois, entre 1957 e 1962, mais de 73.000 migrantes espanhóis foram assistidos pelo CIME na saída para o exterior, representando cerca de um terço de todas as saídas emigrantes registradas pelo Instituto Espanhol de Emigração (IEE).

Conforme o autor, o franquismo desenvolveu uma política externa baseada na preocupação da manutenção do poder do ditador Franco. Nas palavras de Redondo Carrero, “como boa parte dos autoritarismos do século 20, o regime de Franco se caracterizou por uma mistura de insensibilidade aos valores democráticos e preocupação por uma justiça social de cunho paternalista”⁴²³.

Nesse momento, já na década de 1960, o governo espanhol deixa de colocar travas à emigração e trata de proteger o emigrante, desde a saída da Espanha, durante a travessia, observando seu assentamento em países estrangeiros, chegando até mesmo a providenciar a repatriação⁴²⁴. O Estado espanhol passou a

⁴²⁰ FARÍAS, R. **La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960...** p. 56.

⁴²¹ FARÍAS, R. **La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960...** p. 56-57.

⁴²² CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 123.

⁴²³ CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**... p. 210.

⁴²⁴ BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América...** p. 42.

assegurar que a emigração não prejudicasse as esferas civis e políticas da família do emigrante, proporcionando as máximas oportunidades de caráter educativo a partir dos anos 1960⁴²⁵.

Em 1975, Franco morre, chegando ao fim o governo ditatorial e entrando em cena um governo democrático na Espanha. Se, durante um bom tempo, nos últimos dois séculos as incertezas econômicas, sociais, convocações militares e até mesmo as perseguições políticas motivaram a vinda de milhões de europeus para o continente americano, entre os anos 1976-1985, a Europa se recupera economicamente da devastação da Segunda Guerra Mundial, fazendo assim com que os fluxos para o continente americano diminuam consideravelmente. Dessa forma, portugueses e espanhóis passaram a eleger os países europeus como seus destinos, fazendo reduzir drasticamente o fluxo migratório para o Brasil⁴²⁶.

A partir desse momento, somente quem tivesse algum interesse específico no continente americano emigraria, algum parente ou alguma questão a resolver, pois as condições sociais, econômicas e políticas não tornavam o cone-sul americano tão atraente igual antes. Com a diminuição da emigração espanhola, em 1977 a Espanha se retira do CIME. A partir de 1986, a emigração espanhola para o estrangeiro reduz significativamente, não podendo nem mesmo ser chamada de fluxo migratório.

2.3 - Galícia, região de emigração por excelência.

De acordo com Cilmar Franceschetto, as regiões espanholas que mais contribuíram para o fluxo migratório no Espírito Santo foram a Andaluzia e a Galícia. Dos 3.469 imigrantes espanhóis que vieram para o Espírito Santo durante os séculos XIX e XX, 776 vieram da Andaluzia e 90, da Galícia⁴²⁷. Acompanhando essa

⁴²⁵ BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América...** p. 44.

⁴²⁶ RODRIGUES, Fernando da Silva; SARMIENTO, Érica. Estudos sobre colonização e imigração no norte do Brasil (1840-1930). Apud: LÁZARO, Alicia Gil; SARMIENTO, Erica; VICENTE, Maria Jose Fernandez. **Migrações atlânticas no mundo contemporâneo (séculos XIX-XXI)**... p. 120.

⁴²⁷ De acordo com Franceschetto, para outros 2.457 espanhóis, não se foram localizadas as regiões de origens (provavelmente, por causa de emigração ilegal, grifo nosso). Ver: Fonte: FRANCESCETTO, Cilmar. **Imigrantes**. Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. p. 803. p. 803.

linha de raciocínio, Zamorano Blanco comenta que “nem todas as regiões espanholas expulsaram a mesma quantidade de emigrantes, nem apresentaram os mesmos ritmos”⁴²⁸. O autor traz uma tabela para comparação das emigrações pelas regiões espanholas, onde deixa em evidência a contribuição da Galícia às emigrações por via marítima.

Tabela 4: Emigração espanhola por regiões

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA EMIGRAÇÃO POR VIA MARÍTIMA									
	1887-1898			1912-1920			1921-1930		
REGIÃO	TOTAL	PORC.	TAXA	TOTAL	PORC.	TAXA	TOTAL	PORC.	TAXA
ANDALUZIA	178.762	21,98	43	149.536	13,78	44	94.167	11,20	22
ARAGÃO	10.570	1,30	10	9.264	0,85	11	2.850	0,34	3
ASTÚRIAS	58.049	7,14	81	77.737	7,17	126	75.648	9,00	102
BALEARES	16.871	2,07	45	24.691	2,28	84	14.061	1,67	41
CANARIAS	50.689	6,23	145	69.012	6,36	173	28.235	3,36	62
CANTABRIA	15.420	1,90	53	25.954	2,39	95	23.317	2,77	71
CAST. E LEÃO	25.682	3,16	9	115.418	10,64	54	72.260	8,60	31
CAST. MANCHA	3.785	0,47	2	6.185	0,57	4	3.080	0,37	2
CATALUNHA	101.039	12,42	46	68.988	6,36	37	78.712	9,36	34
EXTREMADURA	760	0,09	1	10.048	0,93	11	4.386	0,52	4
<u>GALÍCIA</u>	<u>204.541</u>	<u>25,15</u>	<u>90</u>	<u>348.174</u>	<u>32,09</u>	<u>187</u>	<u>341.650</u>	<u>40,64</u>	<u>161</u>
MADRI	13.084	1,61	16	15.376	1,42	19	16.621	1,98	16
MURCIA	21.980	2,70	37	30.099	2,77	54	7.890	0,94	12

⁴²⁸ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 59.

NAVARRA	4.950	0,61	14	7.753	0,71	28	5.974	0,71	18
P. BASCO	12.525	1,54	20	21.762	2,01	36	16.227	1,93	21
P. VALENCIANO	92.347	11,35	53	97.666	9,00	64	51.448	6,12	29
LA RIOJA	2.251	0,28	10	7.260	0,67	43	4.167	0,50	22
TOTAL	813.305	100,00	39,71	1.084.923	100,00	62,94	840.693	100,00	38,29
*A taxa é o número de emigrantes ao exterior a cada 10.000 habitantes.									

Fonte: PALAZÓN FERRANDO, Salvador: “Capital humano español y desarrollo latinoamericano. Evolución, causas y características del flujo migratório”. Alicante, Institut de Cultura Juan Gil-Albert, 1995. Apud: ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 59.

Na análise se percebe que quatro regiões se destacam: Andaluzia, Catalunha, País Valenciano e Galícia. Se observa que a Galícia teve um papel que ressalta em relação às outras regiões no fluxo migratório espanhol. O papel acima demonstra a importância da região no contexto mais amplo da migração espanhola. De acordo com o próprio Zamorano Blanco, enquanto a emigração das outras regiões variou de destino para o interior da Espanha e da Europa, a emigração galega seguiu desempenhando papel central na emigração ultramarina⁴²⁹. Por isso, será feita a seguir uma breve apresentação dos motivos expulsos da região da Galícia em paralelo com aspectos gerais da emigração espanhola e, para prosseguir com a escrita e colocações sobre a emigração nessas duas regiões, segue abaixo mapa com as posições geográficas das regiões da Espanha, com o objetivo de situar o leitor visualmente quanto às disposições geográficas destas.

A inclusão de um mapa é uma ferramenta visual importante para contextualizar a informação apresentada. Ao fornecer um mapa, pode-se visualizar as regiões mencionadas, como Andaluzia e Galícia, compreendendo melhor a geografia e a distribuição espacial dos fluxos migratórios. Essa abordagem não só enriquece a narrativa, tornando-a mais acessível, como também facilita a absorção e a retenção das informações, ajudando a situar os dados históricos no contexto espacial adequado.

⁴²⁹ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 60.

Mapa 1: Regiões da Espanha



Fonte: FRANCESCHETTO, Cilmar. Imigrantes... p. 804.

De acordo com Rocío Botana, cerca de 2 milhões de pessoas da Galícia se mudaram para a América no período dos últimos quinhentos anos. Desde que Colombo pisou na América, em 1492, se pode mencionar a relação entre a Galícia e a América. Porém, segundo a autora, ainda não se pode falar em emigração até o século XIX⁴³⁰, sendo somente nos anos entre 1880 e 1930, conhecidos como emigração massiva, que os galegos se dirigiram à América com mais intensidade.

Segundo a autora, a emigração galega em direção à América apresenta-se como uma das características mais importantes da história da Galícia⁴³¹. Por exemplo, no movimento migratório espanhol, “entre 1836 e 1960 deixaram a Galícia 2.041.603 pessoas, sendo que o número total de saídas da Espanha no mesmo período foi de 5.311.906”⁴³². Essa enorme proporção de emigrantes galegos em

⁴³⁰ BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América...** p. 48.

⁴³¹ BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América...** p. 117.

⁴³² GOMES, Ana Paula Conde. **Da emigração à diáspora galega: positividade de uma identidade.** Tese (doutorado em História, Política e Bens Culturais), FGV – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011, p. 26.

relação ao total de emigrantes espanhóis sublinha a relevância desse fenómeno migratório, destacando a Galícia como uma das principais regiões de origem no contexto da migração espanhola. Ruy Farias cita algumas características da emigração galega, tais como poucos países de destino escolhidos, como os países do Rio da Prata, Cuba ou Brasil; as altas taxas de masculinidade, a abundante emigração temporal; o alto índice de retorno e a intensa devolução de recursos para a terra de origem⁴³³. Acompanhando Ruy Farias, Ana Paula Conde Gomes afirma que o grande fluxo da emigração galega para a América tem seu apogeu entre 1875 e 1930, assim como as outras grandes migrações europeias, e só vai entrar em declínio no fim da década de 1970⁴³⁴.

A emigração galega chama a atenção quando comparada à emigração de outras regiões espanholas. Como comparação, no período entre 1836 e 1880, a Galícia teve 93 mil emigrantes, enquanto as Ilhas Canárias tiveram, no mesmo período, 60 mil, e a Catalunha, entre cerca de 20 a 25 mil emigrantes⁴³⁵. Marília Klaumann Cánovas diz que 800 mil galegos vieram para a América até o ano de 1940. Sobre a emigração galega para a América, a autora diz que:

teria sido um movimento bastante expressivo, representando entre 1887 e 1895, de 29 a 34% do movimento nacional de passageiros, chegando a alcançar os 50% no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial⁴³⁶.

Os motivos para a emigração galega em muito se assemelham aos gerais motivos impulsionantes para a espanhola como um todo: os elementos do Antigo Regime ainda presentes, as redes migratórias e as fugas das convocações militares.

A Galícia apresenta-se como uma região que experimentou poucas mudanças na área agrícola durante o século XIX. Quase todos os aspectos do Antigo Regime se fizeram presentes no contemporâneo da Galícia, como, por exemplo, os velhos cultivos do milho, centeio e cereais. Ainda em 1890, não se utilizavam fertilizantes minerais nem mesmo maquinaria que substituísse o velho

⁴³³ FARÍAS, R. **La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960...** p. 54.

⁴³⁴ GOMES, Ana Paula Conde. **Da emigração à diáspora galega: posituação de uma identidade...** p. 23.

⁴³⁵ YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española a América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas...** p. 22.

⁴³⁶ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930...** p. 56.

arado romano. No século XIX, a indústria galega era relativamente incipiente, com poucas menções relevantes. Existiam fábricas de curtidos, peles e alguns centros de produção que não estavam totalmente integrados na economia regional, como as fábricas de tabaco e o arsenal de marinha. O setor de enlatados, que se tornaria significativo, só surgiu no final desse século na Galícia⁴³⁷.

Acompanhando essa linha de raciocínio, se informa que a região herdou uma alta densidade populacional e os fundamentos do sistema económico-social do Antigo Regime, o que inicialmente favoreceu o crescimento populacional. Contudo, quando esse sistema entrou em crise, as áreas mais populosas e desenvolvidas em termos de economia tradicional sofreram uma recessão severa, desencadeando um processo de reestruturação lenta e significativa das suas estruturas setoriais e laborais. A menção à elevada densidade populacional nas zonas costeiras sublinha que essa característica não era exclusiva da Galícia, mas também comum em outras partes da Espanha. Isso sugere uma dinâmica demográfica e econômica compartilhada em diversas regiões costeiras espanholas, onde a adaptação a novas condições econômicas e sociais foi um desafio considerável⁴³⁸.

Para Elaine Veiga Porta, a atividade agrícola da Galícia oferecia poucas oportunidades fora do mundo rural, pois o baixo crescimento industrial da época somado a um elevado crescimento populacional foram fatores que incentivavam os galegos a emigrarem⁴³⁹. Dessa forma, a autora Elda González Martínez se refere aos galegos como um “povo emigrante por excelência”⁴⁴⁰. Desse modo, se percebe que a crise econômica e a necessidade de reestruturação social e laboral na Galícia do século XIX foram fatores chave que impulsionaram muitos galegos a emigrar em busca de novas oportunidades e melhores condições de vida.

Nesse contexto, a entrevistada Regina Marta Alvarez Santos comenta sobre a Galícia, terra de origem de sua avó. Em seu relato pode-se perceber a dificuldade enfrentada por seus ascendentes, ao dizer que, na Galícia

⁴³⁷ FARÍAS, R. **La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960...** p. 51.

⁴³⁸ VÁZQUEZ, Alejandro González. *La emigración gallega a América, 1830-1930*. Tese de doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2 vol. 1999. p. 160. Apud: SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**... p. 164.

⁴³⁹ PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880-1920...** p. 70.

⁴⁴⁰ MARTINEZ, Elda Evangelista González. “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América...** p. 242.

eram terras pequenas que, assim, era você produzir pra sua família. Igual a minha avó, né, ela tinha uma ou duas vaquinhas de leite e aquele terreninho que plantava alguma coisa. Então, quer dizer, era sobrevivência. Não era nada que sobrasse pra você vender, pra você empreender, não tinha⁴⁴¹.

Esse relato de Regina é corroborado por um outro relato que aparece na tese de doutorado de Dolores Martin Rodríguez Corner. É a fala de Belarmino Fernandez Iglesias que, segundo a tese da autora, veio para o Brasil no ano de 1921 fugindo das convocações militares que na época duravam três anos. Em seu relato Belarmino acompanha o pensamento de Regina sobre a produção de subsistência da Galícia ao dizer que a Galícia tem uma economia de subsistência, então nós “produzíamos o porco, o frango, o leite, o cordeiro porque tínhamos a vaquinha, o cordeiro, a horta, o vinho, o trigo para moer e fazer o pão, então nós tínhamos todos os alimentos”⁴⁴².

Ao contrário de outros lugares, onde houve o avanço do latifúndio e os camponeses se proletarizaram, ficando sem a terra para seu sustento, como em muitas regiões da Itália, o emigrante galego, em sua maioria, não se proletarizou. Segundo Ruy Farias, o emigrante galego se tratava, basicamente, de indivíduo solteiro, com melhor grau de instrução alfabética e de famílias que eram capazes de contrair dívidas para subvencionar as passagens⁴⁴³, ao contrário dos emigrantes andaluzes que, em muitos casos, não tinham condições financeiras nem para pagar suas passagens, sendo que muitos acabaram sendo fortemente influenciados pelas passagens subsidiadas pelo governo paulista. O Estado de São Paulo, que buscava trabalhadores para suprir a demanda nas fazendas de café, adotou uma política de subvenção de passagens que atraiu grandes quantidades de andaluzes. Esse incentivo oferecido pelo governo paulista foi um fator determinante para a chegada de muitos desses emigrantes, que, sem esse apoio, provavelmente não teriam conseguido custear a viagem para o Brasil⁴⁴⁴.

⁴⁴¹ Depoimento de Regina Marta Alvarez Santos, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

⁴⁴² Entrevista de Belarmino Fernandez Iglesias concedida à Dolores Martin Rodríguez Corner em 24 de janeiro de 2005. Apud: CORNER, Dolores Martin Rodriguez. **Da Fome à Gastronomia: Os Imigrantes Galegos e Andaluces em São Paulo (1946-1960)**. 287 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 56.

⁴⁴³ FARÍAS, R. **La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960...** p. 2010. p. 54.

⁴⁴⁴ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 60.

O emigrante galego buscava melhores condições de vida e trabalho, principalmente devido à falta de oportunidades econômicas na Galícia. Assim, a emigração era uma maneira de escapar da pobreza e da fome, o que se percebe no relato de Vera Lucia Alvarez

Na verdade, a família do papai veio da Galícia. A Galícia é outra Espanha. Até mesmo a comida. Lá o terreno é tipo assim, morros, cascalhos. Assim, eu não sei como eles sobreviveram ali. É tanta (dificuldade) que, quando eles chegam numa determinada idade, eles vão pra Madrid, vão pra Barcelona. Eles vão embora porque não tem condição de residir ali⁴⁴⁵.

O relato de Vera Lucia Alvarez oferece uma visão pessoal e vívida das dificuldades enfrentadas pelos habitantes da Galícia, enfatizando a migração como uma solução inevitável para muitos. Embora o relato destaque as dificuldades enfrentadas na Galícia, ele também sugere que muitos galegos não conseguem se manter na Galícia.

As redes migratórias foram condicionantes importantes para a emigração da Galícia, sendo que a corrente migratória galega não é relevante até 1880 e só se tornou possível graças à interação das redes migratórias, que “puderam criar e manter uma corrente migratória na Galícia”⁴⁴⁶. Para Ruy Farías, a emigração galega foi facilitada por uma infraestrutura complexa de agentes e redes sociais que difundiam informações e organizavam a logística necessária.

Essa infraestrutura transformou a emigração em uma estratégia viável e atraente para muitos galegos que buscavam melhores condições de vida no exterior. Ruy Farías evidencia que a emigração, longe de ser um movimento espontâneo, foi amplamente facilitada por uma infraestrutura de comunicação e recrutamento que transformou a possibilidade de emigrar em uma realidade concreta⁴⁴⁷. Assim sendo, as informações sobre oportunidades de emprego no exterior se espalharam através de redes primárias, formadas por homens e mulheres comuns. Essas redes eram fundamentais para a criação de redes migratórias, onde um indivíduo ou família que emigrou inicialmente ajudava outros a fazerem o mesmo.

Ruy Farias menciona que outro fator importante para a emigração galega foi o desejo de fugir das convocações militares⁴⁴⁸. A convocação obrigatória para o

⁴⁴⁵ Depoimento de Vera Lucia Alvarez, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

⁴⁴⁶ FARÍAS, R. *La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960...* p. 52.

⁴⁴⁷ FARÍAS, R. *La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960...* p. 51-52.

⁴⁴⁸ FARÍAS, R. *La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960...* p. 52.

serviço militar foi impopular em muitas regiões da Espanha, incluindo a Galícia, onde as condições econômicas já eram difíceis. O serviço militar, especialmente em um contexto de guerra, era visto como uma obrigação onerosa e perigosa.

A perspectiva de ser recrutado para lutar em um conflito estrangeiro era assustadora para muitos jovens galegos e suas famílias. Além do perigo físico, o serviço militar representava uma interrupção significativa nas vidas dos jovens, que eram necessários em suas comunidades para ajudar com o trabalho agrícola e outras atividades econômicas essenciais. A ausência de jovens trabalhadores poderia agravar ainda mais a situação econômica das famílias. Para exemplificar a situação, veja a citação de Érica Sarmiento, que observou a relação entre alistamento e desertores em Santa Comba, município da Província da Corunha, na comunidade autónoma da Galiza, no noroeste da Espanha:

Em pesquisa realizada nos recenseamentos militares dos anos de 1901 a 1930, do concelho de Santa Comba (A Corunha), foram contabilizados 2.984 inscritos. Desse total, menos da metade compareceu para cumprir as obrigações militares, ou seja, 65,28% eram desertores⁴⁴⁹.

A alta taxa de deserção reflete as dificuldades econômicas, sociais e políticas da época, além de destacar a busca por alternativas e oportunidades melhores através da emigração. A emigração era uma saída frequentemente usada para evitar o serviço militar. Jovens que emigravam não apenas escapavam das convocações militares, mas também buscavam melhores oportunidades econômicas. É o que fica evidente nos relatos de Eugenio Aguado Agudo, que rememora os motivos da emigração de seu pai.

Meu pai veio para o Brasil devido que tinha três moços e aquele era um tempo de muita guerra na Espanha e era obrigatório ir na guerra os que eram sorteados. E nesse tempo veio muito imigrante devido a isso⁴⁵⁰.

Olha, uma das razões [da vinda] é que naquele tempo existia uma guerra da Espanha contra o Marrocos e a mocidade espanhola estava morrendo toda,

⁴⁴⁹ SARMIENTO DA SILVA, Erica. Nos caminhos da imigração: sociedade de origem, estratégias de sobrevivência e identidade dos galegos (século XIX a 1930). Apud: CARNEIRO, M. L. T. e HIRANO, S. (org.). **Histórias Migrantes. Um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas**. São Paulo. Humanitas. FAPESP. 2014. p. 143.

⁴⁵⁰ Fragmento do depoimento. Sr Eugenio Aguado Agudo, Toledo, 1912, prestado para Sônia Maria de Freitas. Apud: FREITAS, Sônia Maria de; MOTA, Carlos Guilherme. "Falamos os imigrantes: Armênios, Chineses, Espanhóis, Húngaros, Italianos de Monte San Giacomo e Sanza, Lituânos, Okinawanos, Poloneses, Russos, Ucrânianos, memória e diversidade cultural em São Paulo". 2001. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. p. 6. Apud: CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930...** p. 56-57.

todos com 18 anos. Quando chegava a hora do serviço militar, eram obrigados a ir para o Marrocos. E poucos voltavam. Então, meu pai tinha medo que aquilo nunca mais terminasse e por isso, foi uma das razões⁴⁵¹.

Esse relato pessoal de Eugenio Aguado Agudo, retirado do tabalho de Marília Dalva Klaumann Cánovas sobre a emigração do seu pai para o Brasil, oferece uma visão clara das motivações que levaram muitos espanhóis, especialmente galegos, a deixarem o país durante tempos de conflito. A emigração galega, especialmente durante períodos de conflito e obrigações militares, como na Guerra do Marrocos, foi uma resposta direta às dificuldades econômicas, ao temor do serviço militar obrigatório e à busca por oportunidades melhores.

O fluxo migratório galego para o Brasil se fez, também, através das redes migratórias, no qual o deslocamento de indivíduos foi motivado por arranjos e informações de parentes e conterrâneos já instalados no local de destino. As relações forjadas pelas redes migratórias podem ser apreciadas na história do avô de Regina Marta Álvarez Santos, em que aparecem as trocas não só entre familiares, mas também entre desconhecidos no sul do Espírito Santo, como se observa abaixo:

Já a família do papai, quando o vovô veio sozinho, quando ele veio (primeiro) pra lúna⁴⁵², aí ele trabalhou, assim, nas fazendas de café, essa coisa toda, aí ele voltou pra Espanha pra buscar a família, ele ficou lá quase dois anos... aí ele ia voltar pras fazendas de lúna, já estava tudo certo pra voltar. Aí, no Rio de Janeiro, quando eles pegaram o trem pra vir pra lúna, eles conversando, o vovô, a vovó, as crianças e tudo, aí um fazendeiro aqui de Alegre, espanhol, Fernando Martins, da mesma região do papai, tinha ido ao Rio buscar o carro que ele tinha comprado, ele era muito rico. Ele tinha se dado muito bem aqui. Então ele tinha que buscar o carro. O carro veio no trem. Aí quando ele escutou aquela família de espanhóis conversando, ele falou assim “vocês são espanhóis?” – “nós somos”, aí ele falou assim “e vocês estão indo pra onde?”, aí o meu avô falou assim “eu to indo pra lúna trabalhar em tal lugar porque eu já fiquei lá, eu já fui buscar a minha família”. Ele (Fernando Martins) falou assim “vocês não vão pra lúna não, vocês vão pra minha fazenda, porque eu tenho olaria e brasileiro não sabe fazer tijolo e telha”. Aí o meu avô já tinha mexido com isso lá na Espanha, foi daí que ele “desviou”. Então o meu avô já veio trabalhar com olaria na fazenda do senhor Fernando Martins, que fica há uns seis quilômetros daqui do centro de Alegre... Aí, depois, o papai montou a olaria dele, também colocou uma venda... e, depois, comprou uma chácara. O papai trabalhou com olaria a vida inteira. Essa olaria funcionou até os anos 70, quase anos 80. E, assim, uma boa parte das construções de Alegre foi

⁴⁵¹ Idem. Fragmento de depoimento. Sr Manoel Pablo Moedano, Blasquez, 1912, p. 6.

⁴⁵² Cidade do sul do Espírito Santo.

feita com tijolos do papai, a Igreja Católica, uma grande parte foi de fornecimento do papai, o quartel, o clube do Rio Branco⁴⁵³.

Ao entrelaçar o depoimento acima com o contexto histórico mais amplo observado pela bibliografia especializada, a leitura do movimento migratório galego ganha em profundidade e autenticidade, pois as experiências pessoais dos entrevistados lançam luz sobre as motivações da emigração galega de uma forma que dados e estatísticas por si só não poderiam capturar. Isso também ajuda a conectar a história pessoal das famílias galegas à história coletiva da região sul do Espírito Santo.

2.4 - Associativismo espanhol na América.

De acordo com Juan Andrés Blanco Rodríguez, a maioria dos emigrantes partiu de um ambiente rural onde a família e os hábitos culturais seguiam padrões muito tradicionais. Chegando ao novo país, trataram de reproduzir esses padrões, tornando-os suas marcas dentro da nova sociedade⁴⁵⁴.

Um exemplo dessa marca dos imigrantes no país de destino é encontrado na Associazione Trevisani Nel Mondo di Venda Nova do Imigrante, cidade do interior do Espírito Santo, uma associação dos descendentes das regiões italianas do Treviso e do Vêneto. Nessa associação, a preservação dos costumes, das roupas, das danças, das falas e das músicas trevisanas é muito forte e pessoas da Itália chegam mesmo a vir para Venda Nova do Imigrante reconstituir essas características e levar de volta para a Itália, pois, mesmo na sua região de origem, já se perderam alguns aspectos de sua própria cultura⁴⁵⁵.

O ex-presidente da associação, o senhor Higino Falchetto, e hoje, membro do grupo, reflete sobre a importância de manter a cultura dos descendentes vênnetos no

⁴⁵³ Depoimento de Regina Marta Alvarez Santos, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

⁴⁵⁴ BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 40.

⁴⁵⁵ CAMARGOS, Renato Peterli. **Associações a memória da imigração italiana em Venda Nova do Imigrante-ES (1959-2020)**. Dissertação de mestrado. Universidade Salgado de Oliveira. Niterói. 2020. p. 128.

município e sua consequente valorização e reconhecimento por parte de grupos de fora do país. Ele se refere à relação que existe entre associações de Trevisani na Itália e Venda Nova, ao expor que

a nossa cultura aqui, o nosso jeito aqui, até o dialeto aqui, eles (lá na Itália) já estão perdendo. Essas canções, esses folclores, eles estão vindo aqui, no Brasil e em algumas partes do mundo pra recuperar pra voltar pra Itália⁴⁵⁶.

Diante desse novo mundo com novas perspectivas, novos pensamentos e novas pessoas de diferentes regiões, um meio que as pessoas utilizaram para conseguir satisfazer suas carências foram as associações. As associações criadas pelos imigrantes nos países receptores têm diversos objetivos, entre os quais se destacam a ajuda econômica aos imigrantes, colaboração para sua inserção na nova sociedade, a manutenção da cultura dos imigrantes, entre outros objetivos.

Uma das principais consequências da emigração espanhola para o continente americano foram as associações que os imigrantes promoveram logo depois de chegar na América. De acordo com Erica Sarmiento, no momento em que os estrangeiros passavam a se tornar mais numerosos nos locais de destino, tendiam a se unir para se ajudar, para manter tradições, ter algum apoio econômico e também se posicionarem frente ao mundo novo em que estavam se inserindo⁴⁵⁷. Érica Sarmiento corrobora com Blanco Rodríguez, que reflete

se ha señalado que las asociaciones resultan fundamentales en la integración de los emigrantes, dado que tienen estrecha relación con la decisión, más o menos consciente, de asentarse en el nuevo destino, hacerse un espacio y construir, expresar y mantener una nueva identidad colectiva⁴⁵⁸.

De acordo com Blanco Rodríguez, “as associações criadas pelos emigrantes constituem um dos elementos mais relevantes de sua atuação coletiva”⁴⁵⁹. Isso

⁴⁵⁶ Depoimento de Higinio Falchetto, em entrevista concedida a Renato Peterle Camargos em 04 de agosto de 2019. Apud: CAMARGOS, Renato Peterli. **Associações e memória da imigração italiana em Venda Nova do Imigrante-ES (1959-2020)**... p. 128.

⁴⁵⁷ SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**... p. 371.

⁴⁵⁸ As associações foram consideradas essenciais na integração dos emigrantes, visto que estão intimamente relacionadas com a decisão, mais ou menos consciente, para se estabelecer no novo destino, para criar um espaço e construir, expressar e manter uma nova identidade coletiva. Tradução nossa. BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América**... p. 9.

⁴⁵⁹ BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América**... p. 9.

porque as associações são ferramentas importantes para reconstituição da memória da imigração, pois guardam documentos e fontes onde características dos imigrantes podem ser encontradas e trazidas para o presente. Assim, as associações se tornam a memória institucional e a parte mais visível da imigração⁴⁶⁰. Ao preservar características dos países de origem dos imigrantes, em certa medida, as associações constituem um pouco do mundo que foi deixado para trás no momento da partida, amortecendo um pouco o choque cultural de se chegar em um outro destino, ajudando também, o imigrante a superar as incertezas do novo mundo.

Sobre as associações desenvolvidas pelos imigrantes, Juan Andrés Blanco Rodríguez reflete que

tal tipo de instituciones facilita a los inmigrantes la superación de su aislamiento social, les ayuda a resolver sus problemas materiales y personales, combina la defensa de los intereses del grupo y los va negociando con la sociedad, así como mantiene y desarrolla modelos compartidos de significado⁴⁶¹.

O parágrafo destaca a importância das associações criadas pelos imigrantes na adaptação e integração das comunidades migrantes nos países de acolhimento. Essas associações desempenham ações para facilitar a superação do isolamento social até a defesa dos interesses do grupo e a preservação da identidade cultural. Dialogando com Blanco Rodríguez, o autor Norberto Bobbio reflete sobre as principais características das associações voluntárias

O fundamento desta particular configuração de grupo social é sempre normativo, no sentido de que se trata de uma entidade organizada de indivíduos coligados entre si por um conjunto de regras reconhecidas e repartidas, que definem os fins, os poderes e os procedimentos dos participantes, com base em determinados modelos de comportamento oficialmente aprovados⁴⁶².

⁴⁶⁰ BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 9.

⁴⁶¹ Este tipo de instituições facilita aos imigrantes a superação do isolamento social, ajuda-os a resolver os seus problemas materiais e pessoais, combinam a defesa dos interesses do grupo e os negociam com a sociedade, bem como mantêm e desenvolvem modelos compartilhados de significado. Tradução nossa. BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p.. 365.

⁴⁶² BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (Editores). **Diccionario de Política...** p. 65.

A reflexão de Norberto Bobbio sobre as associações voluntárias sublinha a importância de uma base normativa para a coesão e o funcionamento eficaz dessas organizações. As regras e normas compartilhadas garantem que todos os membros estejam alinhados com os objetivos e valores da associação, promovendo um ambiente de colaboração e confiança. Essa estrutura normativa não só facilita a operação interna da associação, mas também contribui para sua legitimidade e capacidade de atingir seus objetivos de maneira organizada e eficiente.

Na medida em que as associações criadas pelos imigrantes nos locais de assentamento propiciam a união entre os integrantes e a ajuda mútua entre si, as associações também vão promovendo o contato com a sociedade do mundo estabelecido, consolidando estratégias de relacionamento e plataformas de interlocução, é quando os imigrantes passam não só a fornecer características das suas identidades para a sociedade, como dela também recebem influência, tendo suas identidades entrecruzadas, pois a identidade não é algo estático, está sempre em desenvolvimento, conforme as pessoas vão interagindo com outras.

O sociólogo espanhol Manuel Castells reflete sobre o tema. Segundo Castells, “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”⁴⁶³. Nesse sentido, ele entende que toda identidade faz parte de um processo de construção que forma o caráter de uma sociedade. Em suas palavras, “nenhuma identidade pode constituir uma essência, e nenhuma delas se encerra, *per se*, valor progressista ou retrógrado se estiver fora do seu contexto histórico”⁴⁶⁴. Essa reflexão de Castells nos faz entender que a identidade, como fonte de significado e experiência, é um processo dinâmico e contínuo, profundamente influenciado pelo contexto histórico e social. Esta compreensão desafia visões essencialistas e estáticas, promovendo uma apreciação da complexidade e da diversidade das identidades humanas, sendo, no caso dos imigrantes, um aspecto marcante.

Assim se entende que o conceito de identidade também está baseado na interação social, ou seja, o processo de identificação abrange o reconhecimento de uma existência da essência interior, ao mesmo tempo em que também se projeta sobre a construção de relações com outras pessoas, em face das transformações

⁴⁶³ CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 22.

⁴⁶⁴ CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**... p. 24.

sociais e tendo em vista a codependência dos indivíduos na sociedade. De acordo com Stuart Hall, “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”⁴⁶⁵. Assim,

a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis⁴⁶⁶.

Michael Pollak corrobora com as colocações de Castells e Hall a respeito do conceito de identidade. Para Michael Pollak, ninguém pode construir uma imagem de si sem mudança, sem transformação em função das relações interpessoais. Para o autor, a identidade social, entendida como a imagem de si para si mesmo e para os outros, não é algo fixo ou independente, mas sim construída e transformada em relação aos outros. A identidade é negociada constantemente com base de interação com os demais, o que implica que tanto a memória quanto a identidade são dinâmicas e moldadas por influências externas, em vez de serem essências imutáveis de uma pessoa ou grupo⁴⁶⁷. Nesse sentido,

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo⁴⁶⁸.

⁴⁶⁵ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2011. p. 11.

⁴⁶⁶ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**... p. 11-12.

⁴⁶⁷ POLLAK, Michael. **Memória e identidade Social**. Revista Estudos Históricos. v. 5. Rio de Janeiro: 1992. p. 200-212. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 14 de setembro de 2024. p. 5.

⁴⁶⁸ POLLAK, Michael. **Memória e identidade Social**... p. 5.

De acordo com os autores acima, entende-se que a identidade não é uma essência fixa, mas algo que se negocia constantemente em função de como os outros nos veem e das normas sociais. Dessa forma, tanto a memória quanto a identidade são fluídas e podem ser reinterpretadas e ajustadas ao longo do tempo, conforme as experiências e os contatos com diferentes grupos, ainda mais nos grupos migrantes, que transitam por diversas sociedades.

Para Blanco Rodríguez, o associativismo voluntário espanhol na América está relacionado com a insuficiência do Estado para com os serviços básicos em relação ao sanitário e à educação⁴⁶⁹, conseguindo preencher lacunas ao manter até mesmo hospitais e escolas, além de outros serviços essenciais. Para Zamorano Blanco, os imigrantes espanhóis criaram as associações “como uma ferramenta primordial para evitar processos de exclusão social, para ajudar a si mesmo, mas também para estabelecer uma hierarquia e a noção de hispanidade”⁴⁷⁰.

Um exemplo dessas associações foi o Centro Gallego-Centro Democrático Español de São Paulo, que oferecia cursos de português, matemática e castelhano para seus associados em 1959. Para Blanco Rodríguez, as associações também são espaços de sociabilidade entre os imigrantes e, com diversas motivações, atingiram práticas e objetivos na América, entre eles, culturais, sociais, trabalhistas e até mesmo esportivos e políticos, tendo surgido mais de duas mil associações que abarcavam mais de meio milhão de integrantes no continente americano, sendo que muitas delas ainda existem⁴⁷¹, enquanto outras, tiveram uma duração escassa.

Em 1929 havia, aproximadamente, cerca de 1.200 associações, sendo mais de 600 somente na Argentina, 250 em Cuba e 50 no Brasil⁴⁷², tendo surgido na Argentina a primeira associação no ano de 1857. Segundo Elda Gonzalez, as

⁴⁶⁹ BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América**. p. 17.

⁴⁷⁰ ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**... p. 161.

⁴⁷¹ RODRÍGUEZ, Juan Andres Blanco. Aspectos del asociacionismo en la emigración española a América. Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América**... p. 29.

⁴⁷² HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América**... p. 36.

associações também são um fator determinante para a decisão de emigrar⁴⁷³, pois as associações formadas por imigrantes nos países de destino desempenham ações importantes na integração dos recém-chegados. Sobre os objetivos gerais do associativismo, Marília Cánovas destaca “a assistência médica, a ajuda aos doentes, idosos, deficientes e viúvas e compra de medicamentos”⁴⁷⁴, e até mesmo ajuda para as famílias realizarem seus funerais.

Em Cuba, por exemplo, durante o século XX, havia cerca de quatrocentos mil associados⁴⁷⁵ entre cubanos e também descendentes da segunda geração de imigrantes. A integração pelos imigrantes espanhóis em Cuba foi facilitada, pois os imigrantes tinham uma relação aberta com o resto da população. Segundo Blanco Rodríguez, as associações e grêmios estiveram sempre abertos à população local⁴⁷⁶. As primeiras sociedades regionais criadas em Cuba foram os centros “Naturales de Cataluña”, em 1841 e galego, em 1871. Nessas e outras associações, o integrante pagava cerca de um ou dois pesos para ter acesso à educação, médicos e outras assistências⁴⁷⁷.

Esse forte número de integrantes em associações em Cuba se deu, principalmente, porque não era um requisito necessário ter nascido em alguma região específica espanhola, ao contrário de outras associações em outros países que só abarcavam imigrantes vindos de determinada região espanhola, mas sim, a participação era aberta a todos, sendo espanhóis ou descendentes que viviam em Cuba.

Já a Argentina possuía uma estrutura social baseada em moldes europeus, além de possuir a mesma língua dos espanhóis, acabou assimilando muito bem os

⁴⁷³ MARTÍNEZ, Elda González. Tres inmigrantes, cuatro centros, un periódico... Las asociaciones españolas en Brasil. Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 365.

⁴⁷⁴ CÁNOVAS, Marília K. El diario español y las asociaciones españolas en São paulo, en las primeras décadas del siglo XX. Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 416.

⁴⁷⁵ RODRÍGUEZ, Juan Andres Blanco. Aspectos del asociacionismo en la emigración española a América. Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 16.

⁴⁷⁶ HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 35.

⁴⁷⁷ HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 37.

imigrantes espanhóis, fazendo com que eles se sentissem parte da sociedade mais rapidamente. Dessa forma, muitas associações chegaram mesmo a concorrer para o processo de assimilação dos espanhóis no país. Tanto na Argentina como em Cuba, o casamento entre eles foi facilitado pelas associações, sendo que, em 1910, cerca de 80% dos espanhóis estavam casados entre si na Argentina.

No Uruguai, a primeira associação surgiu em 1853, abrigando apenas quarenta sócios, tendo uma ascensão considerável e possuindo, em 1928, cerca de 18.000 sócios, sendo muitos desses integrantes, pessoas com conquistas sociais interessantes, como artesãos, comerciantes e trabalhadores qualificados. Seu nome era *Asociación Española Primera de Socorros Mutuos* e foi a primeira entidade de coletivo espanhol em Montevideo⁴⁷⁸.

Nos Estados Unidos, foram criadas inúmeras associações com imigrantes da Galícia, da Andaluzia, de Aragão e de Valencia, sendo a maioria em Nova York, por ali ser a chegada e lugar preferido da maioria dos espanhóis. Porém, muitas associações também ocuparam as regiões desde a Califórnia até a costa oeste dos Estados Unidos. Muitas dessas associações de espanhóis se juntaram à associações portuguesas e também se entrelaçaram com membros dos antigos países colonizados pela Espanha, formando assim, um conjunto de associações mais abrangente, geralmente denominado de “hispano”⁴⁷⁹.

No México, surgiram associações de beneficência já na década de 1840 nas cidades de Tampico e na Cidade do México em 1842. Para se participar das associações, muitas vezes era necessário que se nascesse na Espanha ou em determinada região de origem espanhola, o que dificultava o acesso a muitos. A união entre espanhóis também tratou de defender os interesses econômicos do grupo, o que fica exemplificado com os surgimentos dos empreendimentos como “El Casino Español” de 1862 e “La Cámara de Comercio Española”, essa última

⁴⁷⁸ HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 38.

⁴⁷⁹ HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 38.

fundada em 1890. Juntamente com interesses econômicos, esses locais também propiciavam momentos de recreação e reflexão cultural para seus integrantes⁴⁸⁰.

O caso do Chile mostra o quanto as associações foram intensas para os imigrantes espanhóis. Em 1885, havia somente 2.500 espanhóis vivendo no país, no entanto, desde 1861 já existiam associações e, conforme se passou o tempo, foram estabelecidas mais associações, chegando mesmo o grupo “Sociedad Española”, a construir um hospital próprio que atendia a muitos espanhóis na capital do país, em Santiago⁴⁸¹.

No caso do Brasil, a primeira associação de imigrantes espanhóis foi a “Sociedad Española de Beneficencia” do Rio de Janeiro, fundada no ano de 1859, uma associação com propósitos benéficos, como por exemplo, a assistência sanitária⁴⁸². Logo depois vieram as sociedades espanholas que surgiram por diversas regiões do país. Surgem as sociedades de socorro mútuo de Bagé, em 1868, de Porto Alegre, em 1893, da Bahia, em 1895, em Belo Horizonte, em 1911 e, em 1916, na Amazônia. Germán Rueda Hernanz ressalta que essas associações foram criadas, em sua maioria, por galegos, já que a Galícia foi a principal fornecedora de imigrantes para o Brasil⁴⁸³. Em São Paulo também se formaram associações como La Sociedad Española de Socorros Mutuos de São Paulo, que englobava todos os imigrantes de origem espanhola, propiciando aos seus associados, assistência médica e farmacêutica, além de cooperação financeira, entre outros.

Seguindo essa linha de raciocínio, informa-se que os descendentes de imigrantes espanhóis em Alegre, no Espírito Santo, chegaram a formar um Club de Inmigración Española, no ano de 1991. De acordo com Regina Marta Álvarez Santos e Luci Helena Albertazzi Bravo, o Club durou cerca de dez anos. Houve encontros

⁴⁸⁰ HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 39.

⁴⁸¹ HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 40.

⁴⁸² MARTÍNEZ, Elda González. Tres inmigrantes, cuatro centros, un periódico... Las asociaciones españolas en Brasil. Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 383.

⁴⁸³ HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 37.

com os descendentes de espanhóis para formalizar e dar prosseguimento às atividades culturais, que chegou a assumir o status de associação, pois possuía CNPJ. Elas relatam que, na época, não existiam os mesmos incentivos e facilidades que se tem hoje. Muitos não possuíam cidadania espanhola, o que dificultava o desenrolar do processo de continuidade do Club⁴⁸⁴.

Sobre o Club de Imigración Española de Alegre, Oseias Sanches Matos diz que, “a princípio, a gente buscava o histórico de cada um, da família de cada um”⁴⁸⁵ e, para isso, o Club de Imigración Española de Alegre promovia várias atividades, entre elas, os desfiles cívicos com os vários grupos de imigrantes que colonizaram a região como os italianos, árabes e, claro, espanhóis.

O Club se organizava para desenvolver várias atividades, como denota em suas atas

Ata Nº 01

Aos vinte e dois dias do mês de julho de 1991, reuniram-se na sede da Associação Atlética Banco do Brasil, representantes das famílias espanholas no município de Alegre (ES) à fim de organizar a colônia espanhola. Às 20:00 h iniciou-se a reunião, com a palavra o sr Carlos Magno, agradecendo a presença de todos, logo em seguida explicou aos presentes que o motivo da mesma era para definirmos o roteiro da participação da colônia espanhola no desfile da festa de agosto, e, também para organizarmos a confraternização dos imigrantes no dia 18 de agosto⁴⁸⁶.

A ata de 22 de julho de 1991 é um registro que evidencia a importância das associações de imigrantes na preservação da cultura e na integração social. Essa reunião, que foi documentada em ata, exemplifica a materialização das ideias da comunidade espanhola em Alegre em manter seus costumes e hábito. Através do Club, os descendentes de imigrantes espanhóis não só constroem sua identidade, mas também contribuem para a memória do movimento migratório em Alegre.

Na Ata de número 02, do dia 01 de agosto de 1991,

⁴⁸⁴ Informações colhidas no dia 26 de julho de 2022, com as senhoras Regina Alvarez e Luci Helena Bravo.

⁴⁸⁵ Depoimento de Oseias Sanches Matos, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2022.

⁴⁸⁶ CLUB DE IMIGRAÇÃO ESPANHOLA DE ALEGRE (ES). Associação Atlética Banco do Brasil. Ata da reunião de 22 de julho de 1991.

Com a palavra o presidente do clube, o senhor Carlos Magno explicou o porquê de formarmos o clube e que, aliás, esta ideia já era bem antiga, pois o senhor Domingos Bravo sempre falava da necessidade de se resgatar a memória de nossos antepassados⁴⁸⁷.

O parágrafo acima apresenta uma introdução sobre a criação do clube mostrando a figura do presidente, o senhor Carlos Magno. Assim sendo, percebe-se que a formação do clube não é uma ideia recente, mas algo que já vinha sendo discutido há algum tempo. Essa iniciativa de elucidar a memória dos antepassados é atribuída a Domingos Bravo, que sempre argumentou pelo Club.

Avançando na observação dos documentos da associação, aparecem os objetivos do Club, como pode ser visto:

São objetivos do Club

I – aglutinar espanhóis e seus descendentes, bem como os amigos da Espanha, de sua cultura, sua arte, sem distinção de classe social, política, religiosa, ou racial;

II – difundir a cultura espanhola, sua língua, seus costumes, sua história, buscando a integração entre espanhóis e seus descendentes;

III – proceder a estudos, pesquisas concernentes aos testemunhos materiais do homem e seu ambiente, particularmente, voltados para as raízes e história de emigração espanhola em suas diversas fases emigratórias;

IV – criar estrutura administrativa capaz de reunir e consolidar o acervo de suas relações através de:

A) Atividades sócio-culturais, incentivo e apoio a pesquisas de caráter histórico-científico, patrocínio de expedições de artes, cinema, vídeo, fotografias, documentos, etc; promoção de intercambio com entidades similares, governamentais ou não, do Brasil ou do exterior, organização de programas culturais informativos, de corais de música, grupos de dança e teatrais, criação de órgão informativo, elaboração de calendário de eventos; incentivo ao conagraçamento entre os associados; criação de cursos da língua espanhola e organização de quaisquer programas informativos;

B) Proteção ao patrimônio artístico, estético e histórico, no sentido de que seja preservada a cultura de nossos antepassados⁴⁸⁸.

Ao analisarmos as fontes acima, percebemos que o clube se propôs a ser um centro de atividades culturais e educativas, promovendo eventos, cursos de língua

⁴⁸⁷ CLUB DE IMIGRAÇÃO ESPANHOLA (ES). Residência de Carlos Magno Rodrigues Bravo. Ata da reunião de 01 de agosto de 1991.

⁴⁸⁸ CLUB DE IMIGRAÇÃO ESPANHOLA (ES). Residência de Carlos Magno Rodrigues Bravo. Ata da reunião de 15 de setembro de 1991.

espanhola e buscou ser um incentivador para a participação dos associados em diversas áreas. Também se denota que o clube se dedicou a realizar estudos e pesquisas sobre a imigração espanhola, concentrando-se nos testemunhos materiais e no contexto histórico dessa migração em suas várias fases. Dessa forma, se percebe a experiência dos imigrantes espanhóis e sua contribuição para as configurações sociais da cidade. Abaixo uma foto de evento realizado pelo clube: o desfile das colônias de imigrantes de Alegre.

Imagem 3: Desfile das colônias de imigrantes de Alegre promovido pelo Club de Imigração Espanhola de Alegre-ES (provavelmente) na década de 1990.



Arquivo pessoal de Luci Helena Albertazzi Bravo.

A foto acima mostra o desfile de descendentes de imigrantes realizado na cidade de Alegre, no interior do Espírito Santo. O evento foi uma celebração realizada pelo Club de Imigração Espanhola de Alegre. Comentando sobre a foto acima, Luci Helena diz que “esse desfile conseguiu resgatar a maior quantidade de

espanhóis, com desfile de todas as colônias aqui do Alegre, a italiana, a espanhola, a árabe, etc. A nossa (espanhola) foi a que mais teve gente”⁴⁸⁹.

Um dos membros mais atuantes do grupo de descendentes de imigrantes espanhóis em Alegre foi o senhor Carlos Magno Rodrigues Bravo. Angela Almança Vargas Pegoretti, participante do grupo, comenta sobre o fim das atividades da associação e enfatiza a importância que Carlos Magno teve dizendo que as “pessoas, assim, cada um foi fazendo uma coisa e (com o passar do tempo) ficou só ele (Carlos Magno). Nesse período de 1991, que foi quando a gente começou, até 2002, ele praticamente ficou sozinho”⁴⁹⁰. A fala de Angela destaca a importância do senhor Carlos Magno Rodrigues Bravo para as ações e continuidade do grupo. De acordo com as entrevistas que realizei, ele é descrito como um dos membros mais atuantes, assumindo forte posição na condução das atividades do Club.

A relevância do senhor Carlos Magno é demonstrada pelo fato de que as atividades do Club cessaram após seu falecimento, no ano de 2002, pois os membros enfrentaram dificuldades devido à falta de incentivos e facilidades que são mais comuns atualmente.

⁴⁸⁹ Depoimento de Luci Helena Albertazzi Bravo, neta de imigrantes espanhóis, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁴⁹⁰ Depoimento de Angela Almança Vargas Pegoretti, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2022.

3 IMIGRAÇÃO EUROPEIA NO ESPÍRITO SANTO

Neste terceiro capítulo, as memórias dos entrevistados são destacadas com maior ênfase em comparação aos capítulos anteriores. De acordo com Durand e Lussi, “a fase final de toda pesquisa é a apresentação dos resultados”⁴⁹¹, assim sendo, esta etapa é crucial e representa a culminação de todo o trabalho de investigação, onde os dados coletados e as análises realizadas são organizados para comunicação. A apresentação dos resultados não apenas sintetiza as descobertas da pesquisa, mas também contextualiza-as dentro do campo de estudo, destacando a relevância e as implicações dos achados.

Sobre este capítulo é importante destacar que as entrevistas chegaram a direcionar a busca por referências bibliográficas para fundamentar diversas afirmações que apareceram nos relatos. Exemplos disso incluem as referências à gastronomia dos imigrantes espanhóis e seus descendentes em Alegre, uma bibliografia que já me era, de certa forma, comum desde o mestrado, quando escrevi sobre a imigração italiana em Venda Nova do Imigrante, porém, também houve exposições de entrevistados que me levaram a investigar referências bibliográficas sobre a crença em duendes na Espanha, uma temática totalmente nova para mim. Essas curiosidades que aparecem durante as narrações enriquecem o escopo de estudos sobre o tema da imigração espanhola em Alegre, fortalecendo este trabalho.

3.1 - A ocupação do Espírito Santo por estrangeiros nas colônias de imigração e nas fazendas

Ao contrário das regiões de São Paulo e Rio de Janeiro, onde predominaram as correntes de pensamento dos grandes fazendeiros do café, que preconizavam pelo imigrante como substituto do trabalho de escravizados, no Espírito Santo, apesar de existirem também as fazendas de café, principalmente ao redor da bacia do rio Itapemirim, no sul do estado, predominaram as colônias de imigração, pois a imigração para o Espírito Santo era vista como uma solução para o maior

⁴⁹¹ DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia e teorias no estudo das migrações...** p. 38.

povoamento da terra, o que resultaria num melhor desempenho da economia, de acordo com a autora Gilda Rocha⁴⁹².

O Espírito Santo, por ser uma província de expressões políticas e econômicas pequenas para o Brasil, pode ser considerado o laboratório desses núcleos. Conforme apontado por Gilda Rocha, “não pode ser de todo descartada a ideia de que o Espírito Santo foi a ‘cobaia’ perfeita para a implementação dos planos governamentais no que concerne à política de imigração”⁴⁹³. No caso do Espírito Santo, a imigração, “mais escassa e pontual, foi sobretudo o resultado da política de colonização rural com pequenos proprietários de origem alemã e italiana nas regiões serranas”⁴⁹⁴. As informações que se seguem abaixo foram retiradas do livro “Os Capixabas Holandeses”⁴⁹⁵, que se utilizou da base de dados do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, para criar a lista:

Entre os anos de 1813 e 1887, são criadas dez colônias no Espírito Santo:

1813 – Colônia Agrícola de Santo Agostinho, às margens do rio homônimo. Atual município de Viana. Foi a primeira colônia oficial agrícola criada no Brasil logo após a chegada da família real;

1847 - Colônia de Santa Isabel, às margens do rio Jucu, colônia oficial;

1855 - Fransilvânia, às margens do rio Doce, um projeto particular iniciado, mas que logo foi à falência;

1854 - Colônia Rio Novo, às margens do rio Novo, colônia particular até 1861 quando então é encampada pelo Governo Imperial e se torna oficial;

1856 - Colônia Santa Leopoldina, às margens do rio Santa Maria da Vitória, colônia oficial;

1865 - Colônia Piúma, às margens do rio Iconha, colônia particular;

1867 - Colônia Juparanã, às margens da lagoa Juparanã e do rio Doce, colônia particular;

⁴⁹² ROCHA, G. **Imigração estrangeira no Espírito Santo**... p. 18.

⁴⁹³ ROCHA, G. **Imigração estrangeira no Espírito Santo**... p. 35.

⁴⁹⁴ BIONDI, Luigi. **Imigração** [verbete]. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2015. Disponível em: <https://bityli.com/upUXBNKBM> Acesso em: 21 fev. 2021. p. 2.

⁴⁹⁵ ROOS, R. S. T.; ESHUIS, M. (Eds.). **Os capixabas holandeses: uma história holandesa no Brasil**. Tradução da língua holandesa. Op een dag zullen ze ons vinden. Ruth Stefanie Berger Ton Roos e Margje Eshuis. Vitória: APE Edição comemorativa dos 150 anos da colonização holandesa, 2008.

1874 - Colônia Nova Trento, em terrenos do italiano Pietro Tabacchi, atual Município Aracruz.

1879 - Colônia Castello, às margens do rio Benevente, colônia oficial;

1887 - Colônia Santa Leocádia, às margens do rio São Mateus.

De acordo com Adilson Silva Santos, o Espírito Santo começou a receber grandes quantidades de imigrantes europeus a partir da década de 1840, quando os imigrantes se dirigiram, especialmente, para as partes sul e centro-serrana numa grande quantidade de alemães, espanhóis e italianos, sendo, estes últimos, em maior quantidade⁴⁹⁶.

⁴⁹⁶ SANTOS, Adilson Silva. **Sírios e Libaneses no sul do Espírito Santo (1890-1930)**... p. 64.

Mapa 2: Divisão político-administrativa do Espírito Santo atualmente com foco na cidade de Alegre, recorte geográfico desta pesquisa.



Fonte: <https://geobases.es.gov.br/mapas-municipios-es>. Acesso em: 09 de outubro de 2024.

Discussões e pesquisas sobre a imigração espanhola no Brasil são úteis para contribuir com o debate sobre diversidade social e étnica no país. A imigração é um fenômeno histórico-sócio-cultural pertinente no território capixaba e a existência de estudos sobre o tema é muito importante para compreender a complexidade dos processos que envolvem tal conceito. De acordo com a historiadora Maria Cristina Dadalto, o Espírito Santo é “sabidamente território em que prospera a diversidade

cultural”⁴⁹⁷. Segundo a autora, a resposta para a indagação sobre “o que define a identidade capixaba?”:

(...) deve ser buscada no processo de desenvolvimento e colonização sociocultural tardia do Espírito Santo, marcadamente fundada por um intenso movimento migratório e transmigratório interno de representantes de etnias européias — portugueses, italianos, prussianos, suíços, alemães, pomeranos, hanoverianos, poloneses, entre outros —, além de sírio-libaneses, e de levas e levas de negros africanos. Também inseridos nesse processo, migrantes brasileiros de Minas Gerais, do Nordeste, do Rio de Janeiro, bem como os indígenas que já habitavam o local⁴⁹⁸.

Visando ter uma dimensão numérica das imigrações no Espírito Santo, segue abaixo lista com os principais grupos de imigrantes que adentraram o território espírito-santense nos séculos XIX e XX, onde se nota a forte contribuição dos espanhóis para os números da imigração no território capixaba e o amplo predomínio numérico dos italianos, seguidos pelos alemães.

Tabela 5: imigração no Espírito Santo por nacionalidades

Origem	Século XIX	Século XX	Total
Itália	35.033	1.633	36.666
Alemanha	4.013	853	4.866
Espanha	2.942	527	3.469
Portugal	2.080	1.347	3.427
Polônia	699	898	1.597
Líbano	1	568	569
Áustria	295	131	426
Estados Unidos	167	219	386
San Marino	360	3	363
Holanda	329	13	342
Suíça	289	21	310
Rússia	185	58	243
França	162	66	228

⁴⁹⁷ DADALTO, Maria Cristina. O discurso da italianidade no ES: realidade ou mito construído? **Pensamento Plural**. Pelotas [03]: 147 – 166, julho/dezembro, 2008. Acesso em: 1 maio 2021. p. 164.

⁴⁹⁸ DADALTO, Maria Cristina. O discurso da italianidade no ES: realidade ou mito construído? **Pensamento Plural**... p. 150.

Bélgica	185	5	190
Síria	0	130	130
China	66	57	123
Inglaterra	9	105	114
Luxemburgo	97	0	97
Ucrânia	70	16	86
Romênia	1	56	57
Argentina	8	47	55
Ex-Iugoslávia	0	48	48
Grécia	2	42	44
Ex-Tchecoslováquia	0	38	38
Hungria	2	26	28
Barbados	0	23	23
Turquia	0	21	21
Lituânia	0	21	21
Japão	0	18	18
Dinamarca	0	14	14
Palestina	0	14	14
Venezuela	8	3	11
Bielorrússia	0	9	9
Chile	1	8	9
Bolívia	0	7	7
Noruega	0	7	7
Uruguai	0	7	7

Fonte: FRANCESCHETTO, 2014, p. 114.

Menciona-se que existem outros grupos de imigrantes que também adentraram o Espírito Santo no período, porém com uma margem numérica menor do que as citadas acima. São grupos de diversas nacionalidades de todos os continentes como, por exemplo, australianos, mexicanos, galeses, búlgaros, senegaleses, tailandeses, entre outros. A quantidade desses imigrantes não citados na tabela não ultrapassou o total de seis para cada grupo.

Em 1872, os 30 espanhóis presentes no Espírito Santo, de acordo com o censo de 1872, estavam assim distribuídos

Tabela 6: Espanhóis no Espírito Santo em 1872

ESPANHÓIS NO ESPÍRITO SANTO EM 1872	
LOCALIDADE	NÚMERO
CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM	6
ALEGRE	1
S. PEDRO DO ITABAPOANA	7
N. S. DO AMPARO DO ITAPEMIRIM	12
VITÓRIA	2
VEADO (ATUAL GUAÇUÍ)	1
CARIACICA	1

Fonte: Elaboração própria feita a partir dos dados disponibilizados pelo censo de 1872. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v4_es.pdf.

Exceto Vitória e Cariacica, todas as outras localidades se situam no sul do Espírito Santo, o que já demonstra, nesse momento, um certo direcionamento dos imigrantes para a região sul do Espírito Santo, num momento em que as fazendas de café começam a ter mais protagonismo na economia da Província. Detalhe que, nesse momento, regiões do norte, como São Mateus, não tinham sequer um imigrante espanhol.

Como já exposto, muitos imigrantes vieram para o Brasil por forma voluntária, mas muitos também contavam com auxílios, como as passagens pagas, ora pelo governo estadual, ora pelos fazendeiros. Outro auxílio que muitos imigrantes receberam foi a estadia em hospedarias de imigrantes, que eram estruturas construídas para receber pessoas de outras nacionalidades no Brasil a partir do século XIX. No caso do Espírito Santo, destaca-se a hospedaria Pedra d'Água, que ficou localizada na entrada da baía de Vitória, hoje município de Vila Velha. Foram 18.770 imigrantes italianos; 140 alemães; 1223 portugueses e 2493 espanhóis, e 832 imigrantes de outras nacionalidades que entraram e saíram da hospedaria⁴⁹⁹.

⁴⁹⁹ Números obtidos diretamente do Arquivo Público do Espírito Santo, por email.

De acordo com José Teixeira de Oliveira, pelos meados do século XIX, o litoral do Espírito Santo também foi muito visitado pelos navios negreiros, sendo a região sul da então Província o lugar mais visado num momento em que ocorriam as perdas de escravizados devido à Lei Eusébio de Queirós, que combatia o tráfico de navios negreiros para o Brasil ao mesmo tempo em que ocorria o aumento da procura pelo café. De acordo com o autor, justamente naquela ocasião “intensificava-se na Alemanha e na Suíça – os dois grandes fornecedores de colonos para o nosso país – tenaz campanha de crítica ao tratamento aqui dispensado aos imigrantes”⁵⁰⁰.

Helmar Rölke, em seu livro chamado “Raízes da Imigração alemã”, traz uma cronologia da colonização na então Província do Espírito Santo, mencionando que, em 1813⁵⁰¹, foram trazidas famílias açorianas que foram assentadas no córrego Santo Agostinho, hoje, Viana, e diz que, nesse período, também houve o assentamento de 50 espanhóis provenientes das Ilhas Canárias, no vale do Rio Doce, norte do estado⁵⁰². A partir dos anos 1830 chegaram alemães que tinham sido dispensados dos batalhões de estrangeiros que trabalhavam para D. Pedro I. Porém, é a partir de 1846 que chegaram grupos de alemães que são destinados, no ano seguinte, para a colônia de Santa Isabel, atual município de Domingos Martins. A colonização do solo espírito-santense prosseguiu, principalmente com as colônias de caráter particular, como a de Santa Maria e a colônia do Rio Novo, que abrigaram imigrantes de diversas nacionalidades, inclusive, espanhóis.

De acordo com a historiadora Nara Saletto, os primeiros imigrantes que chegaram nos núcleos coloniais capixabas enfrentaram situações muito adversas em seu assentamento, pois o serviço que era promovido pelo governo imperial não foi capaz de instalá-los satisfatoriamente. Nas palavras da autora, “os núcleos

⁵⁰⁰ OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3 ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008. 670 p.: il. – (Coleção Canaã, v. 8). p. 371.

⁵⁰¹ Fabiene Passamani Mariano, em sua tese sobre imigração açoriana no Espírito Santo menciona que os primeiros imigrantes açorianos teriam chegado ao Espírito Santo já em novembro de 1812 e foram instalados no Sertão de Santo Agostinho para iniciar sua colonização e fundar a povoação de Viana. Ver: MARIANO, Fabiene Passamani. **A Festa do Divino em Viana no século XXI: memórias afetivas na construção de uma açorianidade capixaba**. Tese de doutorado em História. Vitória, Ufes, 2019. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_8701_FABIENE%20Tese%20vers%E3o%20Novembro%20%28%29.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2024. p. 68-69.

⁵⁰² RÖLKE, Helmar. **Raízes da Imigração alemã: história e cultura alemã no Espírito Santo...** p. 187-188.

coloniais tiveram sérios problemas no início”, porém, superadas as dificuldades iniciais, “os núcleos progrediram, expandindo as áreas de pequenas propriedades produtoras de café, principalmente aqueles situados no trajeto da estrada de ferro Vitória-Minas”⁵⁰³.

Uma das principais obras sobre a imigração no Espírito Santo é a de Gilda Rocha, intitulada “Imigração estrangeira no Espírito Santo, 1847-1896”. Nesse trabalho, a autora divide a imigração estrangeira no estado em três fases. A primeira fase, que compreende os anos de 1847 a 1881, é caracterizada pela ação do governo imperial do Brasil que favorecia e impulsionava a instalação dos imigrantes nos núcleos coloniais com a finalidade de povoar o solo do Espírito Santo. Nesse momento, os fazendeiros do café das margens do rio Itapemirim possuíam mão de obra escravizada suficiente para o trabalho nas lavouras, dessa forma, esses fazendeiros assistiam com certa indiferença o crescimento dessas colônias.

Durante os anos da primeira fase, a Província do Espírito Santo recebeu 13.828 imigrantes de diferentes países da Europa como Áustria, Alemanha, Itália, Suíça, França, entre outros⁵⁰⁴. Porém, com o avanço das leis que minavam, aos poucos, o trabalho escravizado, o Espírito Santo foi influenciado pelas pressões dos grandes fazendeiros de São Paulo e Rio de Janeiro, que buscavam imigrantes, não para colonização e povoamento do solo, mas sim, para preencher o vácuo deixado pela mão de obra escravizada nas fazendas.

A segunda fase da imigração, que ocorreu entre 1882 e 1887, foi marcada pelas demandas dos grandes fazendeiros de São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse período, o objetivo principal foi facilitar a vinda de trabalhadores agrícolas, mas, ao contrário de direcioná-los para as colônias de imigração, procurou-se atender às necessidades de mão de obra para as plantações de café. Vale destacar que, antes disso, o Decreto nº 7.570, de 20 de dezembro de 1879⁵⁰⁵, suspendeu temporariamente a implementação do Regulamento do Decreto nº 3.784, de 19 de

⁵⁰³ SALETTO, Nara. **Sobre política capixaba na primeira República**. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. 232 p.: (Coleção Canaã, v. 26). 2018. p. 42-43.

⁵⁰⁴ ROCHA, G. **Imigração estrangeira no Espírito Santo...** p. 90.

⁵⁰⁵ **BRASIL**. Decreto Nº 7.570 de 20 de dezembro de 1879. Suspende provisoriamente a execução do Decreto n. 3784 de 19 de Janeiro de 1867. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7570-20-dezembro-1879-548843-publicacaooriginal-64056-pe.html>. Acesso em: 15 de setembro de 2024.

janeiro de 1867⁵⁰⁶, que tratava da criação de colônias, distribuição de terras, administração das colônias e recepção dos imigrantes. Essa suspensão afetou a chegada de imigrantes durante esse período. Como resultado, os auxílios destinados aos imigrantes que se dirigiam às colônias foram encerrados, e benefícios passaram a ser oferecidos aos que optavam por trabalhar nas fazendas de café. Esses fatores contribuíram para que, nesse período, a imigração no Espírito Santo fosse limitada a apenas 1.375 estrangeiros⁵⁰⁷.

A terceira fase compreende os anos de 1888 até 1896. Alguns acontecimentos marcaram o período, como, a chegada de 21.497 imigrantes ao Espírito Santo⁵⁰⁸, um crescimento significativo em relação à fase passada. Esse aumento se deu, principalmente, devido à urgência de mão de obra provocada pela abolição da escravidão. Nesse cenário, a subvenção das passagens foi uma política que permeou até mesmo as fontes pesquisadas neste trabalho, evidenciando seu papel na imigração de lavradores espanhóis como Benito Rueda, no exemplo que aparece a seguir, extraído dos arquivos privados de uma das entrevistadas desta pesquisa, Vera Lucia Alvarez. Como se vê:

Yo, Benito Rueda, abajo firmado, natural de Anyamo, declaro que mi profesión es la de agricultor y que no ha pagado cantidad alguna por ningún concepto a cuenta de los pasajes gratuitos que ha recibido para trasladarme desde Barcelona con destino a Vitória para mí y para 05 personas de mi familia que me acompañan e van detalladas en la siguiente situación de familia⁵⁰⁹.

Conforme a leitura da bibliografia consultada para este trabalho, a profissão de lavrador era predominante entre os imigrantes espanhóis, aspecto que ficou exemplificado no caso de Benito Rueda, que se identificou como agricultor em sua declaração de passageiro de 1889. A importância das passagens gratuitas

⁵⁰⁶ **BRASIL.** Decreto 3.784 de 19 de janeiro de 1867. Approva o Regulamento para as Colonias do Estado. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3784-19-janeiro-1867-553854-publicacaooriginal-72121-pe.html>. Acesso em: 15 de setembro de 2024.

⁵⁰⁷ ROCHA, G. **Imigração estrangeira no Espírito Santo...** p. 96.

⁵⁰⁸ ROCHA, G. **Imigração estrangeira no Espírito Santo...** p. 122.

⁵⁰⁹ Eu, Benito Rueda, abaixo assinado, natural de Anyamo, declaro que minha profissão é a de agricultor e que não paguei nenhum valor por qualquer motivo por conta das passagens gratuitas que recebi para viajar de Barcelona a Vitória por eu e por 05 pessoas da minha família que me acompanham e estão detalhadas na seguinte situação familiar. Tradução nossa. No documento, o emigrante Benito Rueda vem acompanhado da esposa Maria Ramos, três filhos e um sobrinho, sendo que todos os membros da família são descritos como lavradores. Informações obtidas com o arquivo pessoal de Vera Lucia Alvarez.

mencionadas no documento de Benito Rueda é um ponto a ser destacado. A oferta de passagens pagas pelos governos foi uma estratégia para atrair trabalhadores estrangeiros ao Brasil. Esse incentivo ajudou na imigração de famílias inteiras, que, sem esse apoio, talvez não tivessem condições financeiras para realizar a viagem transatlântica. As passagens gratuitas permitiram que esses imigrantes se estabelecessem em novas terras, contribuindo para o desenvolvimento agrícola e a ocupação das regiões menos povoadas do país ou atendessem à demanda de mão de obra solicitada nas fazendas⁵¹⁰.

Nas declarações de passageiros dos antepassados de Vera Lucia Alvarez também aparece o caso de Francisco Sanches e Ana Reinoso, que também declaram-se lavradores e obtiveram a subvenção de suas passagens para a viagem de Almeria, na Espanha, até Vitória, no ano de 1889⁵¹¹. Em resumo, a predominância de lavradores entre os imigrantes espanhóis e a política de passagens gratuitas estiveram no processo de colonização de várias regiões do Brasil, particularmente no Espírito Santo, no final do século XIX. Abaixo a declaração de passageiro de Francisco Sanches e sua família.

⁵¹⁰ Os documentos não informam qual o responsável pelo pagamento das passagens.

⁵¹¹ Informações obtidas com o arquivo pessoal de Vera Lucia Alvarez.

Imagem 4: declaração de passageiro de Francisco Sanches.

DECLARACIÓN DEL PASAJERO

PASSAPORTE Nº: _____

FAMÍLIA Nº: 19

Yo Francisco Sanches abajo firmado, natural
 de _____, declaro que mi profesión es la de labrador
 y que no ha pagado cantidad alguna por ningún concepto à cuenta de los pasajes
 gratuitos que ha recibido para trasladarme desde Pilmeria
 com destino a Vitoria para mi y para 01 persona
 personas de mi familia que me acompañan y van detalladas em la siguiente situación
 de familia.

Pilmeria, 22 de mayo de 1889

Francisco Sanches

SITUACIÓN DE LA FAMILIA

Nombre y apellido de los componentes de la familia	Componentes de la familia			
	Lugar de Nascimento	Parentesco	Idade	Profesión
<u>Francisco Sanches</u>	<u>Coiliar</u>	<u>marido</u>	<u>28</u>	<u>labrador</u>
<u>Rina Ruinoso</u>	<u>Coiliar</u>	<u>esposa</u>	<u>25</u>	<u>labrador</u>

Declaro que la familia Sanches está constituida p
 las persons cuyo parentesco, profesión y demás circunstancias están arriba indicada
 y que la misma traslada su residencia à la provincia de Vitoria
 (Brasil), donde pretende estabecerse.

Rafael Rodriguez
 El Alcalde

Visto: bom para Vitoria, a fin e comprovar o parentesco e p
 fessão de conformidad à exigencia das leis.

Miguel Ruiz de Milán
 O Consul do Brasil

Fonte: Arquivo pessoal de Vera Lucia Alvarez.

A terceira fase também foi marcada por muitas dificuldades, como as más condições enfrentadas pelos imigrantes italianos após a chegada no porto de Benevente, no sul do Estado e, no norte, no núcleo colonial Moniz Freire (situado próximo ao atual município de Linhares, no norte do Espírito Santo), onde chuvas e a cheia do Rio Doce ocasionaram “febres e outras doenças e a mortalidade foi tão grande que se calcula que pelo menos um quinto dos colonos morreu”⁵¹².

Esses fatores foram essenciais para que o governo italiano decretasse, em 1895, a proibição de emigração subvencionada de seus súditos para o Espírito Santo. Ademais, em 1896 houve a crise do preço do café, o principal produto gerador de receitas para o estado, e isso, conseqüentemente, impediu o governo estadual de manter as rédeas do processo migratório com políticas imigrantistas. Esse ano de 1896 marca o fim da terceira fase em que Gilda Rocha dividiu a imigração no Espírito Santo⁵¹³.

Uma das principais consequências que a imigração trouxe para o cenário capixaba foi o aumento populacional. Em 1856, a população da Província do Espírito Santo era de 49.092 habitantes, dos quais 36.823 livres e 12.269 escravos⁵¹⁴ e “cresceu para 209.783 em 1900”⁵¹⁵, período em que o Espírito Santo recebeu muitos imigrantes, principalmente os italianos, a partir de 1874 e, com mais intensidade, a partir da década de 1880, quando se encaminhava o fim da escravidão.

Cilmar Franceschetto comenta e expõe números sobre o crescimento populacional do Espírito Santo durante finais do século XIX. Para o autor,

Em 1890, a população capixaba era de 135.997 habitantes, um acréscimo de 53.860 pessoas em relação ao censo de 1872. Ou seja, em quase duas décadas, o crescimento populacional foi de 65,57%. Em relação à população brasileira, esse percentual aumentava de 0,83% para 0,95%⁵¹⁶.

⁵¹² BUSATTO, L. **Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo**. Estação

Capixaba: Portal de Cultura Capixaba. 2002. Disponível em:

<https://estacaocapixaba.com.br/category/luiz-busatto/>. Acesso em 07 de dezembro de 2023.

⁵¹³ ROCHA, G. **Imigração estrangeira no Espírito Santo...** p. 132-133.

⁵¹⁴ OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo...** p. 372.

⁵¹⁵ CASTIGLIONI, Aurélia H., FERREIRA EMMI, Marília. Análise Comparativa da Imigração Italiana dirigida para o Espírito Santo e para a Amazônia durante a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. **Revista Geográfica de América Central**. Número especial, II semestre, 2011. pp. 1-23. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2725/2605>. Acesso em: 25 mar. 2021. p. 16.

⁵¹⁶ FRANCESCHETTO, Cilmar. **Italianos: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX**. — Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do

Avançando para o ano de 1920, o estado do Espírito Santo já possuía 457.328 habitantes e, nesse momento, havia 20.941 estabelecimentos rurais recenseados em todo o Estado. No recenseamento deste ano, ao todo, foram recenseados 31 municípios, dos quais se destacam, na parte sul do estado, Cachoeiro de Itapemirim, com 1.920, e Alegre, com 1.285⁵¹⁷. De todos estes estabelecimentos do Estado, esses 4.235 eram estabelecimentos rurais que eram pertencentes a proprietários de outras nacionalidades.

Tabela 7: Estabelecimentos rurais no Espírito Santo em 1920 por grupo de estrangeiros

ESTABELECIMENTOS RURAIS NO ESPÍRITO SANTO EM 1920 POR GRUPO DE ESTRANGEIROS	
ITALIANOS	3.045
ALEMÃES	357
PORTUGUESES	272
AUSTRÍACOS	260
ESPAÑHÓIS	108

Fonte: Tabela elaborada a partir dos dados fornecidos por OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo...** p. 448.

A tabela também indica preponderância dos italianos na aquisição de propriedades rurais, tendo sido o movimento de maior expressão na imigração no Espírito Santo. Os espanhóis ficam em quinto lugar, com o total de uma área de 7.666 hectares sob seus domínios, enquanto os italianos tinham 160.472 hectares⁵¹⁸.

Espanhóis que vieram para o Espírito Santo também tiveram suas perspectivas de poder trabalhar em terra própria frustradas. Renzo Grosselli, em obra basilar para os estudos migratórios no Espírito Santo, traz o exemplo de três espanhóis que foram vítimas de más informações. Aconteceu de, por volta de 1874,

Espírito Santo, 2014. (Coleção Canaã, v. 20; Imigrantes Espírito Santo, v.1). Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/italianos.pdf>. p. 63.

⁵¹⁷ OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo...** p. 448.

⁵¹⁸ OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo...** p. 448.

um período ainda antes do grande fluxo migratório para a Província, três imigrantes espanhóis terem chegado à Colônia de Leopoldina, região central do Espírito Santo, distante cerca de 47 quilômetros da Capital Vitória, chegarem aqui já convencidos de que já seria possível plantar e colher o café nos primeiros oito meses. Porém, logo foram informados de que a espera seria de 4 anos. Essa informação os deixou em desespero, pois eram solteiros e não tinham a quem recorrer, nem sequer havia outros espanhóis na então colônia. Além de tudo, segundo Grosselli, manifestaram antipatia por italianos e alemães e pediram para ir embora e foram atendidos⁵¹⁹.

As adversidades que os imigrantes espanhóis enfrentaram no Espírito Santo estiveram presentes em todos os períodos das chegadas e dos seus assentamentos na região. Menciona-se o caso do espanhol Maximino Murals que recebeu várias facadas no dia 29 de abril de 1891 na região sul do estado. Abaixo, segue a notícia como foi exposta pelo jornal *O Cachoeirano*:

Na tarde do dia 29 do passado, em a estação do Castello o cearense de nome Simão Ferreira Barbosa descarregou diversas facadas no espanhol de nome Maximino Murals, resultando ficar este gravemente ferido. Tendo conhecimento do facto o cidadão delegado de polícia daqui seguiu em trem especial para o Castello ás 10 1/2 horas da noite, chegando de volta ás 4 1/4 da manhã do dia 30, trazendo no mesmo trem, que foi requisitado por amigos do ofendido, tanto este como o ofensor, que foi preso em flagrante, procedendo ao respectivo auto de corpo de delicto e inquérito policial⁵²⁰.

Sobre o caso, continua o referido jornal, em finais do corrente ano de 1891, mais precisamente no dia 21 de dezembro de 1891, a noticiar que o então acusado do crime contra Maximino Murals (que veio a falecer), Simão Ferreira Barboza, fora absolvido por unanimidade. Ao que indica o jornal do dia 9 de abril de 1893, a continuação do caso parece ter deixado a família do espanhol assassinado com o desejo de vingança.

Na estação do Castello anda um indivíduo hespanhol que pelos signaes que conduz á começar pelo numeroso armamento, traz intenções quando menos de assassinar um pobre cearense Simão Barbosa que já uma vez escapou de ser morto por um outro hespanhol irmão deste. O delegado desta cidade, ao saber do mysterioso aparecimento mandou proceder a captura do tal indivíduo, para indagações policiaes⁵²¹.

⁵¹⁹ GROSSELLI, Renzo M. **Colônias imperiais na terra do café...** p. 230.

⁵²⁰ FACADAS. *O Cachoeirano*. Cachoeiro de Itapemirim, p. 2. 3 de maio de 1891. Disponível em: <https://bityli.com/ICpkMdGe>. Acesso em: 27 mar. 2021.

⁵²¹ *O Cachoeirano*. Cachoeiro de Itapemirim. p. 1. 9 de abril de 1893. Disponível em: <https://bityli.com/SayJCANob>. Acesso em: 27 mar. 2021.

O exemplo de Maximino Murals representa uma das diversas adversidades que os imigrantes espanhóis tiveram que enfrentar ao chegarem no Espírito Santo. De acordo com Franceschetto⁵²², no período de 1858 até 1968, um total de 3.469 imigrantes espanhóis desembarcaram nos portos capixabas, tendo como destino, em sua maioria, as fazendas da região sul do território capixaba, localizadas nos vales dos rios Itapemirim e Itabapoana. Enquanto os alemães que chegaram no estado durante o século XIX foram destinados para colônias de imigração⁵²³, o modelo de colonização dos imigrantes espanhóis foi diferente, pois os colonos, em sua maioria, serviram para a substituição da mão de obra escravizada nas fazendas do sul do Espírito Santo.

A presença de imigrantes espanhóis no Espírito Santo ocorreu em diversas partes da região espírito-santense e, principalmente, no sul do solo capixaba, onde “as fazendas da região sul do Estado, localizadas nos vales dos rios Itapemirim e Itabapoana, foram o destino de mais de 60% dos espanhóis”⁵²⁴. Essa baixa participação dos espanhóis nos núcleos coloniais, fica exemplificada na então Colônia do Rio Novo, onde, em 1875, a colônia possuía cerca de 2.062 habitantes, sendo que, de acordo com Renzo Grosselli, só havia 1 espanhol, enquanto os portugueses representavam 388 e os alemães o total de 148, por exemplo⁵²⁵.

O sentimento de incerteza acompanhava toda a jornada dos imigrantes. Mesmo no Espírito Santo, que possuía colônias de imigração e fazendas que necessitavam de mão de obra estrangeira para substituição do trabalho escravizado, a certeza de conseguir trabalho não era algo que estivesse concretizado. Segundo a tese de Ademildo Gomes, intitulada “Fazendeiros, negros e imigrantes em Castello (1891-1928): processo histórico de poder territorial no sul do Espírito Santo”, houve, em 1890, uma postura que fugia à regra: os espanhóis foram criticados pelo chefe da Comissão de Medição e Discriminação de Terras do município de Cachoeiro de Itapemirim, José Alvares de Souza Coutinho. O chefe da Comissão os classificou como pretenciosos e que não conduziam bem o serviço de derribadas, enquanto

⁵²² FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes...** p. 804.

⁵²³ FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes...** p. 804.

⁵²⁴ FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes...** p. 803.

⁵²⁵ GROSSELLI, Renzo M. **Colônias imperiais na terra do café...** p. 296.

trabalhadores nacionais, como os cearenses, foram elogiados por Coutinho⁵²⁶. Ou seja, as correntes de pensamentos e as ideias nem sempre foram completamente favoráveis aos imigrantes que aqui chegavam.

Um exemplo das dificuldades enfrentadas por imigrantes, inclusive espanhóis, aparece no jornal *O Cachoeirano*, de 23 de junho de 1889, onde, claramente, se percebe, que o Espírito Santo não era terra de fácil acesso ao trabalho por parte dos imigrantes:

A ultima leva de colonos que aportou a esta Villa, os 250 trabalhadores com que aos mimozearam ultimamente, em grande parte é tirada da espumarada das praias da Hespanha, a outra de profissionaes que talvez não encontre n'esta provincia accupação honesta do officio e outra de individuos que servirão para tudo menos para preencher as funções de que a nossa lavoura tanto necessita⁵²⁷.

Várias situações diferentes acompanhavam os trajetos dos que aqui chegavam. Muitos imigrantes, como os italianos do norte da Itália, nunca tinham visto um negro. Assim, os primeiros colonos italianos aqui no Espírito Santo chegavam mesmo a tocar a pele dos negros para comprovar que não se tratava de alguma cor escura aplicada sobre as peles claras. Houve também espanhóis que não conheciam pessoas de pele negra, como o exemplo da senhora Maria Encarnación Álvares Mollina.

No ano de 1891, após muitas dificuldades e com tempestades que quase fizeram o navio – que realizara o trajeto de sua família para o Brasil – afundar, juntamente com seus familiares, desembarcou no sul do estado do Espírito Santo, em Itapemirim, e, como era de costume, a chegada de imigrantes era saudada por banda de música. Devido às alegrias do desembarque, Maria Encarnación se afastou um pouco de seus familiares, foi quando avistou que um membro da banda era negro. De acordo com Carlos Magno Rodrigues Bravo, assombrada com tão inusitada situação, voltou “correndo para perto de seu marido Gaspar e protegendo-

⁵²⁶ GOMES, Ademildo. **Fazendeiros, negros e imigrantes em Castello (1891-1928): processo histórico de poder territorial no sul do Espírito Santo**. 2023. Tese de doutorado em História. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. p. 237-239.

⁵²⁷ COLONIZAÇÃO. *O Cachoeirano*. Cachoeiro de Itapemirim, p. 1. 23 de junho de 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217719&Pesq=grande%20naturaliza%c3%a7%c3%a3o&pagfis=1929>. Acesso em: 23 jul. 2021.

se entre os seus, indagou: - Gaspar, hay uno hombre colorau? Como puede ser?⁵²⁸
Ela não conhecia pessoas de raça negra⁵²⁹.

O desconhecimento de população negra por parte dos imigrantes não ficou restrito ao século XIX ou início do século XX. O relato de Ana María Pérez Quintela, que veio para o Brasil no ano de 1963, ilustra o choque cultural e a falta de conhecimento que esses imigrantes tinham sobre outras etnias. Esse tipo de interação também evidencia o impacto da imigração na percepção racial e nas relações sociais dentro da sociedade brasileira.

Assim, no começo, quando eu ouvi a história de vir para o Brasil, eu fiquei muito animada, mas por outro lado, eu tinha muito medo. Era muito temerosa, eu tinha escutado falar do Brasil, mas só coisas ruins, tipo selva, animais selvagens. A gente não tinha muito as notícias boas, então dava aquele medinho. Mas como todo adolescente, tinha curiosidade também, então fiquei muito animada. Mas teve um primeiro choque, foi quando eu cheguei na cidade para apanhar o navio, que eu vi gente preta, negra, que eu nunca na minha vida tinha visto, então foi aquele choque de realidade, assim, meio – Nossa, né? – Puxa, né? Lá vai ter muito. Mas isso passa, né⁵³⁰?

Outras imigrantes espanholas também ficaram espantadas ao se deparar com populações negras aqui no Brasil. Foi o caso de Rosa Abal de Allo, chegada ao Brasil em 1952, com 22 anos e Ana Maria Perez Quintela, como mostra o escrito da pesquisadora Miriam Barros

Rosa Abal no momento em que avistou um homem negro falou “Madre mia. Não sabia que existia gente negra”⁵³¹, já Ana Quintela informou que logo lhe disseram: “No Brasil vai ver muitos”⁵³². A atitude das duas, não pode ser considerada preconceituosa e nem racista, pois o fato destas imigrantes terem ficado assustadas é porque naquela época, onde elas moravam na Espanha não havia pessoas negras, hoje na região já tem. E elas mesmo

⁵²⁸ “Gaspar, é um homem colorido? Como pode ser?” (Tradução nossa).

⁵²⁹ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES...** p. 42.

⁵³⁰ Entrevista concedida por Ana María Pérez Quintela, em 4 de fevereiro de 2015, no centro social de Mayores Casa da Espanha, Rio de Janeiro. Apud: SARMIENTO, Erica. **Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2023. p. 99.

⁵³¹ Rosa Abal de Allo, entrevista concedida em 29/04/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro. Apud: SILVA, Miriam Barros Dias da. **A presença dos espanhóis no Rio de Janeiro: uma breve contribuição a partir do associativismo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Salgado de Oliveira. Niterói. 2016. p. 120.

⁵³² Ana Maria Perez Quintela Couceiro, concedida em 04/2/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ. Apud: SILVA, Miriam Barros Dias da. **A presença dos espanhóis no Rio de Janeiro: uma breve contribuição a partir do associativismo...** p. 120.

contaram que rapidamente passaram a conviver normalmente com pessoas negras após chegarem ao Brasil⁵³³.

O fato de Rosa e Ana terem se adaptado rapidamente à convivência com pessoas negras após sua chegada ao Brasil sugere que o choque inicial não se transformou em hostilidade ou discriminação, mas sim em uma aceitação e integração cultural. Esses episódios também nos lembram das complexidades envolvidas nas experiências imigratórias, onde os imigrantes não apenas influenciam, mas também são transformados pelo novo ambiente que encontram.

Até a metade do século XIX, o Espírito Santo conservava-se praticamente inexplorado economicamente. Isso, em muito, devido às coibições que a própria Coroa realizava para impedir a povoação da região, como o impedimento para construir estradas, por exemplo, à fim de evitar o escoamento indesejável do ouro. Porém, essa situação irá mudar com a chegada da produção de café que se deu a partir da segunda metade do século. José Teixeira de Oliveira informa que a produção de café, passo a passo, apesar de não ter o mesmo prestígio que teve no Rio de Janeiro, conquista a liderança da economia capixaba⁵³⁴. Nesse cenário de mudanças, a região sul do Espírito Santo se destacou.

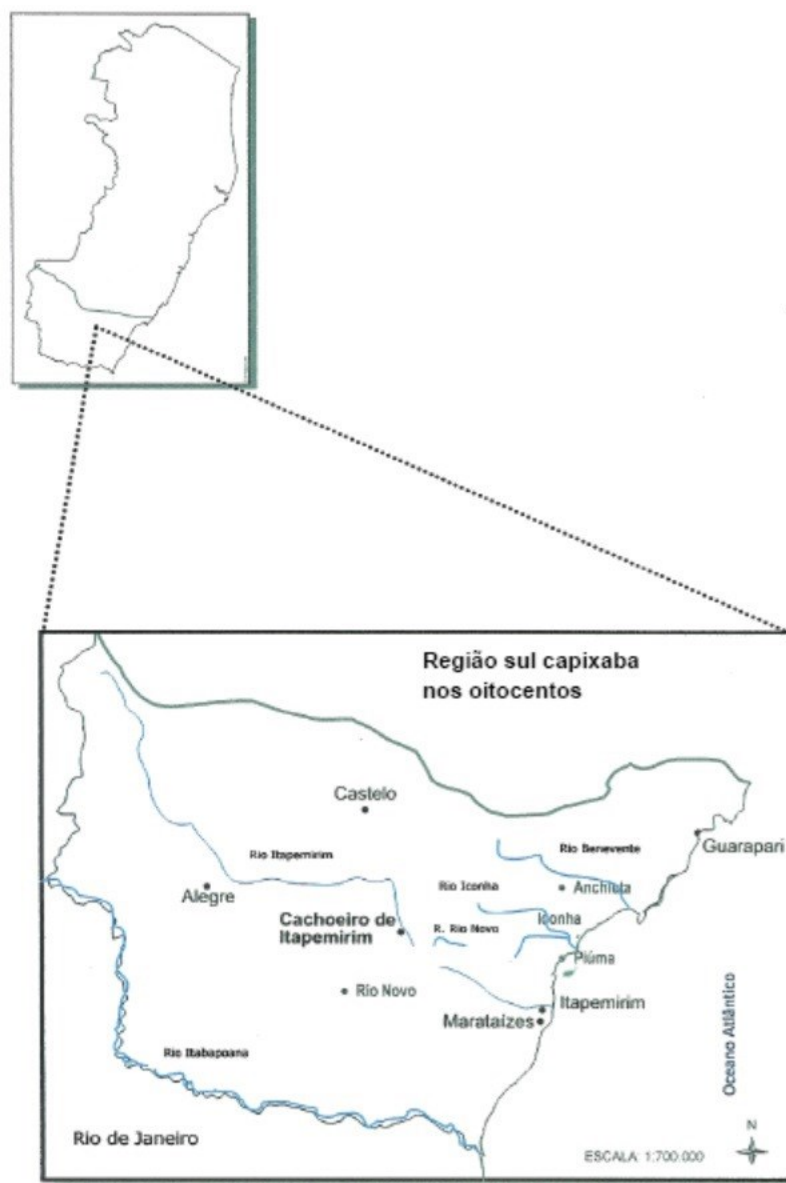
De acordo com Solange Faria Prado, no século XIX, a região sul do Espírito Santo era uma região que englobava desde o município de Guarapari, passando por todo o vale do Itapemirim e que se estendia até o vale do Itabapoana, na divisa com o Rio de Janeiro⁵³⁵. Para situar a localização dessa região, a autora elaborou um mapa do que seria o sul do estado no Oitocentos, como se vê abaixo:

⁵³³ SILVA, Miriam Barros Dias da. **A presença dos espanhóis no Rio de Janeiro: uma breve contribuição a partir do associativismo...** p. 120.

⁵³⁴ OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo...** p. 368.

⁵³⁵ PRADO, SOLANGE. **O poder e a luta da terra no vale do rio Iconha/Piúma: o caso Thomas Dutton Junior (1870-1906).** 2018. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. p. 80.

Mapa 3: Sul do Espírito Santo nos Oitocentos.



Fonte: PRADO, SOLANGE. **O poder e a luta da terra no vale do rio Içorô/Piúma: o caso Thomas Dutton Junior (1870-1906)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. p. 81.

Ademildo Gomes, se utilizando dos estudos de Nara Saletto, menciona que o sul do Espírito Santo veio a se tornar uma região muito importante devido ao cultivo de café, sendo que a região se tornou um “prolongamento das lavouras fluminenses e mineiras devido aos fazendeiros que dessas regiões se deslocaram para o território sul capixaba em busca de novas terras para o cultivo do café”⁵³⁶, sendo

⁵³⁶ SALETTO, Nara. Transição para o trabalho livre e a pequena propriedade no Espírito Santo (1888-1930). Vitória: EDUFES, 1996 a. p. 28. Apud: GOMES, Ademildo. **Fazendeiros, negros e imigrantes em Castello (1891-1928): processo histórico de poder territorial no sul do Espírito Santo...** p. 38.

esse produto responsável pela principal força econômica da Província na segunda metade do século XIX, fazendo a população subir de 49.092 habitantes, em 1856, para 81.889, em 1872, sendo Cachoeiro de Itapemirim o principal responsável por esse crescimento devido às fazendas de café que ali haviam⁵³⁷.

Ao analisar os números sobre a população livre e população escrava do Espírito Santo dos 1800, Nara Saletto expõe que a região sul do Espírito Santo reunia 45% do total de escravizados da Província. Isso porque, segundo a autora, a região sul era a região mais próspera, era a região das grandes fazendas de café⁵³⁸.

Em paralelo às colônias de imigração que aqui haviam, a produção de café dava impulso à economia do Espírito Santo, sendo que o crescimento da cafeicultura no sul da Província também contribuiu para o desenvolvimento de infraestruturas, como estradas e ferrovias, além de atrair imigrantes que se direcionaram para essas fazendas. Na visão de Diones Augusto Ribeiro,

A região sul, centralizada por Cachoeiro do Itapemirim, tornou-se a principal produtora de café do Espírito Santo, transformando-se em local atrativo para investimentos, e muitos fazendeiros fluminenses, após o fim do “boom” da expansão cafeeira da região montanhosa do Vale do Paraíba, principalmente por causa da erosão e do aumento das pragas, para as cercanias de Cachoeiro do Itapemirim direcionaram seus recursos. Mesclando pequenas com grandes propriedades agrícolas e junto à introdução do imigrante europeu, o sul do Estado ganha grande destaque no plantio e na venda do produto, e muitas tropas de muares desciam até o mercado municipal para abastecê-lo com cereais, frutas, hortaliças e muitos gêneros agrícolas indispensáveis para um núcleo urbano em crescente expansão, além de escoar o “ouro negro” para os portos da região para ser exportado⁵³⁹.

Especialmente após o declínio da cafeicultura no Vale do Paraíba, imigrantes europeus recém-chegados contribuíram com o trabalho manual e conhecimento em técnicas agrícolas, enquanto os grandes fazendeiros tinham o capital e a infraestrutura para expandir a produção. Assim, esses fatores, somados à introdução de tecnologias, como estradas e mais tarde, ferrovias, criaram uma infraestrutura que ajudaram a consolidar o sul do Espírito Santo como uma região de grande

⁵³⁷ GOMES, Ademildo. **Fazendeiros, negros e imigrantes em Castello (1891-1928): processo histórico de poder territorial no sul do Espírito Santo...** p. 38.

⁵³⁸ FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes**. Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. p. 41.

⁵³⁹ RIBEIRO, Diones Augusto. **Busca à Primeira Grandeza: o Espírito Santo e o governo Moniz Freire (1892 a 1896)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2008. p. 111.

relevância econômica e agrícola, tornando essa região, uma parte atrativa para os negócios e a imigração.

Segundo o levantamento registrado por Franceschetto, a emigração espanhola para Cachoeiro de Itapemirim, graças à presença de grandes fazendas de café e à proximidade com o porto de Benevente (atual município de Anchieta), se fez bem mais numerosa do que em outras regiões do estado, sendo que um total de 1.073 imigrantes se dirigiram para a Cachoeiro de Itapemirim dentro do recorte temporal de 1858-1968⁵⁴⁰, fazendo deste local não só o epicentro da emigração espanhola no sul do estado, mas em todo o território capixaba.

De acordo com Adilson Silva Santos, o sul do estado era, do ponto de vista econômico e, por causa da produção cafeeira das grandes propriedades, a área mais importante do território capixaba nessa época⁵⁴¹. Como comparação, se informa que, de acordo com o censo demográfico de 1920, “dos 810 sírios e libaneses residentes no Espírito Santo, 504 se assentaram no sul capixaba, o que representava 62,2% do total desses imigrantes”⁵⁴², dados esses que indicam o potencial econômico da região, que foi atrativa para diversos imigrantes.

Esse protagonismo da região sul no século XIX explica porque a maior parte dos imigrantes espanhóis se deslocaram para essa região. Cilmar Franceschetto, ao analisar o destino dos 3.469 imigrantes espanhóis que chegaram no Espírito Santo nos séculos XIX e XX, com datas limites entre 1858 e 1968, expõe seus locais de destino, onde, claramente, a região sul tem protagonismo maior mesmo em relação à Vitória, como exposto na tabela abaixo.

⁵⁴⁰ FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes...** p. 804.

⁵⁴¹ SALETTO, Nara. Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1889-1930). Vitória: EDUFES, 1996. Apud: SANTOS, Adilson Silva. Imigrantes urbanos em atividades rurais: o caso de alguns sírios e libaneses no sul do Espírito Santo (1920). **ANPUH-Brasil** – 31º Simpósio Nacional de História. Rio de Janeiro – RJ, 2021. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1627928344_ARQUIVO_5abe446111390f6a9dd230f5d48e0c66.pdf. Acesso em: 29 de setembro de 2024. p. 3.

⁵⁴² SANTOS, Adilson Silva. Imigrantes urbanos em atividades rurais: o caso de alguns sírios e libaneses no sul do Espírito Santo (1920). **ANPUH-Brasil...** p. 3.

Tabela 8: destino dos espanhóis ao chegarem no Espírito Santo

Espanhóis de acordo com o destino		
Destinos	Imigrantes	%
Cachoeiro de Itapemirim	1.073	35,0
Vitória	506	16,0
Rio Itabapoana	454	15,0
Porto de Itapemirim	330	11,0
Santa Leopoldina	230	7,0
Porto de São Mateus	191	6,0
Rio Doce	77	2,0
Porto de Santa Cruz	64	2,0
Porto de Benevente	31	1,0
Outros	148	5,0
Sem referência	365	

Fonte: FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes**. Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. p. 803.

Ao se observar a tabela acima percebe-se como as localidades da região sul foram importantes receptoras de imigrantes espanhóis, tendo como principais, Cachoeiro de Itapemirim, do rio Itabapoana e Porto de Itapemirim, que, juntas, somam 1847 imigrantes espanhóis, enquanto Vitória, somava apenas 506. Por isso, Franceschetto diz que “as fazendas da região sul do Estado, localizadas nos vales dos rios Itapemirim e Itabapoana, foram o destino de mais de 60% dos espanhóis”⁵⁴³, o que evidencia a relevância econômica da região nos dois séculos passados.

A produção de café esteve presente na vida dos antepassados dos entrevistados desta pesquisa. Angela Aparecida Almança da Rosa, ao falar de seus avós, expõe a importância do café para a região.

No lugar que eles foram ficar em Anutiba⁵⁴⁴, que chamava-se Córrego da Ponte Funda, o carro chefe da lavoura era o café, mas plantava-se também milho, feijão e criava porco, boi eles não tinham. Espanhol gosta de porco,

⁵⁴³ FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes**. Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. p. 803.

⁵⁴⁴ Anutiba: distrito do município de Alegre.

gosta muito de comer carne de porco. E aí a gente aprendeu a comer a carne de porco, as comidas que a vovó fazia...⁵⁴⁵

Assim se percebe que a produção de café no sul do Espírito Santo teve uma grande importância econômica na segunda metade do século XIX e esteve ligada à vida dos antepassados de muitos imigrantes espanhóis que chegaram à região. De acordo com as referências visitadas, o café se tornou o principal motor da economia capixaba, especialmente na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, de onde muitos imigrantes buscaram novas oportunidades de trabalho, se dirigindo para outros lugares, como Alegre. Esses imigrantes, incluindo os espanhóis, foram atraídos pela expansão das plantações de café no sul do Espírito Santo, sendo o cultivo do grão uma atividade fundamental para a inserção dessas famílias na economia local.

3.2 - Imigração espanhola e memória em Alegre

Sobre a escrita da imigração espanhola em Alegre, é importante ressaltar que existem dois trabalhos memoriais sobre o tema: os dois livros que foram escritos por Carlos Magno Rodrigues Bravo, esposo de Luci Helena, intitulado “Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES” e, também, “Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920”. Sobre os livros, Luci Helena contou o seguinte:

Quando o Magno fez o trabalho dos imigrantes espanhóis, o livro “Nossas Raízes”, a intenção dele era essa, era poder divulgar porque, até então, não tinha trabalho nenhum. Então foi uma pesquisa rápida porque, na época, teve a festa da cidade de Alegre. Aí, no desfile escolar, se homenagearam vários imigrantes, todos (os imigrantes) que fizeram o Alegre acontecer. Aí, nesse período, o Magno resgatou a colônia espanhola (através dos dois livros). Esse livro “Nossas Raízes”, foi um livro rápido que ele fez⁵⁴⁶.

Esses dois livros não apenas documentam a história dos imigrantes espanhóis, mas também preservam suas ações e seu legado para a memória da

⁵⁴⁵ Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁵⁴⁶ Depoimento de Luci Helena Albertazzi Bravo, neta de imigrantes espanhóis, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

imigração espanhola que se deu na cidade, servindo de objetos de estudos sobre o fluxo migratório em Alegre.

De acordo com Carlos Magno Rodrigues Bravo, profundo conhecedor da história do município de Alegre, é nos anos finais da década de 1850 que os últimos indígenas, em sua maioria puris e botocudos, habitantes da região foram expulsos, escravizados ou mortos pelos colonizadores mineiros que transpassavam a região⁵⁴⁷. Esse relato de Carlos Magno é representativo de um padrão histórico que ocorreu em muitas regiões do Brasil durante o processo de colonização. Os colonizadores, em sua busca por terra e recursos naturais, muitas vezes entravam em conflito com os povos indígenas que já habitavam essas áreas há séculos e isso levava a confrontos, deslocamentos forçados e, muitas vezes, ao extermínio dos indígenas.

A localização da região que viria a ser o então município de Alegre foi se tornando, cada vez mais, um ponto de encontro de tropeiros que realizavam comércio do interior das terras de Minas Gerais com o litoral, principalmente, com o porto de Itapemirim. De acordo com Carlos Magno Rodrigues Bravo, o 1º recenseamento do Brasil, realizado em 1872, informava que o distrito de Alegre continha 280 casas e 2.789 habitantes, sendo 1679 pessoas livres e 1.110, de escravizados⁵⁴⁸.

⁵⁴⁷ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias...** p. 14-15.

⁵⁴⁸ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias...** p. 29.

Imagem 5: Praça 6 de Janeiro – Centro de Alegre (segundo Angela Espinosa Bravo, a foto é da década de 1930).



Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=437981>. Acesso em: 09 de outubro de 2024.

Vejamos agora algumas visões sobre a formação do município de Alegre e o papel da imigração espanhola nesse contexto, tendo, como fontes, jornais da época, relatos em periódicos de finais do século XIX e relatos atuais extraídos das entrevistas desse trabalho. De acordo com Carlos Magno Bravo, ao relatar sobre a formação das configurações sociais de Alegre,

No período entre 1880 e 1900, a freguesia e depois vila do Alegre, recebeu grande número de imigrantes. Os espanhóis e italianos, provenientes dos campos europeus, povoaram, principalmente, o interior do município. Os sírios e libaneses, em sua grande maioria, dedicaram-se ao comércio no Alegre e povoações vizinhas. Outras nacionalidades, como os portugueses, alemães, são marfinenses, franceses, suíços e poloneses também estiveram presentes no nosso desenvolvimento histórico⁵⁴⁹.

Adilson Silva Santos acompanha a linha de pensamento de Carlos Magno sobre a formação de Alegre, como se observa

⁵⁴⁹ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias...** p. 32.

cidade localizada no sul do Espírito Santo, região que, desde a segunda metade do século XIX, caracterizou-se pelas grandes propriedades produtoras de café. Essa produção sempre encontrou obstáculos para seu escoamento, mesmo depois da chegada da estrada de ferro. Por conta disso, era necessário utilizar tropas de burros para ajudar no escoamento⁵⁵⁰.

No ano de 1891, chegam em Alegre, para suprir o trabalho que era realizado pelos escravizados nas fazendas da região, cerca de 103 imigrantes espanhóis provenientes da região da Granada⁵⁵¹. Dessa forma, o período entre 1880 e 1900 se tornou importante para a formação da identidade de Alegre, com a chegada de imigrantes de várias partes do mundo. Sobre a chegada dos imigrantes espanhóis na cidade de Alegre, Maria Aparecida Almança da Rosa relata que

Eles botaram todos os espanhóis num barco, porque o rio Itapemirim era navegável, trouxeram até Cachoeiro, botaram no trem, o trem parava na estação de Pombal, que é ali em Rive, e eles vinham ou à pé ou à cavalo. Eu lembro que meu avô veio pro porto de Itapemirim, de lá, eles vieram de barco até Cachoeiro, pegava um trem em Cachoeiro e parava em Pombal⁵⁵².

Era comum a muitos imigrantes, assim que chegavam nos portos do Espírito Santo, terem que andar muitos quilômetros até seus locais de destino que, ora eram as colônias de imigração, ora eram as fazendas de café que, na maioria das vezes, encontravam-se no interior do estado do Espírito Santo. Nesse trajeto, feito, na maioria das vezes, no meio das matas, os imigrantes se alimentavam de algum doce que levavam e também apanhavam palmitos das próprias matas para a alimentação da família no trajeto, como no exemplo de italianos que se dirigiram para Venda Nova⁵⁵³. Para efeito de comparação, menciona-se o relato de Tarcício Caliman sobre o assentamento de seus ascendentes italianos no Espírito Santo

Soltaram eles lá em Benevente⁵⁵⁴, na praia e “agora, vocês se viram”, entende?! A única coisa interessante que eles fizeram foi registrar todo

⁵⁵⁰ SANTOS, Adilson Silva. **Said Abdala: um sírio no interior de Alegre (ES)**. Métis: história & cultura. v. 13, n. 27, p. 171-182, jan./jun. 2015. p. 175.

⁵⁵¹ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias...** p. 37.

⁵⁵² Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁵⁵³ NOVAES, M. S. de. Os Italianos e seus descendentes no Espírito Santo, Vitória, 1980. Apud LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, Cilmar Cesconetto; COUTINHO, Gleici Avancini; **Lembranças camponesas...** p. 20.

⁵⁵⁴ Porto de Anchieta, sul do Espírito Santo, chamado de “Benevente”, foi porta de entrada para muitos imigrantes que chegavam no sul do estado.

mundo direitinho ... o resto, eles, os nossos antepassados que chegaram aqui, comeram o pão que o diabo amassou, ta?! Sofreram pra caramba. Teve gente que se suicidou. Teve gente que morreu de desgosto. Teve gente que virou alcoólatra. Não tinha onde morar, não tinha nada. Às vezes, ninguém escreve essa situação, porque acha que é humilhante, mas é isso. Quantas pessoas moravam embaixo da árvore, da tal da catana, ta! Da catana! Estabeleceu moradia debaixo dessas árvores que tem aquelas raízes grandes no meio do mato. Moravam ali⁵⁵⁵.

Os relatos acima mostram as dificuldades que grupos de imigrantes italianos e espanhóis enfrentaram logo ao chegarem ao território capixaba. Esses relatos, como no caso das moradias que foram estabelecidas em árvores como a catana, reforçam a importância da história oral, pois é ela que consegue revelar tais fatos que, muitas vezes, só estão disponíveis na memória dos imigrantes e seus descendentes. A metodologia da história oral aliada com as entrevistas de caráter qualitativo se torna um importante meio para se extrair eventos, particularidades e subjetividades do fluxo migratório.

⁵⁵⁵ Depoimento de Tarcísio Caliman, em entrevista concedida a Renato Peterle em 20 de julho de 2019. Apud: CAMARGOS, Renato Peterli. **Associações e memória da imigração italiana em Venda Nova do Imigrante-ES (1959-2020)**... p. 74.

Mapa 4: Divisão político-administrativa de Alegre



Fonte: https://one.s3.es.gov.br/pr-geobases-public/DIVISAO_ADMINISTRATIVA_ES/Alegre.pdf. Acesso em: 09 de outubro de 2024.

Em Alegre existia um jornal chamado *A Mensagem*, fundado no ano de 1967. Esse jornal, criado pelo escritor Evandro Moreira, autor de vários livros sobre a história da região sul do Espírito Santo, na edição de 15 de março de 1987, também relata sobre o início da colonização espanhola em Alegre, como se vê

Em Alegre, por exemplo, onde sírios e libaneses foram pioneiros no comércio, podemos facilmente identificar os espanhóis que de aqui difundiram suas raízes para outros municípios capixabas. As principais famílias são: Bravo, Reinoso, Lopes, Salazar, Rodrigues, Peres, Sanches, Romero e Espinosa, que se uniram, através dos tempos, em casamentos diversos e das quais há ramos também em São Paulo, onde deveriam estar todos eles, não fora o acaso, ou a mão da Providência, como queiram. Na verdade, essas famílias, e outras italianas e portuguesas, tinham por destino São Paulo e optaram involuntariamente, numa aventura digna de ser contada, destacando-se a

figura de uma mulher forte, decidida nos atos e na fé – dona Maria Encarnación Bravo, esposa de Gaspar Bravo⁵⁵⁶.

Paul Thompson, ao escrever sobre história oral e entrevistas, orienta que se deve evitar as perguntas fechadas, pois seus “padrões lógicos rigidamente estruturados inibem de tal modo a memória que o “respondente” fica reduzido a respostas monossilábicas, ou muito curtas”⁵⁵⁷. Por isso, o autor sugere que se aproxime mais da vertente que realize não uma “entrevista”, mas “uma “conversa” livre em que a “pessoa”, o “portador-de-tradição”, a “testemunha”, ou o “narrador” é “convidado a falar” sobre um assunto de interesse comum”⁵⁵⁸. Dessa forma, quanto menos seu testemunho seja “moldado pelas perguntas do entrevistador, melhor”⁵⁵⁹. Essas orientações acima do sociólogo foram seguidas para a realização das entrevistas neste trabalho, o que pode ser constatado ao se ler os relatos dos entrevistados, percebendo-se o caráter profundo das memórias que trazem à tona aspectos que seriam inatingíveis com perguntas fechadas, como no exemplo de Luci Helena, ao relatar sobre seus antepassados.

Os espanhóis eram paupérrimos. Só tinha um que tinha dinheiro: Manoel espanhol, meu avô e do Oseias também, porque ele ia todo ano na Espanha e o patrimônio dele, em Alegre, era muito grande em casas. Ele também era o conselheiro aqui da região, meu avô Manoel Rodrigues Fernandes. Ele tinha casa em Alegre, tinha um patrimônio grande em Alegre e ele ia uma vez por ano pra Espanha e ficava dois, três meses lá, depois trazia um monte de presente pros netos. A mamãe sempre contava de uma sombrinha que ela ganhou, que era vermelha com amarelo, ela amava aquela sombrinha. Ela contava de boneca que ela ganhou. Eu acredito que ele (meu avô) tenha vindo de lá, veio também, pela propaganda de que aqui era melhor do que lá, mas eu acho que ele já veio com dinheiro, porque veio e foi comprando casa na propriedade rural, ele ficava mais na cidade do que na propriedade rural... a Ana Reinoso Carner, ela veio com dinheiro também⁵⁶⁰.

Esse exemplo de aquisição de terras não foi isolado. Ao pesquisar sobre os imigrantes espanhóis em Alegre, vários exemplos aparecem, como o do senhor

⁵⁵⁶ PÁGINA literária: os espanhóis no Espírito Santo. **A Mensagem**. Alegre. S/p.. 15 de março de 1987. Arquivo de Luci Helena Albertazzi Bravo.

⁵⁵⁷ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral...** p. 257.

⁵⁵⁸ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral...** p. 257.

⁵⁵⁹ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral...** p. 258.

⁵⁶⁰ Depoimento de Luci Helena Albertazzi Bravo, neta de imigrantes espanhóis, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

João Bravo Alvarez, nascido na aldeia de Guajar Fondón, província de Granada, região autônoma da Andaluzia, que, vindo da Espanha em 1891, se estabeleceu em Alegre, comprou terras, instalou padaria e fábrica de macarrão com máquinas importadas da Alemanha⁵⁶¹. Ao consultar o livro de Carlos Magno Rodrigues Bravo, percebe-se que o sucesso econômico do caso de João Bravo Alvarez reflete aspectos de muitos outros imigrantes espanhóis que vieram para Alegre no processo de aquisição de terras e de prestação de comércio.

No caso de Alegre, os dados do livro de Cilmar Franceschetto chamado *Imigrantes*, registram que imigrantes espanhóis chegaram até o ano de 1953⁵⁶². Sobre o início do assentamento de espanhóis na cidade, o relato de Juan Montesinos Martin⁵⁶³ em seu livro "Silencio y Soledad" a seguir, oferece uma visão íntima e emotiva das experiências dos imigrantes espanhóis que se estabeleceram em Alegre. A descrição enfatiza as dificuldades emocionais e culturais enfrentadas por eles ao adaptarem-se a um novo ambiente, longe de suas origens.

Alegre era um pequeno pueblo. Nos sentimos como pájaro em una jaula y el impacto fue muy grande pues estábamos acostumbrados a la inmensidad del mar. Volver sería imposible, tan imposible como volver a la juventude. Estábamos fuera de nuestro ambiente aunque em aquél simpático Pueblo viven varias familias españolas que ali están há más de cuarenta aos. Alguns de ellos eran los Rueda, Espinosa, Bravo, Reinoso. Vivian em comunidade y se casaban entre ellos. Oí historias que los primeros que llegaron sufrieron muchismo. Era de arrepiar los pelos y helar la sangre⁵⁶⁴.

A descrição de Montesinos enfatiza as dificuldades enfrentadas por esses imigrantes ao adaptarem-se a um novo ambiente, longe de suas origens, destacando o sentimento de confinamento e a adaptação ao novo ambiente. Tanto

⁵⁶¹ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias...** p. 192.

⁵⁶² FRANCESCHETTO, Cilmar. *Imigrantes...* p. 804.

⁵⁶³ Segundo Carlos Magno Rodrigues Bravo, Juan Montesinos Martin (João espanhol) nasceu em Las Palmas, arquipélago das Canárias, Espanha, em 1 de maio de 1930. Foi marinheiro da marinha de guerra da Espanha e, depois, desertor por razões políticas. Desembarcou no Rio de Janeiro e chega em Alegre em 1951. Mudou-se para Vitória em 1957, onde veio a falecer alguns anos mais tarde. Ver: BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES...** p. 69.

⁵⁶⁴ Alegre era uma cidade pequena. Sentimo-nos como um pássaro numa gaiola e o impacto foi grande porque estávamos habituados à imensidão do mar. Voltar seria impossível, tão impossível quanto voltar à juventude. Estávamos fora de nosso ambiente, embora várias famílias espanholas morassem naquela bela cidade que estavam lá há mais de quarenta anos. Alguns deles foram os Rueda, Espinosa, Bravo, Reinoso. Eles viviam em comunidades e se casavam entre si. Ouvi histórias de que os primeiros a chegar sofreram muito. Era de arrepiar os cabelos e congelar o sangue. Tradução nossa. MARTINS, Juan Montesinos. *Silencio y Soledad*. S/d. Arquivo pessoal de Luci Helena Albertazzi Bravo.

nesse relato de Montesinos, como nos relatos de Maria Fernandez Machado, apresentado anteriormente, a questão do retorno aparece, se não esboçada em tentativas materiais de retorno, pelo menos se expressa em pensamentos e questionamentos. Para Sayad, a ideia de retorno está intrinsecamente ligada ao movimento migratório⁵⁶⁵.

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra⁵⁶⁶.

O retorno à Espanha, ainda que temporário, é evidenciado no relato a seguir de Maria Aparecida, onde não apenas seus antepassados retornaram à terra natal, mas também emigraram para a Argentina, para somente depois fixarem-se novamente no Brasil., como aparece:

Quando ele (meu avô) chegou, ele trabalhou com o João Espinosa Monte, que era o cunhado, ficou uns dois anos ali, morava na mesma casa, comia da mesma comida e voltou pra Espanha. A minha mãe foi registrada em Conceição do Muqui. Consta na certidão dela que ela nasceu em 1912. Mas ela conta sobre a viagem de volta que chegou na Espanha e estava ruim do mesmo jeito, aí ele veio para a Argentina, se fixaram num lugar chamado Tucumã, na Argentina. Lá ele cuidava de vinhas, de vinhedo. Essa história a minha mãe lembra, ela já devia ter uns três, quatro anos. Ele não gostou (da Argentina), veio embora para o Brasil em 1920⁵⁶⁷.

Continuando a observação de fontes sobre a chegada dos espanhóis em Alegre, o trecho do jornal *A Mensagem* de 15 de março de 1987, oferece uma narrativa sobre os movimentos migratórios de diferentes grupos de imigrantes no Espírito Santo, com foco especial na chegada dos espanhóis em Alegre.

Os portugueses ficaram, quase todos, no porto de Cachoeiro. Os italianos continuaram, de canoa, até a região de Castelo. Os espanhóis subiram mais, vindo até o ponto comercial de Portão, entrada natural para o Rancho do Alegre, como ainda era bem conhecida a Freguesia de Nossa Senhora da Penha do Alegre, já nessa época elevada oficialmente à categoria de Vila e

⁵⁶⁵ Sayad, A. (2000). **As características genéricas ou as constantes do fenômeno migratório...** p. 11.

⁵⁶⁶ Sayad, A. (2000). **As características genéricas ou as constantes do fenômeno migratório...** p. 11.

⁵⁶⁷ Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

transformada em município. Porém, a instalação só seria efetivada em 1891⁵⁶⁸.

Os relatos de Carlos Magno Rodrigues Bravo, Luci Helena Albertazzi Bravo, Maria Aparecida Almança da Rosa, Juan Montesinos Martins e do jornal *A Mensagem* apresentados acima sobre a chegada dos espanhóis em Alegre proporcionam uma compreensão das dificuldades e adaptações enfrentadas por esses imigrantes durante seu processo de assentamento no território sul do Espírito Santo com foco na cidade de Alegre, que é o principal locus de observação da pesquisa.

As narrativas observadas destacam tanto os desafios físicos mas também os emocionais, atingidos graças à metodologia das entrevistas de caráter qualitativo utilizadas, que proporcionam alcançar tais resultados. Laurence Bardin, em seu livro "Análise de Conteúdo", destaca a importância dessa abordagem na pesquisa, caracterizando-a como um processo que, apesar de mais intuitivo, possui uma flexibilidade e adaptabilidade fundamentais para lidar com dados não previstos⁵⁶⁹. Essa característica é essencial para analisar fenômenos complexos e variáveis como a imigração.

Continuando com a observação do fluxo migratório espanhol para Alegre destacam-se as fotografias disponibilizadas pelos entrevistados. Fotografias de familiares, comunidades e eventos pessoais ajudam a manter viva a memória individual e coletiva, permitindo que as pessoas se conectem com seu passado e entendam melhor suas origens e trajetórias. Em muitos casos, fotografias são as únicas provas visuais de eventos importantes. Por exemplo, imagens de guerras, revoluções, desastres naturais e outros eventos significativos fornecem uma perspectiva direta sobre o que aconteceu. Assim, as fotografias contribuem para a formação da memória coletiva em muitas sociedades. Elas ajudam a moldar a identidade de um povo, preservando momentos que são celebrados ou lembrados por suas implicações sociais e políticas. Mauad e Ramos comentam sobre as fotografias familiares,

As fotografias são monumentos da intimidade familiar por serem produzidas com a função de lembrar, ao mesmo tempo em que, como documentos da

⁵⁶⁸ PÁGINA literária: os espanhóis no Espírito Santo. **A Mensagem**. Alegre. S/p.. 15 de março de 1987. Arquivo de Luci Helena Albertazzi Bravo.

⁵⁶⁹ BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009. p. 115.

história, nos permitem conhecer e observar como essa instituição vem se transformando no tempo e no espaço⁵⁷⁰.

Assim sendo, nesse trabalho as fotografias se revelam como importante complemento para compreendermos melhor o fluxo migratório espanhol em que os entrevistados estiveram inseridos. Uma das fotografias disponibilizadas é de Angela Maria Espinosa Bravo, que retrata seus ascendentes.

Imagem 6: Família Espinosa Monte



Imagem: Juan Espinosa Monte. Nascido em Guajar Fondón, Granada, Espanha, em 1867 e Angela Almansa Ramires, nascida em 25 de março de 1872, em Guajar Fondón, Granada, Espanha. Segundo Angela Espinosa Bravo, essa foto é única e é de 1926. As filhas, da esquerda para a direita: Josepha Espinosa Almansa, com 11 anos; Angela Espinosa Almansa, tia Ico, com 13 anos. À frente, Mercedes Espinosa Almansa, com 09 anos e, a da ponta, Annita Espinosa Almansa. Arquivo pessoal de Angela Maria Espinosa Bravo.

Essa fotografia apresentada por Angela é uma fotografia em que a família se apresenta de frente, com semblante sério e que representa o momento de assentamento de espanhóis e seus descendentes em solo capixaba. Para Susan Sontag, “por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma -

⁵⁷⁰ MAUAD, A. M.; RAMOS, I. C. Fotografias de família e os itinerários da intimidade na história. *Acervo*, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 155–178, 2017. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/795>. Acesso em: 19 maio. 2024. p. 156.

um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão. Pouco importam as atividades fotografadas, contanto que as fotos sejam tiradas e estimadas”⁵⁷¹.

Acompanhando a imagem acima, Maria Aparecida Almança Rosa também relembra a formação e desenvolvimento de Alegre, destacando o papel do casal de espanhóis expostos na imagem na formação da cidade:

Saiu da Espanha para ir pra São Paulo porque já tinha parente em São Paulo. O navio fez essas voltas todas e veio parar em Itapemirim. Vinham não só espanhóis, vinham alemães, italianos, portugueses. Ficou assim: os espanhóis, com destino a Alegre e os italianos, que deviam ser em número menor, foram pra região de Castelo, Conceição do Castelo, aquela região mais alta lá. E, assim, chegou aqui em Alegre, João Espinosa Monte e a Angela Almansa Ramirez. Eles se fixaram numa região, numa fazenda de café, eles foram trabalhar pro Coronel dono da fazenda de café, aí juntaram um dinheirinho e foi comprando terras, comprando terras e ele ficou um grande fazendeiro, o tio João ficou um grande fazendeiro. (Era dele a Fazenda Jerusalém, (a) fazenda Bom Retiro⁵⁷².

Carlos Magno Rodrigues, ao escrever sobre personagens importantes da história de Alegre, encorpa a fala de Angela, ao indicar que João Espinosa Monte adquiriu terras em 1898,

(João Espinosa Monte) Homem diligente – dedicado ao trabalho, em 19 de dezembro de 1898, comprou de Manoel Antônio de Oliveira seis alqueires de terras no lugar denominado São Silvano, situado às margens do rio Alegre, em divisas com a fazenda Jerusalém neste município⁵⁷³.

O grande fluxo de imigrantes espanhóis para Alegre se deu entre os anos de 1889 e 1900. Nesse período, os imigrantes eram de maioria camponesa e foram trabalhar nas lavouras de café da região. Após o ano de 1900 vieram os imigrantes espanhóis de profissões mais liberais, como oleiros, pedreiros e pequenos negociantes, estes, não se instalando, necessariamente, na zona rural do município⁵⁷⁴. Nessa perspectiva, o jornal *O Cachoeirano*, na edição de 23 de junho de 1889, descreve a chegada de 250 colonos em Alegre:

⁵⁷¹ SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004. p. 7.

⁵⁷² Depoimento de Maria Aparecida Almaça da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2022.

⁵⁷³ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias...** p. 197.

⁵⁷⁴ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias.**

Chegaram a esta Villa no dia 20 do corrente 250 colonos de origem espanhola e a maior parte dirigio-se para as fazendas dos abastados agricultores – Vicente de Aguiar Paiva, Joaquim E. de M. Paiva e Mizael E. de M. Paiva – no Alegre⁵⁷⁵.

De acordo com Carlos Magno Rodrigues Bravo, os espanhóis Manoel Rodrigues Fernandes e Helena Alfaro Martins desembarcaram no Rio de Janeiro em 1890 e, de lá, vieram para Alegre⁵⁷⁶. Seu livro intitulado “Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias” traz uma foto do casal mencionado.

⁵⁷⁵ ⁵⁷⁵ **O Cachoeirano**. Cachoeiro de Itapemirim. p. 2. 23 de junho de 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217719&Pesq=grande%20naturaliza%c3%a7%c3%a3o&pagfis=1930>. Acesso em: 23 jul. 2021. Conforme pesquisas ao jornal “O Cachoeirano”, os referidos agricultores, ao que indica, teriam sido pessoas influentes na sociedade do sul capixaba. Todos fizeram parte da Sociedade Lotérica Alegrense, tendo o senhor Joaquim E. de M. Paiva contribuído para a construção da Casa para Instrução Primária e Grêmio Bibliotecário Cachoeirense, sendo que o senhor Vicente de Aguiar Paiva chegou a ser nomeado subdelegado da freguesia do Alegre. Carlos Magno Rodrigues Bravo, ao escrever sobre a história de Alegre, menciona que Vicente Ferreira de Paiva “era a face intelectual do clã dos Ferreira de Paiva; homem inteligente e habilidoso, foi um dos mais influentes chefes políticos do Alegre nas últimas décadas do século XIX” Ver: BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias...** p. 131.

⁵⁷⁶ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias...** p. 36.

Imagem 7: Manoel Rodrigues Fernandes e Helena Afaro Martins



Fonte: BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920:** fatos e biografias. Alegre - ES, 1998.

Essa fotografia foi incluída no trabalho por retratar os avós imigrantes espanhóis de uma das entrevistadas desta pesquisa, Maria José Sanches Salazar, que, em seu depoimento, rememora a figura de sua antepassada, como se observa a seguir.

Eu cheguei a conhecer minha bisavó Helena, nós moramos nessa casa do altinho que tem aí no Guararema e eu era bem pequeninha e eu me lembro dela morando com a gente. Eu lembro da vóvó Helena bem miudinha e com cabelinho branquinho, sabe? E eu não sei como ela caiu, isso é uma das coisas que eu lembro, ela caiu e fraturou a bacia, o quadril e teve que ficar acamada. Me lembro muito bem de um quarto que arrumaram uma cama de hospital que ela ficava deitada. Então eu cuidei dela, eu era bem menininha, eu devia ter uns 9 anos, por aí. Ela só gostava que eu cuidasse dela. Ela me chamava “Maria Jose” ou “Maria Ressu”, era assim, tá! Lembro muito bem dela assim⁵⁷⁷.

⁵⁷⁷ Depoimento de Maria José Sanches Salazar, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

A história oral, que permitiu obter o relato de Maria José, é uma ferramenta valiosa para entender a amplitude da imigração espanhola. Ela nos permite acessar informações e perspectivas que muitas vezes não estão presentes nos registros escritos tradicionais, oferecendo uma visão mais ampla desse processo migratório. Os relatos pessoais trazem à tona as histórias de viagem, os sentimentos ao chegar em um país desconhecido, as dificuldades de adaptação, as estratégias de sobrevivência, as realizações alcançadas ao longo do tempo e as vivências familiares, como no caso do exposto de Maria José.

Marieta de Moraes Ferreira destaca a importância das experiências pessoais, das emoções e das memórias na construção da história. Ao privilegiar a subjetividade dos depoentes, podemos acessar camadas mais profundas da narrativa histórica, capturando nuances, sentimentos e contextos que não estão necessariamente presentes nos documentos formais. Nesse caso, as supostas “deformações” do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral, pois, dessa forma, colaboram para preencherem lacunas deixadas pelas fontes escritas, se revelando, assim, “mais um recurso do que um problema”⁵⁷⁸, acresce a autora.

Seguindo a mesma linha de Maria José, Maria Aparecida Almança da Rosa também comenta sobre o cotidiano da vida de seu avô, onde

O social era violão e castanhola. Aí eu perguntava ‘mãe, eles ganhavam cachê?’ Cachê eles não ganhavam não, ganhavam cachaça. Eles bebiam muito vinho. No café da manhã tinha vinho, no almoço tinha vinho, no jantar tinha vinho, pra dormir tinha vinho. Tinha um negócio de uma ceia à noite... tinha vinho⁵⁷⁹.

As migrações fazem parte de um contexto transnacional, onde pode ocorrer a busca por uma maneira de afirmar o sentimento de pertencimento a uma comunidade específica. Essa comunidade não apenas compartilha uma cultura e uma história distintas, mas também se define por uma forma única de existir e se expressar. De acordo com Maria Catarina Chitolina Zanini, ao reivindicar um

⁵⁷⁸ FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) **Entre-vistas: Abordagens e Usos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 10.

⁵⁷⁹ Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

passado em comum, os indivíduos não estão apenas destacando suas diferenças em relação ao todo, mas também celebrando as nuances e riquezas que tornam cada comunidade única. Essa expressão de unidade é, portanto, um ato de reconhecimento e afirmação da diversidade cultural e histórica que enriquece o panorama transnacional⁵⁸⁰.

Para Maria Catarina Chitolina Zanini, nesse sentido, a noção de "nós" transcende fronteiras geográficas e culturais, unindo pessoas com experiências e perspectivas compartilhadas, mas também reconhecendo e respeitando suas singularidades e é através desse diálogo entre uniformidade e diversidade que as identidades particulares encontram espaço para florescer e contribuir para a complexidade e a vitalidade do cenário transnacional⁵⁸¹. Nesse sentido, na praça Sebastião Monteiro N. da Gama, na cidade de Alegre, foi feito um monumento em homenagem ao imigrante espanhol que colonizou o município, como se vê na imagem abaixo:

⁵⁸⁰ ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A Família como Patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes italianos. Campos - **Revista de Antropologia Social**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 53-67, 30 jun. 2004. Universidade Federal do Parana. <http://dx.doi.org/10.5380/cam.v5i1.1635>. Acesso em: 12 de maio de 2024. p. 61.

⁵⁸¹ ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A Família como Patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes italianos. Campos - **Revista de Antropologia Social**... p. 61.

Imagem 8: Marco da imigração espanhola em Alegre



Fonte: fotografia feita pelo autor em 26 de julho de 2022.

No monumento⁵⁸², que valoriza tanto a chegada de Colombo à América, como a chegada dos imigrantes em Alegre, consta o seguinte texto:

Marco da Imigração espanhola em Alegre-ES. O aceno do imigrante traduz tanto a tristeza da partida quanto a alegria da chegada. Com a cabeça erguida, trouxe a esperança de mudança frente à uma nova terra com a força

⁵⁸² O Club de Imigração Espanhola de Alegre também registrou o nome das pessoas que contribuíram para a construção do obelisco em homenagem à imigração espanhola em Alegre. Ver anexo III.

para reiniciar a vida. 12 de outubro de 1992: 500 anos de chegada de Colombo à América. Club de Inmigración Española. Obra do arquiteto – George Bravo.

Os monumentos muitas vezes são erigidos para celebrar, homenagear ou lembrar eventos, pessoas ou comunidades significativas na história de um país. No contexto da imigração, os monumentos podem desempenhar papéis importantes. Primeiramente, os monumentos podem ser construídos para comemorar a contribuição dos imigrantes para a sociedade de destino. Eles podem destacar as conquistas, os desafios superados e a riqueza cultural trazida pelos imigrantes, servindo como símbolos de reconhecimento e inclusão. De acordo com Jacques Le Goff, ao escrever sobre documentos e monumentos, “atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos”⁵⁸³, ou seja, uma característica do monumento é a intencionalidade, pois quando o grupo realiza essas ações, a memória se materializa em história, para que, assim, resista às ações desgastantes do tempo. Para Pierre Nora,

os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais⁵⁸⁴.

Além disso, os monumentos podem funcionar como locais de memória e reflexão sobre a experiência dos imigrantes. Eles podem contar histórias, preservar relatos e documentar a jornada dos imigrantes, ajudando a manter viva a história e memória dessa comunidade ao longo do tempo.

Outro aspecto interessante é que os monumentos podem servir como pontos de encontro e orgulho para as comunidades imigrantes. Eles podem ser espaços onde as pessoas se reúnem para celebrar suas origens, compartilhar tradições e fortalecer os laços culturais e sociais. Dessa forma, a memória não se restringe a relatos nem tão somente a escritos, mas ela também pode estar inscrita em monumentos, como se observa: “a memória cultural é constituída por heranças

⁵⁸³ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão; 5ª edição; Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003. p. 535.

⁵⁸⁴ NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Projeto História...** p. 13.

simbólicas materializadas em monumentos, documentos, ritos, celebrações, objetos, textos, escrituras e outros suportes mnemônicos e possui caráter dinâmico”⁵⁸⁵.

Sobre a construção do marco, Luci Helena relata o seguinte:

O George Bravo fez a planta, aí o Carlos Magno conseguiu com a prefeitura aquele pedaço lá e aí fez o marco da imigração espanhola. Aí aquele desenho vazado, a gente não tinha o modelo pra fazer, não tinha uma pessoa pra desenhar pra gente. Botei minha filha no chão em cima de um papel, botei ela lá, ela tinha uns dez ou doze anos, acertei tudo de acordo com o desenho do rapaz e fiz. Até hoje na família se fala “ah lá, Dejanira”. Aí o pedreiro construiu aquela armação toda de cimento tudo direitinho e fez. Dentro daquela parte de baixo a gente jogou areia pra não ficar vazio e o Magno foi e escreveu a história de vários espanhóis e colocou vários objetos ali dentro e está lá enterrado⁵⁸⁶.

As pessoas que passarem na praça Sebastião Monteiro N. da Gama, em Alegre, irão se deparar com o monumento e podem vir a refletir sobre a imigração espanhola que se deu no município. Assim sendo, esse marco da imigração espanhola em Alegre como é apresentado pela fotografia, pelo texto da parte inferior da construção e pelo relato de Luci Helena sobre sua construção, revelam que ele se torna um local de reflexão memorial sobre o fluxo migratório espanhol na cidade de Alegre. Assim, Le Goff argumenta que

o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos⁵⁸⁷.

Ao construirem o monumento, os descendentes não deixaram apenas um registro de um fato, mas criaram uma memória viva. O marco se torna um testemunho, um esforço para manter viva a lembrança da imigração espanhola na cidade de Alegre. Assim, os monumentos conectam gerações às experiências do passado, garantindo que essas lembranças permaneçam, mesmo quando as histórias orais se perdem, se relacionando com o poder de perpetuação apontado por Le Goff acima.

⁵⁸⁵ BARDEN, Júlia Elisabete; GOMES, Carla Renata Antunes; MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli; LAROQUE, Luís Fernando e MORIGI, Valdir Jose. MEMÓRIA CULTURAL na construção das identidades e mapas imaginários de práticas culturais étnicas. **Cadernos de Estudos Culturais**. Páginas: 185-208. Edição: v. 5 n. 10. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3676>. Acesso em: 01 de junho de 2024. p. 187.

⁵⁸⁶ Depoimento de Luci Helena Albertazzi Bravo, neta de imigrantes espanhóis, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁵⁸⁷ LE GOFF, Jacques. **História e Memória...** p. 536.

Com base nas entrevistas realizadas, percebe-se que fica evidente o profundo interesse histórico e memorial dos entrevistados. Ao exporem as memórias do movimento imigratório espanhol e, por meio de suas análises, discussões e iniciativas, esses indivíduos desempenham um papel na consolidação de espaços como o marco da imigração espanhola em Alegre, como um espaço de reflexão sobre a imigração e o processo de estabelecimento dos imigrantes espanhóis e seus descendentes em Alegre e arredores.

Essa conexão com o passado enriquece a compreensão da imigração espanhola para a região. Nesse sentido, Aleida Assman traz a reflexão de que a memória viva “implica uma memória suportada em mídias que é protegida por portadores materiais como monumentos, memoriais, museus e arquivos”⁵⁸⁸, sendo que, através dessas experiências compartilhadas e do engajamento ativo com as narrativas históricas, os participantes contribuem para preservar e transmitir as memórias do movimento imigratório⁵⁸⁹.

Dessa forma, as atividades desenvolvidas pelos descendentes, muitas vezes, não se limitam a um simples exercício de nostalgia, mas representam uma valiosa forma de conectar o passado ao presente, promovendo a compreensão da história da imigração espanhola que se deu no município de Alegre, pois em um breve caminhar pelas ruas do centro da cidade, se percebe, facilmente, a influência da imigração espanhola no município devido aos nomes que se tem no comércio da cidade. Sobrenomes familiares oriundos da Espanha aparecem no comércio da cidade, como Alvarez, Louzada, Mendez⁵⁹⁰, entre outros.

Um destes exemplos é a loja de vinhos e afins de Leonardo Portela Carvalho, que funciona desde o ano de 2019 e que recebeu o nome de “La Guardia”, em homenagem ao *ayuntamiento* de La Guardia, província de Pontevedra, na Galícia,

⁵⁸⁸ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. p. 19.

⁵⁸⁹ NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Projeto História...**

⁵⁹⁰ Carlos Magno Rodrigues Bravo revela uma particularidade sobre os sobrenomes espanhóis, sendo que ele chama de “abrasileiramento” dos sobrenomes: como, por exemplo: Alvares se tornou Alves, Gímenes em Mendes, Rodriguez em Rodrigues, Ruiz em Rui, Hernandes em Fernandes, Moralles em Morais, Martínéz em Martins, Lopez em Lopes, etc. Ver: BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES...** p. 20. Essa troca de nomes também é mencionada por Angela Almança Vargas Pegoretti, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023, ao comentar sobre sua família, como aparece a seguir: “todos os filhos de Antonio Almança Ramires, eles assinavam Almança Trujillo. Não assinavam Ramires, como está no livro agora... Almança era com “s”, mas no cartório eles colocaram um ‘ç’”.

local de origem de seu avô, o imigrante Lombardino Portela Lomba. Nas palavras de Leonardo Portela:

A loja é até uma homenagem que a gente fez ao meu avô. La Guardia é a cidade que ele nasceu, lá na Espanha. Meu avô, ele que trouxe essa cultura do consumo de vinho, aí a gente quis fazer uma homenagem a ele, colocando o nome da loja como a cidade natal dele. Meu avô, lá na Espanha, ele mexia com plantação de batata e tinha vinhedo também. Eles produziam vinho e batata. Aí, no início dos anos 20, tava tendo uma crise muito grande na Espanha, aí teve emigração muito grande, aí a família do meu avô veio para o Espírito Santo. Ele faleceu em 1972⁵⁹¹.

⁵⁹¹ Depoimento de Leonardo Portela Carvalho, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

Imagem 9: loja de vinhos e afins de Leonardo Portela Carvalho.



Fonte: Instagram de Leonardo Portela Carvalho.

Em sua loja de vinhos e afins, Leonardo deixa exposto alguns cartões-postais de La Guardia, juntamente com mapas da região de La Guardia com informações turísticas, documentos e fotos de seu avô, assim, tornando o ambiente não apenas um local comercial, mas um espaço de memória da imigração espanhola em Alegre.

Sobre a vinda de seu avô, Leonardo relata que, na Espanha, ele era agricultor, porém, ao chegar em Alegre, se dedicou ao trabalho com olaria que, à época, significava fabricar tijolos e telhas.

A seguir, uma cópia do bilhete de passagem de seu avô na sua vinda para o Brasil em viagem que foi realizada pela companhia de navegação “Hamburguesa Sudamericana”, como se vê na imagem.

Imagem 10: bilhete de passagem de Lombardino Portela Lomba

Billete de Emigrante, personal e intransferible

Comp.^a Hamburguesa Sudamericana

Billete N^o 4889
Cap Arcona

BILLETE DE PASAJE DE EMIGRANTE en el vapor para embarcar el día de 12 AGO 1929
de 192... en el puerto de VIGO para el de RIO JANEIRO
con transbordo en el puerto de (1)
al vapor (1)
y con escala en RIO SANTOS Montevideo

Nombre del pasajero: *Lombardino Portela*
Sexo (2) *M* Edad *23 años*
Cartera de identidad: Serie Número *82128*

Importe neto del pasaje: (En letra)
(En cifra) *000 12 1/2*

Importe de los impuestos (3): Españoles
Extranjeros
Modo de pago
Clase de pasaje (4)
Número de la litera
(5) Autoriza el embarque Don
que vive en calle o
plaza de núm. como (6)

EQUIPAJES: } Bultos
Kilos
Expedido el día de MAR 1927 de 192...
(Firma de la Casa con signataria)

(1) Este apartado solo se cumplirá cuando haya transbordo.
(2) Si se viaja en pareja V. y al de la casa con signataria.
(3) El importe de los impuestos se lo cobrará en la casa con signataria en el dorso de este billete por medio de un recibo.
(4) Se cobrará cuando se se de tercera orden, o en otro caso el capitán del departamento que habrá de ocupar.
(5) Facer el caso previsto en el artículo 1.º de la Ley.
(6) Consignes si es como padre, madre, tutor o guardador.

Arquivo de Leonardo Portela Carvalho.

Quando os descendentes realizam essas ações para preservação da história de seus antepassados, a memória se materializa, para que assim, resista ao desgaste do tempo, conforme observa Pierre Nora. Ao comentar sobre os lugares de memória, Nora diz que “o que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca”⁵⁹². Assim, a loja de Leonardo também se torna um local de reflexão sobre a imigração espanhola que se deu em Alegre.

A ocupação inicial dos imigrantes espanhóis na região de Alegre pode ser percebida através do livro “Nossas Raízes – Colônia espanhola do Alegre”, de Carlos Magno. Neste livro, o autor menciona a biografia de 29 imigrantes espanhóis (acompanhados de seus familiares) que se dirigiram para Alegre durante o período da Grande Migração. Destes 29 imigrantes, 15 tiveram a profissão inicial de colonos nas fazendas de café da região alegreense, 5 são descritos como agricultores⁵⁹³, 5 aparecem já como proprietários de terras, 2 como oleiros e 2 não foi possível identificar a profissão inicial⁵⁹⁴. Dentre os 15 imigrantes espanhóis acima que começaram sendo colonos nas fazendas de café, Carlos Magno aponta que, destes, 6 adquiriram terras na região depois de alguns anos, 3 viraram comerciantes, 1 montou uma pensão, 1 foi trabalhador braçal e 3 não foram mencionados seus trabalhos posteriores ao de colonos⁵⁹⁵.

Os depoimentos dos entrevistados vêm a substantiar as afirmações de que os espanhóis vieram, a princípio, para trabalhar nas fazendas de café no sul do Espírito Santo. Ao ser indagada se seu avô veio da Espanha com a intenção de abrir algum negócio ou se veio para trabalhar nas fazendas de café, Luci Helena Albertazzi Bravo respondeu o seguinte:

Chegando ali ele foi trabalhar nas fazendas que estavam (com o clima) muito mais quente pros lados de Cachoeiro ali, mas tinha muita febre amarela, aí eles vieram subindo pra poder evitar e vieram parar aqui nas fazendas São Bartolomeu, São Luiz, que eram dos Ferreira de Paiva, que tinham muito café na região da época⁵⁹⁶.

⁵⁹² NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Projeto História...** p. 22.

⁵⁹³ Não fica indicado se esses agricultores seriam proprietários de terra ou não, ou o que plantavam.

⁵⁹⁴ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES...**

⁵⁹⁵ BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES...**

⁵⁹⁶ Depoimento de Luci Helena Albertazzi Bravo, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

O caso do avô de Luci Helena se encaixa no contexto migratório na medida em que seu avô veio para trabalhar nas fazendas de café do sul do Espírito Santo, pois conforme mostrado nos capítulos anteriores, era um dos objetivos das elites fazendeiras e dos governos da época que os imigrantes espanhóis viessem para substituir a mão-de-obra escravizada abolida nas fazendas, o que ficou claro no relato acima.

Regina Marta Álvarez Santos também indica que sua avó foi colona em fazenda, ratificando o entendimento que os espanhóis vieram para o sul do Espírito Santo para trabalhar nas fazendas de café da região. Em sua fala ficam explícitas a relação que sua avó tinha com a fazenda e com a educação na época.

A minha avó Maria, eu acho que ela não sabia ler, mas ela morava na fazenda como colona e os proprietários, eles contratavam professor pra dar aula pros filhos, pros filhos dos fazendeiros, filho de empregado, não. Aí o quê que a vovó fazia: a vovó chamava o professor e falava com ele assim “oh, eu lavo sua roupa e preparo um lanche, uma comida pro final de semana pra você, no final de semana, dar aula pros meus filhos”. Quer dizer, a hora que ele estava livre de dar aula pros filhos do fazendeiro, ele dava aula pros meus tios, pros irmãos da minha mãe, os mais velhos. Então eles tinham, pelo menos um pouquinho de alfabetização, eles tiveram por conta desse esforço da minha avó e do meu avô. Que aí ela pegava e lavava a roupa do professor e fazia uma comida melhor pra ele na casa dela pra que ele desse aula pros mais velhos⁵⁹⁷.

No relato acima de Regina fica exposto a relação que sua avó tinha com os donos da fazenda. O cotidiano dos imigrantes e seus descendentes também é algo que apareceu nas consultas às fontes, sejam elas escritas, como os jornais seja como fontes orais, como as entrevistas. Um exemplo de fonte que retrata o cotidiano dos espanhóis na época da Grande Migração é a edição do jornal *O Cachoeirano* de junho de 1915. Uma citação do dia a dia de figuras espanholas em Alegre aparece na seção “A Pedidos”, onde a relação da família da imigrante espanhola Anna Reinoso Carnêr com o advogado M. Florentino da Fonseca. No exposto, o esposo da senhora Anna, também imigrante espanhol, senhor Francisco Sánchez López, em seus últimos momentos de vida, pede para que sua esposa passe a procuração que cuida do inventário e todos os negócios para o advogado M. Florentino da Fonseca, se tornando ele o procurador de Anna Reinoso Carnêr perante várias autoridades locais da então villa do Alegre em 24 de junho de 1915.

⁵⁹⁷ Depoimento de Regina Marta Alvarez Santos, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

Em consulta ao Arquivo Público do Espírito Santo, descobriu-se que o casal de imigrantes espanhóis citados acima chegou ao Espírito Santo em 11 de junho de 1889 no porto de Itapemirim, sul do Espírito Santo, a bordo do navio “Bourgogne”, vindos do município de Cádiar, província de Granada. Francisco Sánchez López tinha 28 anos de idade à época e, Anna Reinoso Carnêr, 25.

Sobre as fontes escritas, nem só em jornais e livros aparecem o cotidiano dos espanhóis. As entrevistadas Vera Lucia Alvarez e Regina Marta Alvarez Santos, fizeram questão de relembrar diferentes momentos vividos por seus ascendentes, momentos de alegria, de tristeza, de dificuldades e de superação. Um exemplo de dificuldade enfrentado pelos antepassados de Regina e Marta aparece nesse fragmento da carta deixada por Manuel Álvarez Álvarez aos familiares, tio delas:

Mi vida es muy triste en ver me privado de ver mis hijos en la vida pero que se va a hacer es conformarse con el destino que me toca, si yo me uviaera casado con otra mujer seria otra cosa pero asi lo quiso mi mala suerte y ahora el unico remedio es tener paciencia. Sin suas á mis queridos hijos y hermanos u cumadres ace presentes mi recuerdos y V^a dispenga de este su hijo que lo aprecia⁵⁹⁸.

Ressalta-se a consciência das entrevistadas em expôr um documento tão íntimo de sua família para este trabalho, pois a carta acima revela um momento de dificuldade da vida do imigrante, sendo que muitos poderiam preferir não expôr o documento. Dessa forma, as entrevistadas, além de contribuem com suas falas sobre o passado migratório, enriquecem a pesquisa com outro tipo de fonte, no caso, a carta de seu tio. Assim, percebe-se que as cartas são objetos de valor significativo para a compreensão do fluxo migratório, ampliando o leque de observação sobre o fenômeno, como escrevem Maria Izilda Santos Matos e Oswaldo Mario Serra Truzzi

Enquanto um verdadeiro “tesouro documental” da escritura e memória popular (pelo seu volume e frequência), as correspondências dos e/imigrantes adquiriram interesse para os estudiosos, possibilitando ao pesquisador penetrar numa área invisível, que permite observar novos projetos, sucessos, problemas financeiros, táticas de sobrevivência, ascensão

⁵⁹⁸ A minha vida é muito triste ver-me privado de ver os meus filhos na vida mas o que se vai fazer é contentar-me com o destino que me toca, se eu fosse casado com outra mulher seria outra coisa mas o meu azar quis esse caminho e agora o único remédio é ser paciente. Sem suas a meus queridos filhos e irmãos ou cumadres, mantenha minhas memórias presentes e desculpe este seu filho que te aprecia. Tradução nossa. Pode conter algum erro devido ao documento estar com partes ilegíveis. Arquivo pessoal de Vera Lucia Alvares. Manuel Alvarez Alvarez era filho de Agostinho Alvarez Gomes e de Tereza de Jesus Alavarez Alvarez, que, segundo Carlos Magno Rodrigues Bravo, chegou no Rio de Janeiro em 1926, foi para Tombos, em Minas Gerais e, depois, para Alegre. Ver: BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES...** p. 66.

social, dificuldades do cotidiano no campo e na cidade, relações afetivas, subjetividades e sensibilidades (sofrimento e angústias, alegrias e frustrações)⁵⁹⁹.

Assim, a carta do tio de Regina e Vera Lucia oferece uma visão detalhada das das relações afetivas, emoções e sensibilidades de sua família aqui no Brasil. Através da carta, podemos compreender melhor o sofrimento, as angústias, as alegrias e as frustrações que marcaram a experiência do imigrante espanhol.

Entrevistar pode ser uma experiência rica e significativa tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado. Muitas vezes, os pesquisadores sentem-se desconfortáveis, como se estivessem tirando algo muito valioso do outro sem oferecer nada em troca. No entanto, de acordo com Rosália Duarte, é importante perceber que uma entrevista é uma troca de experiências e perspectivas. Ao coletar informações durante uma entrevista, o pesquisador também oferece ao seu interlocutor a oportunidade de se autoconhecer, refletir sobre sua vida, sua cultura, valores e pertencimento social. A entrevista pode ser um momento de reconexão com sua história pessoal e coletiva, permitindo ao entrevistado reorganizar suas memórias, compreender suas experiências de um novo ângulo e relacioná-las com a história e tradições de seu grupo social e comunidade⁶⁰⁰.

Como mediadores, os entrevistadores têm o papel de orientar o entrevistado a explorar suas relações pessoais, suas conexões com a comunidade e a sociedade em que vive. Isso pode envolver questionamentos que estimulem o entrevistado a pensar criticamente sobre sua própria identidade, suas influências culturais e suas experiências de vida. Portanto, uma entrevista vai além da simples coleta de dados; é uma oportunidade para ambos, entrevistador e entrevistado aumentarem seus entendimentos sobre si mesmos, suas histórias e o mundo ao seu redor. É uma colaboração mútua que pode gerar reflexões e contribuir para o conhecimento e a compreensão de questões sociais, culturais e individuais. Para Rosália Duarte:

Fornecendo-nos matéria-prima para nossas pesquisas, nossos informantes estão também refletindo sobre suas próprias vidas e dando um novo sentido a elas. Avaliando seu meio social, ele estará se auto-avaliando, se autoafirmando perante sua comunidade e perante a sociedade, legitimando-se

⁵⁹⁹ MATOS, Maria Izilda Santos; TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. Presença na ausência: cartas na imigração e cartas de chamada. **História Unisinos**. São Leopoldo, v. 19, nº 3, p. 338-347, setembro e dezembro, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866787008>. Acesso em: 01 de junho de 2024. p. 340.

⁶⁰⁰ DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisa qualitativas. **Educar em revista...** p. 220.

como interlocutor e refletindo sobre questões em torno das quais talvez não se detivesse em outras circunstâncias⁶⁰¹.

Acompanhando essa linha de raciocínio sobre os relatos de antepassados, onde aparecem não só conquistas e alegrias, mas também tristezas e sofrimentos, Vera Lucia Alvares reflete sobre a vida de seu tio, Manuel Álvarez Álvarez, aqui no Brasil:

Esse meu tio, tio do meu pai, ele veio, justamente, pela vontade da mulher, praticamente a mulher obrigou ele a vir para o Brasil, já que tava vindo todo mundo, veio ele, a mulher e dois filhos. Ficaram no Rio de Janeiro. E aí ele ficou tão tão tão enfurecido de ter vindo, que passava um tempo ele falou assim 'agora eu vou seguir a minha vida, já que você quis vir para o Brasil (ela se chamava tia Isolina), eu não queria, você vai ficar e eu vou embora'. Desapareceu que ninguém ficou sabendo onde ele estava... foi uma vida muito dolorosa, muito triste pra ele. Quando ele já estava com bastante idade, saiu assim uma coceira no corpo todo dele. Foi muito triste porque ele coçava e, naquela época, não tinha muito entendimento, então, por isso, ele foi embora e deixou todo mundo, os filhos, eram dois filhos: o Zezinho, que chamava José e a Luisa. Eram dois filhos que ele tinha... ficou injuriado de ser obrigado a vir para o Brasil e largou a tia Isolina com dois filhos pequenos e desapareceu. Eu não sei até hoje como ela criou essas crianças, foi muito difícil pra ela também⁶⁰².

Assim percebe-se que as dificuldades permeavam todos os setores da vida dos imigrantes e seus descendentes, inclusive nos relacionamentos, como se percebeu nos relatos do tio de Regina e Vera. Em consulta às fontes para essa pesquisa também aparece o caso de Angela, imigrante espanhola que veio para o Espírito Santo com seus pais e que teve o trágico fim de morrer queimada por chamas propagadas de uma lamparina, como relata a senhora Maria Aparecida Almança da Rosa,

O Antonio Almansa Ramirez, que é meu avô, já veio casado com Maria Josepho de los Rosarios Trujillo e trouxe a filha Angela. A filha Angela morre queimada por uma lamparina. A lamparina caiu em cima dela. A lamparina ficava nos esteios, assim, de madeira, pra botar assim na casa pra iluminar. Não tinha luz. Você sabe o que é lamparina? Aí o quê que acontece: a lamparina entornou nela com fogo e tudo e ela saiu correndo pela casa, a casa era grande, a casa dela era grandona, o fogo foi pegando, foi pegando e ela morreu⁶⁰³.

⁶⁰¹ DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisa qualitativas. **Educar em revista...** p. 220.

⁶⁰² Depoimento de Vera Lucia Alvares, concedido ao autor em 27 de agosto de 2023.

⁶⁰³ Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

Também há o episódio de Antonio Ferreira, residente em Cachoeiro de Itapemirim, cidade próxima a Alegre, que foi roubado no ano de 1903.

Em a noite de 2 para 3 deste fizeram os gatunos uma visita á casa do cidadão Antonio Ferreira, conhecido como Antonio Hespanhol. Conforme suas explicações, fizeram-lhe uma limpeza completa, pois roubaram-lhe todo o dinheiro que possuía na importância de 700\$000. No dia seguinte quixou-se ao Delegado de polícia que tomou as devidas providências⁶⁰⁴.

As dificuldades enfrentadas pelos imigrantes não se resumiam às fazendas, os imigrantes se depararam com todo tipo de sorte ao longo do trajeto. A senhora Maria Fernandez Machado relembra que sua mãe foi roubada logo na chegada no Rio de Janeiro, no ano de 1950.

Lembro! O navio ficou treze dias⁶⁰⁵, só parou em Lisboa. Lá em Lisboa ele parou, panhou mais xente, né, e veio e chegou no Rio de Xaneiro. No Rio de axaneiro, lá chega as mala, assim, tem um negócio que desce ela, mas se a mala é pequena, vai uma pessoa buscar lá dentro. Foi um homem forte lá dentro e roubou da mamãe, roubou as coisas da mamãe. Ele descarregava as malas e aí ele roubou da mamãe as coisas, o dinheiro, o que tinha. Aí a mamãe deu parte lá no Rio Xaneiro, aí a justiça colocou uns dez homens assim de volta e o xuíz perguntou assim “e você conhece aquele que foi lá no navio buscar as coisas?” e minha irmã falou assim “é esse daqui”. Direitinho! Hermínia conheceu ele... aí não entregou os troço tudo nón, não entregou tudo as coisa nón⁶⁰⁶.

Ao se estabelecerem em novas terras, os imigrantes espanhóis muitas vezes mantinham tradições culturais relacionadas ao casamento, ao mesmo tempo em que se adaptavam às normas e valores locais. Blanco Rodríguez menciona que os espanhóis chegaram a ter o percentual de 65% de casamentos endogâmicos⁶⁰⁷,

⁶⁰⁴ GATUNOS. **O Cachoeirano**. Cachoeiro de Itapemirim, p. 2. 9 de abril de 1903. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217719&Pesq=espanhol&pagfis=4963>. Acesso em: 27 de março de 2021.

⁶⁰⁵ Provavelmente, esses foram dias que o navio circulou a Europa atrás de mais imigrantes antes de vir para a América.

⁶⁰⁶ Depoimento de Maria Fernandez Machado, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁶⁰⁷ Lévi-Strauss explora as regras de casamento em diferentes sociedades, incluindo a endogamia, que ele define como a prática de se casar dentro de um determinado grupo social, étnico ou familiar, contrastando com a exogamia, que é o casamento fora desse grupo. Ver: LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 520.

sendo o grupo com mais alto índice entre os imigrantes do Brasil em princípios do século XX⁶⁰⁸.

A explicação para tal seria o ambiente das fazendas em que viviam os espanhóis no Brasil. Segundo o autor, esse ambiente agrícola teve menos mobilidade e menos concentração urbana, o que favoreceu as uniões mais próximas. Porém, conforme os espanhóis foram adquirindo mais educação e se aproximando mais dos centros urbanos, esse percentual caiu para 24% antes mesmo de chegar a década de 1930⁶⁰⁹. Sobre os casamentos entre imigrantes espanhóis em Alegre, interior do Espírito Santo, a senhora Vera Lucia Alvarez, menciona que

E um detalhe, era assim, pelo menos a história que eu já ouvi, o interesse dessa colônia espanhola aqui, era assim, casarem entre si, espanhol com espanhol, tá? Nada de brasileiro. Tanto que o pai da Odahyses Espinosa Bravo Barbosa é casado com tia Zefa, que também era filha de espanhóis, que era prima dele. A minha mãe, que era filha de espanhóis, casou com meu pai, que também era filho de espanhóis⁶¹⁰.

O relato de Vera Lucia informa que os espanhóis aqui chegados procuraram casar entre si. Os relatos citados a seguir, tanto de Luci Helena Albertazzi Bravo, como de Oseias Sanches Matos, reafirmam a visão de Vera Lucia a respeito dos casamentos, mas completam dizendo que, posteriormente, esse costume dos imigrantes e descendentes de espanhóis aqui na região de Alegre de casarem entre si se perdeu com o passar do tempo, como apareceu no relato de Luci Helena Albertazzi Bravo:

no início da imigração espanhola para Alegre, houve uma certa resistência a se misturar, mas depois, muitos casaram com brasileiros, tanto que, na minha família, tem mesmo, dos meus avôs da família Rodrigues, dois filhos dele se casaram com pessoas negras⁶¹¹.

⁶⁰⁸ HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 44.

⁶⁰⁹ HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? Apud: BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): **El asociacionismo en la emigración española a América...** p. 44.

⁶¹⁰ Depoimento de Vera Lucia Alvares, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

⁶¹¹ Depoimento de Luci Helena Albertazzi Bravo, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

Dessa forma se percebe que os descendentes de espanhóis utilizaram dessa estratégia para sua inserção na sociedade sul capixaba. Oseias Sanches Matos também relatou sobre os casamentos e sua visão corrobora com o relato acima de Luci Helena. Sobre os casamentos entre espanhóis em Alegre, ele reflete que

Eu não lembro disso (casamento de espanhol com espanhol) não. Eu mesmo não casei com espanhola. A descendência anterior da minha esposa é italiana, porque (por aqui) teve muito italiano também. Meus irmãos também não se casaram com descendência espanhola não. Antigamente tinha esse negócio (de espanhol casar com espanhol), mas, na nossa época (mais recente), não tinha isso não⁶¹².

Maria Aparecida Almança da Rosa acompanha as lembranças de Vera Lucia sobre a endogamia dos espanhóis em Alegre nos tempos de chegada, ao relatar que “eles não casavam com estranhos, só casavam com espanhóis, entre os espanhóis⁶¹³. Mas, logo depois, conta a história do casamento de seu pai com uma descendente de espanhol,

E a minha mãe Carmem Almança Trujillo casou com Cristiano Alves da Rosa. O meu pai, na verdade, ele é descendente de negro com índio, cafuso. A mãe dele era filha de espanhóis. Chamava Vitalina Perez, era descendente de espanhol⁶¹⁴.

Como percebido ao longo desta tese, os imigrantes espanhóis que chegaram ao Brasil ao longo de finais do século XIX e durante o século XX contribuíram para diversos setores profissionais, sendo que, em nova terra, muitas vezes ampliavam-se as dificuldades, mas também, em alguns casos, ampliavam-se as oportunidades para os descendentes de espanhóis e a cidade de Alegre propiciou que muitos dos entrevistados conseguissem buscar outras profissões diferentes de seus antepassados.

Entre os descendentes entrevistados para essa pesquisa, destaca-se que muitos deles tiveram a profissão de professor durante boa parte da vida. As entrevistadas Odahyses Espinosa Bravo Barbosa, Luci Helena Albertazzi Bravo, Vera Lucia Alvarez, Angela Maria Espinosa Bravo, Regina Marta Alvarez Santos e Ana Maria Louzada da Silva, todas exerceram a profissão de professora ao longo da

⁶¹² Depoimento de Oseias Sanches Matos, em entrevista concedida ao autor em 03 de julho de 2022.

⁶¹³ Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁶¹⁴ Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

vida. Nos dizeres de Ana Maria Louzada da Silva, ao lembrar do início de sua vida profissional,

Eu vou ser professora sim, eu estudei, eu quero ser professora... Graças a Deus, me formei professora, as minhas outras irmãs também... e, com quase trinta anos (de serviço), eu me aposentei⁶¹⁵.

A formação e o desejo de ser professora de Ana Maria, como relatado, mostram não apenas a conquista pessoal de entrar na profissão, mas também mostram a educação como uma esfera onde as mulheres conseguiram obter reconhecimento e espaço, apesar das limitações impostas por uma sociedade que, historicamente, restringiu o acesso das mulheres a muitas outras áreas profissionais e civis como, por exemplo, o direito de votar, que só foi estabelecido em 1932 no Brasil, sendo que, durante muito tempo, a educação foi responsabilidade da mulher, já que esta era possuidora de “dons naturais para cuidar”⁶¹⁶, tornando a educação infantil uma vocação, e não uma profissão⁶¹⁷. Nesse sentido, Dona Ana Maria também menciona que tudo que seu pai pôde fazer para os estudos de seus filhos, ele fez. Ressalta também que seu pai era da Igreja Presbiteriana. Antes católica, dona Ana segue, hoje, a tradição evangélica de seu pai⁶¹⁸.

Outra linha de abordagem que ficou bem exposta nas entrevistas é a questão da culinária espanhola que foi trazida pelos imigrantes em Alegre. A autora Dolores Martin Rodríguez Corner diz que a Espanha “possui pratos típicos e regionais como a paella, o cozido, o puchero e a tortilla”⁶¹⁹. Um desses pratos, o puchero, aparece nos relatos dos entrevistados para este trabalho. Ao contar sobre a alimentação de seu pai e de seu avô, Regina Marta Alvarez Santos o menciona:

⁶¹⁵ Depoimento de Ana Maria Louzada da Silva, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

⁶¹⁶ SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 30.

⁶¹⁷ PENZANI, Renata. Por que há tão poucos professores homens na Educação Infantil? **Lunetas**. Publicado em: 28 de abril de 2017. Disponível em: <https://lunetas.com.br/homens-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 28 de setembro de 2024.

⁶¹⁸ Dados obtidos diretamente na entrevista com Ana Maria Louzada da Silva.

⁶¹⁹ CORNER, Dolores Martin Rodriguez. “A cozinha étnica espanhola nos restaurantes de São Paulo”. Apud: CARNEIRO, M. L. T. e HIRANO, S. (org.). **Histórias Migrantes. Um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas**. São Paulo. Humanitas. FAPESP. 2014. p. 281.

A comida era bacalhau com batata e muito vinho. Meu avô tinha uma adega e ele importava vinho naquela época. O vovô, a cultura deles era muita carne de porco. Ele tinha um caldo. Eles lá, no frio, né. O café da manhã era um caldo. Esse caldo era carne, batata, carne salgada, toucinho, a papada do porco, porque não tinha geladeira, salgava a carne de porco. É o puchero. É uma delícia. É uma feijoada com grão de bico, mas com carne salgada. Aí tudo trouxeram (da Espanha) e faziam aqui também, né. Mas era a comida da manhã. Tomava aquele caldo, principalmente quando ia aguar planta, (às vezes) era meia-noite, tomava aquele caldo quentinho, aquela sopa quentinha, né⁶²⁰.

Angela Almança diz que

Uns falam 'paedia', outros falam 'paerra' e outros falam 'paeja'. Aqui no Brasil, eles fazem com frutos do mar, mas lá na Espanha é o "mexido" deles. Aqui no Brasil é tudo que tem de mistura: ovo, feijão, etc. Lá, a paeja lá ela é com frango, carne de porco⁶²¹.

Dolores Martín Rodríguez Corner informa que a comida, como ato cultural, transcende sua função primária de nutrir o corpo humano. Ela se transforma em um símbolo vivo das escolhas e abundância de produtos em suas origens, ganhando significados profundos que ecoam na cultura e na memória de um grupo social, independentemente de ser imigrante ou nativo. Esses significados são revelados não apenas nos ingredientes e sabores, mas também na maneira como os pratos são preparados e apresentados, carregando consigo uma linguagem rica em símbolos e tradições. Ao analisar cuidadosamente essa linguagem alimentar, podemos desvendar os valores fundamentais enraizados nesse ato cotidiano, revelando camadas de identidade, pertencimento e história que estão intrinsecamente ligadas à comida que consumimos⁶²².

Também sobre a alimentação de seus antepassados, Maria Aparecida Almança da Rosa menciona:

E as comidas? Na família Almansa, ficou a paella, ficou a miga (é muito difícil fazer a miga), e uma sopa, eu não lembro o nome da sopa, tudo que você tinha em casa você botava, principalmente o garbanzo. O que que é o garbanzo? É o grão-de-bico. Eles chamavam de garbanzo, ele também ia na sopa. Também faziam um negócio que picava tomate, alho,

⁶²⁰ Depoimento de Regina Marta Alvarez Santos, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

⁶²¹ Depoimento de Angela Almança Vargas Pegoretti, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁶²² CORNER, Dolores Martín Rodríguez. A cozinha do imigrante espanhol galego e andaluz em São Paulo: habitus – memória – identidade. Apud: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). **Migraciones Iberoamericanas...** p. 126.

cebola, todo tempero que tinha e azeite doce, a cebola era inteira e botava no forno pra murchar aquilo tudo pra comer junto com pão. Aquilo chamava pipirrana. Era a pipirrana. Mas o que rolava lá em casa mesmo era a miga, os biscoitos, o buñuelo. A massa do buñuelo é igual à tortilla. Agora ela (provavelmente, sua avó) não enrolava assim não, ela pegava uma bolotinha, ia fazendo assim com a mão, ficava um buraco no meio e botava no forno. Ai que delícia. Então a gente comia muito disso. A tortilla, ela desfiava o bacalhau que o pai comprava, comprava caixa fechada de bacalhau, e a mãe gostava demais, fazia aquelas lascas assim, geralmente, assadas, e botava no meio da massa e fritava. Ah, mas era tão bom, a gente era feliz e não sabia⁶²³.

Ao escrever sobre a alimentação da Andaluzia, região de origem dos antepassados de Maria Aparecida, Dolores Martin menciona que os doces da Andaluzia são encontrados em toda a Espanha e também na América, como os churros e os buñuelos⁶²⁴, estes últimos, citados no relato de Maria Aparecida Almança da Rosa. A descrição de Maria Aparecida vai de encontro à bibliografia especializada no assunto, como se vê na passagem da tese de doutorado de Dolores Martin, escrita no ano de 2011, onde a autora expõe que “as andaluzas preparavam suas migas, suas tortillas, peixes fritos, principalmente as sardinhas, que encontravam com bom preço, além de sopas e pucheros com grão-de-bico”⁶²⁵. Dessa forma, percebe-se que os alimentos citados na entrevista de Maria Aparecida são corroborados pelos depoimentos de outros imigrantes andaluzes.

A riqueza de detalhes na descrição da preparação dos alimentos de Maria Aparecida reafirma a manutenção das práticas culinárias de seus antepassados. De acordo com Dolores Rodríguez, existe uma ausência de relatos escritos acerca da cozinha espanhola, sendo que sua origem deve ser buscada justamente na tradição oral que foi passada de mães para filhas, exatamente como no relato de Maria Aparecida acima⁶²⁶. De acordo com a autora,

Não só entre os imigrantes, os que vieram da Espanha, como também entre aqueles que nunca se afastaram de seu país de origem a prática de anotar as receitas em cadernos quase não aparece. Por não haver o hábito de registrar os procedimentos culinários, torna-se difícil repetir o prato em outro

⁶²³ Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁶²⁴ CORNER, Dolores Martin Rodriguez. **Da Fome à Gastronomia: Os Imigrantes Galegos e Andaluze em São Paulo (1946-1960)**... p. 121.

⁶²⁵ CORNER, Dolores Martin Rodriguez. **Da Fome à Gastronomia: Os Imigrantes Galegos e Andaluze em São Paulo (1946-1960)**... p. 216.

⁶²⁶ CORNER, Dolores Martin Rodriguez. **Da Fome à Gastronomia: Os Imigrantes Galegos e Andaluze em São Paulo (1946-1960)**... p. 45.

contexto. Muitas vezes, a pouca escolaridade, principalmente das mulheres, aliada à falta de hábito, impedia a manutenção de um caderno de receitas, ou se existiram alguns, foram deixados no país de origem. A elaboração da comida é automática, faz parte dos seus costumes e hábitos, da tradição oral transmitida empiricamente⁶²⁷.

Dolores Rodríguez reforça que a alimentação é o hábito mais difícil de se abandonar e, mesmo que o imigrante esteja inserido em outro ambiente com outros costumes e tradições, buscará sempre se alimentar da forma como fazia anteriormente, tornando a alimentação um dos traços mais fortes dos movimentos migratórios⁶²⁸.

A alimentação se torna assim uma exposição de todo um passado, das origens, porque ela comunica, identifica, é memória, podendo-se parodiar o dito popular: “diga-me o que comes que eu te direi quem és”. É uma manifestação cultural mais perceptível, pois a história da alimentação é a própria história do homem, além de fator de diferenciação cultural⁶²⁹.

Maria Aparecida Almança da Rosa prossegue sobre a origem da miga:

A origem da miga é que os camponeses espanhóis lá na Espanha quando iam trabalhar, eles ficavam fora de casa muitos dias, então eles levavam o pão, a broa e tudo e aquilo ficava velho e eles desfarinhavam assim, botavam na panela e esquentavam com manteiga, com azeite, etc. e comiam⁶³⁰.

A fala acima de Maria Aparecida está alinhada com o que pensa outra imigrante, Maria Del Carmen Carmona Matos, espanhola chegada em São Paulo no ano de 1950, que enfatiza a relação entre a miga e o trabalho de seus antepassados na Espanha, como se percebe na descrição a seguir:

Meu pai contava que morava a avó junto com eles, e de noite ela ia fazer as *migas* pro desjejum, que é um tipo de farofa que alimenta bastante, porque meu avô levantava cedo para ir trabalhar... eles tomavam aquelas *migas* com alguma coisa dessas⁶³¹.

⁶²⁷ CORNER, Dolores Martín Rodríguez. **Da Fome à Gastronomia: Os Imigrantes Galegos e Andaluzeiros em São Paulo (1946-1960)**... p. 32-33.

⁶²⁸ CORNER, Dolores Martín Rodríguez. A cozinha do imigrante espanhol galego e andaluz em São Paulo: habitus – memória – identidade. Apud: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). **Migraciones Iberoamericanas**... p. 126.

⁶²⁹ CORNER, Dolores Martín Rodríguez. **Da Fome à Gastronomia: Os Imigrantes Galegos e Andaluzeiros em São Paulo (1946-1960)**... p. 15.

⁶³⁰ Depoimento de Maria Aparecida Almança da Rosa, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁶³¹ Depoimento de D. Maria Del Carmen, em entrevista concedida à Dolores Martín Rodríguez Corner em 18 de junho de 2008. Apud: CORNER, Dolores Martín Rodríguez. A cozinha do imigrante

Maria Aparecida e Maria Del Carmen não se conheceram, mas, como se percebeu, seus relatos são muito próximos quanto à descrição da origem da miga, o que faz jus as colocações de Dolores Rodríguez quando afirma que as origens das comidas tradicionais espanholas devem ser buscadas na oralidade. Enriquecendo as descrições acima de Maria Aparecida e de Maria Del Carmen, a autora traz a reflexão de que a Galícia era uma região agrária por excelência, onde eram cultivados batata, alface, feijão-branco, abobrinha, nabo, muitos outros legumes, frutas e verduras em geral e eram criados gados suínos, bovinos, ovinos e caprinos que, além de fornecerem carne, ofereciam aos galegos também queijos e outros derivados do leite e embutidos que eram preparados pela população local⁶³².

Durante os relatos sobre a alimentação dos imigrantes espanhóis, Odhayses compartilha uma frase que sua avó sempre repetia: "que viva o bucho e padeça o luxo"⁶³³. Essa expressão, também mencionada por outros entrevistados, reflete a valorização da necessidade sobre o supérfluo, enfatizando a importância de satisfazer as necessidades básicas, como a alimentação, em detrimento de qualquer luxo.

Ao exporem suas memórias, dos entrevistados também emergem curiosidades sobre seus antepassados que refletem um pouco de sua vivência. Angela Almança Vargas Pegoretti diz que sua avó acreditava e conversava com os duendes. A crença da avó de Angela Almança em duendes não é mero acaso. Manuel Cousillas Rodríguez é um estudioso da literatura espanhola, especialmente conhecido por suas pesquisas sobre o folclore e as crenças populares na Espanha. Em um de seus trabalhos, intitulado *Los Duendes en la Literatura Española*, ele aborda a crença em duendes na Espanha, destacando como esses seres fantásticos são retratados na literatura e no imaginário popular. Ele discute as diferentes representações dos duendes ao afirmar que

Como seres mitológicos elementales de la naturaleza, guardianes de los bosques y de todos los seres vivos que habitan en ellos, los duendes forman

espanhol galego e andaluz em São Paulo: habitus – memória – identidade. Apud: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). **Migraciones Iberoamericanas**... p. 103.

⁶³² CORNER, Dolores Martin Rodriguez. **Da Fome à Gastronomia: Os Imigrantes Galegos e Andaluzeiros em São Paulo (1946-1960)**... p. 54.

⁶³³ Depoimento de Odhayses Espinosa Bravo Barbosa, em entrevista concedida ao autor em 26 de julho de 2022.

parte de la raza elemental feérica, y junto con elfos, trolls y hadas, son los seres más populares de las mitologías celta y nórdica...⁶³⁴.

Os duendes não aparecem só na literatura nórdica, mas também na espanhola segundo Manuel Cousillas Rodríguez. De acordo com o autor, quer se acredite nos duendes ou não, a verdade é que eles estão muito presentes na vida popular, literária e cultural da Espanha. A crença nesses seres pode ser relacionada à famosa frase popular da Galícia sobre as *meigas*⁶³⁵: "eu não acredito nelas, mas que existem, existem". Assim sendo, essas figuras permanecem enraizadas nas tradições e no imaginário coletivo espanhol, influenciando histórias, mitos e até mesmo algumas práticas culturais e religiosas⁶³⁶, chegando mesmo a estar presente na vida da avó de Angela Almança, entrevistada desta pesquisa.

Assim como a avó de Angela conversava com duendes, fazendo e recebendo perguntas, Manuel Cousillas Rodríguez traz em seu artigo alguns relatos literários espanhóis que envolvem as conversas de pessoas com duendes, sendo que as conversas são muito semelhantes ao que descreve Angela sobre as conversas que sua avó tinha com os duendes. Observe o recorte abaixo de uma história chamada *las tres monedas de oro*, onde um jovem pescador, em certo dia fazendo seu trabalho percebe que, perto dele, havia

unos extraños pequeños seres, semejantes a los hombres, de tez blanquecina, ojos verdosos y vestimenta de chillones colores rojos y verdes. Uno de ellos, al percibir la presencia del pescador, se encamina hacia él y, desde la orilla, entre el rumor del agua, le pregunta su nombre. - Me llamo Andrés - le contesta nervioso y temblando de pies a cabeza -. - Yo soy el duende Todín - le dice mientras se acerca a la barca, moviéndose como pez a través de las aguas⁶³⁷.

⁶³⁴ Como seres mitológicos elementares da natureza, guardiões das florestas e de todos os seres vivos que as habitam, os duendes fazem parte da raça elemental das fadas e, junto com os elfos, trolls e fadas, são os seres mais populares nas mitologias celtas e nórdicas. Tradução nossa. COUSILLAS RODRÍGUEZ, M. Los Duendes en la Literatura Española. **Revista Garoza**. Nº 10. septiembre 2010. p. 61-69. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3355300.pdf>. Acesso em: 01 de junho de 2024. p. 61.

⁶³⁵ À grosso modo, as meigas seriam as "bruxas" da Galícia, embora o termo mereça uma análise mais ampla, que não nos cabe fazer aqui.

⁶³⁶ COUSILLAS RODRÍGUEZ, M. Los Duendes en la Literatura Española. **Revista Garoza**... p. 63.

⁶³⁷ estranhas criaturinhas semelhantes a homens, de pele esbranquiçada, olhos esverdeados e vestes de um vermelho e verde vivo. Um deles, sentindo a presença do pescador, dirige-se para ele e, da margem, por entre o murmúrio da água, pergunta-lhe o nome. - Chamo-me Andrés - responde ele, nervoso e a tremer dos pés à cabeça -. - Eu sou o duende Todín", diz enquanto se aproxima do

Agora observe a semelhança do recorte acima com o relato de Angela Almança Vargas Pegoretti sobre a relação de sua avó com os duendes.

A minha avó conversava com os duendes. “Juanito, tu tienes dientes?” “Yo tengo. y tu?” Se sumia alguma coisa dentro de casa, ela conversava com os duendes pros duendes devolverem o que eles tinham pego. O duende chama Juanito. Os duendes eram trapaceiros, essas coisas assim. Eu acredito que era do imaginário dela, do folclore. Igual quando você perde uma coisa, você não fala “Seu Longuinho Seu Longuinho, me devolve que eu dou três pulinhos”? Essas coisas assim⁶³⁸.

O relato sobre a avó que conversava com os duendes, especialmente o duende Juanito, revela como crenças e práticas foram mantidas mesmo depois da migração. Durante a conversa percebe-se que ambos (pessoa e duende) fazem perguntas como “qual seu nome?” e obtém respostas “meu nome é tal”. A menção aos duendes e a prática de pedir que devolvam objetos perdidos evidenciam tradições que foram trazidas para o Brasil no processo migratório e chegaram até o município de Alegre, no interior do Espírito Santo.

Alessandro Portelli destaca que as fontes orais podem revelar emoções, desejos, opiniões e sentimentos dos indivíduos. Ou seja, essas histórias orais não só nos mostram o que aconteceu, mas também como as pessoas vivenciaram e interpretaram esses acontecimentos, trazendo uma dimensão mais humana e subjetiva à história. Para Portelli as histórias orais podem incluir elementos míticos ou lendários, que não devem ser interpretados como erros factuais, mas como uma forma de dar significado à experiência humana e à memória coletiva⁶³⁹. Esse relato sobre a avó de Angela oferece uma perspectiva para observar a maneira como sua família construiu suas vivências.

O município de Alegre possuía mais imigrantes e descendentes de espanhóis, mas muitos, com o passar do tempo, se mudaram pra Minas Gerais ou, como no caso da Família de Oseias Sánchez, para o estado do Rio de Janeiro.

barco, movendo-se como um peixe na água. Tradução nossa. COUSILLAS RODRÍGUEZ, M. Los Duendes en la Literatura Española. **Revista Garoza**... p. 65.

⁶³⁸ Depoimento de Angela Almança Vargas Pegoretti, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2023.

⁶³⁹ PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente...**

Meus avós, Pedro e Carmen, a gente era menino ainda, eles morreram também, o restante da família que ficou aqui foi tudo pra Volta Redonda, naquela saga da CSN⁶⁴⁰, nos anos 60 e 70, foram todos pra lá. Aí foi minha avó, foi meu avô, que era barbeiro na época, famoso aqui na região, os filhos dele, que também estavam começando a profissão, tia Zezé, tio João Carlos, aí lá eles trabalharam também.. aí, agora, da nossa família (Sanches Salazar) de espanhol mesmo, original, tem ninguém mais, ou foi tudo embora ou morreu... só ficou mesmo minha mãe, que já tem seis anos que ela faleceu⁶⁴¹.

De acordo com este subponto, pôde-se observar diferentes fontes sobre o fluxo migratório espanhol que se deu para o município de Alegre. Foram consultadas fontes escritas, como jornais e cartas, fontes materiais, como o marco da imigração espanhola e, principalmente, as fontes orais através dos entrevistados. Com a análise das fontes obteve-se um olhar sobre a imigração espanhola na cidade destacando-se as ações desempenhadas pelos imigrantes e seus descendentes.

⁶⁴⁰ Companhia Siderúrgia Nacional.

⁶⁴¹ Depoimento de Oseias Sanches Matos, em entrevista concedida ao autor em 17 de julho de 2022.

CONCLUSÃO

O objetivo principal dessa pesquisa foi o de evidenciar a imigração espanhola em Alegre a partir das fontes consultadas. Como consequência do objetivo principal, o trabalho insere os espanhóis no rol de pesquisas acadêmicas sobre a imigração no Espírito Santo, ao mesmo tempo em que dá voz aos imigrantes espanhóis e seus descendentes, ainda não agraciados pela pesquisa de pós graduação no estado. Menciona-se que este foi um primeiro passo que pode abrir um leque de possibilidades para outros pesquisadores com novas perguntas e novos objetivos não deixando de ressaltar os dois trabalhos de Carlos Magno Rodrigues Bravo⁶⁴², importante personagem da tradição espanhola do município de Alegre, que faleceu no ano de 2002.

Ao ouvir e analisar as narrativas e as memórias dos descendentes de espanhóis, ressalta-se o profundo conhecimento sobre a história da imigração por parte dos entrevistados. Seus relatos perfazem desde os tempos pré-emigração na Espanha, passando pelas viagens, pela chegada no Brasil, pelo estabelecimento nas terras do sul do Espírito Santo, chegando até os momentos atuais. Dado esse alargamento das memórias, se fez necessário consultar a bibliografia sobre a imigração espanhola desde seu início, no século XIX e, por isso, as falas dos entrevistados aparecem durante todo o texto, se intercalando com a bibliografia consolidada sobre o assunto.

Com as entrevistas percebeu-se a inserção cultural dos imigrantes espanhóis com a cultura sul-capixaba, onde os imigrantes absorveram aspectos culturais como a língua portuguesa, pois o espanhol não foi passado de pais para filhos, ou, no mínimo, não praticado em demasia pelos descendentes, ao mesmo passo em que os espanhóis foram se casando com brasileiros de outras descendências. Mas os descendentes também preservaram aspectos culturais de seus antepassados

⁶⁴² Nasceu em Alegre, Espírito Santo, a 23 de outubro de 1951, filho de Domingos Bravo Reinoso e Therezinha Rodrigues Bravo. Em 27 de maio de 1978 casou-se com Luci Helena Albertasse Bravo, com a qual teve dois filhos – Luciano Magno Albertasse Bravo e Djanira Maria Albertasse Bravo. Faleceu em 28 de outubro de 2002. Informações contidas em site feito em sua homenagem. Disponível em <https://www.carlosmagnorbravo.com.br/biografia.php>. Acesso em: 03 de novembro de 2023. Seus dois livros utilizados para enriquecer esta pesquisa estão mencionados na bibliografia.

espanhóis como a culinária, aparecendo os exemplos da miga e do biscoito buñuelo nos relatos.

As entrevistas, como esperado, se mostraram muito importantes para o incremento dos estudos sobre a memória da imigração espanhola que se dirigiu para o município de Alegre pois descortinaram e trouxeram à tona acontecimentos que não teriam sido eluciados não as fossem, como o relato de Maria Aparecida Almança da Rosa sobre as comidas (pipirrana, miga, buñuelo, garbanzo) e até mesmo relatos que corroboram com a bibliografia, como os de Dircinha e Leonardo Portela Carvalho sobre seu avô que serviu ao exército espanhol no início do século XX.

Sobre os silêncios que a historiografia sobre imigração espanhola esconde, aqui se descortinaram alguns, vide os tristes relatos de roubo, como no caso da mãe de Maria Fernandez Machado, como o aspecto bravo de seu pai mencionado por Vera Lucia ou o caso de Angela, filha do imigrante Antonio Almansa Ramirez, que teve o trágico fim de morrer queimada, mencionado por Maria Aparecida Almança da Rosa. Esses relatos só foram possíveis graças à metodologia da entrevista qualitativa, que permitiu que a memória dos entrevistados fluísse e chegasse a tais eventos que trouxeram à tona aspectos da imigração espanhola no sul do Espírito Santo. Os entrevistados podiam ter preferido não citar esses acontecimentos, mas cientes da importância de revelá-los, o fizeram, o que enriqueceu ainda mais a pesquisa.

Duas hipóteses nortearam a construção deste trabalho. A primeira afirmava que, por se tratar de imigrantes que foram encaminhados diretamente para as fazendas de café no sul do estado e, por não disporem de núcleos coloniais que permitissem maior sustentação da rede de contatos como os italianos e alemães, enfrentariam grandes dificuldades no processo de inclusão de suas identidades na sociedade capixaba. O que não se mostrou verdade, mas sim, se percebeu, com a consulta às fontes escritas e orais, que os descendentes de imigrantes espanhóis se integraram à cultura local de modo a favorecer sua inserção na comunidade sem sofrer grandes traumas na medida em que se introduziram nas fazendas e foram adquirindo suas propriedades posteriormente.

A outra hipótese era a de que graças às estratégias de sobrevivência e de relacionamento social desenvolvido pelos imigrantes e seus descendentes,

conseguiriam se tornar atores importantes para as configurações sociais da sociedade sul-capixaba, o que se revelou uma confirmação. As narrativas apresentadas pelos entrevistados indicam que, tanto nos casos em que os imigrantes chegaram ao Brasil com uma quantia considerável de dinheiro trazida da Espanha, como no exemplo dos pais de Maria Fernandez Machado, quanto nas situações de imigrantes mais pobres que vieram para trabalhar nas fazendas de café, como o avô da senhora Regina Marta Alvarez Santos, que conseguiu, através do trabalho, estabelecer sua própria olaria; ou no caso do senhor Alexandre Roberto, que adquiriu um lote para montar uma fábrica de chapéus, os espanhóis e seus descendentes conseguiram se adaptar, se inserir e desempenhar papéis importantes na sociedade de Alegre.

Há, ainda, os próprios exemplos das entrevistadas desta pesquisa, como as senhoras Odahyses Bravo, Luci Helena Bravo, Vera Lucia Alvarez, Regina Alvarez, Ana Louzada e Maria Aparecida Almança, descendentes que conseguiram estudar e se tornaram professoras, se tornando assim, personagens atuantes da sociedade alegreense do século XX e XXI, o que reforça a hipótese de que os descendentes se tornaram atores importantes para as configurações sociais de Alegre.

O senhor Oseias e outros entrevistados também relataram que muitos descendentes de imigrantes espanhóis que habitaram a região de Alegre e o sul do Espírito Santo se dispersaram, ao longo das últimas décadas, para Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, em busca de melhores condições de vida. Esse movimento migratório evidencia a necessidade de resgatar memórias ainda latentes, que podem ser incorporadas a investigações futuras. Com a conclusão deste estudo, abre-se um amplo leque de possibilidades no campo acadêmico, permitindo que futuras pesquisas aprofundem e diversifiquem as abordagens sobre a imigração espanhola em Alegre e no sul do estado. O trabalho desenvolvido suscitou novas questões passíveis de exploração em diferentes fontes, além de oferecer perspectivas inéditas que, sem dúvida, contribuirão para o enriquecimento dos estudos sobre a imigração espanhola no Espírito Santo, estimulando novas reflexões e avanços nesse campo de investigação.

REFERÊNCIAS

- ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café**. Cafeicultores paulistas no negócio de atração e transporte de imigrantes (1886-1918). Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2014.
- ALONSO, M^a Ángeles Sullé. **La Emigración Española en América: historias y lecciones para el futuro**. Fundación Directa. 2009.
- ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930**. Alianza Editorial, 1995.
- AMARAL JUNIOR, Wellington Gontijo do. **As políticas de imigração dos Estados Unidos: entre o ativismo restricionista e o paradigma de enforcement migratório contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras 2008.
- ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo: antissemitismo, instrumento de poder**. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1975.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BARDEN, Júlia Elisabete; GOMES, Carla Renata Antunes; MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli; LAROQUE, Luís Fernando e MORIGI, Valdir Jose. MEMÓRIA CULTURAL na construção das identidades e mapas imaginários de práticas culturais étnicas. **Cadernos de Estudos Culturais**. Páginas: 185-208. Edição: v. 5 n. 10. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3676>. Acesso em: 01 de junho de 2024.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BARROS, José D' Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 8^a ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BELARMINO, Camila Almeida. **Diálogos para construir uma nação: continuidades da questão nacional do pensamento social brasileiro nas páginas da Revista de Imigração e Colonização**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação e História das Instituições da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2012.
- BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.
- BESERRA, Bernadete. A propósito de Nacionalismos e Guerras Santas, notas sobre Imagined Communities, de Benedict Anderson. **Educação em Debate**. Fortaleza.

2001. p. 81-83. p. 81. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14582/1/2001_art_bbeserra.pdf.

BIONDI, Luigi. **Imigração** [verbetes]. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2015. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/IMIGRA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

BLANCO RODRIGUEZ, Juan Andrés; DACOSTA, Arsenio. **Emigración y asociacionismo español en América**. Apud: Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul. Fernando de Sousa, ed. p. 498–533. Oporto: CEPESE. 2014.

BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.). **El asociacionismo en la emigración española a América**. Zamora: UNED Zamora/Junta de Castilla y León, 2008.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco (Editores).

Dicionário de Política. 5ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América**: micro-história da emigração galega para o ultramar na segunda metade do século XX. O caso da região de Compostela. Tese de doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela, 2014.

BOUCHERON, Patrick; DELALANDE, Nicolas. **Por uma história-mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BRASIL. Decreto Lei n.º 1.641, de 7 de janeiro de 1907. Providencia sobre a expulsão de estrangeiros do território nacional. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1641-7-janeiro-1907-582166-publicacaooriginal-104906-pl.html>. Acesso em: 21 fev. 2021.

BRASIL. Decreto Lei n.º 528, de 28 de junho de 1890. Dispõe sobre o serviço da introdução e localização de imigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BRASIL. Lei de 16 de dezembro de 1830. Manda executar o Código Criminal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em: 19 mar. 2021.

BRASIL. Decreto n.º 19.482, de 12 de Dezembro de 1930. Limita a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, dispõe sobre a localização e amparo de trabalhadores nacionais, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>. Acesso em: 16 abr. 2021.

BRASIL. Decreto Lei n.º 268, de 29 de Janeiro de 1843. Contém o Regulamento das Inspeções de Saude dos portos. Disponível em:

<http://legis.senado.leg.br/norma/386772/publicacao/15634793>. Acesso em: 25 jul. 2021.

BRASIL. Decreto Lei Nº 7.570 de 20 de dezembro de 1879. Suspende provisoriamente a execução do Decreto n. 3784 de 19 de Janeiro de 1867. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7570-20-dezembro-1879-548843-publicacaooriginal-64056-pe.html>. Acesso em: 15 de setembro de 2024.

BRASIL. Decreto Lei 3.784 de 19 de janeiro de 1867. Approva o Regulamento para as Colonias do Estado. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3784-19-janeiro-1867-553854-publicacaooriginal-72121-pe.html>. Acesso em: 15 de setembro de 2024.

BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: Colônia Espanhola do Alegre-ES.** Alegre, ES, 1994.

BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas Raízes: O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias.** Alegre - ES, 1998.

BUSATTO, L. **Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo.** Estação Capixaba: Portal de Cultura Capixaba. 2002. Disponível em: BUSATTO, L. **Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo.** Estação Capixaba: Portal de Cultura Capixaba. 2002. Disponível em: <https://estacaocapixaba.com.br/category/luiz-busatto/>. Acesso em 07 dez. 2023.

CAMARGOS, Renato Peterli. **Associações e memória da imigração italiana em Venda Nova do Imigrante-ES (1959-2020).** Dissertação de mestrado. Universidade Salgado de Oliveira. Niterói. 2020.

CAMPOS, Gustavo Barreto. **Dois séculos de imigração no Brasil: a construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015.** Tese (Doutorado). Escola de Comunicação – ECO, UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.

CANCELA, Cristina Donza. Mulheres não são imigrantes passivas e nem vêm a reboque: feminização da imigração, trabalho e arranjos domésticos de portuguesas em uma capital da Amazônia (Belém, c.1850 - c.1930). **Cadernos Pagu**, (70), e247004. <https://doi.org/10.1590/18094449202400700004>.

CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930.** 2001. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CÁNOVAS, Marília Klaumann. Entre churros e viola caipira: os meandros da etnicidade na São Paulo das primeiras décadas do Novecentos. Apud: CARNEIRO, M. L. T. e HIRANO, S. (org.). **Histórias Migrantes. Um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas.** São Paulo. Humanitas. FAPESP. 2014.

CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana 1890-1922**, Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo: 2007.

CÁNOVAS, Marília Klaumann. O imigrante espanhol, peregrino de paisagens imaginárias, e o movimento massivo para o Brasil. Apud: **Revista Interdisciplinaria sobre imaginarios sociales**. Santiago de Compostela, vol. 2, nº 1, p. 148-172, 2011.

CARREDANO, Juan B. Amores. **Historia de América**. Barcelona: Editora Ariel, 2006.

CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**. Tese de doutoramento. Universidad de Castilla-La Mancha. Madrid. 2016.

CARVALHO, José Wlademiro Emery de Carvalho. **Pioneiros e Desbravadores**. organização de Paulo Stuck Moraes. Vitória: IHGES, 2012.

CASTIGLIONI, Aurélia H., FERREIRA EMMI, Marília. Análise Comparativa da Imigração Italiana dirigida para o Espírito Santo e para a Amazônia durante a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. **Revista Geográfica de América Central**, Número especial, II semestre, 2011. pp. 1-23. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2725/2605>. Acesso em: 25 mar. 2021.

CELADA, M. T. **O espanhol para o brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira. 2002**. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade Estadual de Campinas, SP, 2002.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Al margen de Europa; pensamiento poscolonial y diferencia histórica**. Barcelona: Tusquets Editores, 2008.

CORRÊA, Marcelo Armellini. **Dos Alpes do Tirol à Serra Gaucha: a questão da identidade dos imigrantes trentinos no Rio Grande do Sul (1875-1918)**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, 2014.

CORNER, Dolores Martín Rodríguez. A cozinha do imigrante espanhol galego e andaluz em São Paulo: habitus – memória – identidade. Apud: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). **Migraciones Iberoamericanas: las migraciones España-Brasil**. Huelva; Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013. p. 125 – 144.

CORNER, Dolores Martin Rodriguez. A cozinha étnica espanhola nos restaurantes de São Paulo. Apud: CARNEIRO, M. L. T. e HIRANO, S. (org.). **Histórias Migrantes. Um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas**. São Paulo. Humanitas. FAPESP. 2014.

CORNER, Dolores Martin Rodriguez. Da Fome à Gastronomia: **Os Imigrantes Galegos e Andaluces em São Paulo (1946-1960)**. 287 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

COUTINHO, David Barreto. **Políticas migratórias e as instituições burocráticas no governo Vargas 1930-1945**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.

COUSILLAS RODRÍGUEZ, M. Los Duendes en la Literatura Española. **Revista Garoza** nº 10. septiembre 2010. p. 61-69. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3355300>.

CROSSLEY, Pamela Kyle. **O que é história global?** Petrópolis: Vozes, 2015.

DADALTO, Maria Cristina. O discurso da italianidade no ES: realidade ou mito construído? **Pensamento Plural**. Pelotas [03]: 147 – 166, julho/dezembro, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.15210/pp.v0i3.3746>. Acesso em: 22 maio 2020.

DA ORDEN, Maria Liliana. **Inmigración española, familia y movilidad social en la Argentina moderna**. Una mirada desde Mar del Plata (1890-1930). Buenos Aires: Biblos, 2007.

DEBASTIANI, Jesiane. **A Política migratória do governo Vargas (1940-1945): teses, práticas e debates na Revista de Imigração e Colonização**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2018.

DEVOTO, Fernando. **Historia de la Inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Sudamericana. 2003.

DIAS, J.M. de Barros. Miguel de Unamuno, a educação e a pedagogia. **Revista do NESEF**, [S.l.], v. 4, n. 4, ago. 2017. ISSN 2317-1332. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/neseef/article/view/54684>. Acesso em: 09 set. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/neseef.v4i4.54684>.

DIAS, Vanessa Martins. Emigração e Imigração Espanhola para o Brasil: Política, Demografia e Especificidades De Um Grupo Étnico. **Áskesis**. V. 6. Nº. 2. p. 24-35. jul./dez. 2017.

DOMENECH, Eduardo. Inmigración, Anarquismo Y Deportación: La Criminalización De Los Extranjeros “Indeseables” En Tiempos De Las “Grandes Migraciones”. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.** Brasília, v. 23, n. 45, p. 169-196, dez. 2015. Disponível em: encurtador.com.br/ckBNS. Acesso em: 21 mar. 2021.

DOS SANTOS, Amanda Pereira. **Selecionar, controlar e distribuir: o Instituto Nacional de Imigração e Colonização e a política migratória brasileira (1951-1955)**. Relatório apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. Assis. 2019.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisa qualitativas. **Educar em revista**. V. 20, n. 24, Curitiba: UFPR, jul./dez., 2004. pp. 213-225. DOI: <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 de maio de 2024.

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2015.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FARÍAS, R. **La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960**. Santiago de Compostela. Tesis Doctoral. Universidad Santiago de Compostela, 720 p. 2010.

FAUSTO, Boris (organizador). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) **Entre-vistas: Abordagens e Usos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes**. Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Italianos**: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. — Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. (Coleção Canaã, v. 20; Imigrantes Espírito Santo, v.1). Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/italianos.pdf>.

GATTAZ, André Castanheira. **Braços da Resistência**. Uma história oral da imigração espanhola. São Paulo, Xamã Editora, 1996.

GIL LAZARO, A.; VICENTE, María José Fernández. **Los discursos sobre la emigración española en perspectiva comparada**. Principios del siglo XX - principios del siglo XXI. Documentos de trabajo (IELAT, Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos), 73, 1-38. 2015.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Ademildo. **Fazendeiros, negros e imigrantes em Castello (1891-1928): processo histórico de poder territorial no sul do Espírito Santo**. 2023. Tese de doutorado em História. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória.

GOMES, Ana Paula Conde. **Da emigração à diáspora galega**: positivação de uma identidade. Tese (doutorado em História, Política e Bens Culturais), FGV – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.

GONÇALVES, Paulo Cesar. Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora oitocentista. In **Almanack**. n.º 17 Guarulhos. p. 307-361. Sept./Dec. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320171710>. Acesso em: 19 mar. 2021.

GONZALEZ MARTINEZ, Elda. Los Españoles em um pais mas allá del oceano, Brasil. Notas acerca de las etapas de la emigracion. **Revista de Indias**. Vol. LII. N.º 195/196, p. 515-527. 1992. Disponível em: encurtador.com.br/ixEVW. Acesso em: 03 mar. 2021.

GROSSELLI, Renzo M. **Colônias imperiais na terra do café**: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras, Espírito Santo, 1874-1900 (Coleção Canaã, v. 6). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

GUIMARÃES, L. M. P. Breves reflexões sobre o problema da imigração urbana: o caso dos espanhóis no Rio de Janeiro (1880-1914). **Acervo**. V. 10. N. 2. p. 85-104, jul./dez. 1997.

GUIMARÃES, Micael Lazaro Zaramella. **O Palestra Itália em disputa: fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945)**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História. São Paulo. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Michael. A Classe trabalhadora urbana e os primeiros movimentos trabalhistas na América Latina (1880-1930). Apud: Bethell, L. **História da América Latina**. São Paulo: Edusp, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2011.

HIRANO, Sedi. Diversidade cultural e multiplicidade étnica: intolerância, discriminação e preconceito. Apud: CARNEIRO, M. L. T. e HIRANO, S. (org.). **Histórias migrantes: um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas**. São Paulo. Humanitas. FAPESP. 2014.

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital**. Trad. Luciano Costa Neto. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Extremos**: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

JOHN, Daniele. **A resignificação da história de vida: temporalidade e narrativa no percurso da análise**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2006.

KLEIN, Herbert. Migração Internacional na história das Américas. Apud: BORIS, Fausto (org.) **Fazer América**. São Paulo: EDUSP, 1999.

KLEIN, Herbert S. **Imigração espanhola no Brasil**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1994.

LAGO, M. C. . Construções e (des) construções do Ser nacional: a identidade brasileira revisitada. In: VI Congresso Internacional de História, democracia e autoritarismo no mundo contemporâneo , 2013 , Maringá. **VI Congresso Internacional de História, democracia e autoritarismo no mundo contemporâneo**. 2013. Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/396_trabalho.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

LÁZARO, Alicia Gil; SARMIENTO, Erica; VICENTE, Maria Jose Fernandez. **Migrações atlânticas no mundo contemporâneo (séculos XIX-XXI)**. Novas abordagens e avanços teóricos. 1ª ed. Editora: Prismas. Curitiba. 2017.

LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, Cilmar Cesconetto; COUTINHO, Gleici Avancini; **Lembranças camponesas**. A tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante. Vitória: [s.n.], 1992.

LANGLOIS, Ch. V.; SEIGNOBOS, CH. A Busca dos Documentos. Apud: **Introdução aos Estudos Históricos**. São Paulo: Editora Renascença. 1946.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão; 5ª edição; Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LEVY, Maria Stella Ferreira. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, 2009.

LOJO, Maria Xosé Vázquez; VÁSQUEZ, Raúl Soutelo. **Emprendedores reos en tempos duros**. A integración dos galegos en Venezuela e no Brasil durante o século XX. Espanha. Editores: Ourense, Deputación Provincial de Ourense, 2015.

KOIFMAN, F. O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados: história e construção de memória. **Acervo**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 71–88, 2017. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/839>. Acesso em: 6 de outubro de 2024.

MACIEL, Manoel Gonçalves. **Voltando ao Cachoeiro Antigo**. Vol. 1. Cachoeiro de Itapemirim. 1992.

MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. **O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa

Catarina. Área de Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira. 2003.

MAIO, Marcos Chor; HOCHMAN, Gilberto; REBELO, Fernanda. O princípio do fim: o “torna-viagem”, a imigração e a saúde pública no Porto do Rio de Janeiro em tempos de cólera. **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, v. 24, n.º 47, p. 69-87, jan./jun. de 2011. Disponível em: encurtador.com.br/rzEI8. Acesso em: 25 jul. 2021.

MARIANO, Fabiene Passamani. **A Festa do Divino em Viana no século XXI: memórias afetivas na construção de uma açorianidade capixaba**. Tese de doutorado em História. Vitória, Ufes, 2019. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_8701_FABIENE%20Tese%20vers%E3o%20Novembro%20%282%29.pdf.

MARLOW, Sérgio Luiz. **Confessionalidade a toda prova: O Sínodo Evangélico Luterano do Brasil e a questão do Germanismo e do Nacional-Socialismo Alemão durante o Governo de Getúlio Vargas no Brasil**. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

MARTINEZ, Elda Evangelista González. O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis. Apud: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 2000.

MARTINS. Ismênia de Lima. Italianos, espanhóis e portugueses no quadro da grande imigração no Brasil. In José Jobson Arruda, Vera Lucia Amaral Ferlini, Maria Izilda Matos, Fernando de Sousa. **De colonos a Imigrantes, I(E)migração portuguesa para o Brasil**. São Paulo: Editora Alameda, 2013.

MARTINS, José de Souza. **A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. R. História, São Paulo, n. 121, p. 5-26, ago./dez, 1989.

MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. São Paulo. Hucitec, 1986.

MATOS, Maria Izilda Santos; TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. Presença na ausência: cartas na imigração e cartas de chamada. **História Unisinos**. São Leopoldo, v. 19, n.º 3, p. 338-347, setembro e dezembro, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866787008>. Acesso em: 01 de junho de 2024.

MAUAD, A. M.; RAMOS, I. C. Fotografias de família e os itinerários da intimidade na história. **Acervo**. [S. l.], v. 30, n. 1, p. 155–178, 2017. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/795>. Acesso em: 19 maio. 2024.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa. 1. Ed. Antígona. Tradução de Marta Lança. 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe, HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MELMAN, CH. (1992). **Imigrantes. Incidências subjetivas das Mudanças de Língua e País**. (Trad. por Rosane Pereira). São Paulo: Escuta.

MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na capital federal (1890-1930)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Recenseamento De 1920. 4º Censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias**. Realizado em 1 de setembro de 1920. Volume IV – População. Rio de Janeiro. Typ da Estatística. 1926. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000360/recenseamento1920pop1/recenseamento1920pop1.pdf>.

MOREIRA, Evandro. **Nosso pequeno Cachoeiro**. Cachoeiro de Itapemirim: Cachoeiro Cult Ed., 2014.

NAGAR, Carlo. **O Estado do Espírito Santo e a Imigração Italiana** – (fevereiro 1895). Rclato do Cavalheiro Carlo Nagar, cônsul real em Vitória. Tradução de Nerina Bortoluzzi Herzog. Vitória: Arquivo Público Estadual. Coleção Canaã. Vol: 1. 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo (10), dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 de maio de 2024.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3 ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008. 670 p.: il. – (Coleção Canaã, v. 8).

PAULA, Sérgio Peres de. **Fazenda do Centro: imigração e colonização italiana no sul do Espírito Santo**. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo; Castelo: Instituto Frei Manuel Simón, 2013.

PENA, Rodolfo Alves. **Movimentos separatistas na Espanha – Bascos e Catalães**. Disponível em: <https://cprepmauss.com.br/site/wp-content/uploads/2020/10/Movimentos-Separatistas-na-Espanha-%E2%80%93-Bascos-e-Catal%C3%AAs-2020.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2024.

PENZANI, Renata. **Por que há tão poucos professores homens na Educação Infantil? Lunetas**. Publicado em: 28 de abril de 2017. Disponível em: <https://lunetas.com.br/homens-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 28 de setembro de 2024.

PEREIRA, Syrléa Marques. **Entre histórias, fotografias e objetos**: imigração italiana e memórias de mulheres. 2008. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, RJ, 2008.

PÉREZ, Francisco Contreras. Los destinos de la emigración a América tras la Independencia: una perspectiva regional comparada (1830-1870). Apud: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). **Migraciones Iberoamericanas**: las migraciones España-Brasil. Huelva; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PÉREZ, Fuentes Hernández, Pilar; Pérez Pérez, José Antonio; Sallé Alonso, M^a Ángeles. **Memorias de la emigración española a América**, Fundación Directa – Ministerio de Trabajo e Inmigración, Madrid. 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. **Revista Estudos Históricos**. v. 5. Rio de Janeiro: 1992. p. 200-212. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acesso em: 14 de setembro de 2024.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989.

PONDÉ, Luis Felipe. PAÍS BASCO Identidade, Nacionalismo e Comunidade Europeia. **Latitudes**. 2024. Disponível em: https://www.latitudes.com.br/wp-content/uploads/2024/04/PAIS-BASCO_com-Luiz-Felipe-Ponde_-ABR-2024.pdf. Acesso em: 18 ago. 2024.

PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880-1920**. Tese de doutorado, 2008. USP.

PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e história**: a imigração espanhola recente em Porto Alegre. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2006.

REDONDO CARERO, Emilio. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial**. España, Argentina y el ime (1946-1962). Tesis Doctoral. Facultad de Letras de Ciudad Real. Departamento de Historia. Universidad de Castilla~la Mancha. Madrid. 2016.

RIBEIRO, Diones Augusto. **Busca à Primeira Grandeza**: o Espírito Santo e o governo Moniz Freire (1892 a 1896). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2008.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. 2003. 7 p. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia. Acesso em 06 de novembro de 2023.

ROCHA, Fábio Dantas. **Saindo das sombras: classe e raça na São Paulo pós-abolição (1887-1930)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018.

ROCHA, Gilda. **Imigração estrangeira no Espírito Santo, 1847-1896**. Vitória: [s.n.], 1984.

RÖLKE, Helmar. **Raízes da Imigração alemã: História e cultura alemã no Espírito Santo**. Vitória: Ed. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

ROOS, R. S. T.; ESHUIS, M. (Eds.). **Os Capixabas Holandeses**. Uma história holandesa no Brasil. Tradução da língua holandesa *Op een dag zullen ze ons vinden*. Ruth Stefanie Berger Ton Roos e Margje Eshuis. Vitória: APE Edição comemorativa dos 150 anos da colonização holandesa, 2008.

ROMERO, Juan Manuel Valiente. La migración española a Brasil (fines siglo XIX – actualidad): magnitudes y evolución. Apud: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). **Migraciones Iberoamericanas: las migraciones España-Brasil**. Huelva; Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013. p. 33-58.

SACHETTA, Ramos Mendes José. DESÍGNIOS DA LEI DE TERRAS: imigração, escravidão e propriedade fundiária no Brasil Império. **Caderno CRH**. 2009, 173-184. ISSN: 0103-4979. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347632194011>. Acesso em 16 de setembro de 2024. p. 176.

SALETTTO, Nara. **Donatários, colonos, índios e jesuítas: O início da colonização no Espírito Santo**. - 2. ed. rev. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. 140p. (Coleção Canaã; v. 13). 2011.

SAMPAIO, Thiago Henrique. Argélia e a questão colonial: interpretações sobre o colonialismo. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica - CLIO** (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, n. 37, p. 132-154, Jan-Jun, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2019.37.1.02>.

SANTOS, Adilson Silva. Imigrantes urbanos em atividades rurais: o caso de alguns sírios e libaneses no sul do Espírito Santo (1920). **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História**. Rio de Janeiro – RJ, 2021. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1627928344_ARQUIVO_5abe446111390f6a9dd230f5d48e0c66.pdf.

SALETTTO, Nara. **Sobre política capixaba na primeira República**. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. 232 p. (Coleção Canaã, v. 26). 2018.

SANTOS, Adilson Silva. Said Abdala: um sírio no interior de Alegre (ES). **Métis: história & cultura**. v. 13, n. 27, p. 171-182, jan./jun. 2015.

SANTOS, Adilson Silva. **Sírios e Libaneses no sul do Espírito Santo (1890-1930)**. Tese (Doutorado em História). Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2019.

SANTOS, Alexandre Nunes dos. **Mariana Pineda: uma revolucionária na recriação de Federico García Lorca**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. 2014.

SANTOS, Elisângela da Silva. O ensaio como forma nas obras de Miguel de Unamuno e de José Enrique Rodó. **Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina** ISBN: 978-85-7205-159-0. Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/SANTOS_SP11-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf. Acesso em: 09 de setembro de 2024.

SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Xeografia e Historia, USC, Santiago de Compostela, Espanha, 2006.

SARMIENTO DA SILVA, Erica. Nos caminhos da imigração: sociedade de origem, estratégias de sobrevivência e identidade dos galegos (século XIX a 1930). Apud: CARNEIRO, M. L. T. e HIRANO, S. (org.). **Histórias Migrantes. Um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas**. São Paulo. Humanitas. FAPESP. 2014.

SARMIENTO, Érica; MENEZES, Lená Medeiros. “Imigração ibérica: Reflexões Sobre Trabalho E Sobrevivência De Mulheres Portuguesas E Galegas No Rio De Janeiro”. **Locus: Revista De História**. 26 (2):359-85. <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2020.v26.30020>. Acesso em: 15 de outubro de 2024.

SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy. **Novos olhares sobre a imigração ibérica em América Latina (séculos XIX e XX)**. Volume I. Organizado por Érica Sarmiento e Ruy Farías. Niterói, RJ: Universo, 2011.

SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy. **Novos olhares sobre a imigração ibérica em América Latina (séculos XIX e XX)**. Volume II. Organizado por Érica Sarmiento e Ruy Farías. Niterói, RJ: Universo, 2011.

SARMIENTO, Erica. **Vozes migrantes no século XX: relatos da imigração espanhola no Rio de Janeiro**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2023.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SAYAD, A. As características genéricas ou as constantes do fenômeno migratório. **TRAVESSIA - Revista Do Migrante**, 13(Especial). Disponível em: <https://doi.org/10.48213/travessia.iEspecial.449>. Acesso em: 23 de setembro de 2024.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade, 1998.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEIXAS, Xosé Manoel Núñez. **A historiografia das migrações ultramarinas espanholas: Uma visão global**. Maracanan, 6, 2010, pp. 11-45.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização. Apud MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, 252 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/djnty/pdf/maio-9788575415177.pdf>.

SEYFERTH, GIRALDA. COLONIZAÇÃO, IMIGRAÇÃO E A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 53, p. 117–149, 2002. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i53. p117-149. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>.

SILVA, Érica Sarmiento da. A “não democracia” dos excluídos. Alguns pontos da política migratória brasileira. **Logos 27: Mídia e Democracia**. Ano 14, 2. Semestre. p.141-148. 2007.

SILVA, M. Imigração no Brasil: O Caso dos Espanhois na Grande Imigração. **Revista de Trabalhos Acadêmicos-Campus Niterói**, América do Norte, mar. 2016. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=view&path%5B%5D=2599&path%5B%5D=1654>. Acesso em: 31 de dezembro de 2020.

Silva, Miriam Barros Dias da. **A presença dos espanhóis no Rio de Janeiro: uma breve contribuição a partir do associativismo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Salgado de Oliveira. Niterói. 2016.

SMITH JÚNIOR, Francisco Pereira. **Imigração espanhola na Amazônia: as colônias agrícolas e o desenvolvimento socioeconômico do Nordeste paraense (1890-1920)**. 2012. 212 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Tropicó Umido.

SOUZA, Ismara Izepe de. Adiós España, arriba el progreso: a imigração espanhola para o Brasil na década de 1950. Apud: CARNEIRO, M. L. T. e HIRANO, S. (org.). **Histórias Migrantes. Um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas**. São Paulo. Humanitas. FAPESP. 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TAVARES DE BARROS, Fernando Hélio; LÖFF MACHADO, Lucas; HEIDMANN, Grasiela Veloso dos Santos; PHILIPPSEN, Neusa Inês. A alcunha galego no português de Santa Catarina: o que revelam os dados do ALERS / Galego as a Nickname in the Portuguese of Santa Catarina: Findings from ALERS. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, p. 1227-1276, 2018.

TIGAU, C. **Discriminación y privilegios de la migración calificada: profesionistas mexicanos en Texas**. México: UNAM, CISAN. 2020.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel: Istituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.

TRUZZI, Oswaldo. **Redes em processos migratórios**. Apud: Tempo Social: revista de sociologia da USP. São Paulo: 2008. V: 20, n:1, p. 199 – 218. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12567/14344>. Acesso em: 11 e maio de 2024.

VAINFAS, Ronaldo. “Sérgio Buarque de Holanda, historiador das representações mentais”. In MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas**. Rio de Janeiro/Campinas; e Ed. da UERJ/Ed. Da Unicamp, 2008.

VAZQUEZ, Maria Laura Osta. **A visualização das mulheres na imigração espanhola**. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*. Ponta Grossa. V. 1. N. 2. p. 333-337. ago. / dez. 2010.

VENDRAME, Maíra Ines. Imigração e gênero: reflexões sobre os estudos migratórios femininos. **Clio**: Revista de Pesquisa Histórica, Recife, vol. 41, 2023a, p. 30-57. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/253348/43910>.

Viagem pelo Espírito Santo (1888): **Viagem pelos trópicos brasileiros** = Meine reise in den brasilaischen tropen: Autoria da Princesa Teresa da Baviera; tradução e notas de Sara Baldus; organização e notas de Júlio Bentivoglio. - Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.

VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis**. el "problema migratorio" en España (1881-1907). Almudena Delgado Larios. Conflictos y cicatrices: fronteras y migraciones en el mundo hispánico, Dykinson, p. 247-271, 2014.

VILAÇA, Adilson. **Carmina: A Garota que derrotou a lepra**. 1. ed. São Paulo: CHIADO, 2016.

VILAR, Juan B. BEL ADELL, C.; GÓMEZ FAYRÉN, J.; EGEA BRUNO, P. M^a. **Las emigraciones murcianas contemporáneas**. Murcia: Universidad de Murcia. 1999.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 18 ago. 2024.

WEBER, Regina, “Espanhóis no Sul do Brasil: diversidade e identidade”, **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.º 56, jan./jun. 2012, p. 137-157.

WERNICKE, Hugo. **Viagem pelas colônias Alemãs do Espírito Santo: a população Evangélico Alemã no Espírito Santo: uma viagem até os cafeicultores alemães em um estado tropical do Brasil**. Tradução de Erlon José

Paschoal. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013. 258 p. (Coleção Canaã; v. 18).

YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española à América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas**. Fundación Archivo de Indianos, 1994.

ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**. Tese (Doutorado em História). Facultad de Geografía e Historia Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea Programa de doctorado "Fundamentos de la Investigación Histórica". Universidad De Salamanca. Salamanca. 2010.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A Família como Patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes italianos. Campos - **Revista de Antropologia Social**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 53-67, 30 jun. 2004. Universidade Federal do Parana. <http://dx.doi.org/10.5380/cam.v5i1.1635>. Acesso em: 12 de maio de 2024.

FONTES:

Depoimento oral:

CARVALHO, Leonardo Portela. ES/2022.

BARBOSA, Odahyses Espinosa Bravo. ES/2022.

BRAVO, Luci Helena Albertazzi. ES/2022.

ALVAREZ, Vera Lucia. ES/2022.

BRAVO, Angela Maria Espinosa. ES/2022.

SANTOS, Regina Marta Alvarez. ES/2022

TEIXEIRA, Ana Maria Louzada da Silva. ES/2022.

MATOS, Oseias Sanches, ES/2023.

PEGORETTI, Angela almança Vargas, ES/2023.

DA ROSA, Maria Aparecida Almança, ES/2023.

MACHADO, Maria Fernandez, ES/2023.

SALAZAR, Maria José Sanches. ES/2023.

FONTES ESCRITAS:

A SELEÇÃO imigratória. **A noite**. Rio de Janeiro. 13 de junho de 1919. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=348970_01&Pesq=imigrantes&pagfis=15123. Acesso em 3 mar. 2021.

COLONIZAÇÃO. **O Cachoeirano**. Cachoeiro de Itapemirim, p. 1. 23 de junho de 1889. Disponível em: encurtador.com.br/cHOX9. Acesso em: 23 jul. 2021.

NOTÍCIAS Diversas. **O Cachoeirano**. Cachoeiro de Itapemirim, p. 2. 23 de abril de 1882. Disponível em: encurtador.com.br/bHIJ3. Acesso em: 27 mar. 2021.

NOTÍCIAS diversas. **O Cachoeirano**. Cachoeiro de Itapemirim. p. 1. 4 de agosto de 1895. Disponível em: encurtador.com.br/rvxL8. Acesso em: 27 mar. 2021.

FABRICA de chapéus. **O Cachoeirano**. Cachoeiro de Itapemirim, p. 3. 23 de março de 1890. Disponível em: encurtador.com.br/fnvA5. Acesso em: 27 mar. 2021.

FACADAS. **O Cachoeirano**. Cachoeiro de Itapemirim, p. 2. 3 de maio de 1891. Disponível em: encurtador.com.br/vFIP6. Acesso em: 27 mar. 2021.

IMIGRAÇÃO. **O Cachoeirano**. Cachoeiro de Itapemirim, p. 2. 14 de janeiro de 1894. Disponível em: encurtador.com.br/pIT01. Acesso em: 25 jul. 2021.

O Cachoeirano. Cachoeiro de Itapemirim. p. 1. 9 de abril de 1893. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217719&Pesq=espanhol&pagfis=2623>. Acesso em: 27 mar. 2021.

O Cachoeirano. Cachoeiro de Itapemirim. p. 1. 7 de abril de 1895. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217719&Pesq=espanhol&pagfis=2968>. Acesso em: 27 mar. 2021.

GATUNOS. **O Cachoeirano**. Cachoeiro de Itapemirim, p. 2. 9 de abril de 1903. Disponível em: encurtador.com.br/kopDZ. Acesso em: 27 mar. 2021.

O Cachoeirano. Cachoeiro de Itapemirim. p. 2. 23 de junho de 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217719&Pesq=grande%20naturaliza%C3%A7%C3%A3o&pagfis=1930>. Acesso em: 23 de julho de 2021.

PÁGINA literária: os espanhóis no Espírito Santo. **A Mensagem**. Alegre. S/p.. 15 de março de 1987. Arquivo de Luci Helena Albertazzi Bravo.

OUTRAS FONTES

CLUB DE IMIGRAÇÃO ESPANHOLA DE ALEGRE (ES). Associação Atlética Banco do Brasil. **Ata da reunião de 22 de julho de 1991**.

CLUB DE IMIGRAÇÃO ESPANHOLA (ES). Residência de Carlos Magno Rodrigues Bravo. **Ata da reunião de 01 de agosto de 1991**.

CLUB DE IMIGRAÇÃO ESPANHOLA (ES). Residência de Carlos Magno Rodrigues Bravo. **Ata da reunião de 15 de setembro de 1991.**

CLUB DE IMIGRAÇÃO ESPANHOLA (ES). **Ata de reunião. S/d..**

CLUB DE IMIGRAÇÃO ESPANHOLA (ES). Residência de Carlos Magno Rodrigues Bravo. **Ata da reunião de 7 de dezembro de 1991.**

EMIGRAÇÃO DA FAMÍLIA PORTELA LOMBA PARA O BRASIL. Texto memorial de Dircinha Portela Carvalho (em anexo)

SITES CONSULTADOS:

HISTÓRIA de São José de Anchieta. Santuariodeanchieta.com. Disponível em: <https://www.santuariodeanchieta.com/vida-de-anchieta/>. Acesso em: 25 de março de 2021.

<https://ape.es.gov.br/colecao-canaa>. Acesso em: 01 abr. 2021.

<http://ifms.org.br/historia/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

<https://jabaquaraac.com.br/historia-do-clube/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

<https://g1.globo.com/ro/rondonia/especial-publicitario/confea/noticia/2019/10/21/a-estrada-de-ferro-madeira-mamore-aproximou-o-pais-da-regiao-norte.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2021.

http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1135:estrelas-brilham-no-horizonte&catid=32:saude&Itemid=330. Acesso em: 16 abr. 2021.

<https://santo.cancaonova.com/santo/sao-jose-de-anchieta-modelo-de-evangelizacao/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

<https://conventodapenha.org.br/frei-pedro-palacios/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

<http://ifms.org.br/conheca-o-instituto-frei-manuel-simon/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

<https://m.vitoria.es.gov.br/cidade/patrimonio-historico>. Acesso em: 16 abr. 2021.

<https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/nova-escadaria-mariz-ortiz-reformada-por-detentos-e-entregue-nesta-quarta-26711>. Acesso em: 17 abr. 2021.

<https://www.gazetaonline.com.br/especiais/capixapedia/2015/07/cafetina-ou-heroina-conheca-a-verdadeira-historia-de-maria-ortiz-1013901573.html>. Acesso em: 17 abr. 2021.

<https://www.es.gov.br/governo/palacio-anchieta>. Acesso em: 18 abr. 2021.

<https://www.anchieta.es.gov.br/pagina/ler/1000/historia>. Acesso em: 18 abr. 2021.

OS Passos de Anchieta. <https://www.abapa.org.br/>. Disponível em: <https://www.abapa.org.br/interna.php?pg=ospassos>. Acesso em: 26 mar. 2021.

OS Chineses sobreviventes do Titanic que chegaram nos EUA e foram rejeitados. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/18/os->

chineses-sobreviventes-do-titanic-que-chegaram-nos-eua-e-foram-rejeitados.ghtml.
Acesso em: 19 abr. 2021.

<https://carlosmagnorbravo.com.br/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

<https://imigrantes.es.gov.br/Imigra.aspx> . Acesso em: 27 ago. 2023.

ANEXO A - Roteiro base geral para as entrevistas.

Conforme orientação dos referenciais teóricos das entrevistas qualitativas, esse roteiro não foi, necessariamente, seguido à risca durante as entrevistas.

- 1 - Apresentação geral e descrição dos objetivos da pesquisa.
- 2 - A família do senhor (a) é descendente de imigrantes espanhóis. Poderia contar sobre sua trajetória de vida?
- 3 - Quais as memórias que o senhor (a) tem da imigração?
- 4 - Seus pais/avós/bisavós foram imigrantes. O que eles contam a respeito do tempo da imigração?
- 5 - O senhor (a) lembra dos motivos que levaram seu avô a emigrar?
- 6 - Qual o tipo de trabalho exerciam na Espanha? E no Brasil, qual o trabalho exerceram quando chegaram?
- 7 - Em relação à culinária, mantiveram algum costume oriundo da Espanha? Se sim, qual?
- 8 - Mantinham relações com outros espanhóis aqui presentes? Se sim, como eram essas relações?
- 9 - O que mais lhe chama a atenção na imigração de seus familiares? Como se sente fazendo parte da história da imigração?
- 10 - O senhor possui fotos/documentos da imigração? Poderia vê-los?
- 11 - Considerações gerais.
- 12 - Agradecimentos.

ANEXO B - Emigração da Família Portela Lomba para o Brasil

(Texto memorial escrito por Dircinha Portela Carvalho em Alegre, em maio de 1994. Dircinha é filha de emigrantes espanhóis e mãe de um dos entrevistados desta pesquisa, Leonardo Portela Carvalho).

Na década de 1920, devido à situação econômica da Espanha, acarretando dificuldades financeiras e desemprego, muitos espanhóis emigraram para países estrangeiros na esperança de um futuro melhor. Emigraram para a Áustria, Alemanha, França, Américas, etc

Enquanto alguns parentes emigraram para outros países, os irmãos PORTELA, emigraram para o Brasil. Deixaram na Espanha seus pais Bernardino e Juana e seus irmãos Adosinda, Dolores, Isolina., Adelino. Valeriano e Júlio Na Espanha.

viviam da agricultura, principalmente do cultivo da batata e da uva. Possuíam uma pequena adega e fabricavam vinho Queixavam—se muito da desvalorização da agricultura e do baixo custo dos produtos que colhiam.

Todos estudaram os primeiros anos escolares e praticaram religiosamente o Catolicismo.

BERNARDINO PORTELA LOMBA - filho de Bernardino Portela Gomes e Juana. Lomba Morales, nasceu no dia 27 de janeiro de 1903 natural de Salsidos, Província de Pontevedra -- Espanha

Em 17 de maio de 1920, com 17 anos, veio para o o Brasil com seu cunhado Benito Vicente, casado com sua irmã Dolores, instalando—se na cidade de Veado, hoje Guaçuí, onde seu cunhado tinha uma Cerâmica de telhas e tijolos. Este seu cunhado já havia estado no Brasil antes e fora casado com Isolina irmã de Dolores, que morreu e foi sepultada em Tombos. BERNARDINO permaneceu aqui uns dois anos regressando posteriormente à Espanha. Depois voltou ao Brasil outras vezes mas regressou à Espanha.

Em 1º. de agosto de 1924 ingressou no exército espanhol cumprindo o tempo de serviço na 1. fase do Serviço Ativo, durante quatro anos. Não fez manobras, nem instruções militares, mas ficava subordinado ao Comando Militar e tinha que passar Revista Anual. Não podia mudar-se de residência, viajar, emigrar, nem contrair matrimônio.

Em 10 de fevereiro de 1928, vencida a 1a. fase, ingressou na 2a. fase do Serviço Militar. Neste período, já pode desfrutar de todas as regalias com autorização dos Chefes Militares, ficando sujeito à Revista Anual.

MANUEL PORTELA LOMBA = Filho de Bernardino Portela Gomes e Juana Lomba Morales, nasceu no dia 09 de agosto de 1904, natural de Salsidos, Provincia de Pontevedra — Espanha.

Em 1º. de agosto de 1925 ingressou no Exército. Na 1ª. fase do Serviço Ativo,

incorporou—se ao ‘Batalhão Caçadores África 7”, em 31 de março de 1926, prestando Serviços Militares na África, até março de 1928, quando regressou ao seu país. Por participar e prestar serviços militares na África, e por ser uma missão especial, ficou isento de incorporar—se à 2ª. fase do Serviço Ativo, gozando de todas as regalias tais como viajar, fixar residência em outros lugares, emigrar para outros países, contrair matrimônio, etc. Perante as autoridades militares, teria que passar o visto anual. Também, teria que ter a Cédula de Nacionalidade que deveria ser renovada anualmente, para poderem valer seus direitos de cidadão.

EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

No dia 03 de abril de 1929, BERNARDINO e MANUEL, conseguiram autorização do governo espanhol, para emigrarem para a Brasil. Na dia 12 de abril de 1929, viajaram para o Brasil, através da Companhia Hamburquesa Sudamericana, no Vapor Capitão Arcona, partindo do Porto de Vigo —Espanha, com destino ao Rio de Janeiro, com escala em Lisboa, Rio, Santos, Montevideu e chegando ao Rio de Janeiro no dia 23 de abril de 1929.

Como BERNARDINO já havia estado no Brasil e conhecia o Espírito Santo onde morou com seu cunhado Benito, em Guaçuí, não foi difícil eles fixarem residência em Alegre.

O lugar escolhido, foi a localidade chamada Gurgel onde eles arrendaram um terreno de Lincoln Silva pelo prazo de três anos — período de 01/01/1930 31/12/1932 — onde se estabeleceram e trabalharam na fabricação de telhas e tijolos. Arrendaram também, outra parte do terreno de Lucindo Monteiro da Silva, pelo prazo de 3 anos – período de 16.12.1930 a 31.12.1933, onde no contrato dava preferência de compra no final do arrendamento, aos contratantes.

Em 26 de abril de 1933 MANUEL e BERNARDINO, resolveram comprar o terreno de Manoel Fernandes de Souza e outros, nesta mesma localidade de Gurgel. Constava de uma área de 09 hectares e 6.800 centiares, que correspondiam a 02 alqueires e meio de terra, comprados no valor de 8 mil contos de réis, sendo 5 mil contos de réis o valor do terreno e 3 mil contos de réis o valor das benfeitorias. As benfeitorias constavam de uma casa de tábuas, um paiol, um rancho, pasto e roça de milho. Este terreno era margeado, como é até hoje, pelas estradas de rodagem para o Café e Roseira e o Rio Alegre. Limitava-se ao norte com Lucindo Monteiro da Silva, ao sul com Theodolino Martins de Almeida; a leste com Luis Fernandes Coelho e a oeste com João Paulo da Silva. A compra deste terreno foi registrada no Cartório do 2º. Ofício, em Alegre, cujo Tabelião era Bransildes de Paiva Barcellos, onde foi lavrada a escritura do imóvel.

Como outros emigrantes, eles também gostavam de trabalhar por conta própria e montar seu próprio negócio e como outros emigrantes espanhóis, o ideal deles era montar uma olaria, e, juntos, os dois irmãos, fabricavam telhas e tijolos. Trabalho duro e pesado, pois o serviço era todo manual.

Comercializavam seus produtos dentro do próprio município. Trabalhavam em sociedade e o dinheiro que ganhavam era depositado no Banco do Brasil. A pequena indústria compunha-se de um forno, ranchos, terreiro, massarico, uma carroça e um animal. Tinham também um ajudante. A matéria prima, ou seja, o barro, era extraída no próprio terreno.

Em 03 de outubro de 1938 eles pediram registro da firma comercial, passando a pagar à Prefeitura todos os impostos e tributos exigidos.

Construíram, eles mesmos, uma pequena casa. Em 1º. de julho de 1940 instalaram luz elétrica na mesma. O terreno tinha boas nascentes, inclusive uma, a uns 200 metros distantes da casa. Houve problemas com esta nascente pois o vizinho queria utilizá-la também e alegava que o dono sujava a água. Então eles procuraram a Justiça para saber quais os direitos sobre as águas da nascente de sua propriedade e foram aconselhados a construir uma rede d'água, instalando-a em casa.

Em 04 de setembro de 1943, BERNARDINO casou-se com ALAYDES RODRIGUES MARTINS filha de Colatino Martiniano Rodrigues e Rita Martins. Tiveram 11 filhos: DIRCINHA, BERNARDINO, MANUEL, ODILA, TERESA, JORGE, JOSÉ, ANTONIO, DORA, CARLOS e ALAYDES.

Muito dedicado à família, sempre se preocupou com a educação dos filhos. Todos estudaram e foram preparados para a vida. À proporção que iam crescendo, todos trabalhavam juntos na olaria, dispensando assim a necessidade de manter empregados.

MANUEL nunca quis se casar. Sempre viveu junto com o irmão BERNARDINO. Mantinha um ótimo relacionamento com a família e era muito querido pelos sobrinhos.

BERNARDINO e MANUEL sempre mantiveram correspondência com seus familiares na Espanha, principalmente com seus irmãos Júlio e Adosinda e seu cunhado Benito. Geralmente nas cartas que seus parentes escreviam, eles sempre se queixavam da vida difícil que levavam na Espanha. Das frequentes correspondências, apenas algumas foram guardadas.

Em janeiro de 1955 morreu sua mãe.

Logo após a morte da mãe fizeram a partilha dos bens e BERNARDINO e MANUEL desistiram de suas heranças em favor dos irmãos Júlio e Adosinda.

Em 1948 receberam carta de Benito Vicente, seu sobrinho, tratando de assuntos referentes à sua emigração para o Brasil. Em 1949 Benito conseguiu sua emigração, chegando ao Rio de Janeiro onde era esperado pelos tios.

Morou com os tios uns oito meses, indo fixar residência em Tombos – Minas Gerais, já que lá viviam outros emigrantes espanhóis e também tinha uma tia sepultada nesta localidade. Casou-se com Teresinha, natural de Tombos.

Anos depois emigraram para o Brasil seus irmãos Américo e Bernardino, que também se casaram em Alegre com as irmãs Hermínia e Carmen, também filhas de espanhóis – Da. Flora e Sr. Delfim. Fixaram residência também em Tombos, junto do irmão Benito. Lá instalaram Cerâmicas Mecanizadas e por muitos anos trabalharam juntos na fabricação de telhas e lajotas e criaram suas famílias.

Em 04 de março de 1965 morreu seu irmão Júlio. Foi deficiente físico durante 30 anos, acidente este provocado por uma queda de um animal. Durante todo este tempo exerceu a profissão de sapateiro.

Sua irmã Adosinda tinha problemas epiléticos e fazia tratamento com um remédio chamado Renesol. Este remédio era conseguido na cidade de NEW Jersey – Estados Unidos, através de pedidos feitos aqui do Brasil pelos irmãos BERNARDINO e MANUEL e depois enviados para a Espanha.

O irmão Adelino morreu afogado quando servia o exército na África. Valeriano ficou doente e também morreu.

Após a morte do seu irmão Júlio foram interrompidas as correspondências com os parentes. As notícias eram transmitidas pelos sobrinhos, com quem mantinham correspondência frequentemente.

Em 1953 os irmãos BERNARDINO e MANUEL resolveram comprar duas vaquinhas – Pintassilga e Vista Alegre, e daí começaram uma pequena criação de gado. O leite era consumido em casa, às vezes faziam uns queijinhos, ora também vendiam uns litros de leite. Tinham também criação de porcos e aves, somente para a despesa.

Em meados de 1955, devido à seca, o gado ficou sem água, precisando buscar no Rio Alegre que margeava o terreno na parte norte. Daí surgiu um conflito de limites do terreno, movido por Luciano Monteiro da Silva, que se dizia dono daquela parte do terreno. Os irmãos PORTELA então contrataram o advogado Dr. Joaquim Simões Madeira e moveram uma ação possessória contra Luciano Monteiro da Silva e Juracy de Oliveira. Este já havia comprado de Luciano este pedacinho de terra, chegando a construir no mesmo, uma casa. A posse da terra foi ganha na justiça. Inconformado o Sr. Luciano apelou para a Justiça Federal e perdeu a causa novamente ficando com a responsabilidade de pagar todas as despesas processuais.

No ano de 1972, o D.E.R. reabre a rodovia Alegre-Muqui danificando a cerca da propriedade e a rede de água. Então os irmãos PORTELA requereram a reconstrução de uma nova cerca e o encanamento da água.

Em novembro de 1974 a SAMARCO MINERAÇÃO atravessa uma faixa de terreno pela região norte a qual é indenizada pela própria empresa com o pagamento de CR\$ 1.180,00 pelas benfeitorias danificadas.

Os irmãos PORTELA trabalharam na olaria até meados de 1967, quando fizeram a transferência da firma comercial para seu filho Bernardino Portela Filho, que nunca assumiu a profissão de oleiro, dando baixa na firma anos depois.

A partir de 1964 os filhos começaram a concluir os seus cursos, assumindo cada um a sua profissão e trabalhando para ajudar no sustento da família.

De 1929 até 1941 os irmãos PORTELA renovavam suas Carteiras de Nacionalidade Estrangeira perante o Consulado Espanhol, em Vitória. Daí por diante interromperam esta renovação. Em 1971, por Lei do Governo Brasileiro, adquiriram a Carteira de Identidade Estrangeira Permanente. Nunca quiseram se naturalizar brasileiros, portanto não eram eleitores.

Nesta mesma época BERNARDINO PORTELA LOMBA se aposenta, gozando muito pouco do benefício da aposentadoria, pois logo ficou doente vindo a falecer no dia 21 de novembro de 1972, com 69 anos.

O irmão MANUEL continuou junto da família, até que no ano de 1981 ficou doente, vindo a falecer no dia 23 de setembro, com 77 anos.

E assim os irmãos BERNARDINO e MANUEL viveram em Alegre durante 52 anos, deixando de herança para seus filhos uma história de vida. Vida esta, de muito sacrifício, dedicação, honestidade, sinceridade, responsabilidade e sobretudo de uma convivência fraternal e familiar.

Este documentário só foi possível graças a uma pesquisa feita através de documentos, cartas, depoimentos, etc.

Eu, DIRCINHA PORTELA CARVALHO, relatora deste Documentário, dedico a todos os meus familiares.

Minha Mãe: ALAYDES

Meus irmãos e suas famílias: BERNARDINO, MANUEL, ODILA, TERESA, JORGE, JOSÉ, DORA, ANTONIO, CARLOS e ALAYDES.

Homenagem especial ao meu esposo: ROBERTO CARVALHO

Aos meus filhos: ROBERTO, ADRIANO e LEONARDO.

ANEXO C - Lista escrita pelo Clube de Imigração Espanhola em Alegre dos colaboradores para a construção do marco da imigração espanhola em Alegre.

Destina-se o presente livro, - que contém 100 folhas numeradas – em série consecutiva, a angariar fundos que serão aplicados na instalação do obelisco comemorativo da chegada de Cristovão Colombo ao continente americano e da imigração espanhola no município de Alegre – Estado Espírito Santo.

	NOME DO DOADOR ⁶⁴³	VALOR (em Cr\$)
01	Ricardo Luiz	100.000,00
02	Alexandro	100.000,00
03	Família Palácios (Lobato)	100.000,00
04	Antonio Maria Tulli e família	120.000,00
05	Carlos Magno Rodrigues Bravo	200.000,00
06	Sergio Santos Espinosa	100.000,00
07	José Carlos Silva	100.000,00
08	Oseias Sanches Matos	100.000,00
09	Vander Sanches Matos	32.000,00
10	Almir Ferreira Matos	100.000,00
11	José Luis Sanches Matos	20.000,00
12	Ormagem	20.000,00
13	Carmelia Sanches Maia	50.000,00
14	Adalberto Louzada Rocha	100.000,00
15	Loja Miscelânea	10.000,00
16	Nilton R. da Silva	20.000,00
17	Hélia Sanches Matos	50.000,00
18	Thereza Christina H. S. de Barros	50.000,00
19	(ilegível)	20.000,00
20	Loja D ^a Edith	10.000,00
21	Família Espinosa Bravo (Angela)	100.000,00
22	Jandira	10.000,00
23	Vitória	10.000,00

⁶⁴³ Alguns nomes estão incompletos pois estão ilegíveis.

24	João Mendes Gonçalves	150.000,00
25	(ilegível) e Judith	120.000,00
26	José Maria Alvares	100.000,00
27	Heuder Luciano	12.000,00
28	Maria José D'Gaspou	10.000,00
29	João Batista	100.000,00
30	João Mário S. Bravo	20.000,00
31	José Carlos Costa	20.000,00
32	Hecio Santos Spinosa	50.000,00
33	Marcio O. Campos	50.000,00
34	Norma Suely Sanches Matos	50.000,00
35	Herdeiros José da Costa Pacoto	250.000,00
36	Zizica Bravo	50.000,00
37	Maria da Paula Bravo de Oliveira	100.000,00
38	Maria de Jesus Gimenes	50.000,00
39	Maria da Penha Gimenes	50.000,00
40	Creuza Bravo Espinoza H.	100.000,00
41	Francisco Espinosa Bravo	50.000,00
42	Odahyses Espinosa Bravo Barbosa	50.000,00
43	Amelia Alberico Gimenes	20.000,00
44	José Tarcisio Rodrigues Bravo	100.000,00
45	Maria das Graças Bravo de Souza	50.000,00
46	Marco Antonio Bravo	100.000,00
47	Sebastiana Santos Rabelo	50.000,00
48	Ruy Carlos Angelo Campos	12.500,00
49	Monica Moreira Provalers	10.000,00
50	Elizabeth F. S. Veridiano	15.000,00
51	Lucineia Guedes A. Jabour	15.000,00
52	Maria do Carmo Almeida	15.000,00
53	Família Vieira (Luiz)	100.000,00
54	Accacio F. L. Junior	15.000,00
55	Maria Salazar Rezende	50.000,00
56	Therezinha Rodrigues Bravo (rifa)	186.000,00

ANEXO D - QR CODE para visualização de D. Zélia, mãe de Oseias Sanches Matos, cantando a música “solamente una vez”.



Abra o aplicativo *Google Lens* em seu celular e escaneie a imagem acima para acessar o link.

Caso não consiga, copie e cole esse link abaixo no seu navegador de internet

<https://www.youtube.com/shorts/vlg0w24mRuY>

ANEXO E - Link para visualização de algumas fotos e arquivos pessoais disponibilizados pelos entrevistados, além de fotos das entrevistas e visitas à Alegre.

<https://www.flickr.com/photos/201971846@N07/>

Copie esse link acima e cole no seu navegador.